

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP  
Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência  
Centro Simão Mathias de Estudo em História da Ciência**

**Raíssa Rocha Bombini**

**Entre poções e amuletos: o uso de pedras preciosas na Peste Bubônica  
do século XIV**

**Doutorado em História da Ciência**

**SÃO PAULO  
2021**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP**  
**Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência**  
**Centro Simão Mathias de Estudo em História da Ciência**

**Raíssa Rocha Bombini**

**Entre poções e amuletos: o uso de pedras preciosas na Peste Bubônica  
do século XIV**

**Doutorado em História da Ciência**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em **História da Ciência** sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Alfonso-Goldfarb.

**SÃO PAULO**

**2021**

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

## **Agradecimentos**

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) pelo financiamento da presente tese, por meio do processo nº 88887.147807/2017-00. Além da bolsa integral de doutorado, agradeço também pela bolsa PDSE (Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior), processo nº 88881.361624/2019-01, pela qual pudemos realizar seis meses de pesquisa em Londres.

À minha orientadora, Profa. Dra. Ana Maria Alfonso-Goldfarb, que me acolheu na História da Ciência quando eu desistia da vida acadêmica, e que sempre esteve ao meu lado ensinando, apoiando e incentivando meu crescimento ao longo de todos esses anos, tornando-se mais do que minha mestra, mas uma grande companheira de trabalho. Sem sua constante atenção, suas inestimáveis contribuições e preciosas correções, esse trabalho não teria sido realizado.

Ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), em especial à coordenação, à secretaria e à Camila Vicentino, por todo o suporte dos últimos seis anos.

Às professoras Dras. Maria Helena Roxo Beltran e Márcia H. M. Ferraz pelas inestimáveis contribuições na banca de qualificação e durante toda minha formação como historiadora da ciência. Também aos outros professores do Programa com os quais tanto aprendi em aulas, palestras e conversas.

Aos colegas do Programa de História da Ciência da PUC, do Cesima, de São Paulo e da Inglaterra, por sempre proporcionarem um espaço vivo de debates e partilhas, além da inestimável amizade. Em especial, à Selma Cosso, minha amiga-irmã, por me acompanhar desde o mestrado sempre cuidando de mim e me proporcionando uma família paulistana; à Juliana Genevieve, por seu carinho, incentivo e por me ensinar a pensar fora da caixa; e ao Luiz Cambraia, pela amizade que se iniciou em uma bibliografia e continuou pela vida.

Ao Prof. Dr. Charles Burnett por ter acolhido e acompanhado meu período de pesquisa no The Warburg Institute, SAS, University of London, orientando minha tese e estimulando minha participação em grupos de estudo e eventos internacionais, também auxiliando nas minhas visitas a arquivos de manuscritos. Ao Warburg Institute por me

aceitar como *Occasional Student* e proporcionar o acesso a sua inigualável biblioteca e a tantos eventos interessantes. Aos outros professores e colegas pesquisadores com os quais tive contato durante minha estada, que dispuseram de tempo para trocas intelectuais tão importantes. Em especial, ao Dr. Christopher Duffin por partilhar seus conhecimentos comigo com tanta generosidade, ouvindo minhas questões e ideias.

Agradeço também à Profa. Dra. Greti Dinkova-Bruun por me ajudar com a transcrição do manuscrito Rawlinson A 273 mesmo após muitos anos de seu curso de Paleografia Latina na USP. Ao meu professor e amigo Daniel Alonso pelas ajudas inestimáveis com a transcrição e com tantas traduções, além das aulas de latim e grego.

A todas as instituições que permitiram a realização da minha pesquisa e do meu trabalho no Brasil e no exterior e aos seus funcionários: a Biblioteca do Cesima e da PUC-SP, no Brasil; o Warburg Institute, a Senate House, a British Library e a Wellcome Collection, em Londres; a Bodleian Library, em Oxford; a Mitchell Library e os arquivos da Universidade de Edimburgo e da Universidade de Glasgow, na Escócia; o Trinity College e a University Library, em Cambridge; e o Trinity College, em Dublin.

Agradeço, por fim, à minha família: aos meus pais, Rosilene Frederico Rocha Bombini e Adauto Sebastião Bombini Jr., por me apoiarem e me incentivarem desde sempre, com amor incondicional e compreensão; um especial agradecimento à minha mãe, Rosilene, por corrigir meu trabalho com seu brilhantismo, por me mostrar a importância da leitura desde o berço e por me incentivar a seguir seus passos na vida acadêmica; ao meu irmão, Gabriel R. Bombini, e à minha cunhada, Maria Laura M. O. Bombini, pelo carinho e parceria; à minha prima, Luciana Barraviera, por ter me mostrado o amor à História desde criança; e aos meus avós, Aparecida Sanchez, Adauto S. Bombini e Iva Frederico Rocha (*in memoriam*) por sempre demonstrarem orgulho.

## Resumo

Em 1347, chegou aos portos italianos uma doença de mortalidade sem precedentes: a Peste Bubônica. Em poucos anos espalhou-se pelo continente europeu matando milhões de pessoas e deixando um rastro de destruição. Em meio à urgência desse cenário, começaram a surgir, logo nos primeiros anos da epidemia, tratados sobre a pestilência escritos por médicos e professores ligados, primeiramente, aos principais centros de medicina do continente, como Paris e Bologna; e, em um segundo momento, a faculdades e centros menores, em partes cada vez mais longínquas, criando um mapa de conhecimentos. Os tratados tinham o objetivo de explicar a etiologia da doença, até então desconhecida, propor práticas profiláticas e um possível tratamento, com flebotomia e o emprego de medicamentos. Em parte dos medicamentos sugeridos, encontravam-se mencionadas recorrentemente pedras preciosas, como a esmeralda e a safira. Até hoje, uma pouca literatura abordou o uso das gemas na medicina medieval, mas, geralmente, de forma superficial ou atribuindo um caráter irracional ao seu emprego nos tratamentos. Foram revisitados esses argumentos e propusemos outros modos de compreensão sobre o uso das pedras preciosas contra a Peste Bubônica a partir dos conhecimentos e das crenças que as circundavam. Esta tese tem o objetivo, portanto, de identificar e expor a lógica por trás do uso das gemas contra a pestilência, mostrando que estas continham qualidades mágico-médicas e simbólico-religiosas, que lhes conferiam poderes de fortalecimento, proteção e cura, aspectos importantes no combate à doença. Para isso, recorreremos a um amplo corpo documental composto, principalmente, de tratados médicos feitos entre 1348 e 1550, de lapidários e enciclopédias antigas e medievais e de literatura exegetica.

**Palavras-chave:** História da Ciência; Medicina medieval; Peste Bubônica; Pedras preciosas; Lapidários.

## **Abstract**

In 1347, a disease of unprecedented mortality reached Italian ports: the Bubonic Plague. In a few years, it spread across the European continent, killing millions of people and leaving a trail of destruction. Amid the urgency of this scenario, in the early years of the epidemic, tractates were created on the pestilence written by doctors and professors from the main centres of medicine on the continent, such as Paris and Bologna; and, in a second moment, from smaller faculties and centres, in increasingly distant parts, creating a map of knowledge. The tractates aimed to explain the aetiology of the disease, hitherto unknown, to propose prophylactic practices and possible treatment, with phlebotomy and the use of medication. In part of the suggested medicines, precious stones such as emerald and sapphire were mentioned recurrently. Until today, we may find some works addressing the use of gemstones in medieval medicine, but usually superficially or attributing an irrationality to their use in treatments. These arguments were revisited and we proposed other ways of understanding the use of precious stones against the Bubonic Plague, based on the knowledge and beliefs that surrounded them. This thesis aims, therefore, to identify and expose the logic behind the use of gemstones against the great pestilence, showing that they contained magical-medical and symbolic-religious qualities, which gave them powers of strengthening, protection and healing, important aspects in fighting the disease. For this purpose, we resorted to an extensive body of documents composed mainly of medical tractates written between 1348 and 1550, ancient and medieval lapidaries and encyclopedias, and exegetical literature.

**Keywords:** History of Science; Medieval medicine; Black Death; Bubonic Plague; Precious stones; Lapidaries.

## Lista de figuras e mapas

Fig. 1 – Os caminhos da Peste e o mapa de tratados médicos.....	35
Fig. 2 – Fólio 32v do manuscrito Harley 3140.....	41
Fig. 3 – Iniciais historiadas do manuscrito Harley 3140.....	42
Fig. 1 – Manuscrito Harley 3140, fl. 39, Detalhe de inicial historiada Q.....	62
Fig. 5 – Amuleto “Benção da Casa” assírio encontrado no British Museum.....	86
Fig. 6 – Imagem em manuscrito de um cervo comendo uma serpente.....	150
Fig. 7 – Ilustrações de ossos cruciformes do coração de cervos.....	151
Fig. 8 – Plácido, posteriormente Santo Eustáquio, ouve as palavras de Cristo por um cervo com uma cruz entre os chifres.....	152
Fig. 9 – São Huberto de Liège encontrando um cervo com Cristo na cruz entre os chifres.....	153
Fig. 10 – Fólio retratando a Anunciação.....	159
Fig. 11 – Os Quatorze Santos Auxiliares, escultura em madeira, século XV, Alemanha.....	160
Fig. 12 – Braço-relicário de São Jorge, c. 1350.....	162
Fig. 13 – Exemplo de fólio danificado do manuscrito.....	175
Fig. 14 – Contracapa do MS Rawlinson A 273.....	177
Fig. 15 – Fólio 81r do MS latino 2301, Österreichische Nationalbibliothek.....	202
Fig. 16 e 17 – Iniciais historiadas do MS ÖNB latino 2301.....	203

## **Lista de tabelas**

Tabela 1 – Textos da receita e respectiva tradução.....	112
Tabela 2 - Textos dos lapidários e respectivas traduções.....	193
Tabela 3 - Textos dos lapidários e respectivas traduções.....	199

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	15
<b>Capítulo 1 – A Peste e a Medicina do século XIV</b> .....	23
1.1 Os caminhos da Peste e os caminhos do conhecimento.....	24
1.2 A medicina do século XIV e os tratados sobre a pestilência.....	35
1.2.1 A medicina escolástica.....	35
1.2.2 Os tratados médicos da Peste: fontes, estrutura e conhecimento.....	45
1.2.3 As pedras preciosas nos tratados médicos da Peste.....	66
1.3 A medicina e os lapidários.....	72
<b>Capítulo 2 – O uso interno e externo das pedras preciosas contra a Peste Bubônica</b> .....	78
2.1 Considerações iniciais.....	79
2.1.1 O uso interno e externo: definições.....	79
2.1.2 As qualidades mágico-médicas ou medicinais-amuléticas.....	80
2.1.3 Poções: unguentos, pílulas e outros remédios.....	81
2.1.4 Amuletos, talismãs e pedras mágicas.....	81
2.1.5 A(s) magia(s) envolvida(s) no uso das pedras preciosas.....	88
2.2 A documentação.....	96
2.3 O uso interno .....	98
2.3.1 <i>Consilium magistri gentilis super pestilentiam</i> (1348) .....	99
2.3.2 <i>Compendium de epidemia per collegium Facultatis Medicorum Parisius</i> (1348).....	102
2.3.3 <i>Libellus de Preservatione ab epydimia compilatus per magistrum Maynum de Mayneriis</i> (1360). .....	106
2.3.4 <i>Regimen contra pestilenciam Johannis Jacobi</i> (1364) .....	108
2.3.5 <i>Tractatus Johannis de Burgundia de morbo epidemiae</i> (1365) .....	110
2.3.6 <i>Consilium illatum contra Pestilenciam des Nicolo de Burgo</i> (1382) .....	113
2.3.7 <i>Regimen contra pestilenciam</i> de Nicolas d’Udine (1390) .....	114
2.4 Outras recorrências no século XV.....	116
2.4.1 <i>De Pestilencia</i> , in Codex Ashmole 1391, Oxford, Bodleian Library.....	116
2.4.2 <i>Item preseruacione epydimia</i> , em Cod. lat. 372, Munich State Library.....	117

2.4.3	<i>Rogatus a quibusdam amicis meis ut de causa huius generalis pestilencie...</i> , in MS Sloane 428, Londres, British Library.....	118
2.4.4	<i>Regime tempore pestilencie</i> , in MS Hunter 323, Glasgow, University Library.....	118
2.5	O uso externo.....	118
2.5.1	<i>Libellus de Preservatione ab epydimia compilatus per magistrum Maynum de Mayneriis</i> (1360).....	119
2.5.2	<i>Regimen in Pestilencia</i> de Cardo de Milão (1378) .....	120
2.5.3	<i>Regimen contra pestilenciam</i> de Nicolas d’Udine (1390) .....	120
2.5.4	<i>Observando, ubi contingerit visitare pestilenticum</i> (c. 1400) .....	121
 <b>Capítulo 3 – As qualidades mágico-médicas e simbólico-religiosas</b> .....		123
3.1	As qualidades mágico-médicas.....	124
3.1.1	A teoria humoral e a teoria das compleições aplicadas às pedras.....	124
3.1.2	A esmeralda ( <i>smaragdus</i> ) .....	126
3.1.3	A pérola ( <i>margarita</i> ).....	130
3.1.4	O jacinto ( <i>iacinctus</i> ).....	134
3.1.5	O coral ( <i>corallum</i> ).....	137
3.1.6	A safira ( <i>saphirus</i> ).....	139
3.1.7	Breves comentários sobre outras pedras e ingredientes recorrentes.....	141
3.2	As qualidades simbólico-religiosas.....	154
3.2.1	A pérola, Virgem Maria e Santa Margarida.....	156
3.2.2	As pedras na <i>Explicação do Apocalipse</i> de Beda, o Venerável.....	164
3.2.3	As pedras do peitoral de Aarão, o lapidário cristão e a Coroa da Virgem.....	168
 <b>Capítulo 4 – Um lapidário em meio à Peste Bubônica: o estudo de caso do <i>Liber Lapidum</i> (MS Rawlinson A 273)</b> .....		172
4.1	O manuscrito Rawlinson A 273.....	173
4.2	O Livro das Pedras ( <i>Liber Lapidum</i> ).....	189
4.2.1	Primeira parte.....	190
4.2.2	Segunda parte.....	191
4.2.3	As fontes.....	192
4.2.4	As cópias.....	200
4.3	As pedras contra a Peste.....	204

<b>Conclusão.....</b>	<b>209</b>
<b>Anexo – <i>Liber Lapidum</i> (MS Rawlinson A 273, Bodleian Library, Oxford).....</b>	<b>212</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>239</b>

*Full longe a gone that I unto phisike  
Sette my witte and my deligence  
In speculatife and allso in practyke  
To gett a name thorghe myne excellence  
To fynde oute a genst pestylence  
Preservatifs to staunche it and to fyne  
But I dar say, schortly in sentence  
A gensts deth is worth no medicyne.*

(A resposta do Médico à Morte.  
John Lydgate, *The Dance of Macabre*  
Harley MS 116, fl. 136r, c. 1461)

## Introdução

São inúmeros os trabalhos já feitos sobre a Peste Bubônica do século XIV. A grande pestilência já foi analisada por tantas perspectivas quanto foram os estudiosos que se debruçaram sobre ela. Começando com os comentários do século XIV, passando por sua breve menção por David Hume no século XVIII<sup>1</sup>, às mais recentes publicações, ainda em 2021,<sup>2</sup> impulsionadas pela epidemia de Covid-19, a Peste foi contada e analisada pela lente da literatura<sup>3</sup> e dos estudos literários<sup>4</sup>, da história social<sup>5</sup>, da história econômica<sup>6</sup>, da história demográfica<sup>7</sup>, da arqueologia<sup>8</sup>, da bibliografia<sup>9</sup>, da arte<sup>10</sup>, entre outros campos. Se o tema da Peste Bubônica certamente não foi negligenciado pelos acadêmicos, as práticas médicas subjacentes à pestilência não receberam a mesma atenção. E, embora a história da ciência também já tenha se debruçado, desde alguns primeiros estudos no campo da história da medicina, no século XIX<sup>11</sup>, sobre essa doença, há ainda muitos campos a serem explorados e muitas questões a serem respondidas, como a que se propõe nesta tese.

Essa questão surgiu, ainda no primeiro ano da pesquisa, a partir do estudo de um lapidário<sup>12</sup> da segunda metade do século XIV, estudado no quarto capítulo desta tese, que continha pedras preciosas com qualidades ou poderes contra uma certa pestilência. O

---

<sup>1</sup> David Hume, *History of England*, 184.

<sup>2</sup> Benedictow, *The Complete History of the Black Death*; Aberth, *Doctoring the Black Death*.

<sup>3</sup> Guigue, *Poeme sur la Grande Peste de 1348*; Hatcher, *The Black Death*.

<sup>4</sup> Wenzel, "Pestilence and Middle English Literature," 131 - 159.

<sup>5</sup> Aberth, *The Black Death*.

<sup>6</sup> Bean, "Plague, Population and Economic Decline," 423-437.

<sup>7</sup> Bailey, "Demographic decline in late medieval England," 1-19; Thrupp, "Plague Effects in Medieval Europe," 474-483; Smith, "Measuring Adult Mortality in an Age of Plague," 43-85.

<sup>8</sup> Knüsel, "Community Response to pestilence".

<sup>9</sup> Salvadori, "La Peste e la Lebbra in 'Medioevo Latino'," 177-193.

<sup>10</sup> Como exemplo, destacamos os trabalhos de Boeckl, *Images of Plague and Pestilence*; Polzer, "Aspects of the fourteenth century iconography of death and the plague," 107-130.

<sup>11</sup> Hecker, *Der schwarze Tod im vierzehnten Jahrhundert*; Bell, Condie, & Atkinson, "Influence of Epidemics," 343-347.

<sup>12</sup> Trata-se do *Liber Lapidum* do MS Rawlinson A 273, Bodleian Library, Oxford.

recorte temporal em que esse documento estava inserido nos atentou a uma possível relação entre as pedras preciosas e a Peste, que devastava a Europa naquele mesmo período. Entretanto, essa relação não se comprovaria sem investigarmos um imenso corpo documental, que se tornou a base da pesquisa: a literatura médica.

Ainda em 1348, mediante a grande urgência, novidade e mortalidade que a chegada da Peste trouxe consigo, começaram a surgir, primeiramente na Espanha e, depois, na França, na Itália e em partes cada vez mais longínquas do continente, tratados médicos que buscavam explicar a etiologia da doença, sua ação no corpo e propunham, sobretudo, um regime de prevenção e outro de cura, que se valiam extensamente de recomendações profiláticas e remédios. Por trás desses tratados estavam os *magistri moderni*, os médicos da época que não podiam mais se apoiar completamente nas *auctoritates* antigas e medievais, como Galeno (c. 129 - ca. 217), Hipócrates (460 a.C. - 370 a.C.) ou Avicena (980 - 1037), uma vez que a grande pestilência não estava catalogada em suas obras. Esses médicos tiveram, assim, que desenvolver tratamentos diferentes, com novas receitas.

Nesse momento da pesquisa, após percorrermos todo o Reino Unido em busca de manuscritos<sup>13</sup>, finalmente encontramos a menção a pedras preciosas nos tratados médicos sobre a Peste, ligando as gemas à cura. Passamos a ter, de um lado, os surtos devastadores de epidemia e, do outro, a medicina praticada nas universidades, de onde saíam os textos médicos. Entre esses dois campos, havia novas receitas de remédios com as pedras entre seus componentes.

Nosso interesse nesta tese se voltou, assim, ao estudo das pedras preciosas nos tratados, buscando compreender a lógica por trás do emprego de ao menos cinco gemas

---

<sup>13</sup> Estamos nos referindo ao Doutorado Sanduíche que realizamos entre agosto de 2019 e janeiro de 2020 no The Warburg Institute, UL, em Londres, o qual foi acompanhado de pesquisas em vários outros centros do Reino Unido.

recorrentes: a esmeralda, o jacinto, a safira, a pérola e o coral<sup>14</sup>. Essa lógica, muito mais complexa do que podíamos imaginar, não se baseava em um único fundamento, mas na polivalência e na polissemia das gemas. A polivalência vinha de suas qualidades mágico-médicas e simbólico-religiosas e da relação entre as duas, desdobrando-se em novas virtudes. Portanto, esse não era um uso aleatório, mas muito bem fundamentado em conhecimentos e em uma cosmologia que envolvia e interligava diferentes esferas, como a religião, a magia, a astrologia e a medicina.

Os estudos sobre o papel das pedras preciosas na medicina medieval, desenvolvidos por autores como Christopher Duffin, John M. Riddle e George Frederick Kunz, entre outros, fazem parte de uma área mais ampla que é a própria história da medicina, a qual busca valorizar como os conhecimentos foram sendo construídos a partir de fontes antigas e medievais e de trocas entre povos do oriente e do ocidente. No caso dos tratados médicos feitos no período da Peste, seu estudo se dá sobre o ombro de alguns grandes estudiosos do século XIX e início do XX, tal como Charles Daremberg, na França; Salvatore de Renzi, na Itália; Karl Sudhoff, na Alemanha<sup>15</sup> e Dorothea Singer, na Inglaterra. Esses historiadores filólogos – versados em latim e grego – dedicaram-se exaustivamente a encontrar, compilar, publicar e analisar vastos grupos de documentos em medicina medieval, possibilitando a continuidade das pesquisas até hoje.

Após conhecermos boa parte dessa consagrada tradição bibliográfica e a riquíssima documentação que nos foi deixada, decidimos por nos dedicar a essa área de pesquisa principalmente por identificarmos que nossa lente de análise se diferenciava daquelas que já se detiveram no tema. Os estudos feitos até hoje pouco consideraram a polivalência das pedras, identificando, apenas separadamente, suas propriedades médicas,

---

<sup>14</sup> A pérola e o coral foram considerados gemas na Antiguidade e na Idade Média, aparecendo, inclusive, nos lapidários. Isso será abordado no terceiro capítulo desta tese.

<sup>15</sup> Wallis, *Medieval Medicine*, xix.

mágicas ou o simbolismo religioso, sem integrar todas essas partes. Em outros casos, o estudo do uso de pedras preciosas na Idade Média foi relegado aos cuidados do esoterismo moderno e de análises superficiais e sem embasamento teórico.

A intenção é explorar esse campo de pesquisa agora sob a lente e o olhar crítico da história da ciência. E ainda que a tradição de estudos supracitada constitua a base deste trabalho, tentaremos nos afastar de alguns pressupostos principais sobre o uso das gemas na medicina que impedem uma análise mais ampla e completa. O foco do trabalho é, portanto, o uso das pedras preciosas. Contudo, todo o corpo documental que as contém e sua relação com as dinâmicas sociais e com os conhecimentos que as circundam tornam-se igualmente importantes no decorrer da pesquisa, pois trazem uma visão do conjunto de saberes que explicam os papéis das gemas em seu contexto. Esforçamo-nos, assim, para esclarecer, por exemplo, de que forma as propriedades da esmeralda justificavam seu emprego em uma receita cordial; ou como a relação entre a pérola e a Virgem Maria dava um peso maior ao uso dessa gema nos remédios preventivos e curativos. Tentamos entendê-las, portanto, ligadas às qualidades mágico-médicas e simbólico-religiosas, em conjunto com a literatura lapidar, enciclopédica, exegética e bíblica, além da iconografia, que estavam presentes no século XIV, mas também em relação à própria composição dos tratados médicos.

A partir daí, consideramos que as pedras exerciam a função de remédios e amuletos, ou remédios-amuleto, como as chamaremos na medicina para a Peste Bubônica, visto que as duas funções não parecem se dissociar.

O método de pesquisa aplicado à tese foi fundamentado na interligação de três esferas de estudos, que são a forma de análise proposta pela equipe de pesquisadores do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Ciência e do CESIMA, PUC-SP. Segundo essa forma de análise, as três esferas se dividem da seguinte forma: uma primeira

diz respeito aos condicionamentos históricos e sociais que circundam o corpo documental. Nesse sentido, os documentos são estudados em termos de produção de uma época; no nosso caso, o século XIV e a chegada da Peste Bubônica. Uma segunda esfera envolve a análise epistêmica interna aos documentos referidos, considerando-se o assunto sob análise, que seria a própria lógica de uso das gemas contra a pestilência. Por fim, uma terceira seria a abordagem historiográfica utilizada no estudo, correspondente aos trabalhos realizados por outros especialistas, prévios ou contemporâneos, que já foram introdutoriamente comentados aqui.<sup>16</sup>

O trabalho propriamente epistêmico envolveu a análise dos documentos, a saber os tratados médicos do século XIV, além dos lapidários e enciclopédias antigos e medievais que foram materiais de consulta para o *magistri moderni*, que nos permitiram abordar ideias e práticas científicas. Os documentos foram estudados tanto em sua coerência e consistência internas, quanto em seu significado como sínteses particulares de ideias prévias e contemporâneas a eles.

Uma vez delimitado o campo de pesquisa e definido o método de abordagem, convém apresentar a estrutura da tese.

Quatro capítulos e um anexo compõem a estrutura desta tese; cada capítulo conta com uma curta introdução geral, na qual se expõem a estrutura de organização e o conteúdo que será ali apresentado, além de uma pequena conclusão, que vai encaminhar o leitor, após os capítulos, à conclusão final. Os três primeiros capítulos referem-se ao estudo da Peste Bubônica, dos tratados médicos e à análise das gemas em sua relação com a literatura lapidar e religiosa. O último capítulo é um estudo de caso.

No primeiro capítulo, traçamos um panorama da chegada da pestilência ao continente europeu, no final de 1347, esboçando alguns de seus caminhos por esse

---

<sup>16</sup> Alfonso-Goldfarb, “Centenário Simão Mathias,” 7-9; Ferraz, Alfonso-Goldfarb, & Waisse, “Reflexões sobre a constituição de um corpo documental,” 44-45.

território, da Itália à Escócia. Mostramos como esses caminhos são acompanhados de crônicas, que expunham a devastação causada pela doença, mas também de respostas médicas, que eram as produções dos tratados. A segunda parte do capítulo apresenta, portanto, a partir da medicina do século XIV, a estrutura, os conhecimentos e as fontes comumente utilizadas para a criação dos tratados médicos, para, enfim, identificarmos a presença das pedras preciosas em seus textos.

O segundo capítulo dedica-se, propriamente, à identificação, dentro dos tratados médicos, da menção às pedras preciosas. O capítulo está dividido em duas partes. A primeira apresenta o aparato teórico para compreendermos o uso das pedras preciosas nas receitas médicas, como, por exemplo, a identificação do que são poções e amuletos e o papel da magia natural na ação das gemas. A segunda parte é composta pela análise documental, identificando as menções a usos interno e externo das pedras preciosas em receitas e comentários que os médicos colocaram em suas obras.

Passamos, então, no terceiro capítulo, à análise da lógica que explica o uso de pedras recorrentes contra a Peste Bubônica. O capítulo também está dividido em duas partes. Na primeira, utilizando lapidários e enciclopédias medievais e antigas, que eram material de consulta para os médicos, apresentamos as características físicas e as qualidades mágico-médicas de cada gema mencionada nos tratados. Identificamos, entre os poderes atribuídos às pedras, aqueles que teriam alguma atuação contra a pestilência, mostrando que haveria coerência no uso de cada gema. Na segunda parte do capítulo, valendo-nos da literatura religiosa exegética, secular e de análise iconográfica, mostraremos o papel das qualidades simbólico-religiosas, e a relação com as figuras cristãs, na construção da potência das pedras. Compreendemos que é essa polivalência, com diversidade de simbologias, virtudes e significados, que explicará, ao final, o uso das pedras preciosas contra a Peste Bubônica em seu caráter de cura e proteção.

O quarto capítulo difere dos três anteriores por se tratar de um estudo de caso. Nele, apresentamos o lapidário *Liber Lapidum* presente no manuscrito Rawlinson A 273, produzido na segunda metade do século XIV. Esse estudo analisa o lapidário em seu contexto, marcado pela presença da Peste Bubônica e de uma grande produção de conhecimentos médicos e mágico-médicos. O capítulo está dividido em três partes. A primeira é um estudo do manuscrito em si – buscando sua história - e de seu conteúdo em geral, composto de muitos tratados e cartas, dando destaque à intertextualidade. Na segunda parte, apresentaremos o lapidário *Liber Lapidum* em relação a suas fontes, às cópias e à sua estrutura e conteúdo. Por último, identificaremos, entre as pedras abordadas nesse lapidário, aquelas que teriam poder contra a pestilência, apresentando suas propriedades.

A tese ainda conta com um anexo, que é a transcrição do *Liber Lapidum* estudado no quarto capítulo.

Por fim, gostaríamos de esclarecer que escolhemos não utilizar a expressão “Peste Negra” nesta tese, cuja origem provavelmente remete a uma tradução errônea da expressão latina *atra mors*, que teria o significado de ‘morte terrível’ ou ‘morte maligna’, e não de ‘morte negra’. Ainda que alguns autores defendam que a cor possa se referir ao escurecimento da pele causado pela pestilência, essa também é uma interpretação equivocada.<sup>17</sup> Lembramos que, em seu período, a Peste Bubônica foi chamada por vários nomes, mas nenhum envolvendo a cor negra. Em versões latinas, era conhecida por “pestilência” (*pestilentia*), “mortalidade” (*mortalitas*), “grande mortalidade” (*magna mortalitas*) e “epidemia” (*epidemia*).<sup>18</sup> Encontramos também, em manuscritos britânicos,

---

<sup>17</sup> d'Irsay, “Notes to the Origin of the Expression: ‘Atra Mors’,” 328-332; Benedictow, *What Disease was Plague?*, 572.

<sup>18</sup> Esses nomes aparecem em diferentes textos medievais, como no *Compendium de epidemia per collegium Facultatis Medicorum Parisius*, de 1348. Vide Michon, *Documents inédits sur la peste*.

a expressão “*pestilens yvell*”<sup>19</sup>, em *Old English*, que poderia ser traduzida por “pestilência maligna”.

Optamos, assim, por utilizar a expressão “Peste Bubônica”, ou os termos “Peste” e “pestilência”, especificando o período do século XIV. Acreditamos que esses nomes sejam suficientemente informativos sobre a referência aos surtos epidêmicos que tiveram início em 1348.

---

<sup>19</sup> Essa denominação aparece, por exemplo, no manuscrito Rawlinson A 429, fólio 85v, da seguinte forma: “*Here begyns a nobyll tretys mayde of gude fisycyane John of Burdews for medicyn agayne the pestilens yvell*”.

## Capítulo 1 – A Peste e a Medicina do século XIV

Apesar de as pedras preciosas serem nosso enfoque na tese, para estudá-las é necessário compreendermos o cenário e os documentos nos quais estão inseridas, afinal, entre a esmeralda e a Peste Bubônica deve haver um elo. Veremos aqui que esse elo é a medicina praticada após a chegada da pestilência ou, mais especificamente, um grupo amplo de tratados médicos, escritos a partir de 1348, que mencionaram gemas<sup>20</sup> com poderes mágico-médicos em suas linhas dedicadas a compreender a doença que se espalhava pelo continente europeu e a propor uma profilaxia e um tratamento. Assim sendo, este capítulo dedica-se a situar o *corpus* documental em seu período para, então, situar as pedras dentro dessa literatura.

Para cumprir com esses objetivos, o capítulo foi dividido em duas partes principais. A primeira se destina a descrever, por meio de literaturas primária e secundária, a chegada da Peste Bubônica ao continente europeu e seus caminhos por esse território, da Itália à Escócia. Esses caminhos são acompanhados de crônicas contando a devastação causada pela doença, mas também de respostas médicas, as quais ganham destaque aqui. Dessa forma, a segunda parte do capítulo tem o objetivo de analisar, a partir da medicina do século XIV, como foi a resposta dos mestres universitários à chegada da Peste, tendo como documentos os tratados produzidos a partir de 1348 sobre a doença. A estrutura, os conhecimentos e as fontes comumente apresentados nos tratados também serão abordados para, enfim, identificarmos a presença das pedras preciosas

---

<sup>20</sup> As palavras “pedra” (*λίθος, πέτρος, lapis*), também indicando aquelas preciosas, e “gema” (*gemma*) aparecem em fontes antigas e medievais sem distinção de significado. Os termos são usados intercambiavelmente associados a minerais considerados valiosos, como a esmeralda. Contudo, alguns elementos de origem vegetal e animal também eram assim classificados quando apresentavam a dureza de uma pedra, aparecendo igualmente em lapidários. É o caso, por exemplo, do coral e da pérola, abordados neste capítulo. Por esse motivo, também utilizamos os dois termos como sinônimos em nossas análises. Os metais, por sua vez, não serão analisados na tese, sendo apenas sinalizados nas receitas médicas. Apesar de serem considerados de origem mineral desde a antiguidade, não eram vistos como pedras. Como exemplo, vide Teofrasto, *On Stones*, 52-53 e Isidoro de Sevilha, *Etymologías*, XVI: 99 e 117.

nesses textos. Ao final, abordaremos a ligação entre os médicos e os lapidários no final da Idade Média, completando o elo entre as pedras e a Peste.

## **1.1 Os caminhos da Peste e os caminhos do conhecimento**

A fim de mostrarem a história da Peste Bubônica na Europa, os estudiosos frequentemente recorreram a crônicas monásticas e seculares que contassem os caminhos da doença e seu rastro de mortes e desolação. De fato, como nos mostra Lynn Thorndike, é necessário olharmos para a história local das cidades, das províncias, vilas e para os registros de indivíduos se quisermos encontrar as marcas de destruição que a Peste Bubônica causou, algo que passaria despercebido na macro história dos reis e das guerras. Contudo, também a história da medicina, afirma Thorndike, conta-nos sobre a Peste.<sup>21</sup> Daí a acreditarmos que os tratados produzidos nos períodos de surtos da pestilência seriam, assim como as crônicas, importantes documentos não apenas dos conhecimentos que a medicina tinha no período, mas também dos próprios caminhos da Peste. Afinal, cada manuscrito e cada texto desse período parecem conter sinais do horror que ocorria à sua volta quando foi escrito.<sup>22</sup> Dessa forma, os tratados médicos que encontramos em nossas pesquisas com riquíssimas informações sobre a pestilência, os quais ainda estão paulatinamente sendo analisados pelos medievalistas, proporcionaram-nos a oportunidade de contar essa época catastrófica mais uma vez, porém sob um olhar renovado e diferente.

Em geral, os historiadores utilizaram o testemunho do cronista siciliano e frade franciscano Michele de Piazza (c. 1347 – 1361) para relatar a chegada da Peste Bubônica ao continente europeu ou, mais especificamente, ao sul da Itália. Segundo esse cronista,

---

<sup>21</sup> Thorndike, “The Blight of Pestilence,” 455.

<sup>22</sup> Ibid.

a doença teria chegado em navios genoveses a Messina em Outubro de 1347.<sup>23</sup> Há ainda outra fonte, também utilizada pelos historiadores, que é o relato do jurista de Piacenza Gabriele de' Mussis (c. 1280 - c. 1356), encontrado em seu *Historia de Morbo*, no qual relata a chegada da doença a Gênova em 1348.<sup>24</sup> Os dois testemunhos trazem em comum associações entre a Peste e a ira de Deus, o sentimento de desolação e algumas informações sobre o contágio - supostamente feito entre pessoas, seja através do ar ou por contato - e também sobre os sintomas, que seriam os bulbos, a febre, a dor e o tossir sangue.<sup>25</sup>

No meio do caminho entre Messina e Gênova estava Perugia e Gentile da Foligno (f. 1348), um renomado médico atuando na cidade e um dos principais nomes da medicina do século XIV. Como prova de que os tratados médicos também nos trazem informações sobre a chegada da Peste, ainda que de maneira mais sucinta, trazemos os escritos desse médico, feitos no período em que a pestilência se espalhava pela Itália. Gentile da Foligno, em um de seus escritos, dá detalhes do caminho da pestilência pela costa oeste da Itália, informando que esta, depois de se manifestar em janeiro, “veio à Pisa, Piombino, Massa e agora está em Nápoles”<sup>26</sup>. Antes disso, quando a epidemia chegava à Úmbria, o estudioso apresentou ao colegiado de médicos de Perugia, possivelmente a pedido da universidade e da cidade<sup>27</sup>, um grande *Consilium* no qual afirmava que:

(...) a pestilência, que ocorreu em Janeiro, que veio de partes orientais e meridionais e ocupou todos os lugares do mar e veio à cidade de Perugia, no ano de Deus 1348 (...) essa pestilência ou epidemia ou qual nome é nomeada é muito temida, nunca ouvida nem vista em livros (...).<sup>28</sup>

---

<sup>23</sup> Vide, por exemplo, Aberth, *The Black Death*, 1.

<sup>24</sup> Horrox, *The Black Death*, 14-19.

<sup>25</sup> Aberth, *The Black Death*, 29; Horrox, 19.

<sup>26</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 333

<sup>27</sup> Arrizabalaga, “Facing the Black Death,” 241.

<sup>28</sup> “(...) pestilentia, quae accidit Januae, quae venit de partibus orientalibus et meridionalibus et occupavit omnia loca marium et pervenit ad civitatem Perusinam, anno domini M.ccc.XLviii et direxit istud consilium magister Gentilis collegio medicorum de Janua tempore magnae pestilencia (...) haec pestilentia sive epidimia sive quo nomine nominetur est multum verenda nec audita nec visa in libris...”, Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 332.

Não podemos nos esquecer, também, do riquíssimo relato de Giovanni Boccaccio (1313-1375), feito em sua famosa obra, *O Decamerão*, sobre a chegada da doença em Florença no início da primavera de 1348, o que cria o pano de fundo para a trama da obra, com os jovens ricos florentinos fugindo para o campo para escapar da Peste. Boccaccio descreve as provisões tomadas pela cidade para tentar evitar a propagação da epidemia, como impedir a entrada de doentes; menciona também as procissões feitas em súplica a Deus e explica os sintomas que apareciam após o contágio, como os bulbos e as manchas negras. Termina afirmando que “foi de tanta potência a peste descrita, no capricho de passar de um mortal a outro, que não somente de homem a homem ela se transferia.”<sup>29</sup>

Infelizmente, como se sabe, a Peste Bubônica não se manteve na Itália apenas e as crônicas e tratados médicos também contam os caminhos da epidemia após sair dessa península. Ainda no *Historia de Morbo*, Gabriele de’ Mussis relata que a doença teria ido aos reinos da França e da Espanha, onde ele ouviu que se chorava a desgraça.<sup>30</sup>

É provável que a pestilência tenha entrado pela Península Ibérica, ainda na primeira metade de 1348, por duas vias: primeiramente pelos portos da costa mediterrânea, mas também pelos Pirineus, logo chegando aos reinos de Navarra, de Aragão e de Castela.<sup>31</sup> Sabe-se que, em abril de 1348, o rei Pedro IV de Aragão (1319 – 1387) teria instruído o governo de Maiorca, também sob sua coroa, a tomar medidas para evitar a propagação da doença.<sup>32</sup> Em 1º de junho, a Peste já é mencionada em Almería pelo médico Ibn Khātimah (1324 – c.1369), que vivia na cidade na época. Contudo, Ibn Khātimah também afirma que teria sido informado de outros lugares onde a pestilência já estaria, tal como Constantinopla, Armênia, Gênova, as ilhas da Sicília, a Sardenha, a França, a Andaluzia, Aragão, Barcelona, Valência, todo o reino de Castela até Sevilha, a

---

<sup>29</sup> Boccaccio, *Decamerão*, 17.

<sup>30</sup> Horrox, 20.

<sup>31</sup> Loizaga, *La Peste en los Reinos Peninsulares*, 34.

<sup>32</sup> Meneses, *Documentos acerca de la peste*, documento de 20 de abril de 1348.

costa da África e a própria Maiorca.<sup>33</sup> Isso parece demonstrar que a Peste teria se espalhado por grande parte da península ibérica e da Europa em poucos meses.

A medicina logo acompanhou esse caminho ibérico da doença, de forma que, ainda em abril de 1348, mestre Jacme D'Agramont (f. 1350), médico catalão e professor da universidade de Lérida, redigiu o que foi, provavelmente, o primeiro tratado sobre a grande pestilência, anterior ao do próprio Gentile da Foligno, enquanto a Peste se aproximava por regiões vizinhas. Esse tratado foi endereçado às autoridades civis da cidade, de onde era nativo.<sup>34</sup> Lérida encontra-se igualmente próxima aos Pirineus e à costa sudeste, de modo que a epidemia pode ter lhe alcançado vinda da França ou de cidades portuárias.

O tratado apresentado por Jacme D'Agramont, escrito em catalão, pretendia ser apenas um regime de preservação, com o propósito de instruir a população sobre o contágio e a prevenção, conforme explicou o médico:

E ninguém deve estranhar que neste tratado eu apenas apresento o regime de prevenção, e que não discuto a cura das doenças que em tais tempos ocorrem. Porque nisto não sou incitado pela inveja nem pela iniquidade, mas pelo verdadeiro amor e caridade, tendo feito este presente tratado principalmente para o benefício do povo e não para instruir o médico, pois sou um dos mais insignificantes da profissão médica no mundo, em comparação com muitos outros. Todos podem fazer uso do regime de prevenção apresentado neste tratado sem um médico e sem perigos. O regime de tratamento pertence propriamente ao médico, uma vez que, nisso, qualquer pessoa sem a arte da medicina poderia errar facilmente e, para evitar isso, nenhuma menção de tratamento é feita aqui.<sup>35</sup>

Além de informar sobre a profilaxia, o tratado também apresenta um estudo sobre o que era a epidemia, seus sinais e causas, o que será analisado de forma mais aprofundada adiante no capítulo.<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup> Dinānah, “Die Schrift,” 40 e 42.

<sup>34</sup> Sarton, *Introduction to the History of Science*, 862; Duran-Reynals & Winslow, “Regiment de Preservacio,” 57-89.

<sup>35</sup> Duran-Reynals & Winslow, 58.

<sup>36</sup> *Ibid.*, 61-65.

Enquanto a epidemia tomava os reinos ibéricos, também se espalhava pela França. O caminho francês da doença é comentado por Jean de Venette (c. 1307 - c. 1370), um frade carmelita da região de Oise, mas que habitava em Paris quando a Peste alcançou a cidade. Em sua crônica, Jean de Venette narra que a doença teria chegado primeiramente em Avignon, onde estava a Curia Romana, vinda da Itália, depois espalhando-se pelo reino. Ainda reafirma o que já foi exposto acima, sobre a epidemia ter seguido à Espanha pela Gasconha, sendo transmitida “pouco a pouco, de cidade em cidade, de vila em vila, de casa em casa e, finalmente, de pessoa em pessoa”<sup>37</sup>.

Jean de Venette dá destaque à Peste em Paris. Segundo seu relato, em agosto de 1348, uma estrela, supostamente um cometa, teria sido vista por ele e por outros frades sobre a cidade. Esse evento, sugerido como um presságio, teria precedido a chegada da pestilência. Assim como os cronistas italianos, também Jean de Venette relata a imensidão de mortes causadas pela doença que se espalhou pela França, os sintomas físicos, *i.e.* os abscessos sob as axilas e na virilha, a febre, os três dias até a morte etc, e sobre o alto risco de contágio pelo ar.<sup>38</sup>

Jean de Venette também menciona os médicos franceses, que teriam dado o nome de ‘epidemia’ à Peste Bubônica.<sup>39</sup> Assim como na Itália e na Espanha, esses homens da medicina também se dedicaram a estudar e a escrever sobre a doença. Em outubro de 1348, a pedido do Rei Filipe VI (1293 – 1350), os médicos da Universidade de Paris publicaram um *Compendium de epidemia* como um trabalho coletivo explicando a etiologia da doença e propondo regimes de prevenção e de cura.<sup>40</sup>

O estudo dos médicos parisienses e de Gentile da Foligno parecem ter sido lidos e copiados pelos reinos, chegando a outros médicos e a outras faculdades de medicina,

---

<sup>37</sup> Jean de Venette, *Chronicle*, 49.

<sup>38</sup> *Ibid.*, 48-50.

<sup>39</sup> *Ibid.*, 49.

<sup>40</sup> Byrne, *The Black Death*, 37.

provavelmente servindo de fonte para os muitos tratados sobre a Peste que apareceriam a partir daí. É o caso, por exemplo, do tratado do mestre Giovanni della Penna (f. c.1387), de Nápoles, escrito ainda em 1348 em resposta a Foligno, ou de um tratado anônimo escrito em Montpellier, em maio de 1349, endereçado ao *studium* médico e à Universidade de Paris, com conteúdo bem similar ao *Compendium* parisiense.<sup>41</sup>

Nas décadas seguintes, mais tratados começam a aparecer em pontos cada vez mais distantes. Vê-se, por exemplo, o tratado de João da Borgonha<sup>42</sup>, produzido em Liège, em 1365, e o de Nicolas d'Udine<sup>43</sup>, produzido em Viena, em 1390, ambos estudados no segundo capítulo desta tese. Liège e Viena indicam o caminho que a Peste tomou, entre 1348 e 1349, em direção à Europa central e ao leste. Aqui podemos recorrer às crônicas do monastério de Neuberg, atual região da Áustria<sup>44</sup>. Essas crônicas relatam acerca da chegada da pestilência, vinda por Caríntia e Estíria, em 1348, entrando em Neuberg por volta da festa de São Martinho, em novembro. A doença também teria atingido fortemente a região de Viena e lugares próximos, como Heiligenkreuz, de forma que “mal um terço da população permaneceu viva”.<sup>45</sup> Assim como Michele de Piazza e Gabriele de Mussis, os cronistas do monastério de Neuber também deixaram registros importantes sobre sua compreensão da pestilência parecidos aos antecedentes. Segundo consta na crônica, teriam sido os mercadores a trazerem a Peste à Itália, espalhando-a pelo continente. O alto número de mortes e a fácil contaminação teria feito a população expulsar tais mercadores e fechar os portões das cidades a qualquer visitante. Ademais, relatam sobre os abscessos nas axilas e nas virilhas e o vomitar sangue. O último sintoma causaria um mau odor pestilencial que contaminava os próximos ao doente ou ao cadáver, matando

---

<sup>41</sup> Arrizabalaga, 241.

<sup>42</sup> As datas de nascimento e morte não foram encontradas.

<sup>43</sup> As datas de nascimento e morte não foram encontradas.

<sup>44</sup> Apesar de haver uma cidade homônima na Alemanha, aqui se trata, provavelmente, da atual Neuberg an der Mürz, na Áustria.

<sup>45</sup> Wattenbach, ed., “Continuatio Novimontensis,” 674 a 676, apud Horrox, 59-61.

famílias inteiras. Por isso, muitos teriam fugido das regiões de contágio. Por fim, as crônicas terminam afirmando que “os estudiosos não puderam se decidir se um ano tão mortal ocorreu devido aos caprichos dos planetas ou ao ar corrompido, mas puderam apenas confiar tudo à vontade de Deus”<sup>46</sup>. Nesse sentido, os cronistas parecem fazer referência às teorias de etiologia da doença sobre as quais comentaremos adiante no capítulo.

Jean de Venette, quando explana sobre a Peste chegando ao reino germânico, afirma que a epidemia não teria sido tão ruim quanto na França.<sup>47</sup> Contudo, foi a Europa central ou, segundo o próprio Jean de Venette, a região germânica, a flamenga, Hainaut e a Lorena francesa, que produziram duas das respostas mais extremas à chegada da pestilência: o massacre de Judeus e os flagelantes, mencionados pelo próprio frade carmelita e pelos cronistas de Neuberg.<sup>48</sup> O massacre de judeus ocorreu após acusações de que esses teriam envenenado alimentos, poços de água e o ar, causando a Peste e as mortes. Apesar de o massacre ter ocorrido mais intensamente na Europa Central, também temos registro de casos em outras regiões, como na França e na Espanha.<sup>49</sup> Os *flagellantes*, por sua vez, foram um movimento de caráter religioso. Os integrantes desse grupo vagavam pelas cidades em procissão chicoteando-se, com os torsos nus, em público, para redimir os pecados, incitando as populações a fazerem o mesmo. Segundo a crônica de Neuberg, a associação da Peste à vontade de Deus provocou que as pessoas fizessem “demonstrações públicas de penitência”.<sup>50</sup> Apesar de terem surgido no norte da Itália no século XIII, foi em virtude da epidemia de 1348 que os flagelantes ganharam força nas terras germânicas. A Igreja os considerava heréticos, de forma que o Papa

---

<sup>46</sup> Ibid., 60.

<sup>47</sup> Jean de Venette, 49.

<sup>48</sup> Ibid., 52.

<sup>49</sup> Jean de Venette, 50; Cohn, “The Black Death and the Burning of Jews,” 3-36; Cohn, “Plague violence,” 39-61.

<sup>50</sup> Wattenbach, ed., 674-676, apud Horrox, 60.

Clemente VI (1291 – 1352) foi um dos grandes responsáveis por persegui-los e enfraquecer o movimento.<sup>51</sup> A proibição dessas procissões pelo Papado, com apoio do Rei Filipe VI, explica não termos registros de sua presença na França.<sup>52</sup> Contudo, o grupo chegou à Inglaterra e à Irlanda ainda em 1349. Temos notícias de suas caminhadas em uma carta enviada pelo Papa Clemente VI aos arcebispos de Armagh, de Dublin, de Canterbury, de Tuam, de Cashel e de York, em 13 de novembro de 1349. A carta é um mandado aos arcebispos para alertarem e induzirem aquelas pessoas que se autodenominavam ‘*flagellantes*’ a abandonarem essa “vã religião”.<sup>53</sup>

Os flagelantes estavam seguindo o caminho que a pestilência fez para as Ilhas Britânicas enquanto ainda se espalhava pelo continente. A Peste Bubônica teria sido levada pelas trocas comerciais para a Inglaterra e a Irlanda ainda em 1348, causando também uma grande destruição e comoção. Também nas ilhas Britânicas pode-se recorrer aos cronistas e aos tratados médicos para se descobrir os caminhos da epidemia. Contudo, os segundos foram tardios, aparecendo apenas a partir do final do século XIV, por motivos que veremos adiante no capítulo.

Alguns cronistas ingleses deixaram testemunhos da Peste Bubônica na ilha, permitindo aos historiadores conhecerem seus caminhos. O primeiro, mais sucinto, é Ranulphus Hidgen (c. 1280 – 1364), um monge da abadia de St. Werburgh, que comentou sobre uma grande pestilência em 1348 atingindo Avignon tendo chegado às cidades costeiras da Inglaterra e da Irlanda.<sup>54</sup> Encontram-se, igualmente, informações na famosa crônica de Henry Knighton (f. c. 1396), cânone agostiniano de Leicester. Segundo Knighton, a Peste teria chegado ao reino em 1348 por Southampton, na costa sul, dirigindo-se, então, a Bristol, matando centenas de pessoas pelo caminho. O cronista dá

---

<sup>51</sup> Sobre esse assunto, vide Autissier, “Le sang des flagellants,” 51-58.

<sup>52</sup> Jean de Venette, 52.

<sup>53</sup> Bliss & Johnson, ed., *Calendar of Entries in the Papal Registers*, 311.

<sup>54</sup> Ranulphus Hidgen, *Polychronicon*, 346.

grande ênfase ao número de mortos pela epidemia, relatando-os em diversas cidades da Europa continental e da Inglaterra, mas principalmente em monastérios.<sup>55</sup> O terceiro cronista ao qual podemos recorrer é um monge da Abadia de Malmesbury, em Wiltshire, que escreveu a obra *Eulogium Historiarum* em 1367. Segundo consta na obra, a Peste teria começado em 7 de julho de 1348 no porto de Melcombe, em Dorset. Teria se espalhado, a partir daí, para outras partes de Dorset, Devon e Somerset, chegando a Bristol com tamanha severidade que um quinto da população inglesa já teria perecido. O monge ainda comenta sobre as mulheres serem mais atingidas e sobre novos cemitérios serem criados.<sup>56</sup> O último cronista a ser citado para que se entenda o caminho inglês da Peste é Geoffrey Le Baker (f.c. 1360), um clérigo da abadia de Osney, perto de Oxford. Em sua crônica, Le Baker esclarece que, em 1349, teria vindo do oriente uma pestilência geral, chegando a Dorset e espalhando-se a Devon, Somerset e Bristol. Ainda segundo o cronista, a doença depois teria alcançado Gloucester, Oxford, Londres e, finalmente, todo o território inglês. Assim como alguns de seus antecessores, Le Baker destaca os sintomas da doença, principalmente os abscessos negros pelo corpo. Antes de finalizar seu relato sobre a Peste, ainda expõe que esta posteriormente teria seguido para a Escócia, para o País de Gales e para a Irlanda.<sup>57</sup>

A chegada da Peste na Irlanda produziu um dos relatos mais completos e angustiados de todo esse período e de todos os cronistas, talvez só comparável ao de Boccaccio: os comentários de Frei John Clyn (c. 1286 – c. 1349), franciscano de Kilkenny. Sua crônica anglo-irlandesa aponta o ano de 1348, por volta do mês de agosto<sup>58</sup>, como o

---

<sup>55</sup> Henry Knighton, *Chronicon*, 61.

<sup>56</sup> *Eulogium*, 213-214.

<sup>57</sup> Geoffrey Le Baker, *Chronicon*, 98-100.

<sup>58</sup> Frei Clyn narra sobre a epidemia em Dublin já no princípio de agosto. Além disso, relata que, em setembro e outubro de 1349, teria havido peregrinação até a região de *Thath Molyngis* (ou *Tech Moling*), depois chamada de São Mullins (ou São Moling), localizada no condado de Carlow. Nessa região, haveria um monastério fundado por esse santo e bispo do século VII. As pessoas teriam partido em peregrinação por medo da pestilência. Vide Frei John Clyn. *Annalium Hiberniae Chronicon*, xxiv e 35.

início da epidemia na ilha.<sup>59</sup> De fato, é provável que a Peste Bubônica tenha chegado à Irlanda nesse ano, vinda, primeiramente, do continente e, posteriormente, da Inglaterra, por motivo das trocas econômicas com os condados do leste, como Louth.<sup>60</sup> Frei Clyn ainda aponta algumas cidades do leste da Irlanda – Howth, Dalkey, Dublin e Drogheda – como as primeiras a receberem a doença. Outras fontes, geralmente de literatura gaélico-irlandesa, apontam o ano de 1349 e o oeste da ilha como o princípio da grande pestilência, como os *Anais de Ulster*, os *Anais de Loch Ce* e os *Anais dos Quatro Mestres*, que tiveram, aparentemente, uma fonte comum.<sup>61</sup> Contudo, isso poderia indicar que a doença se espalhou até a costa oeste em poucos meses, sendo mais provável sua tardia entrada no território em 1349.

Frei Clyn traz muitas informações sobre a epidemia. Assim como outros relatos da época, acreditava que a pestilência teria vindo do oriente, atingindo fortemente Avignon, sendo necessário criar um novo cemitério para enterrar todos os mortos. Na Irlanda, diversos mosteiros e cidades, como Dublin e Drogheda, teriam sofrido grandes perdas poucas semanas após a chegada da epidemia. A crônica reforça ainda o cenário catastrófico informando que famílias inteiras pereciam com a Peste.<sup>62</sup> O número de mortes, no entanto, não era o único fator de assombro. Relata sobre o alto contágio pela proximidade com enfermos e mortos com a doença, além dos sintomas que envolviam furúnculos, úlceras e feridas que cresciam nas pernas e sob as axilas, enquanto outros sofriam de dores de cabeça e quase entravam em frenesi ou tossiam sangue até a morte.<sup>63</sup> Assim como na Inglaterra, a medicina na Irlanda alcançou o caminho da Peste

---

<sup>59</sup> Uma segunda mão que continuou o trabalho de Frei Clyn após sua provável morte teria escrito nas margens do manuscrito (MS TCD 3. 20.) que a pestilência teria retornado à Irlanda em 1362, depois em 1373, em 1382 e em 1391. Vide Frei John Clyn, 38.

<sup>60</sup> Sobre esse assunto, vide Smith, *Crisis and Survival in Late Medieval Ireland*.

<sup>61</sup> *Annals of Ulster*, 491; *The Annals of Loch Ce*, 3; *The Annals of Ireland*, 139; Gwynn, “The Black Death in Ireland,” 25.

<sup>62</sup> Frei John Clyn, 37.

<sup>63</sup> *Ibid.*, 35-36.

tardiamente, com tratados sendo produzidos apenas no século XV e XVI, sobre os quais comentaremos posteriormente.

Hoje, sabemos que a epidemia de 1348-51 não foi o único surto da Peste Bubônica na Europa, visto que essa se repetiu muitas vezes ainda no século XIV, alcançando o século XV e chegando até o XVII. Cada fonte apresenta datas diferentes para os surtos da doença. Por exemplo, em um manuscrito escocês do final do século XIV ou início do XV, há uma *Crônica da História Escocesa* escrita nas margens, na qual está relatado que a primeira pestilência ocorreu em 1350, a segunda em 1362 e a terceira em 1380.<sup>64</sup> Há ainda o relato dos surtos da doença, em um manuscrito inglês do século XIV<sup>65</sup>, ocorrendo nos anos de 1348, 1362, 1368 e 1374.<sup>66</sup> Por sua vez, Dominicus Bandinus (c.1335 - 1418), um gramático de Arezzo, em sua obra *De populis, de aedificiis, de provinciis, de civitatibus, de insulis*, aponta recorrências da Peste em 1364, 1379, 1383, 1399 e 1400, nas quais perdeu os pais, os irmãos e seu filho.<sup>67</sup> Estudos mais recentes sobre a pestilência apontam que novos surtos teriam ocorrido em 1360, 1373 e 1382.<sup>68</sup> A aparente desordem cronológica entre todos esses relatos pode indicar que diferentes surtos continuaram a ocorrer em diversas regiões a cada ano, do sul da Itália ao Norte da Escócia.

Ainda que haja imprecisões na temporalidade, não se pode negar que as crônicas e os tratados médicos produzidos nesse período contribuíram amplamente para nosso entendimento dos caminhos que a Peste e o conhecimento médico seguiram nesse tempo. Esses caminhos passaram por faculdades de medicina e seus estudiosos, por mosteiros e

---

<sup>64</sup> Universidade de Edimburgo, MS 27. Nesse manuscrito, as informações sobre a cronologia de eventos estão escritas em diferentes partes do documento, e não acompanham o texto principal: “Fólio iiv: *Anno 1350 Facta est prima pestilência in regno scocie*. Fólio 232: *Anno 1362 [...] in Anglia. Eodem anno facta est secunda mortalitas in scocia*. Fólio 232v: *Anno 1380 Facta est tertia mortalitas in regno scocie*”.

<sup>65</sup> Manuscrito Harley 1808, fólio. 28v: “*Anno domini 1348 incipit prima mortalitas in Anglia et durauit per annum et dimidium. Anno domini 1362 incipit secunda mortalitas in anglia et durauit per annum et amplius. Anno domini 1368 incipit tertia mortalitas in anglia et durauit fere per annum. Anno domini 1374 incipit quarta mortalitas in anglia et durauit fere per biennium.*”

<sup>66</sup> Singer, “Plague Tractates in Great Britain and Ireland,” 91.

<sup>67</sup> Thorndike, “The Blight of Pestilence,” 456.

<sup>68</sup> Michon, *Documents inédits sur la peste*, 16; Loizaga, 25.

seus cronistas, por cidades, vilarejos e portos, de forma que os expoentes de mortalidade mais cedo ou mais tarde eram seguidos por expoentes de estudos sobre a doença.

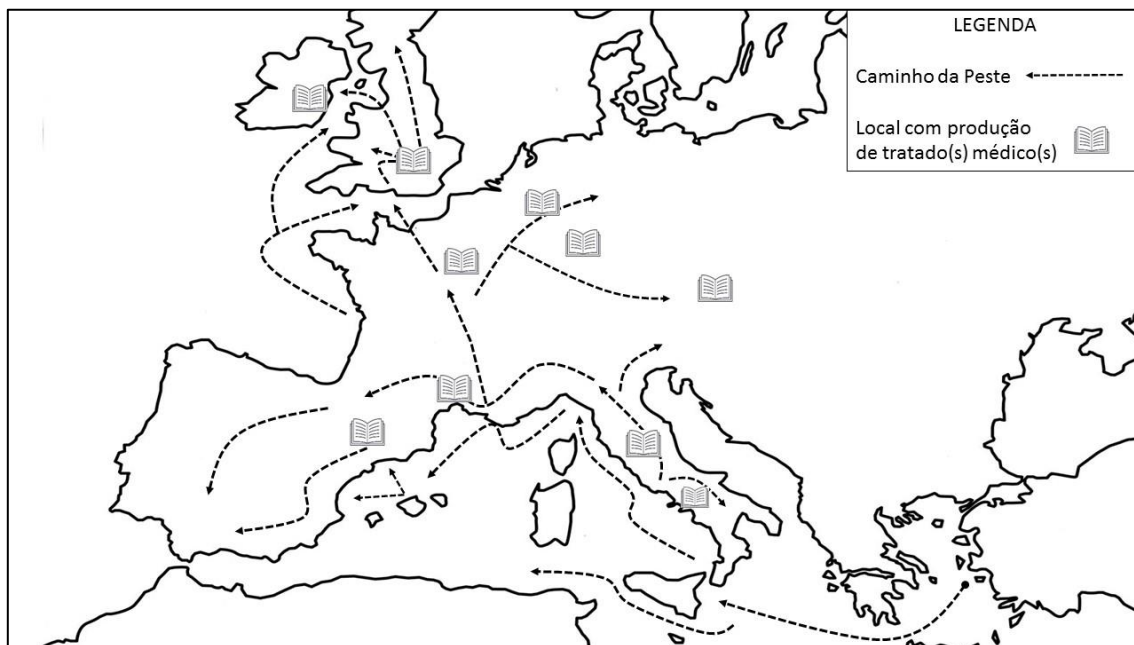


Figura 1 – Os caminhos da Peste e o mapa de tratados médicos.<sup>69</sup>

## 1.2 A medicina do século XIV e os tratados sobre a pestilência

### 1.2.1 A medicina escolástica

Como podemos perceber, uma das principais respostas à calamidade causada pela Peste Bubônica foi a dos médicos universitários<sup>70</sup>, principalmente na França e na Itália, apesar das terras germânicas e britânicas também participarem desse chamado nas décadas seguintes aos primeiros surtos. A medicina das universidades ou, mais

<sup>69</sup> Este mapa foi criado por nós a partir dos estudos realizados durante o doutorado.

<sup>70</sup> Utilizamos aqui o termo moderno “universidade” para indicar a comunidade acadêmica e as instituições ligadas a ela na Idade Média, cujo termo correto seria “*studium generale*”. Já a associação autônoma de estudantes ou mestres em uma disciplina particular ou em algumas disciplinas chamada de “*universitas*”. Vide Siraisi, *Medieval and Early Renaissance Medicine*, 48.

especificamente, a ‘medicina escolástica’, era praticada por homens cultos e letrados que se distinguiram do médico prático e empírico da Alta Idade Média, principalmente aquele vindo dos mosteiros. O médico escolástico era, em sua formação, muito mais teórico do que qualquer outro.<sup>71</sup> Talvez, por isso, o termo ‘escolástica’ tenha ganhado um julgo pejorativo no Renascimento, passando a significar os cegos seguidores dos textos de autoridades antigas corrompidos por traduções e comentários.<sup>72</sup> Contudo, aquele faz referência, na verdade, a uma configuração institucional, a um estilo de ensino e a uma forma própria de se produzir conhecimento nos meios eruditos que esteve fortemente presente entre os séculos XIII e XIV.<sup>73</sup>

A escolástica se apoiava em alguns alicerces. Um deles era a “nova” lógica aristotélica, que chegara ao ocidente cristão entre o final do século XII e o início do XIII por meio das traduções ao latim, transformando a vida intelectual na Europa.<sup>74</sup> O método escolástico de investigação associado à lógica aristotélica introduziu uma nova ferramenta para a análise de textos em muitas áreas do conhecimento, entre elas, a medicina.<sup>75</sup> Outro importante alicerce eram as *auctoritates*, *i.e.* autores e obras antigas e medievais que ganharam tamanha importância por seus conhecimentos que se tornariam a base para grande parte dos saberes da época e, conseqüentemente, para os *curricula* das universidades. Os textos das autoridades eram ensinados e estudados por meio de leituras em aulas (*lectio*), debates orais sobre trechos relevantes ou obscuros retirados das principais obras (*disputatio*), debates escritos em questões (*dubia* e *quaestiones*

---

<sup>71</sup> Alfonso-Goldfarb & Perassollo “O Universo Cultural Científico Valenciano,” 35-36.

<sup>72</sup> French, *Canonical Medicine*, 1.

<sup>73</sup> Alguns estudiosos consideram a morte de Gentile da Foligno como o fim da medicina escolástica. Vide, por exemplo, French, *Medicine before Science*, 88.

<sup>74</sup> *Ibid.*, 99-100.

<sup>75</sup> Siraisi, 66; French, *Medicine before Science*, 95-97.

*disputatae*) e comentários sobre aquelas obras mais substanciais, muitas vezes buscando-se a reconciliação de opiniões conflitantes das autoridades.<sup>76</sup>

Nesse sentido, para além dos textos aristotélicos, foi fundamental às faculdades de medicina a recepção de toda uma coleção de textos hipocráticos e galênicos, além de obras de médicos islâmicos, principalmente teóricas. Vale aqui lembrar que, já por volta do século IX, médicos do oriente islâmico tinham absorvido as obras que sobreviveram do mundo grego, acrescentando novos conhecimentos a elas, como de matéria médica e farmácia.<sup>77</sup> No século XI, o grande movimento de traduções disponibilizou essas e outras obras ao latim. Dentro desse movimento, temos Constantinus Africanus (f. c. 1098), no sul da Itália, que traduziu o *Pantageni* de Alī Ibn al-Abbās al Mağust (f. 994); Gérard de Cremona (c. 1114 – 1187) e seus alunos na Espanha, que traduziram obras de Galeno, al-Rāzī (854 – c.925), Albucasis (936 d.C. – 1013), e Avicena do árabe; e Burgundio de Pisa (c.1110–1193), na Itália, que traduziu obras de Galeno do grego.<sup>78</sup>

Uma das principais obras que serviram de fonte para o estudo nas faculdades de medicina foi o *Cânone* de Avicena, conhecido aos poucos a partir de sua tradução no século XI. O *Cânone* era efetivamente como uma bíblia para os médicos, apresentando cada doença, parte do corpo e tratamento, dos pés à cabeça, listados separadamente em capítulos. Também relacionava, de forma sistemática, os medicamentos e antídotos apropriados para várias condições e doenças e explicava como deveriam ser feitos.<sup>79</sup>

Outra literatura de suma importância para a medicina escolástica foi a coleção de textos conhecida como “Novo Galeno”. Essa coleção compreendia as traduções de obras galênicas inéditas, que passaram a ser estudadas nas universidades a partir do final do século XIII. Entre essas obras, estavam os tratados *De morbo e accidenti*, *De*

---

<sup>76</sup> Siraisi, 73 e 76; French, *Medicine before Science*, 102-103;

<sup>77</sup> Siraisi, 12.

<sup>78</sup> *Ibid.*, 14-15.

<sup>79</sup> French, *Medicine before Science*, 100.

*complexionibus, De simplici medicina, De crisis e De malitia complexionis diverse.*<sup>80</sup>

Uma parte desses textos apresentava a teoria das compleições de Galeno. A compleição corporal, entendida como a constituição física do ser, era composta pela mistura das quatro qualidades elementares (quente, frio, úmido e seco) e podia ser aplicada não apenas aos corpos, mas também aos alimentos e aos remédios. A saúde era uma compleição equilibrada, *i.e.* quando havia proporcionalidade entre as forças opostas (quente/frio, úmido/seco); a doença era uma compleição desequilibrada e o tratamento era a restauração dessa para o equilíbrio. Assim, os saberes trazidos por esse novo *corpus* textual galênico mostravam quais remédios e alimentos podiam ser consumidos, de acordo com a compleição do paciente, para restituir a saúde. Essa teoria acabou tornando-se a base para a medicina escolástica e sendo muito utilizada no período da Peste Bubônica, como veremos adiante.<sup>81</sup>

Ressalta-se que a medicina galênica que se valia das compleições não era, necessariamente, a mesma medicina hipocrática que se valia dos humores, apesar de se esbarrarem constantemente e terem sido consideradas as mesmas por muitos estudiosos contemporâneos, como Lynn Thorndike.<sup>82</sup> A compleição galênica, como explicado, é uma mistura das qualidades primárias (quente, frio, úmido e seco), raramente dos humores (bile amarela, sangue, fleuma e bile negra). Assim, as qualidades primárias geralmente não são confundidas umas com as outras, como no caso dos humores, mas são conservadas em sua própria natureza.<sup>83</sup> Essas teorias serão retomadas neste capítulo e no próximo.

---

<sup>80</sup> O'Boyle, *The Art of Medicine*, 6-7.

<sup>81</sup> French, *Medicine before Science*, 101-102;

<sup>82</sup> Boudon-Millot, "La notion de mélange dans la pensée médicale de Galien," 262; Thorndike, "De Complexionibus," 398-408.

<sup>83</sup> Boudon-Millot, 274.

A terceira fonte para os conhecimentos ensinados nas faculdades de medicina era uma coleção de pequenos tratados com princípios hipocráticos e galênicos reunidos no século XII por estudiosos de Salerno conhecida como *Ars medicina* ou *Articella*. O *Articella* consistia, inicialmente, em dois tratados hipocráticos, os *Aforismos* e os *Prognósticos*; um breve tratado galênico conhecido sob vários títulos, como *Ars medica*, *Ars parva* e *Tegni*; algumas partes do *Cânone* de Avicena<sup>84</sup>; e uma introdução à medicina galênica conhecida pelo ocidente latino como *Isagoge* de Johannitius ou *Isagoge Ioannitii ad Tegni Galieni*.<sup>85</sup> Também foram incorporados à coleção breves tratados sobre as principais ‘ferramentas’ de diagnóstico do médico medieval, *i.e.* o pulso e a urina. De Salerno, o *Articella* passou a ser utilizado em Montpellier, em Bologna e em Paris. Por volta de 1250, em meio às mudanças nas universidades, que incluía a reestruturação e expansão dos currículos, o *Articella* também acaba sendo ampliado, principalmente por novos comentários, mas também por novas traduções do grego e do árabe e, acima de tudo, por uma maior presença de Galeno, passando a ser chamado de *Ars commentata*.<sup>86</sup>

Como exemplo de sua presença nos currículos universitários, vemos o *Articella* do manuscrito Harley 3140, que teria sido escrito por volta de 1300 em Paris e comprado pela Abadia beneditina de Malmesbury, na Inglaterra, em 1371.<sup>87</sup> Esse *Articella* contém o *Isagoge ad tegni galeni* de Johannitius<sup>88</sup>; o *Tegni* ou *Ars medica* de Galeno<sup>89</sup>; os *Aforismos* e *Prognóstico* de Hipócrates<sup>90</sup>; o *De urinis* de Theophilus Protospatharius<sup>91</sup>; o

---

<sup>84</sup> O *Cânone*, por sua composição enciclopédica volumosa, não era ensinado ou estudado em sua totalidade. Algumas partes eram selecionadas pelos mestres para serem comentadas e lidas nas aulas. Essas partes geralmente consistiam em uma sinopse sobre fisiologia (Livro 1, Parte 1), um tratado sobre febres (Livro 4, Parte 1), princípios de doença e tratamento (Livro 1, Parte 4) e doenças da cabeça aos pés (Livro 3). Siraisi, 71.

<sup>85</sup> O *Isagoge Ioannitius* é uma tradução latina feita por Constantino, o Africano (f. antes de 1098/9), no século XI, de uma introdução à *Ars medica* de Galeno atribuída a Hunayn ibn Ishaq al-'Ibadi (c. 809-873), provavelmente escrita no século IX. Waisse, “Contraria contrariis curantur,” 65.

<sup>86</sup> Siraisi, 58; O’Boyle, 82-157.

<sup>87</sup> *A Catalogue of the Harleian Manuscripts*, 3: no. 3140.

<sup>88</sup> Fls. 2r-7r.

<sup>89</sup> Fls. 7v-21r.

<sup>90</sup> Fls. 21r-32v.

<sup>91</sup> Fls. 32v-37v.

*De pulsibus*, de Philaretus<sup>92</sup>; o *De regimine acutorum*, também de Hipócrates<sup>93</sup>; os *Liber Urinarum*, *Dietae universales*, *Dietae particulares* e *De febribus* de Isaac Judeus<sup>94</sup>; o *Viaticum* de Constantinus Africanus<sup>95</sup>; o *Antidotarium* de Nicholaus Salernitanus<sup>96</sup>; e os *De urinis* e *Pulses* de Giles de Corbeil<sup>97</sup>. O manuscrito ainda contém uma grande quantidade de glosas interlineares e marginais contemporâneas e do século XV, provavelmente escritas já em solo inglês (Figura 2), além de iniciais historiadas que mostram atividades do médico erudito, como a *lectio*, a *disputatio*, a análise de urina, o atendimento aos doentes etc (Figuras 3).<sup>98</sup>

A produção desse manuscrito em Paris é um claro exemplo de que a medicina universitária do final do século XIII ou início do XIV contava com essa coleção de textos em seu currículo. A presença de outros tratados, além daqueles inicialmente compilados em Salerno, prova também como o *Articella* foi sendo ampliado a partir de 1250. Além disso, a compra de tal manuscrito por uma abadia inglesa em 1371 também tem fundamental importância aqui. Não apenas Malmesbury estava no caminho da pestilência, entre Bristol e Oxford, inclusive com um de seus monges escrevendo a já citada *Eulogium Historiarum* naqueles mesmos anos, mas a aquisição de tal manuscrito ocorreu pouco tempo após o segundo (ou terceiro) surto da epidemia. Como veremos adiante, o conhecimento contido nos tratados do manuscrito teve grande influência para a medicina em sua luta contra a Peste Bubônica, o que poderia explicar sua aquisição naquele momento, inclusive pela proximidade da abadia com a Universidade de Oxford.

---

<sup>92</sup> Fls. 37v-39r.

<sup>93</sup> Fls. 39r-43v.

<sup>94</sup> Fls. 44r-195v.

<sup>95</sup> Fls. 196r-254v.

<sup>96</sup> Fls. 255r-272v.

<sup>97</sup> Fls. 273r-276v.

<sup>98</sup> *A Catalogue of the Harleian Manuscripts*, 3: no. 3140.



Figura 2 - Fólíio 32v do manuscrito Harley 3140. Esse fólíio, com muitas glosas, contém o início do tratado *De urinis* de Theophilus Protospatharius, com detalhe de uma inicial 'B' historiada que parece mostrar a figura de um médico, com vestes de professor, segurando um frasco e ensinando exame de urina a dois alunos, que também seguram frascos.<sup>99</sup>

<sup>99</sup> British Library Catalogue of Illuminated Manuscripts. "Harley 3140, fl. 32v. Doctor." *British Library Catalogue of Illuminated Manuscripts*. <https://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/ILLUMIN.ASP?Size=mid&IIIID=15639>.



Figura 3 - Iniciais historiadas do manuscrito Harley 3140 mostrando atividades do médico erudito, respectivamente a *lectio* (fl. 7), a *disputatio* (fl. 21), o ensino sobre a análise de urina (fl. 32) e o atendimento aos doentes (fl. 29).<sup>100</sup>

<sup>100</sup> British Library Catalogue of Illuminated Manuscripts. "Harley 3140." *British Library Catalogue of Illuminated Manuscripts*.  
<https://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=4141&CollID=8&NStart=3140>.

O manuscrito supracitado ainda demonstra, indiretamente, outra característica basal da escolástica e da medicina desse período, que era a uniformidade curricular. Apesar das particularidades de cada centro e dos pesos diferentes que cada obra adquiria conforme a universidade<sup>101</sup>, os textos de autoridades usados como base para os conhecimentos médicos eram copiados ou comprados pelas faculdades ou por mosteiros, como relatado, difundindo-se por toda a Europa com certa uniformidade.<sup>102</sup> Para os estudiosos da época, a diferença estava, portanto, muito mais no tamanho e reputação das faculdades de medicina do que na diferença dos currículos.

Não se deve esquecer, no entanto, de que, em verdade, não havia muitos grandes centros acadêmicos de medicina no século XIV. Salerno, que floresceu ainda no século XI, encontrou seu declínio já no século XIII. A predominância ficou, então, entre três universidades: Paris, Montpellier e Bologna.<sup>103</sup> Podemos citar ainda Pádua e Perugia como centros em ascensão e os centros ingleses, germânicos e centro-europeus como grupos menores e, no caso dos dois últimos, mais recentes.<sup>104</sup> Oxford, ainda que gozasse de grande reputação em outras áreas, como a lógica e a retórica, contava com um pequeno centro de medicina, assim como Cambridge. Apenas a partir do século XV os médicos de Oxford começaram a ganhar certo destaque e, como veremos, é também nesse momento que muitos tratados médicos sobre a Peste começam a ser copiados ou produzidos na Inglaterra.<sup>105</sup>

---

<sup>101</sup> Em Montpellier, por exemplo, Galeno parecia ser menos apreciado, apesar de algumas versões abreviadas de seu trabalho serem apresentadas por mestres como Arnaldo de Vilanova. Em Bologna, por sua vez, indicava-se o estudo dos textos galênicos com mais frequência. Já em Perugia, alguns textos eram mais bem vistos do que outros. French, *Canonical Medicine*, 10; Thorndike, *History of Magic*, 3: 236.

<sup>102</sup> Siraisi, 55.

<sup>103</sup> O'Boyle, 5-6.

<sup>104</sup> Não se comentou aqui a respeito das faculdades de medicina da península ibérica, tal como Salamanca e Coimbra, visto que, no período da Peste, em termos de estudos médicos, enfrentavam uma certa decadência. Vide, por exemplo, Siraisi, 55; Gerli, ed., *Medieval Iberia*, 555; Addy, "The Decadence of a Spanish University," 561-585.

<sup>105</sup> Siraisi, 55-56; French, *Medicine before Science*, 89.

É nessa estrutura intelectual, dita escolástica, e dentro desse cenário das universidades emergentes que se encontram os tratados médicos criados com a chegada da Peste Bubônica. Conseqüentemente, devemos sempre levar em consideração o peso que a influência das autoridades e da lógica aristotélica tiveram nos conhecimentos médicos. No entanto, esses trabalhos refletem, igualmente, as atitudes e os saberes dos “*magistri moderni*”, como foram chamados os médicos que atuaram no tempo da Peste. Isso porque os ‘mestres modernos’ encontraram um grande problema ao começarem a estudar a epidemia. Apesar de os conhecimentos trazidos pelas *auctoritates* gregas e medievais serem amplos, a pestilência que se apresentava não era conhecida até então, o que significou a falta de uma literatura específica sobre ela para consulta. Isso fez com que os médicos tivessem que compor teorias, tratamentos, remédios e práticas diferentes se quisessem combater a alta mortalidade e propagação da doença.

Esse contexto é atestado, por exemplo, por João da Borgonha, o médico de Liège que escreveu seu tratado sobre a pestilência em 1365. Em seu estudo, João da Borgonha traz vários motivos para a criação do tratado, entre os quais estão a ignorância sobre a pestilência que os atingia, a ineficácia dos remédios dos médicos antigos e a relativa eficiência dos “modernos”, ou seja, de seus contemporâneos.<sup>106</sup> Nas palavras do médico:

Como resultado, ousou dizer, não como uma crítica às autoridades do passado, mas por causa de uma longa experiência no assunto, que os mestres modernos em qualquer lugar da terra são mais experientes na doença epidêmica pestilencial do que todos os professores e autores da arte da medicina desde Hipócrates aos posteriores. Pois nenhum em seu tempo viu a epidemia reinando, exceto apenas Hipócrates na cidade Craton, que porém não durou muito. Ainda assim, ele escreveu o que viu em seu livro sobre epidemias. Mas Galeno, Dioscórides, Razi, Damasceno<sup>107</sup>, Geber, Mesue, Copho, Constantinus, Serapion, Avicena, Algagel e seus seguidores nunca viram uma epidemia assim geral ou longa, nem testaram suas curas pela longa experiência, embora se baseiem nos ditos de Hipócrates para discutir muitas coisas a respeito das epidemias. Como resultado, os mestres desse tempo, tendo usado

---

<sup>106</sup> Siraisi, 55-56.

<sup>107</sup> Singer especula que “Damasceno”, no tratado em questão, pode fazer referência a Mesue Senior (777-857), proeminente tradutor árabe que produziu versões de tratados médicos gregos para a língua do Islão, preservando obras de Galeno e Hipócrates. Singer, “Some Plague Tractates,” 169-170.

a experiência, são maiores nessa doença que todos que nos precederam, de onde é dito e é verdade, que a experiência faz a arte.<sup>108</sup>

Além da incipiente discussão entre antigos e modernos aqui presente, esse trecho ainda nos mostra a dualidade que os tratados médicos sobre a Peste Bubônica continham, entre os saberes teóricos, provindos das autoridades, e os saberes adquiridos pelos médicos do século XIV por meio da prática e da observação. Os primeiros ainda compunham as bases para o conhecimento sobre a origem da pestilência e sobre os regimes de prevenção e cura, mas são os segundos que fazem desses tratados uma expressão de novidade e engenhosidade.

### 1.2.2 Os tratados médicos da Peste: fontes, estrutura e conhecimento

Há um certo consenso<sup>109</sup> hoje entre historiadores, epidemiologistas e outros estudiosos das doenças do passado de que a epidemia de Peste Bubônica de 1348 teria sido causada pelo bacilo *Yersinia pestis*. Por muito tempo, acreditou-se que essa bactéria teria sido transmitida e se espalhado do oriente até a Europa principalmente pela picada das pulgas (*Xenopsylla cheopis*) de ratos-pretos (*Rattus rattus*) infectados. Contudo, outros estudos propuseram que ectoparasitas presentes nas pessoas, como pulgas (*Pulex irritans*) ou piolhos humanos (*Pediculus humanus humanus*), poderiam ser mais

---

<sup>108</sup> “sed quia experientia longa hoc manifestat, quod magistri moderni ubicunque terrarum in morbis pestilencialibus epidemialibus sunt magis experti quam omnes artis medicinae doctores et auctores ab Ypocrate inferius quotquot sunt. Nam nullus eorum tempore epydimiam vidit regnantem [suo nisi solus Ypocras qui eam vidit regnantem] in ciuitate Craton [is], quae tamen non multum duravit. Nichilominus tamen super hiis, quae dictus Ypocras vidit, librum edidit de epidemia. Sed Galienus, Diastorius, Rasis, Damascenus, Geber, Mesue, Copho, Constantinus, Serapion, Avicenna, Algagel et sequace eorum nunquam viderunt ita generalem nec longam epidemiam, nec curas eorum longa experientia probaverunt, sed quidquid plurimi dicant et tractent de epidemiis a dictis Ypocratis exhausserunt. Unde magistri huius temporis in illis morbis maiori experientia usi sunt, quam omnes qui nos praecesserunt, unde dicitur et verum est, quod experientia facit artem”, Sudhoff, “Pestschriften, III,” 68-69.

<sup>109</sup> Vale ressaltar que alguns estudiosos, como Arrizabalaga, defendem que não é possível fazer um diagnóstico da Peste utilizando os critérios da nossa medicina contemporânea, que é baseada na teoria dos germes e em uma construção intelectual herdada do século XIX e início do XX. Vide Arrizabalaga, 239.

prováveis do que ratos de terem causado a grande propagação da epidemia.<sup>110</sup> Além disso, uma vez que a doença já estivesse bem estabelecida na população europeia, a transmissão aérea entre pessoas e pela proximidade com materiais contaminados também teria passado a acontecer.<sup>111</sup>

Uma vez que a infecção entrava na pele, a partir da picada da pulga ou piolho infectados, sejam de ratos ou de humanos, eram transportadas para os nódulos linfáticos, na virilha, na axila e, menos comumente, no pescoço, causando o inchaço característico da doença, chamado de bulbo ou abscesso, constantemente relatado pelos cronistas medievais. Os inchaços eram acompanhados pela febre e pela dor de cabeça, também relatados na época.<sup>112</sup> Um dos primeiros sinais desse contágio seria uma sensação de formigamento nos membros, mencionada, por exemplo, por um médico chamado João de Bordeaux (provavelmente João da Borgonha) com muitos tratados no final do século XIV.<sup>113</sup> Quando os inchaços tivessem se formado, o paciente estaria com febre alta e fortes dores de cabeça. Caso a infecção, expelida no ar por um doente ou presente em superfícies contaminadas, como em lençóis, fosse aspirada, infectaria principalmente os pulmões. O mesmo poderia ocorrer como uma complicação da infecção pelas picadas. Três ou quatro dias após a formação do bulbo, a infecção chegaria à corrente sanguínea, levando a infecção para outros órgãos, geralmente o baço e os pulmões. Em casos muito raros, também poderia chegar ao cérebro. A partir daí, poderiam ocorrer hemorragias por

---

<sup>110</sup> Esse estudo foi desenvolvido pela Universidade de Oslo, na Noruega, em parceria com a Universidade de Ferrara, na Itália, e utilizou modelagem matemática para fornecer uma visão abrangente dos mecanismos de transmissão da peste. Vide Dean et al, "Human ectoparasites," 1304-1309. Outro estudo mais antigo nesse mesmo caminho é o de Stephen R. Ell, desenvolvido na década de 80, como, por exemplo: Ell, "Interhuman Transmission," 563-566. A proposta de transmissão por parasitas humanos continua sendo criticada e debatida nos meios acadêmicos. Vide Park et al. "Human ectoparasite," E7892-E7893.

<sup>111</sup> Horrox, 5.

<sup>112</sup> Horrox, 4.

<sup>113</sup> D. Singer comenta que o terceiro capítulo do tratado atribuído a um médico chamado João de Bordeaux, com muitas cópias de 1390, preocupar-se-ia com a necessidade de flebotomia imediata se o paciente sentisse pontadas ou o movimento do sangue. Isso parece fazer referência ao formigamento. Vide Singer, "Some Plague Tractates," 172.

todo o corpo. As pessoas com o pulmão afetado morriam mais rapidamente, com dor no peito, tosse e expectoração de sangue, um sintoma também relatado pelos cronistas.<sup>114</sup>

Os medievais reconheceram e relataram cada sintoma característico da infecção, mas não fizeram distinção quanto ao modo de contágio e nem deram um nome específico à doença que viam, chamando-a apenas de “pestilência” ou “mortalidade”.<sup>115</sup> Ao mesmo tempo, uma vez que seu universo não era o das bactérias microscópicas, outras explicações para o que era a Peste, suas origens e sua forma de contágio foram propostas. Em geral, a grande pestilência do século XIV foi explicada pela teoria miasmática, segundo a qual a doença seria causada por vapores pútridos no ar ou seria o próprio ar corrompido por tais vapores<sup>116</sup>, que entraria no corpo pela respiração e pelos poros da pele.<sup>117</sup> Os tratados da época geralmente seguiam uma das duas explicações. Por exemplo, o médico Jacme d’Agramont expõe em sua obra que a pestilência é a mudança contranatural do ar em suas qualidades ou em sua substância, da qual surgiriam as mortes e enfermidades.<sup>118</sup> Em contrapartida, os mestres parisienses consideraram que a Peste era o resultado da mudança do ar em sua qualidade e substância, não o ar em si.<sup>119</sup> Havia ainda alguns médicos que misturavam as duas explicações, como é o caso de Gentile da Foligno. O médico italiano pressupunha a pestilência ora como o efeito da mutação do ar, ora como a própria mutação.<sup>120</sup>

---

<sup>114</sup> Horrox, 6.

<sup>115</sup> Dean et al., 1304-1309; Horrox, 4; Sudhoff, “Pestschriften, X,” 120.

<sup>116</sup> Vide Arrizabalaga, 246.

<sup>117</sup> Havia ainda outra hipótese de que a doença era transmitida pelo olhar, mas essa explicação foi menos recorrente na literatura. Vide Michon, 46-52; Arrizabalaga, 262-263; Sudhoff, “Pestschriften, X,” 129.

<sup>118</sup> Duran-Reynals & Winslow, 61.

<sup>119</sup> “*Credimus enim prsesentem epidemiam seu pestem ab aere corrupto in sui substantia, et non solum qualitibus alteratis, immédiate provenire*”, in Michon, 53.

<sup>120</sup> “*Credimus autem presentem epidemiam sive pestem ab aere corrupto in sui substantia, et non solum in qualitibus alterato, immediate provenire*”, in Gentile da Foligno, *Consilium contra pestilencia*. Colle di Valdelsa, c. 1479, signats a2r - a2v., apud Arrizabalaga, 246.

A explicação sobre a pestilência passava, também, pela teoria das compleições e pela teoria humoral. A Peste era uma causa externa que gerava alteração<sup>121</sup> ou desbalanceamento (*dyscrasia*) entre as qualidades primárias (quente, frio, seco e úmido)<sup>122</sup> ou entre os quatro humores (bile amarela, sangue, fleuma e bile negra).<sup>123</sup> Por ser entendida como um vapor putrefato misturado ao ar, a pestilência ganhava a qualidade de ser quente e úmida. Como explicaremos a seguir, essas duas características, por si só, estavam fortemente associadas à ideia de corrupção da matéria.

A putrefação era causada, segundo Aristóteles (c. 384 a.C. - 322 a.C.) e Galeno, por um aumento excessivo de calor, que destruiria o calor natural de um ser úmido.<sup>124</sup> Ao mesmo tempo, a própria putrefação causava o calor que agia desequilibradamente no corpo, levando à febre e a processos ulcerosos. Galeno explica isso em sua obra *Sobre as doenças e sintomas* da seguinte forma:

As coisas que apodrecem no corpo do animal são aquelas que produzem um excesso de calor nas próprias partes em que apodrecem, assim como (...) as pústulas (*antrakes*), as inflamações (*phlegmonai*) e inchaços glandulares (*phugethla*) e aquelas que, tendo feito todo o corpo quente como elas, dão origem a uma febre.<sup>125</sup>

Esse trecho demonstra que a febre e os abscessos, como os bulbos característicos da Peste Bubônica, eram entendidos como um excesso de calor causado pela corrupção do corpo e causador da mesma. Esse era o desequilíbrio das qualidades primárias e, portanto, da compleição. Se analisada pela teoria humoral, a pestilência, transportada pelas veias, associa-se ao humor sanguíneo, também considerado quente e úmido. Assim, pode-se avaliar que o próprio sangue corroboraria com a corrupção corporal<sup>126</sup>, uma vez

---

<sup>121</sup> Galeno, "On the cause of Diseases," 163.

<sup>122</sup> Galeno, *On Diseases and Symptoms*, 135 e 138; Galeno, *Claudii Galeni Opera omnia*, 19: 485-486.

<sup>123</sup> Galeno, "On the Natural Faculties," 192 e 196.

<sup>124</sup> Aristóteles, *Meteorologica*, 295; Galeno, *On Diseases and Symptoms*, 160.

<sup>125</sup> Galeno, *On Diseases and Symptoms*, 161.

<sup>126</sup> Galeno, *Claudii Galeni Opera omnia*, 19: 485 - 486; Galeno, "On the Natural Faculties," 196.

que, segundo Galeno, coisas quentes e úmidas, em um ambiente quente e úmido, se não fossem ventiladas ou resfriadas, facilmente apodreceriam.<sup>127</sup> Dessa forma, se aplicarmos isso à doença, a putrefação úmida e excessivamente quente da pestilência se beneficiaria do sangue igualmente quente e úmido. A ideia de o sangue favorecer a corrupção do corpo é sugerida no tratado hipocrático *Sobre as Úlceras*, em cujas páginas se expõe que, a cada nova úlcera, é necessário fazer o sangue fluir abundantemente para que não haja inflamação. Da mesma forma, em úlceras antigas:

(...) especialmente se situadas na perna, em um dedo do pé, mais do que em qualquer outra parte do corpo. Pois quando o sangue flui, elas se tornam mais secas e de menor tamanho (...). É isto [o sangue] especialmente que impede tais úlceras de se curarem, entrando em um estado de putrefação e corrupção. Mas, é conveniente, após o fluxo do sangue, amarrar sobre a úlcera um pedaço espesso e macio de esponja, melhor seco do que úmido.<sup>128</sup>

O sangue, aqui, é visto como o oposto do estado de cura, que seria representado pelo ‘seco’. Mesmo a esponja deveria ser preferencialmente seca para contrabalancear a umidade putrefata. O sangue, quente e úmido, seria, portanto, o agente da corrupção na úlcera. No caso da Peste, o vapor, também quente, úmido e agente de putrefação, reforçaria a corrupção do corpo já proporcionada pelo humor sanguíneo.

Essa associação aparece explicitamente nos tratados do século XIV, como, por exemplo, no *Compendium* parisiense, no qual é dito que “os corpos mais suscetíveis de receber a marca dessa Peste são os corpos quentes e úmidos, nos quais a decomposição é mais provável.”<sup>129</sup> Dessa forma, seja como um excesso de humor sanguíneo ou como um excesso de calor e umidade na compleição do doente, a medicina sobre a Peste Bubônica tinha um grande embasamento teórico. Esse embasamento, no entanto, como explicado anteriormente, está diretamente ligado às autoridades clássicas. A novidade em si seriam as formas de tratamento propostas para a pestilência.

---

<sup>127</sup> Galeno, *Method of Medicine*, II, c, apud Daniel Sennertus, *Of Agues and Fevers*, 13.

<sup>128</sup> Hipócrates, “On Ulcers,” 145.

<sup>129</sup> Michon, 57.

Apresentado o entendimento básico sobre a Peste no século XIV, podemos passar, finalmente, aos tratados médicos. Os trabalhos feitos sobre a pestilência, a partir de 1348 e até a segunda metade do século XV, compõem um *corpus* documental muito rico e, por vezes, complexo em suas particularidades. Jon Arrizabalaga, historiador das doenças que se dedicou às percepções e respostas dos médicos universitários à Peste Bubônica, identifica em suas análises que os tratados produzidos nos primeiros anos da epidemia, como o de Jacme d'Agramont, de Gentile da Foligno e dos médicos parisienses, são diferentes daqueles mais tardios, produzidos após as recorrências de surtos. Os tratados mais antigos seriam as primeiras tentativas em se compreender a doença como uma entidade, recorrendo-se aos poucos dados coletados naquele momento; os tratados posteriores já seriam extensos relatos clínicos sistemáticos, com uma perspectiva mais ampla e calma do cenário apresentado.<sup>130</sup> Contudo, ainda que essa diferença possa existir, ainda que cada médico trouxesse certa singularidade em seu texto, ou ainda que cada copista tenha escolhido quais partes reproduzir e quais omitir, ao longo de nossas pesquisas percebemos que não só o conhecimento, mas a estrutura básica dos tratados se mantém na maioria deles, desde os primeiros até os mais tardios. Por isso, utilizaremos obras de vários períodos e de diversos médicos e faculdades a fim de montarmos, ainda que com recortes, o conteúdo comumente encontrado nesses trabalhos sobre a Peste.

Os tratados, em geral, eram compostos por três partes temáticas principais: a etiologia da doença, o regime de prevenção e o regime de cura. Cada uma dessas partes trazia em seus fundamentos os conhecimentos de algumas *auctoritates* antigas e medievais, ainda que essas fontes não estivessem explícitas nos textos. A explicitude ou implicitude de uma fonte, se considerarmos a intertextualidade, está relacionada à presença ou ausência de referência, isto é, menção escrita à autoria do texto-fonte do

---

<sup>130</sup> Arrizabalaga, 238.

documento. Algumas fontes explícitas mencionadas nos tratados da Peste são Galeno, Hipócrates, Alberto Magno (c. 1193 – 1280), Avicena, al-Rāzī, Averrois (1126 - 1198), além de outros nomes menos conhecidos, como Copho<sup>131</sup>.

Apresentar-se-á, a seguir, um estudo sobre os conhecimentos comumente encontrados em cada uma das três partes principais de um tratado sobre a Peste, tendo em vista as informações que se repetem nos textos coletados e analisados:

### *As causas da Peste*

Em geral, os tratados médicos identificavam três causas para a epidemia de Peste Bubônica: uma causa primária, divina, e duas causas naturais, divididas em remota (supralunar, celestial) e próxima (sublunar, terrestre). Quanto às duas últimas, sabemos que estavam fortemente influenciadas pelo estudo do *Cânone* de Avicena e, mais especificamente, sobre as febres pestilenciais, apesar de a fonte geralmente ser implícita ao texto. Segundo Avicena, as causas dessas febres poderiam ser ‘remotas e primárias’, relacionadas à disposição dos céus, ou ‘próximas’, relacionadas a uma certa disposição terrestre.<sup>132</sup>

A causa primária da Peste, para muitos dos estudiosos da época, incluindo os médicos, era Deus, que estaria lançando uma punição sobre os homens. Isso é explicitado, por exemplo, no tratado do mestre Jacme d'Agramont, quando este afirma que “A pestilência do ar (...) pode vir também de muitas causas. Algumas vezes é enviada por Deus por causa de nossos pecados”<sup>133</sup>; ou no *Compendium* dos médicos parisienses, que afirma ser necessário recorrer humildemente a Deus quando a epidemia provém de Sua

---

<sup>131</sup> Copho foi, supostamente, um mestre salernitano do século XII de quem não temos muitas informações, a não ser algumas obras atribuídas a seu nome. Pioreschi, *A History of Medicine*, V, 214.

<sup>132</sup> Avicena, *Libri canonis*, lib. IV, fen. i, trac. 4, cap. I, apud Arrizabalaga, 251-252.

<sup>133</sup> Duran-Reynals & Winslow, 64-65.

vontade.<sup>134</sup> Essa causa ainda é vista no século XV e XVI, por exemplo, em um tratado médico irlandês sobre a Peste, o qual afirma que “isto [a pestilência] vem da vingança de Deus”<sup>135</sup>.

A segunda causa constantemente mencionada nos tratados, considerada “universal e distante” era a astrológica. Nesse caso, explicava-se a doença devastadora e sua grande mortalidade por meio da conjugação dos planetas. Vale lembrar que os estudiosos medievais acreditavam na influência que os corpos celestes tinham sobre os corpos sublunares, fossem humanos ou de outros reinos da natureza. Dessa forma, os médicos deveriam conhecer e levar em consideração a influência astral nas doenças, nos remédios, nos membros e órgãos do corpo. Os médicos da Universidade de Paris foram representantes disso, ao afirmarem que:

Portanto, dizemos que a causa distante e primeira desta peste foi e é uma certa configuração nos céus. (...) No ano de nosso Senhor de 1345, particularmente na primeira hora após o meio-dia do vigésimo dia do mês de março, houve uma grande conjugação de três planetas superiores em Aquário [Saturno, Júpiter e Marte]. Em verdade, essa conjugação, juntamente com outras conjugações e eclipses anteriores, sendo a causa atual da corrupção ruinosa do ar que está ao nosso redor, é um prenúncio de mortalidade e fome e muitas outras coisas além.<sup>136</sup>

As autoridades citadas pelos médicos parisienses para sustentar esse argumento são pseudo-Aristóteles<sup>137</sup> e Alberto Magno. Primeiramente, de acordo com a obra pseudo-aristotélica *De causis proprietatum elementorum*, a conjugação de Saturno e Júpiter causaria uma grande mortalidade humana. Em segundo lugar, de acordo com a obra

---

<sup>134</sup> Michon, 58.

<sup>135</sup> Esse tratado irlandês encontra-se em cópias presentes em três manuscritos: o manuscrito 24 P 26 do Royal Irish Academy, do século XV; e os manuscritos E. 3. 30 e H. 3. 7 do Trinity College de Dublin, do século XVI. Ó Corráin, ed., *Clavis Litterarum Hibernensium*, 1044; Wulff, “Tract on the Plague,” 149.

<sup>136</sup> “*Dicamos igitur quod remota causa et primaria, istius pestilentiae fuit et est aliqua constellatio celestis (...) Anno domini MCCCXLV fuit maxima conjunctio trium planetarum summorum praecipue XXa die mensis martii, in aquario, prima hora post meridem. Quae quidem conjunctio, cum aliquibus conjunctionibus et eclipsibus prioribus corruptionis pernecabilis ipsius aeris nos circumdantis causa existens, mortalitatem et famem nec non et alia multa signai, de quibus*”, in Michon, 51 - 52.

<sup>137</sup> Os textos pseudo-aristotélicos eram tratados de autores que associaram suas obras ao filósofo grego Aristóteles, ou cujos trabalhos foram associados a ele por outros. Vale ressaltar que, na época, acreditavam tratar-se de um texto autêntico de Aristóteles.

atribuída a Alberto Magno, também intitulada *De causis proprietatis elementorum*, a conjunção de Marte e Júpiter causaria uma grande pestilência no ar, e isso aconteceria principalmente sob um signo quente e úmido, como Aquário. Júpiter teria a propriedade de levantar ventos poderosos, principalmente do sul, que dariam origem ao excesso de calor e umidade na terra. Marte, por sua vez, como um planeta malévolos, quente e retrógrado, teria elevado muitos vapores da terra e do mar os quais, quando misturados com o ar, corromperam sua substância. Como resultado dessa conjunção, temos os ventos pestilenciais que se espalharam pelo território.<sup>138</sup>

Essas ideias parecem ter servido de fonte para outros tratados que estariam por vir nas décadas seguintes. Um deles é o tratado de Maino de Maineri (f. c.1370), *Libellus de Preservatione ab epydimia*, de 1360. O autor também atribui grande foco às causas astrais da Peste e, em um sentido mais amplo, às influências dos corpos celestes no mundo sublunar (os homens e as coisas):

Porque existem corpos celestes perversos e infelizes, errantes e imóveis, e enfraquecem e matam nossos corpos, e põem, preparam, agouram e dão a enfermidade. O que é concluído por todos que os corpos celestes podem ser a causa da mortalidade e da pestilência do corpo humano. E não apenas do corpo humano, mas também daquelas coisas nascidas na terra.<sup>139</sup>

Com o tempo, os tratados foram resumindo a causa astrológica. Por exemplo, o estudo de Nicolas d'Udine, de 1390, relata que: “a causa da putrefação do ar dita é dupla, universal e particular. A universal é a influência do céu a partir de algumas conjunções (...)”<sup>140</sup>. E de maneira também resumida, nos séculos XIV e XV, essa explicação aparece

---

<sup>138</sup> Michon, 52-53.

<sup>139</sup> “*Sunt enim stelle malefice et infortunate, errantes et fixe, et corpora nostra infirmant et mortificant et ad infirmitatem disponunt et preparant et infortunant et ditant. Ex quibus omnibus concluditur quod stelle possunt esse causa mortalitatis et pestilentie corporum humanorum. Et non solum corporum homanorum sed etiam terranascantium.*” in Maino de Maineri, *Libellus de preservatione ab apydimia*, 16.

<sup>140</sup> “*Causa autem putrefactionis aeris dicti est duplex, universalis et particulares. Universalis est influencia celi (...)*”, in Sudhoff, “*Pestschriften, V,*” 362.

em um tratado irlandês sob o breve comentário: “e isso [a pestilência] vem da guerra dos corpos celestes um com o outro”.<sup>141</sup>

A explicação astrológica das causas da pestilência ganhou tamanho destaque com a chegada da Peste à Europa que se transformou em um poema por Simon de Covino<sup>142</sup>, um astrônomo belga, em 1350, intitulado *De iudicio solis in conviviis saturni*. No poema, uma reunião de divindades discute a ideia de Saturno destruir a humanidade. A proposta, apesar da oposição de Júpiter, é aprovada, com o Sol dando seu veredicto a favor da conjunção astral, com consequências terríveis.<sup>143</sup>

A terceira explicação da etiologia da Peste era feita pela causa próxima ou particular, que estaria relacionada a fatores terrestres. Esses eram diversos: o primeiro seria os fortes ventos quentes e úmidos vindos de diversas partes do planeta, que dariam uma condição propícia à pestilência, a qual se favoreceria da umidade e do calor, causadores da putrefação.<sup>144</sup> Essa ideia será retomada no segundo capítulo. Esses mesmos ventos também poderiam transportar vapores pestilenciais e pútridos de outros reinos, trazendo a doença.<sup>145</sup> Outro fator seria a decomposição a céu aberto de corpos após uma batalha, elevando a putrefação ao ar.<sup>146</sup> Ou os vapores pútridos que se elevavam de lugares com água suja parada, como esgotos.<sup>147</sup> O cheiro fétido estava diretamente associado à doença, sendo entendido como um indicativo de ar pestilencial.<sup>148</sup> Outra causa comumente citada era a elevação de vapores úmidos de dentro da terra, após um terremoto, por exemplo.<sup>149</sup> Por fim, as estações do ano que se apresentavam com

---

<sup>141</sup> Wulff, 149.

<sup>142</sup> As datas de nascimento e morte não foram localizadas.

<sup>143</sup> O poema é encontrado, por exemplo, no manuscrito BNF Latin 8369, fls. 1r-34r. Vide, também, Morpurgo, “La Peste,” 43-44.

<sup>144</sup> Duran-Reynals & Winslow, 66; Sudhoff, “Pestschriften, V,” 361-362.

<sup>145</sup> Duran-Reynals & Winslow, 66; Sudhoff, “Pestschriften, V,” 361-362.

<sup>146</sup> Duran-Reynals & Winslow, 66; Sudhoff, “Pestschriften, V,” 361-362.

<sup>147</sup> Sudhoff, “Pestschriften, V,” 361-362; Wulff, 148-149.

<sup>148</sup> Sudhoff, “Pestschriften, XII,” 126.

<sup>149</sup> Michon, 56. Horrox, 178.

características diferentes das esperadas, como um inverno quente, um verão frio ou chuvas e neblinas em excesso, também poderiam gerar um ar corrompido - amplamente caracterizado pela umidade - e, conseqüentemente, pestilências.<sup>150</sup> O conhecimento sobre as “estações perversas”, como eram conhecidas, geralmente baseava-se em Ptolomeu (c. 100 - c. 170) e Hipócrates.<sup>151</sup> Quaisquer que fossem as causas sublunares identificadas nos tratados médicos, o resultado era o mesmo: o ar corrompido ou pútrido, pestilencial.<sup>152</sup>

Esse ar pútrido foi constantemente considerado pelos médicos medievais como uma matéria venenosa que, ao entrar no corpo, fosse pela respiração<sup>153</sup> ou pelos poros da pele<sup>154</sup>, atingia o pulmão, o coração e o cérebro.<sup>155</sup> Essa explicação é apresentada, por exemplo, por Gentile da Foligno, segundo o qual a pestilência era uma “putrefação venenosa em relação às partes do coração e do pulmão”<sup>156</sup>. Também é chamada de “umidade ventosa e venenosa” em um tratado escrito por um médico de Montpellier em 1349. Ainda segundo esse tratado, essa matéria de natureza venenosa ascenderia ao cérebro ou ao pulmão pelas veias, instalando-se nos canais pulmonares. Uma vez lá, os pulmões parariam de funcionar, deixando de resfriar o coração, que se aqueceria, formando uma febre pestilencial.<sup>157</sup>

Nesse sentido, a doença passa a ser comparada ou equivalida a venenos, inclusive de animais peçonhentos, enquanto antídotos tornam-se úteis para combatê-la. É o caso, por exemplo, de uma receita encontrada em um manuscrito escocês do século XV. A receita teria poder “contra a Peste, contra veneno bebido e contra uma picada de animal

---

<sup>150</sup> Michon, 55.

<sup>151</sup> Wulff, 149; Sudhoff, “Pestschriften, X,” 119.

<sup>152</sup> Duran-Reynals & Winslow, 67.

<sup>153</sup> Michon, 54.

<sup>154</sup> Michon, 73.

<sup>155</sup> Ibid., 54.

<sup>156</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 333.

<sup>157</sup> Michon, 74-75.

venenoso”<sup>158</sup>. Como se pode notar, há uma equivalência entre os três, mostrando que a Peste também é vista como uma matéria venenosa. Voltaremos a isso em outros trechos desta tese.

### *Regime de prevenção*

O regime de prevenção proposto nos tratados médicos sobre a Peste Bubônica, isto é, as práticas que deveriam ser adotadas a fim de se evitar o contágio da doença em meio à epidemia, foi amplamente baseado nos seis não-naturais de Galeno (*sex res non naturales*). Esses eram os seis fatores básicos que “mudavam o corpo e a saúde”<sup>159</sup>, ou seja, uma vez seguidos corretamente e balanceados, manteriam a pessoa saudável, evitando uma enfermidade. Se recorrermos aos próprios tratados médicos, encontraremos explicações como a exposta a seguir, do final do século XIV: “Note que existem seis [coisas] nas quais é conservada a saúde e é dito coisas não naturais, porque empreendidas sem moderação, atrapalham a natureza, porém, empreendidas de forma moderada, sustentam a natureza”.<sup>160</sup>

Nesse sentido, os seis não-naturais eram o ar do ambiente; a comida e bebida; o exercício e descanso; o sono e vigília; a retenção e evacuação de fluidos; e as emoções (perturbações da mente).<sup>161</sup>

A fonte para o conhecimento sobre os seis não-naturais parece ter sido, principalmente, o *Tegni* galênico ou o *Isagoge* de Johannitius, amplamente difundidos a

---

<sup>158</sup> Universidade de Edinburgo, MS 175, fls. 184v-185r: “*Ualet contra pestem contra uenenum bibitum (...) contra morsum uenenosum*”.

<sup>159</sup> Galeno, *Ars medica*, 506.

<sup>160</sup> “*Nota quod sex sunt, in quibus conservatur sanitas et dicuntur res non naturales, quia immoderate sumptae perturbant naturam, modeste autem sumptae naturam sustentant*”, Sudhoff, “*Pestschriften, IX*,” 71-72.

<sup>161</sup> Galeno, *Ars medica*, 506.

partir do século XIII por meio dos *Articella*, conforme mencionado anteriormente.<sup>162</sup> É em seu *Ars medica* ou *Tegni* que Galeno apresenta uma explicação mais completa sobre cada elemento não-natural que alteraria a saúde, que são os seis supracitados. Podemos citar, ainda, o tratado *De pulsibus ad tirones*, em que Galeno distingue entre as “causas naturais”, “preternaturais” e “não-naturais”, afirmando que esta última englobaria exercícios, banhos e quantidades de alimentos.<sup>163</sup> Geralmente, a referência direta a Galeno nessa parte dos textos médicos era omitida, tornando-o uma fonte implícita.

Devemos ressaltar, igualmente, que outra fonte implícita em muitos momentos poderia ser o *corpus* hipocrático. O conhecimento proveniente dos tratados hipocráticos propunha o uso de flebotomia, medicamentos, algumas pequenas operações cirúrgicas e uma grande parte na manipulação da dieta para tratar as doenças, reequilibrar os humores e recuperar a saúde.<sup>164</sup> Veremos que a dieta, a flebotomia e os medicamentos têm um papel fundamental no combate à Peste Bubônica, tornando os saberes hipocráticos muito importantes aos médicos do final da Idade Média.

Com relação à qualidade do ar, os tratados sobre a Peste contêm a informação de que era necessário se manter afastado de doentes ou de regiões fétidas, uma vez que o contágio era feito por vias aéreas.<sup>165</sup> Não por acaso, uma das recorrentes recomendações para aqueles que lidassem com os doentes era de que o paciente fosse posicionado acima da cabeça dos presentes e que saísse com frequência de seu quarto para andar ao ar livre.<sup>166</sup> No entanto, também era necessário ter cuidado do lado de fora. Isso incluía evitar perambular pelas ruas<sup>167</sup> e onde houvesse multidões.<sup>168</sup> Gentile da Foligno recomendava,

---

<sup>162</sup> Arrizabalaga, 273.

<sup>163</sup> Galeno, *Opera Omnia*, 8: 462-473; Pioreschi, 598-599.

<sup>164</sup> Siraisi, 1-2.

<sup>165</sup> Isso é exposto, por exemplo, no tratado do médico Cardone de Mediolano, escrito por volta de 1378. Vide Sudhoff, “Pestschriften, V,” 318-319.

<sup>166</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 334-335.

<sup>167</sup> Sudhoff, “Pestschriften, VII,” 175.

<sup>168</sup> Sudhoff, “Pestschriften, XII,” 126.

inclusive, que fogueiras fossem feitas pelas vias para remover o cheiro pútrido das cidades e das casas.<sup>169</sup> Além disso, as pessoas deveriam portar em mãos qualquer coisa odorífera para colocar junto ao nariz e corrigir o ar pestilencial fétido da região; ou, ainda, lavar as mãos com água e vinagre sempre que possível.<sup>170</sup> Alguns médicos também recomendavam fugir para regiões longínquas<sup>171</sup> ou montanhosas, onde o ar era melhor<sup>172</sup>. Tudo isso apontava para uma regra geral, a de se buscar ar puro, limpo<sup>173</sup> e fresco<sup>174</sup>.

Dentro das casas, recomendava-se, principalmente, a limpeza.<sup>175</sup> Também era sugerido deixar abertas as janelas que recebessem os ventos setentrionais (do norte) e fechadas as que recebessem os ventos meridionais (do sul). Os primeiros retirariam os ares pestilenciais pútridos trazidos pelos segundos.<sup>176</sup> Também era recomendado escolher um quarto que não fosse “reumático” (úmido)<sup>177</sup> para dormir<sup>178</sup> e purificá-lo com a queima de certas madeiras, como *juniperus*, ou com sufumigações de ervas específicas, como alecrim e sândalo, cujos bons aromas – opostos ao cheiro fétido<sup>179</sup> - expulsariam o ar pestilencial e confortariam o coração.<sup>180</sup> Indicava-se, também, borrifar vinagre e água de rosas pelos cômodos.<sup>181</sup>

Quanto à alimentação, a recomendação principal era de se evitar o jejum e a sede<sup>182</sup>, mas comer em moderação.<sup>183</sup> As pessoas deveriam optar por bons alimentos, de

---

<sup>169</sup> Gentile da Foligno, a4r, apud Arrizabalaga, 275.

<sup>170</sup> Sudhoff, “Pestschriften, VII,” 175-176.

<sup>171</sup> Sudhoff, “Pestschriften, XII,” 126.

<sup>172</sup> Duran-Reynals & Winslow, 76.

<sup>173</sup> Wulff, 149.

<sup>174</sup> Duran-Reynals & Winslow, 76.

<sup>175</sup> Sudhoff, “Pestschriften, XII,” 126.

<sup>176</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 371.

<sup>177</sup> Sudhoff, “Pestschriften, VII,” 175; Sudhoff, “Pestschriften, XII,” 126.

<sup>178</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 386.

<sup>179</sup> Os opostos “cheiro pútrido – pestilência” e “cheiros agradáveis – ar limpo, sem doença” explicam a utilização de tantos materiais odoríferos, tal como âmbar, madeiras e ervas para o combate à Peste, principalmente por meio da correção do ar. Sobre esse assunto, vide, por exemplo, Arrizabalaga, 285.

<sup>180</sup> Maino de Maineri, 22; Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 338; Sudhoff, “Pestschriften, V,” 318.

<sup>181</sup> Duran-Reynals & Winslow, 76; Sudhoff, “Pestschriften, VII,” 175; Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 334 - 335.

<sup>182</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 353 e 380.

<sup>183</sup> Sudhoff, “Pestschriften, VII,” 176; Sudhoff, “Pestschriften, V,” 321.

fácil digestão e, principalmente, frios e secos.<sup>184</sup> Nesse sentido, carnes e frutas precisariam ser evitados por serem úmidos ou indigestos.<sup>185</sup> Pães deveriam ser bem fermentados e ‘cozidos’.<sup>186</sup> Vinhos fortes deveriam ser substituídos pelos mais aquosos e pelos brancos.<sup>187</sup> Era necessário que a água bebida fosse limpa (fervida), clara e fria.<sup>188</sup> Por fim, grande parte dos tratados indicava colocar vinagre nos alimentos<sup>189</sup> e ingerir sucos cítricos, que combateriam a corrupção.<sup>190</sup>

Sobre as evacuações, é dito que seria necessário o corpo expelir os excessos de umidade,<sup>191</sup> que contribuiria com a doença por ser a “mãe da putrefação”<sup>192</sup>. Isso poderia ocorrer por meio de flebotomia, feita em algumas veias específicas do corpo ligadas aos órgãos principais, com o intuito de remover a matéria venenosa junto ao sangue<sup>193</sup>; por meio de sanguessugas, com o mesmo propósito<sup>194</sup>; ou por meio do uso de laxativos e outros remédios que ajudassem a eliminar o excesso de humor nocivo, prescritos pelos médicos.<sup>195</sup> Alguns tratados chegaram a ressaltar que as pessoas com uma compleição oposta à da Peste, considerada quente e úmida, portanto corpos com humor seco e frio, lidariam melhor com a doença. Destacam, portanto, os melancólicos.<sup>196</sup>

Os exercícios, por sua vez, deveriam ser feitos em moderação, em locais limpos<sup>197</sup> e, de preferência, antes das refeições para não interferir com a digestão.<sup>198</sup> Aqui são

---

<sup>184</sup> Sudhoff, “Pestschriften, V,” 319; Maino de Maineri, 23.

<sup>185</sup> Maino de Maineri, 22.

<sup>186</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 338 e 358.

<sup>187</sup> Duran-Reynals & Winslow, 76-77.

<sup>188</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 338.

<sup>189</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 353; Sudhoff, “Pestschriften, V,” 321; Sudhoff, “Pestschriften, VII,” 175; Maino de Maineri, 25.

<sup>190</sup> Sudhoff, “Pestschriften, XII,” 129.

<sup>191</sup> Wulff, 149.

<sup>192</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IX,” 74.

<sup>193</sup> Sudhoff, “Pestschriften, X,” 160.

<sup>194</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 359.

<sup>195</sup> Sudhoff, “Pestschriften, X,” 125.

<sup>196</sup> Destacamos que, aqui, a teoria das compleições e a teoria dos quatro humores estão sendo utilizadas indistintamente. Wulff, 149.

<sup>197</sup> Sudhoff, “Pestschriften, VII,” 176.

<sup>198</sup> Sudhoff, “Pestschriften, V,” 322.

incluídos os banhos e a atividade sexual, que também deveriam ser evitados, por debilitarem o corpo.<sup>199</sup> Sobre o sono e a vigília, é recomendado que não se durma em excesso após refeições ou de dia,<sup>200</sup> além de evitar dormir em lugares úmidos ou “reumáticos”.<sup>201</sup> Por fim, sobre as emoções, abordadas em muitos tratados médicos, é dito que se deveria evitar forte ira, tristeza, angústia, melancolia e medo, sendo mais proveitoso escolher a alegria moderada,<sup>202</sup> ouvindo cantigas, histórias e músicas.<sup>203</sup> A autoridade muitas vezes citada para esse conhecimento é Avicena, o qual teria afirmado que os acidentes da alma (*accidentia animae*) mudariam a disposição do corpo.<sup>204</sup>

Apresentados os seis não-naturais, os médicos poderiam passar aos remédios de prevenção. Além da já mencionada flebotomia, muitas vezes tratada como um remédio simples, e da própria alimentação proposta para os tempos de epidemia, que também era, em um sentido mais amplo, considerada uma forma de remédio, havia ainda outros medicamentos, simples ou compostos, que poderiam ser receitados para se manter a saúde. Em geral, esse material preventivo afastaria o veneno da pestilência, bloqueando ou eliminando sua ação de putrefação dentro do corpo. No caso dos remédios simples, temos, como exemplo, o bolus armênio<sup>205</sup>, a *terra sigillata*<sup>206</sup>, ervas e fungos.<sup>207</sup> Os remédios compostos, por sua vez, eram formados por diversos ‘ingredientes’ vindos dos

---

<sup>199</sup> Sudhoff, “Pestschriften, VII,” 176.

<sup>200</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 356; Sudhoff, “Pestschriften, V,” 322; Sudhoff, “Pestschriften, VII,” 176; Maino de Maineri, 26.

<sup>201</sup> Maino de Maineri, 26.

<sup>202</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 339 e 356; Sudhoff, “Pestschriften, V,” 365.

<sup>203</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 390.

<sup>204</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IX,” 72.

<sup>205</sup> O bolus armênio (*bolus armenicus*) era uma argila natural – geralmente vermelha e encontrada na região da Armênia. Era utilizada para fins medicinais desde a Antiguidade. Vide Mowat, ed., *Sinonoma Bartholomei*, 24; Hosseinkhani et al., “Armenian bole,” 98-100.

<sup>206</sup> As *terrae sigillatae* eram argilas de certas fontes que se acreditava possuírem qualidades medicinais. Seu uso pode ser rastreado desde a Antiguidade, época em que algumas delas já eram comercializadas na forma de trociscos ou pastilhas estampadas com um selo de autenticação, prática esta que deu à mercadoria seu nome comum - *terra sigillata* ou ‘terra selada’. Sobre esse assunto, vide Macgregor, “Medicinal terra sigillata,” 113-136.

<sup>207</sup> Michon, 60-61.

três reinos na natureza, como as triacas<sup>208</sup>. Os médicos medievais tinham uma longa tradição literária de matéria médica e farmácia e oral para recorrerem quando necessário, começando pelas obras de Galeno e Dioscórides (século I d.C.), passando pelos ensinamentos dos primeiros botânicos monásticos medievais, chegando às traduções latinas dos compêndios farmacêuticos greco-árabes e ainda incorporando os conhecimentos populares de cada povo, fossem os saxões, os celtas, os teutões etc.<sup>209</sup> Acerca desse assunto, Jon Arrizabalaga afirma que praticamente todas os remédios mencionados nos tratados, simples e compostos, foram retirados de autoridades, principalmente de Galeno, al-Rāzī, Avenzoar (1094 – 1162), Averrois e Avicena.<sup>210</sup>

Havia diferentes formas de os remédios serem usados. A primeira era por via oral, ingeridos sozinhos, como uma poção, ou acompanhados de outra bebida, como vinho. Um exemplo imagético da prescrição de um medicamento tomado via oral está no manuscrito Harley 3140, já abordado anteriormente. Uma das iniciais historiadas, a letra Q, mostra um médico com vestes de professor universitário (longa túnica e chapéu), acompanhado de um aluno ou assistente, administrando a um paciente acamado um remédio em uma espécie de colher, enquanto segura um recipiente em formato de cuba (Figura 4). Ambos, a colher e o recipiente, poderiam indicar que o remédio receitado seria líquido ou pastoso. A inicial historiada faz parte do tratado *De regimine acutorum*, de Hipócrates, no qual se discutem as virtudes do hidromel, do oxymel, do vinho e da água de cevada (*ptisan*), o que reforçaria a ideia de ser um remédio líquido.

---

<sup>208</sup> Na literatura da Peste, as triacas podiam ser prescritas como um remédio preventivo ou curativo. Como preventivo, sua ação reforçaria o regime proposto, fortaleceria o corpo e aumentaria sua resistência contra a doença. Com ação terapêutica, aliviaria o sofrimento das pessoas afetadas pela doença. Vide Fabbri, “Treating Medieval Plague,” 247-283.

<sup>209</sup> Ibid., 249.

<sup>210</sup> Arrizabalaga, 281.

O *Compendium* parisiense nos apresenta um exemplo de um remédio líquido utilizado contra a Peste:

Acerca de outros remédios preservativos, como se aplicam somente no gênero dos medicamentos, uns são simples, outros compostos. Tratemos primeiramente dos que são simples e, antes de tudo, acerca do lanço [bolus] ou do lodo/lírio-dos-tintureiros armênio [lutus]. Pois, pelo experimento, temos o que admiravelmente combate epidemias; de fato, muitos são curados de grande pestilência por causa do costume de bebê-lo com vinho sutil: não se conhece ninguém que fez uso disso assiduamente que não fosse libertado da epidemia, com auxílio de Deus e seu poder; e se bebesse na atual febre pestilencial com água açucarada, tisana e vinagre/mel virgem, ou com vinho sutil e água de rosas fornecida pela manhã a fim de conduzir isso ao coração.<sup>211</sup>



Figura 2 - Manuscrito Harley 3140, fl. 39, Detalhe de inicial historiada Q.<sup>212</sup>

<sup>211</sup> Michon, 61-62.

<sup>212</sup> Imagem retirada de *British Library Catalogue of Illuminated Manuscripts*: <https://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=4141&CollID=8&NStart=3140>.

Esse *Compendium* também dá grande destaque ao vinagre entre os medicamentos de prevenção que, apesar de fazer mal ao estômago quando ingerido, era muito útil contra a pestilência. Sobre ele, é dito: “Em toda alimentação em tempo de epidemia, o vinagre é empregado, não apenas por meio da comida, mas também por meio de remédios, pois, em ambos, resiste à putrefação e à corrupção pela propriedade dele”.<sup>213</sup> Quando afetasse o estômago, o paciente poderia ingerir canela para corrigir seu malefício.<sup>214</sup>

Os materiais curativos também poderiam ser usados pela inalação, quando o remédio, geralmente em forma de uma pastilha, era queimado para sufumigação; ou, em uma última possibilidade, pelo uso externo. Nesse caso, os medicamentos deveriam ser aplicados *in loco*, como uma pomada ou um emplastro<sup>215</sup>. Discutiremos no terceiro capítulo, ainda, o uso amulético em sua relação com os remédios.

### *Regime de cura*

Além de um regime de prevenção, muitos tratados médicos continham ainda um regime de cura, isto é, as práticas e medicamentos que deveriam ser adotados para tratar o doente com a Peste. A necessidade dessa última parte é explicada em um tratado escrito pelo arqui-diácono da Glogóvia, atual território da Polônia, no final do século XIV. Nesse, informa-se que haveria diferenças entre preservação (*preservationem*), conservação (*conservationem*), cura (*curationem*) e correção (*correctionem*).<sup>216</sup> A preservação e a conservação, conforme exposto anteriormente, seriam o cuidado, geralmente realizado pelos médicos, antes de o homem cair na doença, o que envolveria conhecer e manter a

---

<sup>213</sup> “*In omni igitur comestione tempore epidemiali aceto est utendum, nec solum via cibi, verum etiam via medicinae; utraque enim qualitate hujus putrefactioni et corruptioni resistit*”, in Michon, 60.

<sup>214</sup> *Ibid.*

<sup>215</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IX,” 54.

<sup>216</sup> *Ibid.*, 70.

compleição do paciente, evitando-se a corrupção. A cura e a correção, por sua vez, estavam ligadas à condição presente de doença e ao tratamento dado pelo médico,<sup>217</sup> o que será abordado a partir daqui.

Conforme identificado pelos cronistas e pelos médicos do século XIV, uma vez contraída a Peste, ou seja, uma vez que os vapores pútridos entrassem no corpo, os principais sintomas apresentados pelo doente eram os abscessos, a febre pestilencial e a expectoração de sangue. Os bulbos eram entendidos como um acúmulo da matéria venenosa em concavidades do corpo, propelida aos três órgãos principais, *i.e.* o coração, o fígado e o cérebro.<sup>218</sup> Dessa forma, os tratamentos propostos nos tratados buscavam combater a ação dessa corrupção no corpo, geralmente utilizando-se de flebotomia, sudorese, vômito e remédios. A flebotomia era realizada em determinadas veias do corpo que tivessem ligação com o órgão afetado pela matéria venenosa. O sangue, como transportador da doença, deveria ser evacuado com sua parte corrompida para que o veneno não avançasse e para que os ‘humores ruins’ não se acumulassem. Por exemplo, no tratado de João da Borgonha, de 1365, é dito que:

Se, em particular, [o veneno] aparecer no emunctório do cérebro, seja feita flebotomia no braço da mesma parte da [veia] cefálica (...). Então, o sangue assim extraído e o membro principal limpo por esse modo, sejam fortificados os membros principais por meio de electuários frios (...).<sup>219</sup>

Para aqueles pacientes nos quais não fosse possível fazer flebotomia, a recomendação era ingerir um medicamento e deitar-se completamente coberto, de forma a suar o máximo possível. Junto ao suor, sairia a matéria venenosa. Esta também poderia ser eliminada pelo vômito ou pela urina, quando necessário.<sup>220</sup>

---

<sup>217</sup> Ibid., 70-71.

<sup>218</sup> Sudhoff, “Pestschriften, X,” 120.

<sup>219</sup> Sudhoff, “Pestschriften, III,” 65.

<sup>220</sup> Sudhoff, “Pestschriften, X,” 161.

Todos esses tratamentos eram acompanhados de remédios, como os electuários frios citados por João da Borgonha. Os medicamentos de cura, assim como os de prevenção, poderiam ser simples ou compostos. Entre os simples, estava a ingestão de vinagre, puro ou misturado com água fria.<sup>221</sup> Os compostos, por sua vez, como já mencionado anteriormente, eram formados por diversos componentes vindos do reino vegetal, mineral ou animal. Em geral, eram selecionados ingredientes frios e secos, fazendo oposição ao vapor pestilencial quente e úmido. Muitos remédios eram considerados como antídotos e triacas, o que se justifica pela associação da Peste com um veneno.

Por vezes, é difícil identificar se um medicamento está sendo indicado para prevenção ou cura, não apenas os ingredientes e receitas são bastante similares, mas os usos e funções se confundem. Por exemplo, quando um medicamento é indicado para corrigir os vapores pestilenciais, muitas vezes não fica claro se seriam os do ambiente, a fim de se evitar o contágio; se seriam os vapores que entraram no corpo, mas que podem ser bloqueados antes de afetarem o organismo; ou se seriam os vapores no corpo já doente, tratando-se, então, da busca de uma cura.

Os remédios de prevenção e cura da Peste foram classificados por J. Arrizabalaga em três grupos: aqueles que seriam destinados a limpar os corpos dos excessos de fluidos, com função purgativa; os “cordiais”, que deveriam fortificar o coração, como o nome sugere, mas também o cérebro e o fígado; e os antídotos, que combateriam ou contrabalanceariam o veneno pestilencial.<sup>222</sup> Ao longo de nossas pesquisas, identificamos que os três tipos de medicamentos, e principalmente os cordiais e os antídotos, poderiam conter pedras preciosas em seus componentes ou estar associados a elas de alguma forma.

---

<sup>221</sup> Ibid.

<sup>222</sup> Arrizabalaga, 281.

Tendo apresentado o *corpus* documental no período, podemos, finalmente, situar as gemas dentro dessa literatura.

### 1.2.3 As pedras preciosas nos tratados médicos da Peste

A frequência com que as pedras preciosas aparecem nos regimes de prevenção e cura mostra que seu emprego era de grande importância para a medicina dos *magistri moderni*, compondo os conhecimentos teóricos e práticos utilizados para atender à emergência da epidemia. Assim sendo, devemos estudá-las como um compósito documental consistente e significativo, que ilumina o caminho para o historiador da ciência compreender mais profundamente sobre a magia, a ciência e a polissemia religiosa no fim do medievo.

Com o estudo dos tratados sobre a Peste, identificamos que havia duas formas de as pedras serem mencionadas no conteúdo desses estudos médicos: a primeira, mais comum, era como componentes dentro de receitas, ao lado de outros ingredientes que também formavam o medicamento proposto. Como exemplo, vemos a esmeralda (*smaragdus*) sendo citada em uma receita para uma espécie de pílula no *Compendium parisiense*:

Descrição de trociscos que retificam o ar, se lançados no fogo:  $\mathbb{R}$ : *bdellii clari, seminis nasturcii, al. (Albi) storacis, croci bisantini, azari, thuris, ligni aloes indi, ana ʒ iij, camphurae ʒ S., lapid. (smaragdi lapidi) ʒ S.*, seja triturado com água de rosas, sejam preparados e feitos trociscos junto a uma quantidade de avelã (...).<sup>223</sup>

---

<sup>223</sup> Michon, 66. Todas as traduções a partir do latim e do inglês nesta tese foram feitas por nós. Optamos por seguir a linha de M. L. Duran-Reynals e C.-E. A. Winslow, em seu trabalho de tradução do *Regiment de preservacio a epidimia o Pestilencia e Mortaldats* de Jacme d'Agramont, e manter as receitas mencionadas aqui em latim, da mesma forma como foram escritas nos tratados, traduzindo apenas o essencial para sua compreensão e explicando posteriormente cada pedra presente nelas. Sobre isso, vide: Duran-Reynals & Winslow, 747-765.

A segunda forma era em comentários, fora das receitas, sobre os poderes mágico-médicos das gemas que deveriam ser utilizadas. Do mesmo modo, temos um exemplo disso no *Compendium* da Universidade de Paris, quando se afirma que: “O *smaragdus* [a esmeralda] também é um medicamento notório contra todos os venenos”<sup>224</sup>. Ambas as formas de menção às pedras serão importantes para as análises dos próximos capítulos, muitas vezes por complementarem uma à outra, proporcionando um panorama mais completo sobre a lógica de seu uso.

Podemos analisar a presença das gemas nos tratados sob duas lentes. A primeira traz um enfoque maior e limita-se ao uso das pedras apenas contra a Peste Bubônica, quase como um estudo de caso. A segunda, mais abrangente, aborda o uso das pedras na medicina medieval tardia como um todo. Veremos, a seguir, como a bibliografia contemporânea aludiu a cada uma dessas linhas de análise.

Apesar de aparecer com certa frequência, o uso de gemas contra a Peste Bubônica foi raramente abordado em trabalhos acadêmicos, sendo considerado, muitas vezes, de pouca importância ou de grande aleatoriedade. Começando no século XIX, o médico francês Louis-Alexis Joseph Michon (1836-1904), pelo viés de pensamento cientificista ou bastante anacrônico, comentou brevemente sobre os remédios sugeridos em dois tratados da Peste, o *Compendium* parisiense e o tratado anônimo de Montpellier, afirmando que:

Nós consideramos que dificilmente seja necessário fazer uma análise muito longa dos remédios empregados para combater a peste, não que, mais instruídos hoje, desprezemos a ignorância de nossos pais, mas porque, reconhecendo nossa impotência assim como a deles, não temos nada para culpá-los e nada para aprender com eles. É bom notar, no entanto, que o tratamento é totalmente empírico. Estas são, grosso modo, as receitas de Galeno ou Plínio, ratificadas por Avicena e Averrois. Teriaca, aloe e vinagre são os principais agentes de uma terapia em que reina a ametista e a esmeralda. O uso de todos esses medicamentos é baseado em experiência questionável e em credulidade incontestável. A doutrina de Galeno, alterada pelos árabes, é

---

<sup>224</sup> “*Smaragdus est etiam insignis medicina contra omne venenum*”, in Michon, 62.

imposta a todas as mentes e, neste século, onde a civilização moderna está apenas começando a nascer a partir da Idade Média, a medicina ainda não sente nenhuma aspiração por novas ideias.<sup>225</sup>

Nota-se aqui a menção a duas pedras “reinas”, a ametista e a esmeralda. Ainda que a esmeralda seja, de fato, amplamente citada nos tratados médicos, como veremos nos próximos capítulos, a ametista não é mencionada. Isso parece demonstrar que Michon não se preocupou, de fato, em identificar o uso das gemas nas receitas e que, portanto, qualquer pedra se enquadraria nos “pseudos” tratamentos propostos. O autor ignora que havia uma lógica muito bem construída por trás das ideias de proteção e cura da pestilência, o que envolvia, também, as gemas e suas propriedades mágico-médicas. Além disso, Michon desconsidera o papel dos *magistri moderni* na medicina da Peste e as novas ideias trazidas por esse grupo diante do desafio que se apresentou. Felizmente, esse pensamento foi sendo superado nos trabalhos em história da ciência ao longo do século XX.

Os últimos vinte e cinco anos viram o florescimento de estudos sobre as respostas médicas à Peste Bubônica, muitos dos quais esbarraram no uso das pedras preciosas. É o caso, por exemplo, de um trabalho realizado por Chiara Crisciani e Michela Pereira sobre o uso de remédios baseados na destilação de ouro e no conhecimento alquímico contra a pestilência. Durante sua análise, as autoras reconhecem a existência de receitas de médicos “modernos” para o tratamento da Peste em estágio avançado usando compostos de ingredientes preciosos, nos quais estão incluídas as gemas. No entanto, o uso de ouro destilado alquímico é o ponto principal do artigo e, portanto, nada é dito sobre as pedras.<sup>226</sup>

---

<sup>225</sup> Michon, 33.

<sup>226</sup> Crisciani & Pereira, “Black Death and Golden Remedies,” 7-39.

Outro exemplo que se pode apresentar é um estudo de Christiane Nockels Fabbri sobre o uso de triacas na medicina da Peste, do século XIV ao século XVI. Como relatado anteriormente, triacas eram compostos de alta complexidade e foram consideradas um antídoto universal ou uma panaceia desde a Antiguidade. A autora não se dedica a estudar o papel das pedras nas triacas da Peste, mas menciona *en passant* que aquelas poderiam estar contidas na composição.<sup>227</sup>

Um pouco mais distante de nosso tema está o estudo de Karel Černý sobre “amuletos mágicos” e “amuletos naturais”<sup>228</sup> em tratados modernos sobre as pestes. Nesse artigo, Černý se concentra na controvérsia que havia sobre amuletos na tradição acadêmica do século XV ao XVIII e em como eles eram entendidos na filosofia natural moderna. Embora Černý use a palavra "peste" no sentido mais amplo, de qualquer doença infecciosa e mortal, menciona o médico Johannes Baptista van Helmont (1580 —1644), que teria sugerido pedras preciosas para curar a pestilência, referindo-se à safira, ao jacinto e ao âmbar. Contudo, essa ideia não é desenvolvida por Černý para além desse comentário.<sup>229</sup>

Quem mais se aproximou ao estudo das pedras preciosas utilizadas contra a Peste Bubônica foi Nicolas Weill-Parot. O estudioso dedicou-se, principalmente, a analisar selos astrológicos ligados à Peste e à medicina do século XIV, comentando mais brevemente sobre o papel das gemas. Em seu trabalho, relata que haveria duas formas de uso para as pedras preciosas, um “*ab intra*” (interno) e outro “*ab extra*” (externo). No uso *ab intra*, geralmente relacionado aos medicamentos, as pedras agiriam por sua propriedade ou substância total, a qual seria responsável pelo efeito produzido no corpo. Isso significa que não haveria rituais mágicos ou encantos ligados ao uso da gema, mas

---

<sup>227</sup> Fabbri, 247-283.

<sup>228</sup> Estas denominações são dadas pelo autor. Černý, “Magical and Natural Amulets,” 81-101.

<sup>229</sup> Ibid.

apenas um “elemento oculto”<sup>230</sup>. O uso, portanto, não seria mágico. Porém, quando utilizadas externamente, as pedras passariam seu poder por meio da proximidade ao corpo e, portanto, esse poderia ser classificado como um fenômeno maravilhoso. Essa última seria uma forma amulética e mágica de uso das gemas.<sup>231</sup> Apesar de Weill-Parot considerar o uso mágico-amulético também como curativo em sua função contra a pestilência, não considerou o uso das pedras preciosas em remédios como mágico, nem viu relação entre esse uso e o amulético, fazendo a distinção entre os dois.

Na mesma linha de Weill-Parot, mas sob a lente do uso das pedras na medicina medieval como um todo, vemos John M. Riddle, estudioso da história da medicina. Em um estudo publicado em 1970, Riddle também reconhece que as pedras foram utilizadas como amuletos e como remédios internos e tópicos e até mesmo sugere que a magia, a superstição e a ‘farmacologia’ estariam entrelaçadas na Idade Média. Contudo, apesar de reconhecer que a divisão entre virtudes mágicas - que ele chama de “sobrenaturais” ou “simbólicas” - e médicas seria uma noção moderna, o autor a mantém em suas análises.<sup>232</sup>

Como será demonstrado no segundo capítulo, também identificamos o uso interno e externo das pedras preciosas nos tratados médicos sobre a Peste e até mesmo utilizamos essa mesma divisão. Contudo, em contraponto a Weill-Parot e a Riddle, acreditamos que os dois usos, médico e amulético, ou curativo e simbólico, se confundam o tempo todo, constituindo, por fim, propriedades mágico-médicas ou medicinais-amuléticas. Essas propriedades estariam presentes tanto nos medicamentos quanto nos amuletos constituídos por gemas, se considerarmos que a magia, a medicina e o simbolismo religioso estariam intrinsecamente ligados nesse período. Essa é, portanto, a forma como abordamos as pedras preciosas em nossas análises nesta tese.

---

<sup>230</sup> Weill-Parot, *Les “Les images astrologiques”*, 558.

<sup>231</sup> *Ibid.*, 556 – 560; Weill-Parot, “La Rationalité Médicale,” 81-85.

<sup>232</sup> Riddle, “Lithotherapy,” 39-50.

Essa perspectiva também é defendida por George Frederick Kunz, mineralogista que se dedicou, no começo do século XX, ao estudo histórico das gemas. Sob a lente mais abrangente, das pedras na medicina medieval como um todo, o estudioso argumenta que muitas vezes foi feita uma distinção entre as qualidades talismânicas das pedras, para a prevenção e cura de doenças, e o emprego medicinal por suas substâncias. No primeiro caso, o efeito era obtido simplesmente por proximidade com a pessoa, enquanto no último caso eram reduzidas a um pó, dissolvido em um líquido e tomado para efeito interno. Aqui, Kunz percebe que o fim a ser alcançado é o mesmo no uso externo ou interno e, portanto, considera mais lógico tratar de ambos juntamente, unindo o uso amulético ao uso médico.<sup>233</sup>

Contudo, vale ressaltar que Kunz mantém um olhar anacrônico sobre o assunto, principalmente ao analisar o papel das pedras nas receitas médicas. Nesse sentido, atribui uma certa aleatoriedade ao uso das gemas em remédios medievais e ignora o valor das propriedades mágico-médicas na medicina do período. Argumenta que “(...) muitos dos eletuários mais recomendados continham todos os tipos de pedras, como se o efeito a ser produzido não dependesse das qualidades de uma única pedra, ou classe de pedras, mas sim da quantidade usada”<sup>234</sup>. Kunz ainda atribui juízo de valor aos remédios com gemas, focando em uma crítica às suas eficácias e não na lógica de seu uso:

A crença nas propriedades curativas das pedras preciosas já foi universal entre todos aqueles a quem as gemas eram conhecidas. Quando lemos hoje sobre os vários males que deveriam ser curados com o uso dessas joias, achamos difícil entender que processo de pensamento poderia ter sugerido a ideia de empregar tais remédios ineficazes. (...) Na verdade, parece que uma boa dose de tal mistura deveria ter fornecido a cura para "todos os males (...)", pelo meio simples e eficaz de remover o infeliz paciente para um mundo melhor.<sup>235</sup>

---

<sup>233</sup> Kunz, *The Curious Lore of Precious Stones*, 474-475.

<sup>234</sup> *Ibid.*, 372.

<sup>235</sup> *Ibid.*, 369.

Os próximos capítulos mostrarão um olhar renovado para a presença das pedras em receitas médicas, no qual identificamos uma lógica em seu uso, contrariando aquilo defendido por Kunz e outros estudiosos do início do século XX. Veremos que eram utilizadas gemas cujas qualidades e poderes mágico-médicos cabiam perfeitamente na lógica da medicina do período para ajudar a combater a pestilência, de forma que a combinação entre todos os ingredientes era pensada para produzir um efeito de prevenção, fortalecimento ou cura no organismo. Assim, importava não apenas a escolha das gemas apropriadas, mas também a quantidade necessária para regular a compleição ou os humores do paciente.

Acreditamos que o exposto até aqui demonstre ainda existir uma grande lacuna a ser explorada no tocante ao papel das pedras preciosas na medicina da Peste e à construção dos conhecimentos no século XIV. Contudo, antes de iniciarmos as análises que contribuirão para o preenchimento dessa lacuna, devemos fechar o elo entre as gemas e os tratados sobre a pestilência, o qual passa pelos médicos e os saberes lapidários.

### **1.3 A medicina e os lapidários**

Os lapidários eram obras escritas com o intuito de se compilar as pedras preciosas conhecidas e relatar suas características físicas, propriedades mágico-médicas ou simbologias religiosas. Algumas dessas obras sobreviveram da Antiguidade, como as de Teofrasto (c. 372 a.C. - c. 287 a.C.), Damigeron (século II a.C.), Dioscórides e Plínio, o Velho (23 d.C. - 79 d.C.), sendo assimiladas e, por vezes, cristianizadas, pelos estudiosos medievais nos séculos seguintes. O Bispo Isidoro de Sevilha (c. 560 – 636) e o Bispo Marbode de Rennes (c. 1035–1123) foram os grandes responsáveis por dar continuidade a essa tradição literária, que ainda recebeu a contribuição de outros nomes importantes,

como Beda, o Venerável (c.673 - 735), na tradição cristã, e Alfonso X (c.1221 – c.1284), a partir de sua assimilação da tradição islâmica.<sup>236</sup>

Uma vez que a obra de Marbode tornou-se conhecida, no final do século XI, a Europa foi inundada por um grande número de cópias e novas versões de lapidários, que se tornaram disponíveis aos estudiosos da época. Nos séculos XIV e XV, essa literatura ganhou ainda mais destaque<sup>237</sup>, talvez como parte de um movimento mais amplo, que foi a profusão no número de textos mágicos também ocorrida nesse período. Discute-se ainda se a chegada da Peste Bubônica e os surtos subsequentes da doença também poderiam estar relacionados, em algum grau, ao sucesso que os lapidários tiveram.<sup>238</sup> A necessidade por remédios e amuletos que ajudassem a combater a epidemia justificaria a busca em se conhecer as propriedades mágico-médicas das gemas, especialmente por parte dos médicos. Sabemos, hoje, que estes tiveram uma relação intrínseca com a literatura dos lapidários que, por sua vez, tornou-se parte fundamental da literatura médica medieval. Veremos adiante exemplos que nos atestam esse elo entre os estudiosos da medicina e lapidários.

O primeiro exemplo que citaremos é o próprio lapidário de Marbode, Bispo de Rennes, escrito pouco antes de 1096. John M. Riddle nos relata que esse lapidário foi empregado como um guia prático sobre o uso de minerais na medicina, tornando-se de grande popularidade nos séculos seguintes, inclusive com traduções a várias línguas vernáculas. No próprio prólogo para a obra, Marbode expõe o quão benéfico seria para os homens se os poderes das pedras fossem conhecidos para a arte da medicina, o que confirma o relatado aqui.<sup>239</sup>

---

<sup>236</sup> Evans & Serjeantson, *English Mediaeval Lapidaries*, xi – xii; Evans, *Magical Jewels*, 13-139; Riddle, “Lithotherapy,” 39-50.

<sup>237</sup> Podemos citar, por exemplo, os lapidários presentes nos manuscritos: Arundel 342; Arundel 295; Cott. Julius D. VIII; Harley 80; Sloane 1784; Harley 7652; Royal 12.C.XVIII; e Harley 1612.

<sup>238</sup> Klaassen, *The transformations of magic*, 35-36; Copenhaver, *Magic in Western Culture*, 238-239.

<sup>239</sup> Riddle, *Marbode of Rennes*, 1-34.

Outra figura bastante conhecida entre os medievalistas e os historiadores da ciência, que teve contato com a literatura lapidar e mencionou o uso de gemas em seus estudos sobre as doenças, foi Arnaldo de Vilanova.

Arnaldo de Vilanova nasceu por volta de 1240 em uma Valência islamizada, ainda que sua família fosse cristã. Logo cedo teria iniciado seu percurso como estudioso e tradutor de textos árabes para o latim, como de Avicena, Costa ben Luca (820 - 912) e al-Kindī (801 - 873), o que fez com que sua biblioteca contivesse muitos livros de ciências naturais e de medicina.<sup>240</sup> Influenciado por esses conhecimentos e pelos conterrâneos mulçumanos que viviam nessa fronteira de culturas, teria seguido sua vocação de médico, estudando em Montpellier.<sup>241</sup>

A faculdade de medicina de Montpellier, a partir da escolástica, proporcionou que Arnaldo de Vilanova conhecesse toda a parte teórica dessa arte, sobre a qual já discorreremos no capítulo. Contudo, a forte influência árabe em sua trajetória fez com que o estudioso buscasse novas ideias e práticas que acrescentassem ao conhecimento das autoridades antigas. Enfim, Arnaldo de Vilanova parece ter mantido a teoria e a prática em equilíbrio em sua atuação como médico, apesar de esta ser uma longa discussão na história da ciência.<sup>242</sup>

Acreditamos que Arnaldo de Vilanova tenha tido contato com os saberes sobre as pedras preciosas em diversos momentos de sua vida, mas é necessário montarmos um quebra-cabeça a partir de suas obras a fim de identificarmos sua relação com os lapidários. Um dos primeiros momentos em que teria conhecido o poder das gemas seria quando traduziu, provavelmente ainda jovem,<sup>243</sup> a obra *Kitab al-Adwiya al-Mufrada (Livro dos medicamentos simples)* de Abu-l-Salt ou Albuzale (c. 1068 - 1134); essa tradução foi

---

<sup>240</sup> Alfonso-Goldfarb & Perassollo “O Universo Cultural Científico Valenciano,” 32-43.

<sup>241</sup> Ibid.

<sup>242</sup> Ibid., 32-43.

<sup>243</sup> Arnaldo de Vilanova, “Translatio Libri Albuzale,” 446.

intitulada *Translatio Libri Albuzale de Medicinis Simplicibus*. O tratado de Albuzale traz uma grande quantidade de pedras entre sua matéria médica. São elas: *o diamante*, a pedra judaica (*lapis iudaycus*), o *lapis lazuli*, o *lapis spongie*, a pérola vermelha<sup>244</sup> e o coral<sup>245 246</sup>.

Em um segundo momento, já na faculdade de Montpellier, Arnaldo de Vilanova teria se dedicado ao estudo sobre as triacas, compondo o tratado *Epistola de dosi tyriacalium medicinarum*.<sup>247</sup> Neste, cita, por exemplo, a pedra esmeralda sendo utilizada contra o veneno de um sapo.<sup>248</sup> Como veremos no segundo capítulo, a propriedade de antídoto do *smaragdus* não estava presente em fontes gregas, tendo chegado ao ocidente latino a partir de textos do mundo árabe, o que atesta a influência desses conhecimentos na formação médica de Arnaldo de Vilanova. Aqui, começamos a ver os indícios de seu contato com a literatura sobre as gemas.

No entanto, é em seu *Regimen Podagre*, escrito provavelmente quando já era médico, que Arnaldo de Vilanova revela sua relação direta com os lapidários. Ao apresentar um tratamento para essa doença, parecida com a gota ou com a artrite, declara que:

Também é muito útil banhar os pés em mosto recente. Também é muito eficaz banhar os pés na água onde uma raposa foi cozida até ser desfeita. Além disso, o óleo em que uma raposa foi cozida vai muito bem se os pés são unguídos e também é muito eficaz, especialmente se for precedido por flebotomia, esfoliação e banho leve, ou então [no lugar da raposa] uma lebre. Alguns experimentadores<sup>249</sup> também afirmam que, se você cortar as pernas de um sapo e amarrá-las nos pés do paciente de *podagra* por três dias, para que a perna direita fique no pé direito do paciente e vice-versa, ele será curado. **Da mesma forma, um filósofo experimentador que escreveu um livro sobre pedras diz que, se um ímã é amarrado ao pé, o *podagra* é curado.** Outro filósofo diz que, se as esporas de uma águia são presas e amarradas no pé do paciente, de modo que a espora direita coincida com o pé direito e vice-versa, ele se cura, e jura que foi tentado. Outro também diz que, se você colocar a perna

---

<sup>244</sup> Analisaremos a pérola como pedra preciosa no terceiro capítulo.

<sup>245</sup> Analisaremos o coral como pedra preciosa no terceiro capítulo.

<sup>246</sup> Arnaldo de Vilanova, “Translatio Libri Albuzale,” 107, 576 e 616.

<sup>247</sup> Garcia-Ballester, Paniagua, & McVaugh, Introdução para *Epistola Arnaldi de Villanova De dosi tyriacalium medicinarum*.

<sup>248</sup> “*Smaragdus autem specialiter contrariatur veneno bufonis*”, in Arnaldo de Villanova, *Opera medica omnia*, 3: 86.

<sup>249</sup> Esse termo pode querer se referir a um estudioso dedicado à prática.

direita de uma tartaruga em seu pé direito e vice-versa, é eficaz. Também uma pele de raposa enrolada ao redor do pé para que o interior da pele toque a carne (...).<sup>250</sup>

Dois aspectos chamam a atenção no excerto. O primeiro, comentado por Sebastià Giralt, estudioso catalão que se dedicou aos estudos arnaldianos, é a aplicação terapêutica da magia natural por parte de Arnaldo de Vilanova, apesar de seus ataques à nigromancia. Giralt defende que os remédios de natureza mágico-médica parecem ter tido um papel essencial nos conhecimentos do valenciano ao longo de sua trajetória como médico.<sup>251</sup> O segundo aspecto significativo a ser notado, que ganha destaque em nossa análise, é a menção a um “livro sobre pedras” de um “filósofo experimentador” que teria sido a fonte para o conhecimento sobre o poder de cura do ímã. Apesar de não sabermos à qual obra Arnaldo de Vilanova se refere, tudo indica que seria um lapidário consultado por ele a fim de compor o tratamento para a doença em questão, confirmando a relação entre o médico e os lapidários.

Arnaldo de Vilanova não foi apenas um expoente da medicina de Montpellier, unindo tradição e novidade em sua prática, mas também foi uma grande autoridade médica, sendo lido e consultado pelos mestres dos séculos seguintes.<sup>252</sup> Podemos considerá-lo uma fonte para os médicos do século XIV, entre os quais estão aqueles que atuaram durante os surtos da pestilência.

Os tratados sobre a Peste contêm indícios da importância que os lapidários tiveram nessa medicina. Como veremos nos próximos capítulos, a menção a gemas com propriedades específicas para combater à pestilência e seus sintomas revelaria, por si só,

---

<sup>250</sup> Arnaldo de Vilanova, *Opera Medica Omnia*, VII.1: 148-149; Destaque em negrito nosso.

<sup>251</sup> Sebastià Giralt menciona isso em sua tradução da obra de Vilanova em análise. Vide Arnaldo de Vilanova, *Opera Medica Omnia*, VII.1: 148-149.

<sup>252</sup> Um exemplo do relatado aqui é o tratado “*Incipit libellus de regimine Sanitatis per magistrum Arnaldum de Villanoua*”, encontrado em um manuscrito do século XV, o qual comprova que o médico valenciano foi utilizado como autoridade pelos médicos dos séculos seguintes. Universidade de Edimburgo, MS 175, fl. 13r.

a consulta aos lapidários. Contudo, essa não é a única evidência da importância que essa literatura teve para os médicos nos séculos XIV e XV.

Os manuscritos também nos deixaram registros de lapidários que pertenceram a médicos nesse período.<sup>253</sup> É o caso, por exemplo, de uma cópia do *Liber Lapidum* de Marbode que pertenceu a Thomas Fayreford, um médico inglês que teria atuado em Gloucestershire, Oxford, Somerset e Devon entre 1400 e 1450. O lapidário, atualmente no manuscrito Harley 2558, encontrava-se junto a uma miscelânea composta de textos botânicos, médicos, mágicos, astrológicos e alquímicos escritos nos séculos XIII e XIV e reunidos por Thomas Fayreford no século XV, que também acrescentou alguns de seus trabalhos.<sup>254</sup> Entre os textos compilados por Fayreford, damos destaque a uma receita médica para abscessos<sup>255</sup>. Ainda que a Peste Bubônica não seja explicitamente mencionada, a presença de tais receitas mostra a preocupação do médico para com o tratamento que também poderia servir a essa doença.

Verificamos, assim, que o elo entre as pedras preciosas e a Peste Bubônica passa pelos lapidários, pelos médicos, pela medicina escolástica e pelos tratados sobre a pestilência, com seus regimes de prevenção e cura. Assim sendo, podemos prosseguir às análises documentais sobre o uso das gemas contra a Peste.

---

<sup>253</sup> Riddle, "Lithotherapy," 39-50.

<sup>254</sup> *A Catalogue of the Harleian Manuscripts*, no. 2558.

<sup>255</sup> Fólio 174v.

## Capítulo 2 – O uso interno e externo das pedras preciosas contra a Peste Bubônica

A fim de identificarmos a menção às pedras preciosas em seu uso contra a Peste Bubônica, devemos recorrer a um grupo de documentos, já mencionado no primeiro capítulo, que será o cerne das análises: os tratados médicos escritos no período dos surtos da pestilência, dentre os quais estão aqueles que mencionaram as gemas nos regimes de prevenção e cura.

Essa documentação tem de característico, para além da estrutura e o aparato teórico já apresentados no capítulo anterior, a menção a remédios que agiriam na profilaxia e tratamento da doença. Esses materiais curativos, conforme já especificado, poderiam ser formados por um único componente, sendo considerados remédios simples, ou por vários componentes, sendo remédios compostos. Os remédios simples, muitas vezes, eram as próprias pedras preciosas, enquanto os compostos geralmente as continham em suas receitas.

Similarmente ao argumento de Weill-Parot, identificamos que os medicamentos encontrados nos tratados poderiam ser utilizados de duas formas: um uso interno e outro externo. Contudo, não consideramos, como este autor, que o uso interno se referiria exclusivamente ao uso medicinal (cura), enquanto o uso externo seria o amulético (proteção),<sup>256</sup> mas que estes se confundiam, passando a serem um só.

Tendo isso em mente, este capítulo está dividido em duas partes. A primeira apresenta o aparato teórico para compreendermos o uso das pedras preciosas nas receitas médicas, como, por exemplo, a identificação do que são poções e amuletos e a relação com a magia. A segunda parte, apoiada nessa primeira, é composta pela análise documental, identificados os usos interno e externo das pedras preciosas.

---

<sup>256</sup> Weill-Parot, *Les "images astrologiques"*, 556-560; Weill-Parot, "La Rationalité Médicale," 81-85.

## 2.1 Considerações iniciais

### 2.1.1 O uso interno e externo: definições

O uso interno das gemas era a ingestão da pedra preciosa em si, geralmente triturada ou dissolvida. Ela poderia ser tomada sozinha, em medicamentos simples, ou em meio a medicamentos compostos, isto é, poções (unguentos, pílulas e outros tipos de materiais curativos explicados abaixo). No uso interno, as qualidades das pedras, que veremos serem mágico-médicas ou medicinais-amuléticas, eram passadas pela própria ingestão, ou seja, pela apropriação interna e direta feita pelo corpo. Lembramos, no entanto, que essa ingestão não precisaria ser, necessariamente, pela boca. Havia remédios que seriam inalados, por exemplo.<sup>257</sup>

Já no caso do uso externo, podemos considerar que existiriam dois tipos. O primeiro é o uso tópico como, por exemplo, em pomadas ou outros compostos medicamentosos que seriam aplicados sobre determinadas partes do corpo, como nos bulbos que apareciam após o contágio com a Peste. O segundo seria feito pela proximidade ao corpo, isto é, com as pedras penduradas em torno do pescoço, atadas a membros, colocada em anéis, entre outras opções, o que geralmente associamos a amuletos e talismãs. No primeiro caso, as propriedades eram passadas pelo contato e absorção da pele. No segundo, por contiguidade, por aproximação ou, também, pelo contato com o corpo. Aqui, mais uma vez, os usos medicinal e amulético se confundem e passam a ser um só.

Apesar de serem duas formas diferentes de se apropriar das qualidades das gemas, há similaridades entre o uso interno e externo. Em ambos os casos, essas qualidades são

---

<sup>257</sup> Levey, *Early Arabic Pharmacology*, 73.

transmitidas de um corpo a outro, isto é, da pedra ao paciente, o que valeria para a ingestão, para o uso tópico ou para o uso de aproximação.

### **2.1.2 As qualidades mágico-médicas ou medicinais-amuléticas**

Utilizamos, muitas vezes nos capítulos, os termos ‘qualidades mágico-médicas’ ou ‘medicinais-amuléticas’ para nos referirmos aos poderes curativos e protetivos mágicos que as pedras preciosas tinham em seu uso mencionado nos tratados médicos do século XIV. Isso porque consideramos que estas qualidades não se dissociariam a depender do tipo de uso – se interno ou externo - e do tipo de material curativo utilizado, seja uma poção ou um amuleto. Nossa visão se diferencia daquela, explicitada no primeiro capítulo, defendida por alguns autores, tal como Nicolas Weill-Parot e John M. Riddle.

Veremos no próximo capítulo como esses poderes curativos-protetivos estavam baseados em conhecimentos encontradas na literatura dos lapidários antigos e medievais e, também, no imaginário cristão da época. Por isso, ainda que dividamos o uso das gemas em interno e externo, estamos considerando o uso mágico-médico ou medicinal-amulético para ambos, visto que tanto amuletos como poções fazem os papéis de curar ou proteger. Em outras palavras, os remédios também eram apotropaicos<sup>258</sup> e os amuletos também eram curativos. Assim, talvez, possamos pensar, até mesmo, em remédios-amuletos, compondo as qualidades mágico-médicas.

---

<sup>258</sup> Apotropaico diz respeito a tudo aquilo que tem poder de afastar algo, como uma influência maléfica, uma desgraça etc.

### 2.1.3 Poções: unguentos, pílulas e outros remédios

Aquilo que chamamos de poções, em um sentido mais amplo, são diversos compostos medicamentosos na forma de electuários, pílulas, pós, trociscos, unguentos, emulsões, cataplasmas, pomadas etc. que são encontrados na medicina medieval e, muitos dos quais, mencionados nas receitas médicas dos tratados sobre a Peste apresentadas neste capítulo. Conforme explicado anteriormente, havia também os remédios simples, de apenas um ingrediente, que também aparecerão abaixo, apesar dos compostos serem mais numerosos.<sup>259</sup>

Devemos lembrar que essas poções se apoiavam, em grande parte, em plantas e minerais mediterrâneos ou locais, apesar de as rotas comerciais terem permitido que novos e longínquos materiais curativos fossem conhecidos. Ademais, muitos desses remédios tinham suas bases em obras gregas e árabes, tais como: a obra galênica *De compositione medicamentorum*; a tradução de algumas obras árabes por Pietro d'Abano (1250 — 1315) sob o título *De veneris*; o bem conhecido *Antidotarium Nicolai* de Nicolaus Salernitanus (século XII), entre muitas outras.<sup>260</sup>

### 2.1.4 Amuletos, talismãs e pedras mágicas

Outros conceitos que devem ser apresentados aqui são o de ‘amuleto’, ‘talismã’ e ‘pedra mágica’, mas, para tanto, é necessário irmos além, visto que as definições para tais nomes perpassaram por discussões historiográficas ao longo dos últimos séculos. O primeiro ponto a ser debatido começa com a diferenciação entre amuletos e talismãs.

---

<sup>259</sup> Levey, 73.

<sup>260</sup> Ibid., 74-75.

As fontes medievais trazem algumas informações relevantes para definirmos o que seriam amuletos e talismãs. Os talismãs foram mencionados por muitos autores, a partir do século XII, geralmente aparecendo sob o nome de ‘*images*’ (de *imago*, *images*), mas não havia um conceito fechado sobre o que seriam. Tudo indica, no entanto, que os talismãs eram figuras esculpidas a partir de um material ou entalhadas nele, por exemplo, em uma pedra, argila, madeira etc.<sup>261</sup> Essas imagens eram imbuídas, por meio de rituais de magia, de poderes demoníacos, celestiais ou divinos<sup>262</sup>, sendo os primeiros proibidos pela fé cristã.<sup>263</sup> Os talismãs estavam associados, em geral, à magia astral, à iatromagia e à “necromancia”<sup>264</sup>, especialmente aquela encontrada em textos árabes. Voltaremos a isso adiante.<sup>265</sup>

Os amuletos, por sua vez, não eram denominados por algum nome específico, geralmente sendo identificados pelo uso de pedras preciosas e outros objetos, sem imagens entalhadas, colocados em colares, broches e anéis. Alguns autores como Don C. Skemer consideram filactérios como amuletos textuais<sup>266</sup>, mas não elucidaremos esse tópico aqui.

Não devemos deixar de considerar, no entanto, as discussões historiográficas mais recentes sobre esses conceitos. Embora dicionários e enciclopédias muitas vezes os considerem sinônimos e intercambiáveis<sup>267</sup>, os estudiosos do século XIX e XX tiveram inclinação para ver suas particularidades e separá-los em diferentes categorias, como explicitado a seguir.

---

<sup>261</sup> Burnett, org., *Magic and Divination*, 10.

<sup>262</sup> Voltaremos a tratar da magia astral adiante no capítulo.

<sup>263</sup> Burnett, org., *Magic and divination*, 3-4.

<sup>264</sup> A “necromancia” medieval não estava relacionada, propriamente, à ressuscitação e encantamento de mortos, como o nome sugere, tornando-se apenas uma forma de se referir à magia que era ensinada nos textos árabes traduzidos ao latim. Vide Burnett, org., *Magic and divination*, 2-3.

<sup>265</sup> Burnett, org., *Magic and divination*, 3.

<sup>266</sup> Vide Skemer, *Binding Words*.

<sup>267</sup> Isso pode ser visto, por exemplo, no Dicionário Merriam-Webster, sob a verbete “*talisman*”. <https://www.merriam-webster.com/dictionary/talisman#synonyms>.

Em 1987, o professor David Pingree sugeriu uma definição e distinção para amuletos e talismãs na qual um amuleto era uma pedra de poderes supernaturais inerentes que poderia ser gravada e/ou consagrada, e que poderia ser usada como um selo ou como um filactério, indicando um uso externo. Um talismã, por sua vez, seria uma imagem arredondada feita de metal, cera ou argila ou gravada em uma placa de metal. Uma cerimônia de encantamentos e sufumigações poderia ser realizada para induzir um espírito a entrar no talismã e atribuir-lhe poder. Se o espírito fosse associado a um corpo celestial, as instruções para formar o talismã e para lhe atribuir o poder envolveriam “considerações astrológicas”, conforme explicitado por Pingree. Podemos pensar, aqui, em uma espécie de magia astral.<sup>268</sup>

Apesar de essa definição ser um bom ponto de partida para compreendermos o que são amuletos e talismãs, também pode ser considerada incompleta por não incluir, por exemplo, plantas e partes de animais com virtudes mágicas entre os primeiros ou mesmo as pedras entre os segundos. De acordo com essa definição, as pedras geralmente mencionadas nos tratados médicos da Peste deverão ser compreendidas como "amuletos", e não como “talismãs”, visto que suas propriedades são inerentes, não dependendo de rituais de magia.

Outra definição que podemos considerar, ainda anterior à de Pingree, é a de W. L. Hildburgh, estudioso e compilador de amuletos em escala mundial. Em 1951, Hildburgh definiu um amuleto, como um objeto material que, se mantido junto ao corpo, evitaria algum resultado desagradável ou, ao contrário, ajudaria o possuidor a obter um resultado agradável. Primeiramente, seria a retenção do objeto, por conta de suas supostas virtudes apotropaicas, medicinais ou mágicas, que o marcaria como um amuleto. Assim,

---

<sup>268</sup> Pingree, “*The Diffusion of Arabic Magical Texts*,” 58.

antes de ser queimado ou consumido, o objeto deveria ser mantido junto à pessoa por um tempo para exercer seu poder, ou não seria considerado um amuleto.<sup>269</sup>

Assim como a definição proposta por Pingree, também essa apresentou alguns problemas. Hildburgh defendia que o objeto, e aqui podemos considerar uma pedra preciosa, quando ingerido, deixaria de ser um amuleto. Consideramos, no entanto, que a função amulética das pedras também está presente quando essas são ingeridas, confundindo-se com a função medicinal, o que foi mencionado anteriormente. Dessa forma, uma pedra ingerida, seja pulverizada ou de qualquer outra forma, seria, igualmente, um amuleto, assim como o é uma pedra atada ou pendurada no corpo.

Para a finalidade deste capítulo e desta tese, consideraremos, portanto, que os amuletos seriam pedras ou outros objetos que agiam por si próprios, pelos seus poderes inerentes, enquanto os talismãs resultavam de um ritual que, através de operações mágicas, imbuía a um objeto um poder superior, como poderes celestiais. Vale ressaltar, no entanto, que essas definições são fluidas e não se aplicam a todas as análises, variando de autor para autor e de texto a texto.

Apesar de haver algumas poucas menções a talismãs na literatura da Peste Bubônica, já identificadas e abordadas pelo estudioso francês Nicolas Weill-Parot<sup>270</sup>, os tratados médicos aqui estudados apresentam, em sua totalidade, pedras não entalhadas, que consideraremos como amuletos. Por isso, nosso enfoque não será os talismãs, apesar de voltarmos a mencioná-los em alguns momentos.

Amuletos são constantemente encontrados associados à proteção contra algum perigo em específicos, assumindo um papel apotropaico. A morte por raios, o ataque de animais peçonhentos como escorpiões e serpentes, as feridas de uma batalha, a morte

---

<sup>269</sup> Hildburgh, “Psychology Underlying the Employment of Amulets,” 231.

<sup>270</sup> Weill-Parot, *Les “images astrologiques”*, 560-571; Weill-Parot, “La Rationalité Médicale,” 81-85.

durante o parto e, também, a morte por pestilências, são algumas das ameaças abrangidas pelas propriedades de preservação de algumas pedras preciosas.<sup>271</sup>

Deixamos claro, no entanto, que o uso de amuletos (e talismãs) contra pestilências não é uma criação do século XIV, muito menos medieval. Eles aparecem, já na antiga Assíria, por volta de 800 a.C. A 600 a.C., na forma de tábulas amuléticas consideradas *Haussegen*, ou Benção da Casa, que deveriam ser pregadas ou penduradas para proteger o lar do grande mal, uma peste. Erica Reiner, assirióloga e historiadora americana, estudou algumas dessas tábulas amuléticas encontradas no British Museum. Nesse caso, os amuletos eram textuais, e seus propósitos estavam expressos em frases, tal como: “que eu, (nome), seu adorador, permaneça saudável!”<sup>272</sup> (Figura 5).

A autora ainda comenta que esse tipo de amuleto – o qual trazia excertos de sagas heroicas e uma prece aos heróis épicos para a preservação da pessoa contra a epidemia que estivesse afligindo a época – era comum, citando outro exemplo, com três cópias<sup>273</sup>, em que a prece segue da seguinte forma:

O Marduk, o mais sábio dos deuses, Era, mais valoroso dos deuses, Isum, responsável pelos caminhos, Sete Deuses, heróis que não podem ser igualados, tenham piedade de mim, (nome), filho de seu deus (pessoal), seu adorador respeitoso, nessa epidemia, essa calamidade (...).<sup>274</sup>

As cópias e o padrão literário que se repetem em muitos *Haussegen* mostram a importância que teriam naquela cultura para a proteção das pessoas e das casas em épocas de pestilência já naquele período.

Outro exemplo que podemos dar do papel de amuletos contra doenças está relatado por Plutarco, no século I d.C, em sua famosa obra “*Vidas Paralelas*” (Bíoi

---

<sup>271</sup> Essas finalidades podem ser encontradas em todos os lapidários antigos e medievais, como, por exemplo, o de Marbode, de Alberto Magno e de Arnaldo Saxo. Marbode, *De Lapidibus*; Alberto Magno, *Book of Minerals*; Rose, “Aristoteles De lapidibus und Arnoldus Saxo”.

<sup>272</sup> Reiner, “Plague amulets and House Blessings,” 148-151.

<sup>273</sup> Objetos Tell Halaf No 100, Iraq VII, No. 41 e K. 5984. Ibid.

<sup>274</sup> Reiner, 151.

Παράλληλοι), uma compilação de várias biografias de homens ilustres da Roma Antiga e da Grécia Antiga. Plutarco expõe que Péricles (495 a.C. – 429 a.C.), estadista ateniense, quando estava morrendo de peste, mostrou a um de seus amigos que o estava visitando, um amuleto pendurado em seu pescoço, dado pelas mulheres de sua casa.<sup>275</sup>



Figura 5 – Amuleto “Benção da Casa” assírio encontrado no British Museum.<sup>276</sup>

Com esses exemplos, buscamos mostrar que o uso de amuletos e talismãs contra pestilências tem permeado as culturas, crenças e a medicina muito antes da chegada da Peste Bubônica. Acima de tudo, no entanto, mostramos a importância que tinham para o combate às doenças que afligiam os diferentes povos.

Por fim, outro conceito que deve ser brevemente discutido aqui é o de “gema mágica”, que pode ser aplicado também às pedras preciosas que agiam contra a Peste. Esse conceito já foi longamente discutido por historiadores para o período da

---

<sup>275</sup> Plutarco, *The Parallel Lives by Plutarch*, 3: Péricles XXXVIII, 111.

<sup>276</sup> British Museum, objeto BM 118,998.

Antiguidade, entre os quais podemos citar Árpád M. Nagy, que o apresenta como um problema terminológico. Sobre isso, o autor levanta algumas questões importantes, como o que pode ou não ser considerado uma “pedra mágica” e o que recai em outras categorias, como a de “pedras religiosas”, pensando numa difícil distinção entre magia e religião no mundo greco-romano e egípcio.<sup>277</sup> Nagy define que uma “gema mágica” seria uma pedra gravada com nomes e sinais mágicos, ou ainda, com características iconográficas que se conectam, em alguma forma, com a esfera da magia<sup>278</sup>, o que a aproxima dos talismãs. Outros estudiosos também associaram a ideia de pedras gravadas com inscrições ou outras imagens consideradas mágicas, como uma definição para “pedras mágicas” na Antiguidade, associando-as aos termos ‘amuletos’ e ‘talismãs’.<sup>279</sup> Para o período da Idade Média, consideraremos o conceito de pedra mágica de forma mais ampla. Segundo nossas análises, uma pedra mágica poderia ser entendida como aquela que se conectaria de alguma forma com a esfera da magia, seja por meio de crenças, rituais ou entalhes iconográficos, o que incluiria, também, os amuletos, e não apenas os talismãs entalhados.

Essa discussão levanta necessariamente um segundo tópico de análise que é válido não apenas para o uso de ‘gemas mágicas’ na Antiguidade, mas também no medievo. Devemos dar um passo atrás e considerarmos, então, o que era a magia associada ao uso de pedras preciosas no século XIV para, a partir daí, compreendermos melhor o que eram as pedras mágicas, os talismãs e amuletos.

---

<sup>277</sup> Nagy, “Daktylios Pharmakites,” 82-87.

<sup>278</sup> *Ibid.*, 82 e 89.

<sup>279</sup> Carla Sfameni considerou “gemas mágicas” como pedras semipreciosas gravadas com imagens de várias divindades ou demônios e caracterizadas pela presença de símbolos e inscrições de palavras ou fórmulas com intuito mágico. Gisela Richter considerou “gemas mágicas” como pedras com inscrições e representações de divindades sincréticas, egípcias ou greco-romanas que são usadas como talismãs ou amuletos. Vide Sfameni, “Magic in Late Antiquity,” 435; Richter, *Catalogue of Engraved Gems*, xx.

### 2.1.5 A(s) magia(s) envolvida(s) no uso das pedras preciosas

O conceito de magia aplicado à Idade Média não é facilmente definido, nem mesmo está baseado nas ideias de um único autor. De Agostinho de Hipona (354 – 430) a Marsílio Ficino (1433 – 1499), podemos considerar que as acepções de magia mudaram essencialmente. Isso porque a magia no medievo assumiu muitas formas e foi praticada por diversos tipos de pessoas, de religiosos a curandeiros, de médicos a astrônomos. Foi condenada em muitas obras e permitida em outras, mas sempre discutida. Os próprios estudiosos medievais se preocupavam em determinar o que era considerado mágico ou não, e qual era a linha tênue entre magia e religião, dois campos que se confundiam a todo momento.<sup>280</sup>

Portanto, ao discorrermos sobre a magia medieval, devemos lembrar uma discussão proposta por Frank Klaassen de que o termo ‘magia’ é muito amplo e vago nesse período, podendo ser aplicado a rituais de cura com encantamentos e amuletos, à conjuração de espíritos, à adivinhação do futuro, à criação de talismãs, entre outras práticas.<sup>281</sup> Richard Kieckhefer vai além e passa a considerar o conceito de magia como um “termo amorfo” e “agregador”, reunindo diversos elementos que podiam ou não dividir uma característica definidora em comum.<sup>282</sup> Ademais, vale ressaltar que usar esse termo também pode incorrer em anacronismo, visto que os estudiosos do período geralmente não o utilizavam, nem necessariamente consideravam suas práticas como “mágicas”.<sup>283</sup> No lugar, eram utilizados termos como *sortilegium*, *artes magicae*, *maleficium*, *necromantia* e *nigromantia*.<sup>284</sup>

---

<sup>280</sup> Rider, *Magic and Religion in Medieval England*, 8.

<sup>281</sup> Klaassen, 10.

<sup>282</sup> Kieckhefer, “Rethinking how to define magic,” 15-25.

<sup>283</sup> Klaassen, 10.

<sup>284</sup> Rider, 14.

Em geral, era considerado magia ou, mais especificamente a partir do século XIII, magia natural (*magia naturalis*), aquilo que não funcionava por nenhum meio físico, explicável.<sup>285</sup> Aparentemente, as ideias de magia natural adentraram o ocidente cristão pelo vácuo que o aristotelismo deixou para a filosofia escolástica quanto aos quatro elementos e suas qualidades, que compunham todas as coisas do mundo sublunar, não serem suficientes para explicar todos os fenômenos naturais. Algumas operações naturais geradas pelos corpos inferiores não podiam ser reduzidas a suas qualidades primárias ou à mistura elemental (*complexio*) e certas qualidades não podiam ser percebidas pelos sentidos humanos ou ainda não eram manifestas.<sup>286</sup> Assim, os efeitos dependiam de outras virtudes, propriedades ou poderes, que serão explicados abaixo. Novamente, deve-se ter em mente que essa definição não se aplica completamente a todas as práticas e percepções mágicas medievais. Ela é um ponto de partida para se compreender, ao menos, o uso das pedras preciosas na medicina da Peste.<sup>287</sup>

O uso de gemas foi considerado, desde Agostinho, como uma prática mágica, como vemos em sua obra *A Doutrina Cristã*:

Nessa classe [das artes mágicas], devemos colocar também todos os amuletos e curas que a arte médica condena, se estas consistem em encantamentos, ou em marcas que seus expoentes chamam de personagens, ou na prática de pendurar certas coisas ou amarrar uma coisa em outra (...), não em referência à condição do corpo, mas a certos sinais ocultos ou manifestos. E esses remédios eles chamam pelo nome menos ofensivo de matéria física (*physica*), de modo a parecer não estar engajado em observâncias supersticiosas, mas estar se aproveitando das forças da natureza. Exemplos disso são os brincos no alto de cada orelha, ou os anéis de osso de avestruz nos dedos (...).<sup>288</sup>

De fato, os primeiros religiosos e estudiosos que abordaram as práticas mágicas, incluindo o uso de amuletos, consideraram-nas condenáveis. Contudo, novas influências

---

<sup>285</sup> Ibid., 13-16.

<sup>286</sup> Kieckhefer, *Magic in the Middle Ages*, 131.

<sup>287</sup> Kieckhefer, "Rethinking how to define magic," 15-25.

<sup>288</sup> St. Agostinho, *On Christian Doctrine*, 54-55.

chegaram do neoplatonismo, da teurgia<sup>289</sup> e, principalmente, das ideias de astrologia e magia provindas do mundo árabe a partir das traduções dos séculos XII e XIII. À medida que começavam a absorver o novo aprendizado, muitos estudiosos passaram a considerar que certos tipos de magia poderiam fazer parte dos altos conhecimentos de sua época, como as sete artes liberais, uma posição que ia contra a condenação geral de Agostinho.<sup>290</sup>

Alberto Magno e Guillaume d’Auvergne (1190 - 1249), foram os principais promotores, no século XIII, da magia natural e de sua distinção com a magia demoníaca,<sup>291</sup> de modo que foram criadas três categorias de práticas mágicas, apenas uma permitida. Aquelas práticas que dependiam de sufumigações, invocações de espíritos, demônios ou deuses pagãos, exorcismos e outras coisas que feriam a fé cristã passaram a ser abomináveis ou condenáveis. Estas não eram consideradas magias naturais. Apenas aquelas práticas mágicas que não empregassem tais sufumigações, invocações e exorcismos, mas derivassem seus efeitos de fontes celestiais, como a construção de talismãs em um momento astrológico determinado, eram permitidas.<sup>292</sup>

Nesse cenário em que a recepção de textos de magia do mundo antigo e do mundo árabe encantavam e, ao mesmo tempo, preocupavam as autoridades da Igreja e os estudiosos, há o uso de pedras preciosas na medicina e, especificamente, contra a Peste Bubônica. Para compreendermos o papel da magia no uso de pedras preciosas na medicina do século XIV, devemos dividir, novamente, as gemas em amuletos e talismãs.

No caso dos amuletos, as qualidades - como os poderes mágico-médicos - pareciam inerentes à gema. Essas qualidades, que não podiam ser explicadas pela *complexio* ou pela constituição elementar da pedra, eram consideradas ‘ocultas’.<sup>293</sup> Isso

---

<sup>289</sup> Sobre o papel no neoplatonismo e da teurgia na magia medieval, vide Klaassen, 24.

<sup>290</sup> Boudet, *Entre science et nigromance*, 42; Klaassen, 26.

<sup>291</sup> Boudet, 155.

<sup>292</sup> Klaassen, 27-28.

<sup>293</sup> Kieckhefer, *Magic in the Middle Ages*, 131; Grant, *A History of Natural Philosophy*, 291.

é relatado e explanado por Tomás de Aquino (c. 1225-1274) em seu breve tratado *De occultis operationibus naturae* (*Sobre as operações ocultas da natureza*). Nessa obra, o autor considera que:

Visto que em alguns corpos naturais aparecem certas atividades naturais cujos princípios não podem ser compreendidos, Vossa Excelência pediu que eu escrevesse o que penso sobre eles. Na verdade, vemos que um corpo segue os movimentos dos elementos que o governam. Uma pedra, por exemplo, é movida em direção ao centro (da terra) de acordo com a propriedade da terra dominante nela. Os metais também têm o poder de resfriar de acordo com a propriedade da água. Portanto, todas as ações e movimentos, quaisquer que sejam, de corpos compostos de elementos ocorrem de acordo com a propriedade e o poder dos elementos dos quais tais corpos são feitos. Agora, tais ações e movimentos têm uma origem clara, sobre a qual não surgem dúvidas. Mas existem alguns funcionamentos desses corpos que não podem ser causados pelos poderes dos elementos: por exemplo, o ímã atrai o ferro e certos remédios purgam determinados humores em partes definidas do corpo. Ações desse tipo, portanto, devem ser atribuídas a princípios mais elevados.<sup>294</sup>

Tomás de Aquino segue sua explicação relatando que os corpos celestes, tais princípios elevados, agiriam no “nível inferior”, como nas pedras. Os agentes superiores implantariam poderes e ações nos corpos elementares. Aqui, também relata que demônios poderiam fazer o mesmo em talismãs, seguindo as ideias de Agostinho, assim como anjos e o poder de Deus igualmente poderiam implantar poder divino em um corpo inferior, como em uma relíquia, mas isso não era considerado magia natural.

Contudo, Tomás de Aquino replica que nem todos os corpos elementares teriam seus poderes ocultos imputados por corpos superiores. Alguns poderiam ter suas qualidades inerentes:

É claro que nem todos os funcionamentos de corpos elementares que manifestam operações ocultas são assim. Certos trabalhos ocultos, no entanto, surgem de corpos inferiores, que sempre que são usados, sendo eles próprios passivos, produzem os mesmos efeitos, pois o ruibarbo<sup>295</sup> sempre purga um humor definido. E disso conclui-se que a ação decorre de algum poder residente e permanente no corpo. Resta agora considerar qual é o princípio intrínseco permanente do qual procedem tais atividades. É claro que esse princípio é alguma potência: pois o princípio interno pelo qual um agente age

---

<sup>294</sup> McAllister, *The letter of Saint Thomas Aquinas*, 20-30.

<sup>295</sup> O ruibarbo (*Rheum rhabarbarum*) é uma planta comestível que também era utilizada para fins medicinais.

ou sofre uma ação, chamamos de potência. E de fato essa potência (...) recebe o nome e a descrição de poder. (...) tais poderes devem proceder das formas das coisas conforme existem em suas próprias matérias.<sup>296</sup>

Apesar de identificar os poderes como inerentes, Tomás de Aquino volta a atribuir as origens de tais poderes aos corpos celestes, provavelmente recebidos em sua origem, sua formação:

No entanto, tais formas são derivadas de substâncias separadas como primeiros princípios, que, por meio do poder e do movimento dos corpos celestes, imprimem formas de matéria corpórea que eles podem compreender em si mesmas. E, uma vez que mostramos que as atividades e poderes das coisas naturais são causados por suas formas específicas, segue-se que eles podem ser rastreados ainda além, a saber, nos princípios mais elevados, nos corpos celestes ou nos poderes dos corpos celestes, (...).<sup>297</sup>

O autor ainda completa essas ideias citando as pedras preciosas e suas qualidades mágico-médicas:

Mas as formas de corpos compostos, ou seja, de corpos inanimados como pedras, metais, minerais, além dos poderes e atividades que compartilham com os elementos de que são compostos, têm certas outras virtudes e atividades mais nobres decorrentes de formas específicas - por exemplo, o ouro ter a virtude de alegrar o coração e a safira tem a virtude de parar sangramento.<sup>298</sup>

Entende-se, portanto, que os poderes ocultos das pedras preciosas eram, de fato, inerentes a elas, ou às suas formas específicas, mesmo que vindos, em sua origem, dos corpos celestes. E ainda que Tomás de Aquino não tenha disposto essa análise para explicar a magia em si, os poderes ocultos estavam intrinsecamente associados a ela. A magia natural operava por meio das qualidades ocultas, geralmente ligadas aos corpos celestes.<sup>299</sup> A maioria das gemas mencionadas nos tratados médicos sobre a Peste Bubônica agia por meio dessa magia natural, ou seja, por meio das qualidades ocultas de cada pedra.

---

<sup>296</sup> McAllister, 20-30.

<sup>297</sup> Ibid., 20-30.

<sup>298</sup> Ibid.

<sup>299</sup> Kieckhefer, *Magic in the Middle Ages*, 131; Grant, 291.

Havia, no entanto, alguma menção a talismãs também nos tratados da Peste<sup>300</sup>, mais claramente associados a uma magia astral. Essa era uma forma de magia que se baseava em conhecimentos astrológicos. Isso significa que os talismãs eram construídos em momentos específicos (como, por exemplo, quando determinada estrela estivesse em seu ponto mais alto no céu), com material adequado e, muitas vezes, com alguma forma de ação ritual, como sufumigações, encantamentos ou sacrifícios de animais. O objetivo de tudo isso, incluindo as ações rituais, era concentrar os poderes das influências celestes no talismã para fins mágicos, atribuindo-lhe um poder ou imbuindo-o de um espírito planetário.<sup>301</sup>

Os trabalhos sobre a criação de talismãs e sobre magia astral que chegaram ao ocidente latino derivavam de uma variedade de fontes, incluindo judaicas e gregas. Entretanto a maior parte provinha de fontes árabes.<sup>302</sup> Os talismãs ganharam tamanha importância entre os conhecimentos medievais que foram colocados por muitos autores entre os ramos do conhecimento que deveriam ser estudados pelos filósofos, ou seja, entre as artes liberais.<sup>303</sup>

Vê-se isso ocorrer, por exemplo, em uma pequena obra anônima do século XII, conhecida como '*Ut testatur Ergaphalau*'. Nesse texto, o autor apresenta uma divisão dos conhecimentos bastante diferente daquela proposta, por exemplo, por Hugo de São Vitor (1096 - 1141),<sup>304</sup> incorporando a astrologia e os conhecimentos talismânicos (*scientia ymaginaria*) à árvore de saberes.<sup>305</sup> O autor relata que:

Astrologia é a 'ciência' que, percorrendo os movimentos dos signos do zodíaco, dos planetas e dos círculos celestes com a ajuda de instrumentos, indica as mudanças das substâncias inferiores de forma absoluta. Um tipo é chamado primário e tem a ver com significação, o outro, 'mutante' ... O tipo mutante é chamado de imagens (talismãs), que por usar uma forma (ou

---

<sup>300</sup> Sobre esses talismãs, vide Weill-Parot, *Les "images astrologiques"*, 560-571.

<sup>301</sup> Klaassen, 23.

<sup>302</sup> Boudet, 19.

<sup>303</sup> Burnett, org., *Magic and Divination*, 7-13.

<sup>304</sup> Burnett, "Adelard, Ergaphalau and the Science of the Stars," 136-137.

<sup>305</sup> Burnett, "Arabic Magic," 74.

imagem; *forma*), seguindo o movimento dos corpos superiores, ou preserva as coisas inferiores na boa fortuna ou, ao produzir um infortúnio, lhes traz dano.<sup>306</sup>

Apesar de tamanha importância, o uso de talismãs não era amplamente aceito na medicina e em outros campos do conhecimento, principalmente por sua proximidade com o demoníaco. A presença de invocações, sacrifícios e gestos podia aproximar o ritualista do tipo de magia condenada pela Igreja. Com isso, muitos tratados foram considerados abomináveis sob a ótica do Cristianismo.<sup>307</sup>

Dois textos que foram permitidos a partir do século XII eram os homônimos *De imaginibus* atribuído a Ptolomeu e *De imaginibus* de Thabit Ibn Qurra (c.836 - c.901). As possíveis menções aos encantamentos e espíritos que descontentassem a Igreja foram apagadas de tais textos.<sup>308</sup> Obviamente, em sua cultura de nascimento, os tratados abomináveis nada mais eram do que expressões da religião e dos conhecimentos de um povo. Por exemplo, como nos mostra o estudioso David Pingree, que dedicou muito do seu trabalho aos estudos celestes dos povos antigos, Thabit Ibn Qurra era apenas um dos representantes desse ramo de estudiosos vindos dos pseudo-Sabeans de Harran, nos séculos IX e X, que misturavam astrologia, religião e magia, e cujas ideias chegaram ao ocidente latino por meio das traduções. Os pseudo-Sabeans faziam talismãs utilizando rituais e preces aos planetas regentes.<sup>309</sup>

Pingree ainda comenta que os conhecimentos astrológicos e astronômicos foram sendo passados entre as culturas, não de forma linear, mas, sim, em trocas constantes.<sup>310</sup> Também discute como a religião dos pseudo-Sabeans de Harran gerou a magia astral a partir de uma mistura de ideias mesopotâmicas, indianas, iranianas, neoplatônicas e

---

<sup>306</sup> Burnett, “Adelard, Ergaphalau and the Science of the Stars,” 143-144.

<sup>307</sup> Klaassen, 23.

<sup>308</sup> Burnett, org., *Magic and Divination*, 4-6.

<sup>309</sup> Pingree, “Learned magic in the time of Frederick II,” 480-481.

<sup>310</sup> Sobre esse tema, ler Pingree, “Classical and Byzantine Astrology,” 227.

ptolomaicas. Essa magia explicaria, tanto no oriente quanto no ocidente, a influência dos corpos celestes sobre o mundo sublunar<sup>311</sup>. De acordo com o conhecimento que foi sendo produzido nesse caldeirão de culturas antigas, conhecido por hermeticismo, a influência astral ou celeste viria dos poderes planetários ou ainda dos espíritos planetários, que são poderes intermediários entre a divindade máxima e o homem. Segundo o estudioso, esses espíritos eram criaturas divinas enviadas por Deus às esferas celestes para supervisionar os eventos sublunares.<sup>312</sup>

Outro exemplo de obra que tratava da magia astral ligada aos talismãs era a conhecida como *Picatrix (Gayat Al-Hakim)*. Vinda de solo hispano-arábico e traduzida ao latim no século XIII, essa obra trazia a exploração de forças planetárias acessíveis, de certa forma, pelo mundo sublunar.<sup>313</sup>

Por último, temos o exemplo da obra do estudioso árabe al-Kindī, *De radiis stellarum (Sobre os raios das estrelas)*, que sobrevive apenas em traduções latinas. Nessa obra, o autor também apresenta uma explicação para a magia no uso de talismãs. Essa explicação se baseia na ideia de que o cosmo está inteiro interligado e as estrelas são responsáveis por todas as mudanças sublunares, agindo por uma emanção descendente, como raios. Elas criariam as formas na terra copiando as formas superiores. O cosmos seria, portanto, composto por formas correspondentes conectadas por esses raios. Ao mesmo tempo, a matéria ou as formas terrestres também emitiriam raios, afetando outros corpos. Os ‘sábios’ poderiam realizar mágica, portanto, manipulando esses processos por meio de seu conhecimento. Isso incluía a manipulação de objetos, como talismãs, produzindo um efeito mágico derivado do poder das estrelas e das formas ideais que estão por trás delas. As traduções latinas e os estudos subsequentes dessa obra no ocidente

---

<sup>311</sup> Pingree, “The Šābians of Harrān and the Classical Tradition,” 9.

<sup>312</sup> Pingree, “Learned magic in the time of Frederick II,” 481.

<sup>313</sup> Alfonso-Goldfarb, *Livro do Tesouro de Alexandre*, 39.

latino deram especial atenção aos talismãs. Felizmente para a Igreja, o trabalho de al-Kindī não continha menção a espíritos e deuses pagãos, ao menos em sua forma latina, podendo ser difundido como um livro de conhecimentos mágicos.<sup>314</sup>

## 2.2 A documentação

No primeiro capítulo, apresentamos os “novos” tratados médicos que surgiram como consequência da chegada da Peste Bubônica, em 1348, e da falta de uma literatura médica que tratasse especificamente dessa pestilência. Também foram expostos a estrutura e o conteúdo comuns a esses textos, dedicados a explicar a etiologia da doença e a suprir a demanda por remédios e tratamentos que melhor a combatessem. Dessa forma, pudemos iniciar a investigação sobre o uso de pedras preciosas nos tratados, concluindo com um estudo sobre a relação entre os médicos e os lapidários.

Tendo já apresentados, neste capítulo, os conceitos de poções, amuletos e talismãs, assim como o papel da magia, podemos nos dedicar, enfim, à análise documental voltada às pedras preciosas citadas nos tratados, que vem complementar o exposto anteriormente. Essa análise consiste em um estudo detalhado sobre o uso interno e externo das gemas, como remédios simples ou como componentes de medicamentos compostos, encontradas nos regimes de prevenção e cura dos tratados, principalmente levando em consideração suas propriedades mágico-médicas. Dessa forma, dividimos esta parte do capítulo em duas: na primeira, apresentamos diversas receitas ou comentários médicos em tratados sobre a Peste que mencionaram pedras preciosas em uso interno; na segunda, em uso externo.

---

<sup>314</sup> Klaassen, 24-26; Saif, *The Arabic Influences*, 30.

O principal *corpus* documental usado para o propósito deste capítulo, *i.e.* os textos médicos, está situado na segunda metade do século XIV, estendendo-se à primeira metade do século XV, quando os tratados sobre a Peste ainda traziam muitas similaridades com aqueles primeiros. Escolhemos apresentar extensamente a alusão às pedras preciosas na literatura da Peste Bubônica a fim de demonstrar que seus usos eram de grande importância para a medicina e não apenas casos isolados. À vista disso, nosso recorte temporal será um período de aproximadamente cem anos, entre meados do século XIV a meados do século XV.

O recorte geográfico, por sua vez, seguirá o que foi proposto no mapeamento realizado no primeiro capítulo. Os manuscritos que compõem a base documental foram produzidos em diversos reinos atingidos pela Peste, que hoje seriam a Itália, a França, a Alemanha, a Áustria, a Inglaterra etc. Lembramos aqui que os principais trabalhos escritos nesse período, conforme será mostrado neste capítulo, são aqueles pertencentes aos grandes centros médicos das universidades francesas e italianas. Contudo, aqueles centros de medicina situados geograficamente mais afastados tenderam a produzir cópias resumidas ou tratados menores, deixando de fora alguns elementos. Por isso, restringir nossa busca a um centro menor – como a Inglaterra ou a Escócia – não favorece a compreensão sobre o uso de pedras preciosas na medicina da época, perdendo-se inúmeras receitas importantes mencionadas pelos médicos de outros reinos. Ao mesmo tempo, optar por estudar apenas os grandes centros – como Itália e França – não nos revela a dimensão do mapa de conhecimento que existia naquele período, de forma que se exige uma análise geograficamente mais ampla para esta pesquisa.

Uma grande parte dos tratados foi encontrada nos extensivos trabalhos de Karl Sudhoff, que criou uma exaustiva obra, em muitos volumes, reunindo tratados sobre a pestilência encontrados em manuscritos de toda a Europa, publicada nos *Archiv für*

*Geschichte der Medizin*, entre 1909 e 1919<sup>315</sup>. No entanto, há também uma gama de manuscritos que coletamos pessoalmente em importantes arquivos, como na Weston Library, em Oxford; na Hunterian, em Glasgow; na Wren Library, em Cambridge, e na British Library, em Londres. Por fim, há ainda alguns manuscritos que foram encontrados em fundos digitais, como na *Bibliothèque Nationale de France* e na *Österreichische Nationalbibliothek*, da Áustria.

### 2.3 O uso interno

Dentre os trabalhos apresentados a seguir estão as primeiras respostas médicas à emergência da chegada e da disseminação da pestilência e algumas respostas mais tardias. Há indícios de que alguns dos primeiros tratados, como o *Consilium* de Gentile da Foligno ou o *Compendium* parisiense, teriam servido de base para outros mais tardios. No entanto, também devemos levar em consideração um conhecimento comum sobre as gemas que vinha desde a Antiguidade, permeando os saberes dos estudiosos, inclusive no século XIV. Para além disso, havia o uso de *auctoritates* em comum, lidas debatidas e questionados nas faculdades de medicina, conforme explicitado no capítulo anterior.<sup>316</sup>

Em suma, todos os tratados médicos aqui apresentados são especialmente importantes para nossa análise por comporem um mapa de conhecimentos sobre os poderes das pedras preciosas e, num âmbito geral, sobre a medicina do período da Peste Bubônica. Espera-se que um mapeamento temporal, escolhido para esta análise, possa contribuir inicialmente com a discussão proposta.

---

<sup>315</sup> Esses volumes recebem o nome de *Pestschriften aus den ersten 150 Jahren nach der Epidemie des schwarzen Todes, 1348*.

<sup>316</sup> Vide, principalmente, as referências: Siraisi, 2-67; French, *Canonical Medicine*, 2-14; O'Boyle, 82-157.

### 2.3.1 *Consilium magistri gentilis super pestilentiam (1348)*

Conforme apresentado no capítulo anterior, Gentile da Foligno foi uma das principais figuras da medicina do século XIV. Ainda que muito de seu trabalho tenha sobrevivido até os nossos dias, pouco se sabe de sua vida.<sup>317</sup> Aparentemente, teria passado a maior parte de sua carreira de professor na Faculdade de Medicina de Perugia, onde se encontrava quando a pestilência chegou na cidade. Contudo, o médico já estudava a nova doença com muito cuidado desde que esta entrara na região da Úmbria, entregando suas primeiras observações sobre ela em seu tratado *Consilium de Peste*.<sup>318</sup> Por ter falecido pouco tempo após a epidemia chegar em Perugia, em 12 de junho de 1348, acredita-se que Gentile da Foligno tenha sido vítima da Peste.<sup>319</sup>

Seus *Consilia*, dois dos quais serão analisados aqui, estão entre os primeiros trabalhos realizados sobre a Peste no período. Escreveu um longo tratado intitulado *Consilium contra pestilentiam*, além de, possivelmente, três *consilia* mais curtos (geralmente atribuídos a ele), como o supracitado *Consilium de Peste*.<sup>320</sup>

Os *consilia* formam uma parte importante da literatura médica, assim como da literatura legal. De acordo com Lynn Thorndike, esse tipo de texto se definia pelas características de ser o registro de um caso real particular, de um paciente ou de uma doença em específico, seguido de orientações sobre o regime para a cura ou um relato do que foi feito. Diferenciava-se dos comentários sobre as obras de autoridades do passado por lidar com algo real e mostrar a prática médica realizada naquele momento.<sup>321</sup>

---

<sup>317</sup> French, *Canonical Medicine*, 3-4.

<sup>318</sup> Lugano, “Gentilis Fulginas Speculator,” 195-197.

<sup>319</sup> Thorndike, *History of Magic*, 3: 242.

<sup>320</sup> Arrizabalaga, 241; Thorndike, *History of Magic*, 3: 241-242.

<sup>321</sup> Thorndike, “Consilia,” 8.

Tendo em vista essas propriedades, Sudhoff discordou que os trabalhos de Gentile da Foligno fossem chamados de *Consilium*, primeiramente porque apresentariam mais informações do que conselhos práticos sobre o caso analisado. O principal *Consilium*, por exemplo, estaria dividido em quatro partes. A primeira lidaria com as causas da doença; a segunda apresentaria o regime de prevenção; a terceira, o regime de cura; e a quarta exporia 17 dúvidas (*dubia*) sobre a pestilência que, segundo o médico, teriam sido escritas para instigar os alunos. Em segundo lugar, Sudhoff duvidou ainda que o médico italiano tenha dado os mencionados títulos de *Consilium* a seus textos. Contudo, Thorndike responde que os tratados apresentam características que representariam suficientemente esse tipo de literatura médica e, além disso, não haveria razão aparente para duvidarmos da autoria dos textos assim intitulados e atribuídos a Gentile da Foligno.<sup>322</sup>

As diversas cópias com diferentes versões dos *Consilia* de Gentile da Foligno dificultam a escolha de um único texto para análise. A fim de comentarmos seu tratado mais completo, deveremos utilizar uma versão tardia impressa por Lorenzo Liondedei, de 1515. Os textos do médico italiano foram reproduzidos muitas vezes até o século XVI, parte dos quais era apenas uma versão impressa dos manuscritos, sem nenhuma presença editorial.<sup>323</sup> Esse é o caso dessa versão de 1515.

Dentre as quatro partes do tratado supracitadas, há a presença de pedras preciosas na terceira, *i.e.* o regime de cura. Após apresentar a importância da flebotomia para salvar a vida do doente, o médico sugere algumas receitas que deveriam acompanhar o tratamento. Uma delas é um composto do coração, com a seguinte informação:

**R:** *zucaro rosato, tria sandalorum; diadraganti. ana: vii. Iiii pannorum auri puri numero x; margaritarum; hiacintorum; oxis de corde cerui; ana ʒ. i. sejam misturados.*<sup>324</sup>

---

<sup>322</sup> Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 332-336; Thorndike, *History of Magic*, 3: 242-243.

<sup>323</sup> French, *Canonical Medicine*, 7-8.

<sup>324</sup> Gentile da Foligno, *Consilium contra pestilentiam*, 12v. e 13r.

Ainda outra receita de um segundo composto é dada na sequência da seguinte forma:

*R*: margaritarum albarum. ℥.℞ fragmentorum zaphiri, hiacinti, smaragdi. ana. ℥. ii. terre sigillate grana tria, ferici crudi sufficienter triti, ℥.℞. smaragdorum rubeorum. ℥. i. manus christi quantus uis; aqua rosata, na qual seja friccionada uma haste de ouro.<sup>325</sup>

Como pode-se perceber, as pedras preciosas mencionadas nas duas receitas são a pérola (*maragarita*), (na segunda receita, especificada a branca), a pedra jacinto (*hiacintus*), a safira (*zaphiri*) e a esmeralda (*smaragdus*) em duas versões, sendo uma ‘avermelhada’ (*rubeorum*). Além dessas, ainda é mencionado o osso do coração do cervo (*ossis de corde cerui*), o qual será discutido no próximo capítulo, também considerado uma gema, o que explica sua posição junto às outras na receita. Há ainda outros ingredientes como o sândalo, folhas de ouro, *terra sigitatta* e *manus christi*<sup>326</sup>.

Podemos ainda considerar um pequeno tratado intitulado *Consilium magistri gentilis supra pestilentiam*, encontrado no MS *Palatinus latinus 2317* e escrito na segunda metade do século XIV, que é atribuído a Gentile da Foligno. Ele foi transcrito por Sufhoff como sendo uma versão dos pequenos *Consilia* do médico italiano e, de fato, apresenta resumidamente as origens da pestilência e um regime de prevenção (com menções à cura). Nessa última parte, estão mencionadas algumas receitas. Uma delas traz a seguinte descrição:

Porém, em tempo seco e no corpo quente, (...) sejam feitas pílulas com suco de absinto. A dose é ℥<sub>j</sub> três vezes em uma semana e empreguem na matéria e nas noites esse electuário de exímia virtude para fortalecimento do coração, para reparação da peste e para a morte das lombrigas *R sandali, boli armenici ana ℥. iiij, seminis granae, margaritarum, smaraldorum, ossis de corde cervi ana ℥. iij. spodij, croci, mirrae, ligni aloes, seminis coriandri ana ℥ ij, camforae, ambrae ana ℥s, citri ℥j, radicum gentianae, radicum filicis ana ℥j, corticum*

<sup>325</sup> Ibid., 13r.

<sup>326</sup> Nome dado a um preparado de açúcar fervido em água de rosas ou violetas, por vezes contendo pérolas (*manus christi perlata*). Dunglison, *Medical Lexicon*, 202 e 539.

*citri 3ij*, todas essas coisas preparadas sejam ensopadas com *iulep*<sup>327</sup> de rosas e açúcar.<sup>328</sup>

Alguns dos componentes mencionados aqui são o sândalo, o bolo armênico, a mirra, a cânfora, a madeira de aloe, a flor crocus e sementes de coentro. As pedras preciosas citadas, por sua vez, são a pérola, a esmeralda, o âmbar-cinza e o osso do coração do cervo.

### 2.3.2 *Compendium de epidemia per collegium Facultatis Medicorum Parisius (1348)*

O *Compendium de epidemia* da Universidade de Paris, escrito em outubro de 1348, também foi uma das primeiras respostas à Peste em meio à pandemia que atingia a França; e, assim como o de Gentile da Foligno, contém um riquíssimo material para nossas análises.

O *Compendium* é dividido em duas partes (*summae*). A primeira parte investiga as causas e origens da pestilência; consiste em três capítulos, sobre as causas primeira e segunda da doença e sobre os prognósticos e sinais de sua chegada. A segunda parte explica sobre os remédios de preservação e cura, composta por dois livros (*tractatus*), dispostos com a seguinte descrição: “O primeiro será sobre os remédios de preservação pela dieta. O segundo [será] sobre os remédios, que curam e preservam, pela medicina”<sup>329</sup>.

O primeiro livro é estruturado em quatro capítulos e o segundo em três.<sup>330</sup>

---

<sup>327</sup> “*Julep*” ou “*julapium*” se refere a uma bebida, muitas vezes tomada como remédio, composta por ervas. Vide Beasley, *The Medical Formulary*, 172.

<sup>328</sup> “In tempore autem extuoso et in corpore cáldo (...) *fiant pilulae cum succo absinthij. dosis est j ter in ebdomada et utantur in materia et in vesperis hoc ellectuario eximiae virtutis ad cordis confortationem et pestis reparationem et lumbricorum occisionem (...). Omnia praeparata infundantur cum iulep rosarun et zuccaro*”, Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 339.

<sup>329</sup> “*Primus erit de remediis praeservatis per diaetam. Secundus de remediis, curativis et praeservatis per medicinalia*”, in Michon, 51.

<sup>330</sup> *Ibid.*, 16 e 51.

O uso de pedras preciosas é mencionado em três receitas do último capítulo (*Caput III*) do segundo livro, sobre a descrição dos antídotos feitos na forma de pílulas, de trociscos (uma espécie de pastilha em rodela), de pomos (bolas aromáticas) ou electuários<sup>331</sup>, intitulado “O que há acerca dos antídotos<sup>332</sup>” (*Quod est de antidotis*).<sup>333</sup>

A primeira receita traz a fabricação de trociscos para “corrigir” - entende-se purificar - o ar, conforme exposto a seguir:

Descrição de trociscos que retificam o ar, se lançados no fogo:  $\mathbb{R}$ : *bdellii clari, seminis nasturcii, al. (Albi) storacis, croci bisantini, azari, thuris, ligni aloes indi, ana*  $\mathfrak{z}$  *ij, camphurae*  $\mathfrak{z}$  *S., lapid. (smaragdi lapidi)*  $\mathfrak{z}$  *S.,* seja triturado com água de rosas, sejam preparados e feitos trociscos junto a uma quantidade de avelã, (...) <sup>334</sup>

Entre os ingredientes que compõe o medicamento, estão sementes da flor nastúrcio, a goma da árvore estoraque, flor crocus bizantina, madeira de aloe, cânfora, entre outros. Damos destaque, no entanto, à presença da pedra esmeralda<sup>335</sup> (*smaragdus lapis*), também mencionada como um componente para os trociscos.

Aqui, o material curativo parece agir pela inalação, não pelo consumo oral. Apesar da sufumigação estar mais associada à prevenção contra a Peste, quando o ar ainda deveria ser “corrigido” para se evitar o contágio, a ação de correção pode igualmente estar

---

<sup>331</sup> O electuário era, tradicionalmente, um remédio pastoso, ou seja, mole, em contraposição aos trociscos sólidos e às poções líquidas. Era feito de ingredientes em pó fino e unidos, geralmente, usando-se gordura, mel ou, após a apropriação pela medicina árabe, o açúcar. Outras substâncias colantes também foram utilizadas já pelos gregos, como gomas-resinas produzidas em árvores (ex.: mirra) e a scilla marítima, mais tarde retomadas pelos árabes, que passaram a utilizar a goma arábica e o psyllium. A origem desse composto remonta a medicamentos mesopotâmicos consumidos por lambeduras, chegando ao *Corpus* hipocrático com a mesma função. Na Idade Média, no entanto, os electuários ganham significados mais amplos, abarcando diversos remédios. Sobre a história dos electuários, vide Plouvier, “L'electuaire,” 97-112.

<sup>332</sup> A palavra latina “*antidotum*”, significando, originalmente, “contra veneno”, tornou-se sinônimo de “remédio” já nos primeiros séculos da Idade Média, quando os monastérios passaram a produzir obras intituladas *Antidotaria*, contendo diversas fórmulas. Por conseguinte, é possível que o sentido adotado nessa pergunta indireta seja o de “remédios” contra a Peste, em geral. Contudo, o fato de a doença ser associada ao veneno de um vapor pestilencial também explica o uso da palavra antídoto em sua essência. Ibid.

<sup>333</sup> “*Antidotorum describendorum quosedam in modum pillularum, quosedam in modum trociscorum formantur; alia vero ad modum pomorum et electuariorum conficiuntur*”. In Michon, 65.

<sup>334</sup> Michon, 66.

<sup>335</sup> A identificação da pedra preciosa com nomes modernos será discutida adiante.

associada ao combate da matéria pestilencial já no corpo. Nesse sentido, a purificação dos vapores pestilenciais – internos - seria importante também para a cura.

A segunda receita deste tratado que analisaremos é uma descrição de um electuário que serviria para cuidar do coração, preservando-o da matéria venenosa do ar e agindo contra a febre e os abscessos:

Descrição de electuário do coração que preserva do ar venenoso, também da febre, e dos abscessos pestilenciais, cuja mistura é:

**R**: *cinnamomi, alit ℥j, et semis, ligni aloes indi, florum, anthos, cubebae, piperis longi al., an scr. ij, nucis moschatae, gariophyllor., galangae, been, utriusque deronicae, cardamomi maj., ana ℥s., spicae nardi, fol. zedoar., croci oriental., sem. basiliconis, melissae, menthae siccae, ana scr. ij., omnium margaritarum, hyacinthorum, smaragdi, coralli rubri, carabi, ana scr. s.; rosarum rubrarum electarum, omnium sandalorum, ossis et cornu cervi, spodii, limaturae eboris, ana ℥ s.; seminis acedulae, quatuor seminum frigidorum et majorum, medull., seminis citoniorum, ana scr. j.; serici tincti, in kermes minutim incisi, scr j; ambrae grisiae, ℥s.; musci, scr. j; camphurae, g. vj; pinearum, modice episticorum? passularum enucleatorum, ana ℥j, et semis, conservae citri minutim incisae, ℥ ij; sacchari, camphorae, ana lib. ij, conficiantur cum aqua rosarum et buglossi, et cooperiatur (cooperatur) tota massa cum foliis auri puri.<sup>336</sup>*

Alguns dos ingredientes mencionados nessa receita são a árvore caneleira, a madeira de aloe, a pimenta-longa, o cardamomo, a flor crocus oriental, a melissa, a menta, o osso<sup>337</sup> e o chifre de um cervo, sândalos, cânfora e a folha de ouro<sup>338</sup>. Novamente, a esmeralda é mencionada, mas agora acompanhada de outras gemas: a pérola<sup>339</sup> (*margarita*), o jacinto (*hyacinthus*), o coral vermelho (*corallum rubrium*), o marfim (*ebur, eboris*), o âmbar amarelo (*carabi*) e o âmbar cinza<sup>340</sup> (*ambra grisia*).<sup>341</sup> Assim como a primeira receita, esta também se preocupa com a ação, externa ou interna, do ar

---

<sup>336</sup> Michon, 69-70.

<sup>337</sup> Aqui, não fica claro qual osso desse ser usado, mas, conforme visto em Gentile da Foligno, era comumente mencionado o osso do coração do cervo contra a pestilência.

<sup>338</sup> Lembramos que o ouro não comporá o grupo de análise, por não ser considerado uma pedra.

<sup>339</sup> A pérola como pedra preciosa será aludida no próximo capítulo.

<sup>340</sup> Será verificado em melhores detalhes na parte final deste capítulo. Para uma visão mais ampla neste momento, vide Riddle, “Amber in ancient Pharmacy,” 3-17.

<sup>341</sup> O coral como pedra preciosa também será aludido no próximo capítulo.

pestilencial. Contudo, a atuação do material curativo se estende aos principais sintomas da doença, que são a febre e os abscessos.

Destaca-se, aqui, que algumas dessas gemas também aparecem nas receitas do grande Gentile da Foligno, igualmente com a função de fortalecer o coração. Isso dá indícios de que os autores dos dois tratados, seja Gentile da Foligno ou os médicos parisienses, produzindo no mesmo período, teriam se baseado em algumas fontes comuns, provavelmente presentes nos cânones de obras que compunham os *curricula* das faculdades de medicina no século XIV.

A terceira receita do *Compendium* que traz pedras preciosas é uma “descrição de um *pomander*”, *pommum ambrae*, ou pomo-de-âmbar. Um *pomander* era uma mistura de ingredientes aromáticos em forma redonda, originalmente feito com âmbar-cinza (*ambra*) e com outros ingredientes que poderiam incluir o âmbar amarelo (*karabe*) e maçãs.<sup>342</sup> Apesar de seu uso vir desde a Antiguidade, como um ornamento fragrante, no período da Peste tinha a função de prevenir contra o ar corrompido.<sup>343</sup> Além de afastar a pestilência, também teria a propriedade de purificar o ar, elevar o espírito, ajudar o coração, ajudar a digestão, confortar e fortalecer o corpo e fortificar o cérebro.<sup>344</sup> Na receita registrada no *Compendium*, é dito ter “a veemente propriedade de alegrar e fortalecer”.<sup>345</sup>

A confecção do *pomander* aparece dividida em dois tipos. O primeiro seria indicado aos abastados, ou, mais especificamente, o Rei e a Rainha, e recomendava-se ser feito com âmbar cinza puro e excelente apenas<sup>346</sup>. O segundo tipo poderia ser feito com ingredientes menos caros ou menos preciosos (“*minus charum*”), para o qual a receita a seguir é dada:

---

<sup>342</sup> Riddle, “Pomum ambrae,” 112.

<sup>343</sup> Ibid, 111.

<sup>344</sup> Ibid, 112-113.

<sup>345</sup> “*ipsa enim habet vehementem proprietatem laetificandi et confortandi simul*”, Michon, 67 e 68.

<sup>346</sup> “*pro Rege et pro Regina fiat de ambra sola pura et optima*”, Ibid.

Descrição do pomo-de-âmbar. Em favor do Rei e da Rainha, seja feito apenas a partir de âmbar [cinza] puro e excelente, pois ele mesmo possui, ao mesmo tempo, uma veemente propriedade de alegrar e fortalecer (...). Porque como âmbar [puro] é coisa cara, de fato, pode ser composto o fruto suficientemente conveniente e menos caro do qual a descrição se segue **R**: *lapidis purissimi*, ℥ ij., *storacis, calamenthi, gummi arabici, myrrhae, thuris, aloes, ana* ʒ iij.; *rosarum rubear. electarum sj. sandal., musci* ʒ ij., *nucis moschat., gariophyllorum, macis, ana* ʒ j., *been, utriusque blactae (1) bisantin., karab. (2), calami aromatici, seminis basilicis, majoranae, satureiae, menthae siccae, radic. gariophyll., ana* ʒ S., *spicae nardi scr. j., cinnamomi., galang. (3), cardamoni majoris, ana* ʒ S.; *ligni aloes, ℥ S.; ambrae, ʒ j; musci ʒ j. et semis, camphor. scr. j. et S.; olei nardi, olei muscatellini quod satis, adde modicum ceram albam.*<sup>347</sup>

Alguns dos ingredientes da receita são a goma da árvore estoraque, a melissa, a goma arábica, a mirra, o aloe, o sândalo, a noz moscada, a maçã, a menta seca e a cânfora. Conjuntamente, uma pedra puríssima (*lapidis purissimi*)<sup>348</sup> deveria ser usada, mas não se especifica qual. Uma vez que o âmbar amarelo (*karabe*) e o âmbar cinza (*ambra*) também estão nominalmente citados na receita, essa pedra não se referiria a eles. Não foi encontrada uma menção, em texto ou em lapidários, a uma pedra que seria a mais pura. Isso parece indicar que qualquer pedra, uma vez muito pura, poderia ser utilizada para a versão mais acessível.

### **2.3.3 *Libellus de Preservatione ab epydimia compilatus per magistrum Maynum de Mayneriis (1360).***

A próxima obra a ser analisada é um tratado de 1360 composto pelo médico e professor milanês Maino de Maineri. Pouco se sabe sobre essa figura histórica, mas, aparentemente, ele teria estudado medicina na Universidade de Paris e serviu ao Visconti, em Milão, morrendo em alguma data entre 1364 e 1368.<sup>349</sup>

<sup>347</sup> “*Descriptio pomi ambrae. Pro Rege et pro Regina fiat de ambra sola pura et optima; ipsa enim habet vehementem proprietatem laetificandi et confortandi simul, (...). Quia cum ambra est res chara, vero potest componi id pomum satis conveniens et minus charum, cujus descriptio sequitur*”, Ibid.

<sup>348</sup> Não foi encontrada nos lapidários referência a uma pedra puríssima.

<sup>349</sup> Maino de Maineri, 5; Weill-Parot, “*images astrologiques*”, 562-564.

Em seu tratado, Maino de Maineri evoca alguns nomes de pedras mais conhecidos por suas propriedades contra todo veneno (“*valent contra omne venenum*”). Em seu décimo primeiro capítulo, intitulado “O Regime de Epidemia, pelo julgamento assumido por alguns específicos médicos, especificamente valorosos na preservação e cura da epidemia”<sup>350</sup>, o autor cita:

Pelas supostas purgações e evacuações através da flebotomia e da farmácia, e pelas supostas absorções convenientes, e pelo regime conveniente no alimento e bebida, e por outras coisas não naturais, neste capítulo hão de colocar-se alguns medicamentos especiais que são muito apropriados na preservação e na cura. Portanto, digo que o *carbunculus*, o rubi, o *palladius*, igualmente a esmeralda e o coral de ambos [os tipos?] e a pedra encontrada na cabeça da áspide, e o seu chifre, transportadas e tomadas no interior para o propósito são coisas úteis<sup>351, 352</sup>.

Esse rico excerto contém informações importantes à nossa análise. Em primeiro lugar, as gemas sugeridas por Maino de Maineri são, respectivamente, o *carbunculus*, o rubi (*rubinus*), a pedra *palladius*<sup>353</sup>, a esmeralda, o coral, e uma pedra encontrada na cabeça da víbora-áspide (*lapis inventus capite aspidis*). Quanto a essa última, é interessante notar que no *Livro do Tesouro de Brunetto Latinni*, do século XIII, a pedra na cabeça da áspide é também chamada de *carbunculus*,<sup>354</sup> que já seria umas das pedras preciosas citadas no excerto. A víbora que contém chifres pelo corpo, no entanto, é chamada de *cerastes*<sup>355</sup>, constantemente mencionada em bestiários. Sobre a *cerastes*, não é dito haver uma pedra em sua cabeça. A áspide mencionada por Maino de Maineri pode ser, portanto, uma amálgama das víboras encontradas nos bestiários, da áspide à *cerastes*.

---

<sup>350</sup> “*Capitulum Undecimum: De Regime ab Epydimia, iudicatione sumpta ab aliquibus specialibus medicinis, que specialiter valente in preservando et curando ab epydimia*”, Maino de Maineri, 27.

<sup>351</sup> Aqui, vê-se evidentemente que se trata de um uso interno.

<sup>352</sup> “*Suppositis purgationibus et evacuationibus per flebotomiam et farmaciam, et suppositis digestivis convenientibus, et regimine convenienti in cibo et potu, et aliis rebus non naturalibus, in hoc capitulo ponenda sunt quedam specialia medicinalia que multum sunt appropriata in preservando et in curando. Dico ergo quod carbunculus, rubinus, palladius, similiter smaragdus, et corallus utriusque et lapis inventus in capite aspidis, et cornu eius gestata et interius sumpta ad propositum sunt utilia*”, Maino de Maineri, 27.

<sup>353</sup> Voltaremos a falar sobre a pedra *palladius* e sobre o *carbunculus* no próximo capítulo.

<sup>354</sup> “*Et sachiez que li aspide porte en as teste la très luisanz et la precieuse pierre que on claimie escharboucle*”, in Brunetto Latinni, *Li livres dou tresor*, 191.

<sup>355</sup> Plínio, o Velho. *The Natural History*, 6: 20.

O autor traz alguma novidade às pedras utilizadas contra a pestilência, ainda que também mencione a esmeralda e o coral, já sugeridos no *Compendium* parisiense e no *Consilium* de Gentile da Foligno. A referência ao *carbunculus*, ao rubi e ao *palladius*, pedras tradicionalmente vermelhas e similares, parece apontar não apenas para uma característica comum entre elas, mas também para uma fonte diferente. O tratado não teria sido inteiramente baseado nos anteriores, o *Compendium* e os *Consilia*, apesar de Maino de Maineri ter estudado na Universidade de Paris, de onde saiu a primeira obra. É provável, portanto, que tenha tido contato com outras fontes que chegavam à faculdade de medicina, possivelmente vindas do mundo árabe, como sugere a menção à pedra encontrada na cabeça da áspide.<sup>356</sup>

Apesar de apresentar uma certa novidade, Maino de Maineri não difere muito de seus antecessores ao mencionar as pedras para o regime de prevenção e cura, como já foi explicitado anteriormente nos outros tratados.

#### **2.3.4 *Regimen contra pestilenciam Johannis Jacobi (1364)***

Johannes Jacobus era o médico Real e Papal, além de Chanceler, de Montpellier.<sup>357</sup> Ele escreveu seu tratado sobre a Peste por volta de 1364 e esse documento se tornou um representante importante do conhecimento e dos ensinamentos médicos no sul da França medieval tardia. De acordo com Karl Sudhoff, o *Regimen contra pestilenciam* de Johannes Jacobus é o mais comum de todos os tratados sobre a peste em manuscritos e, especialmente, em impressões tardias - se incluídas as revisões que, em sua maioria, não carregam mais seu nome.<sup>358</sup>

---

<sup>356</sup> As fontes das faculdades de medicina nos séculos XIII e XIV já foram abordadas neste capítulo e no anterior.

<sup>357</sup> Singer, "Some Plague Tractates," 179.

<sup>358</sup> Sudhoff, "Pestschriften, XVIII," 16.

O tratado é dividido em três partes: a primeira aborda as causas da doença, supralunar e sublunar, que levariam à comorbidade nos homens, representada pela febre e pelos abscessos.<sup>359</sup> A segunda parte aborda o regime de prevenção e a terceira o regime de cura. Nesta, o autor demonstra sua preocupação para com os abscessos pestilenciais.

A presença de dores ou bulbos próximos aos órgãos essenciais (ao coração, na axila esquerda, ao cérebro, atrás da orelha ou no pescoço, e ao fígado, na virilha), indicaria que a matéria venenosa poderia atingi-los. O tratamento indicado nesse estágio era a flebotomia em veias específicas do corpo que permitissem a vasão da matéria pestilencial.<sup>360</sup> Também era indicada a aplicação de remédios na forma de triacas<sup>361</sup>, untadas em determinados locais, e a ingestão de electuários.<sup>362</sup>

A receita para um electuário é apresentada da seguinte maneira:

*Recipe triasandali diadraganti frigidi ana unz. unam et semis, conserue rosarum unziam semis, conserue buglosse drachmas duas., seminis acetose drachmam, seminis citrii scrup. j, panis zuccari caphatini unziam unam et semis, margaritarum, zaphirorum ana scrupulum semis, pannorum auri quindecim, (...).*<sup>363</sup>

---

<sup>359</sup> “Quandoque autem uenit postilencia ab utroque, scilicet a radice superiori et inferiori; nam impressio celestis corrumpit aerem et vegetabilia manifeste et tunc humores et Spiritus corruptur et ab inferiori et a superiori et sie causantur morbi in corpore, et tales morbi sunt quandoque febres sole, quandoque apostemata sola, quandoque apostemata et se quuntur febres, quandoque febres et sequuntur apostemata”, Ibid., 24.

<sup>360</sup> “Si dolor uel apostema est retro aurem uel prope, fiat flebotomia de vena cephalica eiusdem brahij uel de vena que est inter pollicem et indicem; nam materia venenosa magis invadit cerebrum. Si autem dolor uel apostema fuerit sub ascellis uel prope, fiat flebotomia de basilica eiusdem brachij uel de vena que est inter auricularem et alium digitum, quia tunc materia inuadit cor. Si autem dolor uel apostema fuerit in ingwine uel retro finem ani, fiat flebotomia de zaphena eiusdem pedis in parte domestica uel siluestri, quia tunc materia venenosa invadit epar”, Ibid., 28.

<sup>361</sup> Triaca, triaga ou teriaga era um composto feito com uma mistura de diversos ingredientes, conhecido como um antídoto universal e utilizado para vários tipos de envenenamentos desde a Antiguidade. Na medicina para a Peste, era prescrito como prevenção e tratamento. Sobre esse assunto, vide Fabbri, 247-283.

<sup>362</sup> “Supra locum apostematis non ponatur tyriaca, quia ipsa propellit venenum ante se et eciam faceret ipsum profundari ut declarat Arnoldus de Villa noua in speculo in caseo recenti intoxicato. Semper medicus habeat mentem ad confortandum cor et istud pro alio remedio non dimittatur, sed epithimetur cum aqua acetose et aqua rosarum et aqua scabiose et mellisse et sandalis et rosis et modico aceti. Post apostema uersus cor ponatur tyriaca, si possibile est, et fiat electuarium tale”, Sudhoff, “Pestschriften, XVIII,” 28.

<sup>363</sup> Ibid.

Alguns dos ingredientes da receita são um composto de três sândalos, conserva de rosas, conserva de buglossas, sementes de limão, folhas de ouro e uma espécie de pão de açúcar. Também são mencionadas pérolas e safiras. Ambas as pedras aparecem em receitas já apresentadas aqui, igualmente com a função de agir contra a febre e os abscessos, além de fortalecer o coração, sugerindo que Johannes Jacobus tenha utilizado fontes em comum aos médicos já mencionados ou tenha entrado em contato com alguns dos tratados, como já mencionado no capítulo anterior.

Outra pedra sugerida separadamente por Johannes Jacobus, em outra parte de seu tratado, é o bezoar, sobre o qual é dito ser útil contra todo veneno.<sup>364</sup> O bezoar, assim como o coral e a pérola, não é um mineral, mas sim um aglomerado de fibras não digeridas no estômago de animais, como o bode e o cervo. Essa pedra foi introduzida na medicina medieval ocidental a partir de traduções de obras do mundo árabe no século XII.<sup>365</sup> Será abordada na segunda parte do capítulo mais aprofundadamente.

### **2.3.5 *Tractatus Johannis de Burgundia de morbo epidemiae* (1365)**

João da Borgonha (*Johannis de Burgundia*), ou João a la Barbe, foi um médico de Liège que escreveu um dos mais conhecidos tratados sobre a Peste Bubônica na segunda metade do século XIV. De acordo com Dorothea W. Singer, a pesquisa histórica teria estabelecido que ele também seria o autor da versão original das famosas *As Viagens de Sir John Mandeville*.<sup>366</sup> Seu tratado *De morbo epidemiae* data de 1365 e, como já mencionado, foi bastante copiado e usado como fonte para muitos outros textos produzidos nos dois séculos seguintes.

---

<sup>364</sup> “*Lapis bezaraicus valet contra omne venenum*”, Ibid., 27.

<sup>365</sup> Barroso, “Bezoar stones, magic, science and art,” s.p.

<sup>366</sup> Singer, “Some Plague Tractates,” 161.

Aqui, serão utilizadas duas versões de sua obra. A primeira é uma cópia francesa encontrada em um manuscrito de 1371 - apenas seis anos após a edição original do tratado - localizado na *Bibliothèque Nationale de France* (MS 4516). Essa versão foi transcrita por Dorothea W. Singer em *Some Plague Tractates*. A segunda é uma versão em latim publicada por Sudhoff a partir de três manuscritos ingleses, já do século XV: MS Sloane 2320; Cambridge Cajus College MS 336, 725; Cambridge Trinity College MS O. I. 77.<sup>367</sup>

As duas versões são importantes por demonstrarem como o conhecimento foi transmitido entre Liège e os centros de medicina da Inglaterra em um século. Enquanto a versão francesa apresenta, segundo a divisão proposta por Singer<sup>368</sup>, uma introdução astrológica, uma introdução do próprio autor, um regime de prevenção (com desinfecção, dieta, remédios e flebotomia), uma teoria sobre a doença, um regime de cura (com dieta, flebotomia e remédios), um epílogo astrológico, um pós-escrito com “novas” sugestões de flebotomia e remédios, baseadas na necessidade por um tratado “moderno”, um epílogo com o motivo do autor e, por fim, um *Explicit*,<sup>369</sup> a versão posterior, em latim, é bastante resumida. Os copistas ingleses priorizaram pelo regime de prevenção e pelas receitas médicas para fortalecimento e cura, deixando de lado outras partes, como a explicação astrológica e a introdução de João da Borgonha.

Se levarmos em consideração a organização do texto proposta por Singer, a menção às pedras preciosas surge apenas na seção considerada um “Pós-escrito”<sup>370</sup>, a qual aborda os mesmos tópicos mencionados nas seções anteriores, como flebotomia e remédios, e de forma similar, mas com ideias e propostas dos “*magistri moderni*”<sup>371</sup>. Entre as muitas receitas médicas fornecidas nessa seção, uma delas traz a descrição: “é

---

<sup>367</sup> Sudhoff, “Pestschriften, III,” 62.

<sup>368</sup> Singer, “Some Plague Tractates,” 162.

<sup>369</sup> Ibid.

<sup>370</sup> Para Singer, essa seria uma parte extra do tratado, contudo está no próprio corpo da obra. Ibid.

<sup>371</sup> Os “*magistri moderni*”, conforme explicado no primeiro capítulo, eram as autoridades médicas da época da pestilência.

reconfortante para o coração e afasta os maus vapores e reduz a febre e a doença, podendo ser administrada a qualquer hora do dia ou da noite”.<sup>372</sup> A receita em questão é dada da seguinte forma nas duas versões:

Tabela 1 – Texto da receita e respectiva tradução.<sup>373</sup>

Francês	Latim	Tradução
<p><i>Conserue violar(um). cons(er)ue rosar(um) conserue buglose. conserue boraginis. conserue citranglor(um) aa. iij. puluer(is) dyarodon alb [at] is. dyadragwnt(i) frigidi. t(ri)asandal(i). puluer(is) resumptini, pulu(er)is electuary(it). frigidi cophonis aa ss zucar(e) rosac(e) fracte, qui suffise. et soient mixtionne senz feu-et en une boiste. Et se le pacient est de chaude compleccion et la fieure caude et ague, on mesle avec ce dessus dit. vi. ou. viii grains de canfre. Et se le malade est riche, on mette avec les choses dessus dites de perles. (ou) margarite or fueilly. argent pur iacinct esmeragde. et os de cuer de cerf.<sup>374</sup></i></p>	<p><i>Conservae violarum, conservae rosarum, conservae buglossae, conservae boraginis, conservae citrangulorum ana 3.2, pulueris dyarodon abbatis, dyadraganti frigidi, triazandali, pulueris resumptivi, electuarii frigidi, camphorae ana 3β succarum rosarum fracte quod sufficiat, misceantur omnia sine igne et in pixide ponantur et si paciens fuerit calidae complexionis et si febris sit intensa, commisceantur cum praedictis VI vel VII grana camphorae.</i> <i>Si dives fuerit, debent poni cum hiis margaritae, aurum foliatum, argentum purum, iacincti, smaragdi et os de corde cervi.<sup>375</sup></i></p>	<p><i>Conserue violar(um). cons(er)ue rosar(um) conserue buglose. conserue boraginis. conserue citranglor(um) aa. iij. puluer(is) dyarodon alb [at] is. dyadragwnt(i) frigidi. t(ri)asandal(i). puluer(is) resumptini, pulu(er)is electuary(it). frigidi cophonis aa ss zucar(e) rosac(e) fracte, qui suffise. E sejam misturadas todas as coisas sem fogo e em um recipiente e se o paciente é de compleição quente e a febre quente e aguda, mistura-se com o dito 6 ou (7) 8 grãos de cânfora. E se o doente é rico, coloca-se com as coisas ditas acima pérolas ou margaritae, folha de ouro, prata pura, jacinto, esmeralda e o osso do coração de um cervo.</i></p>

As duas versões são bastante próximas, com pequenas variações, como na quantidade de grãos de cânfora ou na especificação do electuário *Cophonis*<sup>376</sup> na versão francesa. De forma geral, os ingredientes nas receitas são os mesmos, como conservas de

<sup>372</sup> “Ou on li doinst de cestre confeccion confortatif pour le cuer. et les males fumes enchace. et pour fieure et le mal estaint. et peut estre donnee atoute heure de iour et de nuyt”, Singer, “Some Plague Tractates,” 210.

<sup>373</sup> Tabela criada a partir dos estudos e levantamentos de dados feitos nessa parte do trabalho pela autora.

<sup>374</sup> Singer, “Some Plague Tractates,” 210-211.

<sup>375</sup> Sudhoff, “Pestschriften, III,” 68.

<sup>376</sup> Esse electuário é atribuído a Copho, médico salernitano do século XII, um dos autores “modernos” mencionados por João da Borgonha nessa parte de seu tratado. O *electuarium Cophonis* era feito de várias ervas, sementes e açúcar, e usado contra febres. Vide Norri, *Dictionary*, 331.

violetas, de rosas, de buglossas e de borragem, açúcar de rosas e pedras preciosas. O médico cita o uso de quatro gemas, já mencionadas em outros tratados, indicadas para os ricos: a pérola, o jacinto, a esmeralda e o osso do coração do cervo, usadas, principalmente, para a cura.

A grande lista de autoridades aludidas pelo médico de Liège mostra que ele teria acesso a uma vasta literatura na região flamenga, incluindo, talvez, os tratados produzidos desde a chegada da pestilência, além das já mencionadas fontes gregas e do mundo árabe, que serviram aos estudiosos de Paris, de Perugia e de Montpellier.

### 2.3.6 *Consilium illatum contra Pestilenciam des Nicolo de Burgo (1382)*

Nada se sabe sobre Nicolo de Burgo, exceto o que o próprio tratado informa, ou seja, que ele era médico da cidade de Florença durante a pestilência. Segundo Sudhoff, este tratado tem a data de 1382 e sua paleografia sugere que, de fato, foi escrito por volta de 1400.

Assim como em Gentile da Foligno, o tratado de Nicolo de Burgo se apresenta sob a forma de um *Consilium*. Contudo, diferentemente de Foligno, Nicolo de Burgo não traz uma complexa explicação sobre a causa da doença, aprofundando-se, então, no regime de prevenção. Esse regime traz uma receita indicada como um bom fortalecedor para o espírito, na qual são mencionadas as pedras preciosas:

Pó fortificante bom para o espírito assim feito  $\mathbb{R}$  *emblicorum, karabe, sticados, zedoariae, succis citri mundati, granorum mirti, spodij, coriandri praeparati ana . ℥ j semis, ambrarum [!], margaritarum, zafirorum, iacinctorum, smeragdorum, belericorum, ambrae, croci, cinamomi ellecti āā ℥ .j. boliaris loti ℥ j. cristalli ℥ .ij. camforae ℥ j. (...)*<sup>377</sup>

<sup>377</sup> “*Pulvis bonus solidativus spiritum, sic fit*”, Sudhoff, “Pestschriften, IV,” 360.

Alguns dos ingredientes mencionados nessa receita são a planta emblica, o coentro, grãos de murta, a cânfora, a cúrcuma zedoária e a canela. Mais uma vez, as pedras preciosas citadas são a pérola, a safira, o jacinto, a esmeralda, o âmbar amarelo e o âmbar cinza. Nessa receita, as pedras ainda são utilizadas com a função de prevenir a doença, fortalecendo o corpo, semelhantemente ao visto nos tratados anteriores.

### 2.3.7 *Regimen contra pestilenciam* de Nicolas d’Udine (1390)

O médico real Nicolas de Udine, ou Nicolaus von Udine, escreveu em Viena, em 1390, um tratado sobre a peste para o Duque Albrecht da Áustria. Suhoff nos traz a transcrição de uma cópia do começo do século XV, encontrada no MS lat. 75 da Biblioteca da Corte e Estado de Munique.

O tratado de Nicolas de Udine é dividido em três partes. A primeira aborda as causas da pestilência; a segunda expõe um longo regime de prevenção, enquanto a terceira registra o regime de tratamento. É na segunda parte em que se encontram as receitas com menção a pedras preciosas entre seus ingredientes. A primeira é descrita da seguinte forma:

Composto do coração: **R** *cinamomi electi, mundati a cortice exteriori 3 ij, zingiberis, boli armenici ana 3j, ligni aloes, sandali rubei, utriusque behen, seminis citri, margaritarum non perforatarum, macis, gariofili ana 3j, zuccari electi libr. ʒj*, seja dissolvido açúcar em água de buglossa no inverno, no verão em água de rosas (...). No verão, sejam cobertos com cânfora, com folhas de ouro, que a dose seja iii ou iiij 3 a mais, a mistura, porém, seja: **R** *zuccari rosarum praesentis anni 3 iij, zucarj violati boraginati, manus Christi cum perlis ana 3j, (...).*<sup>378</sup>

---

<sup>378</sup> “*dissolvatur zucarum in aqua buglossae in hyeme, in aestate in aqua rosarum (...)*In aestate cum camfora cum folijs auri cooperiantur, dosis sit 3 iij vel iiij ad plus, mixtura autem sit ista”, Sudhoff, “Pestschriften, V,” 367-368.

A receita ainda é complementada por uma citação sobre o uso de outras pedras preciosas:

No composto e na mistura seja colocado  $\mathfrak{D}$ j de boas esmeraldas e safiras (...), e, caso seja rico, (...) seja colocado com o dito anteriormente ao menos  $\mathfrak{3}$  de metades de bom rubi, que deve ser carregado no dedo, ou mais, se houver, ligados em anéis de ouro, porque é muito recomendado entre as pedras preciosas no proposto, e similarmente seja carregada esmeralda em um anel, porque muito vale contra os venenos.<sup>379</sup>

Dentre os ingredientes mencionados por Nicolas de Udine, muitos já são conhecidos de receitas anteriores: a canela, o bolo armeno, a madeira de aloe, o sândalo, as sementes de limão, o açúcar, a cânfora, folhas de ouro etc. As pedras preciosas mencionadas são igualmente recorrentes: a pérola, a esmeralda, a safira e o rubi, sendo que os dois últimos também apresentam um uso externo. Voltaremos a isso adiante no capítulo.

A pérola aparece como ingrediente de duas formas distintas. Na primeira menção, seu uso é como “pérolas não perfuradas” (“*margaritarum non perforatarum*”)<sup>380</sup>. As pérolas perfuradas ou não perfuradas eram comuns nos tratados médicos, apesar de não haver uma explicação sobre esses dois usos. Na segunda menção, a pérola aparece no composto de “*manus Christi cum perlis*”. Lembramos aqui que “*Manus Christi*” era um preparado feito com açúcar e água de rosas. Algumas vezes, pérolas trituradas eram adicionadas ao composto, que passava a chamar “*manus Christi cum perlis*” ou “*manus Christi cum margaritis*”.<sup>381</sup>

A menção às *manus christi* parece aproximar Nicolas de Udine a Gentile da Foligno e às suas fontes, uma vez que o médico italiano também propõe um composto

---

<sup>379</sup> “*Confeccione et mixtura ponatur de bonis smaragdīs et saphiris  $\mathfrak{D}$ j, (...), et si dives sit, (...), ponatur cum praedictis saltem  $\mathfrak{3}$  semis boni rubini, qui debet portari in digito, vel plures si habentur, ligati in annulis aureis, quia inter lapides preciosos multum commendatur in proposito, et similiter portetur smaragdus in annulo, quia multum valet contra venena*”, Ibid., 368.

<sup>380</sup> As pérolas não perfuradas serão mais bem elucidadas na segunda parte do capítulo.

<sup>381</sup> Dunlison, 202 e 539.

para o coração, utilizando pérolas, safiras e esmeraldas, além de açúcar de rosas, sândalo e folha de ouro, ingredientes comuns ao tratado austríaco.

## **2.4 Outras recorrências no século XV**

Como os surtos de Peste Bubônica continuaram por muitas décadas, ou até mesmo por muitos séculos após 1348, encontramos ainda vários tratados médicos sendo produzidos no *quatrocentos*. Esses tratados costumam ser menores, incompletos (trazendo apenas a profilaxia e os remédios, por exemplo) e, aparentemente, são baseados nos do século anterior. Mencionamos anteriormente três tratados ingleses de João da Borgonha do século XV, transcritos por Sudhoff, comparados a uma versão francesa mais completa e antiga, que são testemunhos do prolongamento das cópias (ainda que incompletas). Citaremos, a seguir, outros exemplos.

### **2.4.1 *De Pestilencia*, in Codex Ashmole 1391, Oxford, Bodleian Library**

Esse tratado, feito pouco depois de 1400, na Inglaterra, traz referências a John Gaddesden, médico inglês, e Bernhard de Gordon, médico francês e professor de medicina na Universidade de Montpellier, os quais seriam a fonte para os conhecimentos apresentados. Um dos remédios prescritos no tratado é acompanhado do testemunho: “Esse medicamento muitas vezes eu fiz e testei em casas ricas e pobres e, até agora, quase ou nunca vi alguém infectado que usou este [remédio] e bom regime”<sup>382</sup>. Sua receita é dada da seguinte forma:

---

<sup>382</sup> “*Istud medicamen multociens feci et in domibus diuitibus et pauperibus perfecte probavi et adhuc vix aut nunquam vidi aliquem infectum, qui illo utebatur et bono regimine*”, Sudhoff, “*Pestschriften*, XVIII,” 135.

**R** tormentille, pimperlle, cicoree, cuius libet illorum ad pondus 3 denariorum, cubebarum, macis, calami aromatici, coralli rubei, sandali rubei, blatte bizancie cuiuslibet ipsorum ad pondus 2 denariorum, ambre, spodij, iacinctorum, smaragdorum, margaritarum, saphirorum, ossis de corde cerui, mirre, cuiuslibet illorum ad pondus 2 denariorum et j oboli, auri foliati 12 folia, ligni aloes et camphore vtriusque ad pondus vnius oboli, florum boraginis, florum buglosse, florum violarum et anthos, cuiuslibet ipsorum ad pondus 6 den., fiat puluis et vtatur.<sup>383</sup>

Dentre os ingredientes que compõem a receita, destacamos a folha de ouro, o sândalo vermelho, a mirra, a cânfora, a madeira de aloe e algumas flores recorrentes, mas, principalmente, as pedras preciosas: o coral vermelho, o jacinto, a esmeralda, a pérola, a safira, o osso do coração do cervo e o âmbar cinza, igualmente recorrentes.

#### 2.4.2 *Item preseruacione epidimia, em Cod. lat. 372, Munich State Library*

Esse pequeno tratado sobre a Peste Bubônica, da cidade de Montpellier, foi escrito em 1431 por Johannes de Piscis, o Chanceler da Universidade da cidade. Em uma das receitas médicas fornecidas, os seguintes componentes estão mencionados:

Consultam também electuários do coração, que muitos são. Um é assim: **R** conserue rosarum, conserue buglosse, conserue acetose ana 3 j, conserue corticis citri conditi 34, seminis citri mundj, boli ar(meni) subtiliter puluerisati, seminis acetose ana 3 j et semis, margaritarum electarum, fracmentorum schmaractorum ana 3j, cinamomi eiecti, mag., garioff., seminis asermi [?], spodij, coralli rubei ana 3 ij, panis zuccari quantum suff(icit).<sup>384</sup>

*Schmaractus* é o nome em Alto-alemão medieval para o *smaragdus*, a esmeralda. Portanto, a receita traz pérolas, coral vermelho e esmeraldas como ingredientes, além de conservas de flores, pão de açúcar e outros componentes.

---

<sup>383</sup> Ibid.

<sup>384</sup> “*Consulunt eciam electuaria cordialia, que sunt multa. Vnum est tale*”, Ibid., 52.

### **2.4.3 *Rogatus a quibusdam amicis meis ut de causa huius generalis pestilencie...*, in MS Sloane 428, Londres, British Library**

Esse tratado anônimo contém uma receita<sup>385</sup> com a seguinte frase: "**℞** *ossis de corde cervi coralt* [?] *Margaritarum ana*".<sup>386</sup> Mais uma vez, a pérola e o osso do coração do cervo são mencionados. "*Coralt*", por sua vez, talvez seja o coral.

### **2.4.4 *Regime tempore pestilencie*, in MS Hunter 323, Glasgow, University Library**

Esse interessante manuscrito, elaborado entre 1431 e 1432, contém vários tratados médicos sobre diferentes doenças e demonstra certa preocupação para com a Peste, mencionada em diferentes trechos<sup>387</sup>. Entre os tratados, há um anônimo intitulado *Regime tempore pestilencie*<sup>388</sup>, que fornece uma receita com menção às pedras. Essa prescrição deve conter "*XX margaritarum iacinctorum ossi de corde cervi ana*". Dito isso, constata-se que as pedras preciosas mencionadas são, novamente, a pérola, o jacinto e o osso do coração do cervo.

## **2.5 O uso externo**

A menção a um uso externo das pedras preciosas nos tratados médicos sobre a Peste Bubônica é muito menos frequente que a menção ao uso interno. Conforme explicado anteriormente, o uso externo poderia ser feito com as gemas misturadas – geralmente trituradas - na composição de pomadas e bálsamos de uso tópico, agindo pela

---

<sup>385</sup> Contida no fólio 144v.

<sup>386</sup> Tratado encontrado pela autora.

<sup>387</sup> Vide, por exemplo, fólios 3v, 13v e 64r.

<sup>388</sup> Este tratado está no fólio 3v. Foi encontrado pela autora.

absorção da pele, ou com as pedras atadas, penduras ou aproximadas a uma parte do corpo, por exemplo, colocadas em anéis. Nos dois casos, sabemos que as propriedades mágico-médicas ou amuléticas-medicinais se mantinham.

### 2.5.1 *Libellus de Preservatione ab epydimia compilatus per magistrum Maynum de Mayneriis (1360).*

A primeira obra analisada aqui por citar um uso externo é o já conhecido tratado do médico e professor milanês Maino de Maineri, de 1360.<sup>389</sup>

Novamente, em seu décimo primeiro capítulo, intitulado “O Regime de Epidemia, pelo julgamento assumido por alguns específicos médicos, especificamente valorosos na preservação e cura da epidemia”<sup>390</sup>, o autor cita:

Pelas supostas purgações e evacuações através da flebotomia e da farmácia, e pelas supostas absorções convenientes, e pelo regime conveniente no alimento e bebida, e por outras coisas não naturais, neste capítulo hão de colocar-se alguns medicamentos especiais que são muito apropriados na preservação e na cura. Portanto, digo que o *carbunculus*, o rubi, o *palladius*, igualmente a esmeralda e o coral de ambos [os tipos?] e a pedra encontrada na cabeça da áspide, e o seu chifre, transportadas e tomadas no interior para o propósito são coisas úteis<sup>391, 392</sup>.

Maino de Maineri sugere aqui que o *carbunculus*, o rubi, a pedra *palladius*, a esmeralda, o coral e a pedra encontrada na cabeça da víbora-áspide (*lapis inventus capite aspidis*) poderiam ser, além de tomadas internamente, o que já foi abordado neste capítulo, também transportadas, o que nos remete ao uso externo junto ao corpo.

---

<sup>389</sup> Maino de Maineri, 5; Weill-Parot, “*images astrologiques*”, 562-564.

<sup>390</sup> “*Capitulum Undecimum: De Regime ab Epydimia, iudicatione sumpta ab aliquibus specialibus medicinis, que specialiter valente in preservando et curando ab epydimia*”, Maino de Maineri, 27.

<sup>391</sup> Aqui, vê-se evidentemente que se trata de um uso interno.

<sup>392</sup> “*Suppositis purgationibus et evacuationibus per flebotomiam et farmaciam, et suppositis digestivis convenientibus, et regimine convenienti in cibo et potu, et aliis rebus non naturalibus, in hoc capitulo ponenda sunt quedam specialia medicinalia que multum sunt appropriata in preservando et in curando. Dico ergo quod carbunculus, rubinus, palladius, similiter smaragdus, et corallus utriusque et lapis inventus in capite aspidis, et cornu eius gestata et interius sumpta ad propositum sunt utilia*”, Maino de Maineri, 27.

### 2.5.2 *Regimen in Pestilencia de Cardo de Milão (1378)*

Esse longo tratado foi escrito pelo médico Cardo (ou Cardone) de Milão, em 1378. Não há melhores informações sobre essa figura, com exceção de que teria trabalhado em Milão, conforme atestado em seu texto.

Sobre as pedras preciosas, ele cita:

Portanto, tenha sempre consigo um dos perfumes já mencionados por Avicena, em casa e fora dela, sempre que tiver receio de uma corrupção pestífera do ar; tenha também sempre consigo um pouco de casca de cidra, condimentada ou não, na boca para mastigação, já que isso reconforta o coração e restabelece o ar pestífero. Também sobre isso, já foi dito algo acima sobre a restauração do ar, porém, isso que já foi dito é mais para o conforto do coração. O mesmo a respeito do carbúnculo e do rubi. Do mesmo modo, qualquer magnífico e potente deve trazer no dedo um carbúnculo ou rubi, um ou mais, visto que espanta ar venenoso e vapores.<sup>393</sup>

As pedras preciosas aqui mencionadas para uso externo contra a Peste são o carbúnculo e o rubi. Damos destaque à sugestão de trazer as gemas no dedo, provavelmente indicando em anéis. Cardo de Milão parece fazer parte de uma tradição iniciada por Maino de Maineri, baseando-se neste ou em fontes similares ao citar as mesmas duas primeiras pedras que seu predecessor.

### 2.5.3 *Regimen contra pestilenciam de Nicolas d’Udine (1390)*

Este tratado de Nicolas d’Udine já foi mencionado anteriormente neste capítulo por conter quatro gemas para o uso interno: a pérola, a esmeralda, a safira e o rubi.

---

<sup>393</sup> “*Portetur ergo unum ex praedictis odoramentis semper secum, in domo et extra domum, quando timetur corruptio aeris pestifera, et habeatur semper secum de cortice citri conditi et non conditi portando in ore ad masticandum, quonian confortatur cor et pestiferam aerem rectificat, Avicenna. Etiam de hoc aliquid ditum est supra de rectificatione aeris, hoc autem, quod hic dicitur, magis est ad confortacionem cordis. Item de carbunculo et rubino. Similiter quilibet magnificus et potens debet portare in digito carbunculum vel rubinum, unum aut plures, quonian aerem venenosum et vapores fugat. Et aliorum omnium lapidum pretiosorum virtutes dignoscuntur habere secundum venerabilem Albertum de mineralibus,*” Sudhoff, “*Pestschriften, V,*” 325.

Destacamos, aqui, no entanto, a menção a duas dessas pedras preciosas igualmente como uso externo:

No composto e na mistura seja colocado  $\mathfrak{D}$ j de boas esmeraldas e safiras (...), e, caso seja rico, (...) seja colocado com o dito anteriormente ao menos  $\mathfrak{3}$  de metades de bom rubi, que deve ser carregado no dedo, ou mais, se houver, ligados em anéis de ouro, porque é muito recomendado entre as pedras preciosas no proposto, e similarmemente seja carregada esmeralda em um anel, porque muito vale contra os venenos.<sup>394</sup>

As pedras sugeridas para serem trazidas em anéis (ou no dedo, provavelmente atadas) são o rubi e a esmeralda. Sobre elas, respectivamente, é dito valerem para fortalecer o coração e para combater venenos. A menção ao rubi e a sugestão de se trazer as gemas nos dedos aproximam Nicolas d'Udine de Cardo de Milão. Vale ressaltar também o papel do ouro nos anéis, um componente que aparece com frequência nas receitas de medicamentos.

#### **2.5.4 *Observando, ubi contingerit visitare pestilenticum (c. 1400)***

Este tratado anônimo, relativamente diferente dos outros apresentados até aqui, é composto por um texto de profilaxia indicando as cautelas necessárias para o médico que fosse visitar um paciente contaminado pela Peste. Ele se encontra anexado ao manuscrito medieval florentino, encontrado na Biblioteca Riccardiana, MS 854 (fls. 130r e 130v), e foi escrito pouco após 1400.

Uma das recomendações sugeridas pelo autor do tratado menciona o uso de pedras preciosas da seguinte maneira:

Recomendo que, no quarto do doente, sejam penduradas coisas aromáticas frias, tal como são as maçãs, laranjas, rosas, limões e similares (...) e ele próprio

---

<sup>394</sup> “*Confeccione et mixtura ponatur de bonis smaragdīs et saphiris  $\mathfrak{D}$ j, (...), et si dives sit, (...), ponatur cum praedictis saltem  $\mathfrak{3}$  semis boni rubini, qui debet portari in digito, vel plures si habentur, ligati in annulis aureis, quia inter lapides preciosos multum commendatur in proposito, et similiter portetur smaragdus in annulo, quia multum valet contra venena*”, Sudhoff, “*Pestschriften, V,*” 368.

[médico] tenha sobre si as pedras preciosas jacinto e esmeralda e da mesma forma em seus dedos contínuo tenha as mesmas, porque muito provêm.<sup>395</sup>

Como se pode observar, as duas pedras preciosas recomendadas para serem utilizadas pelos médicos em visita a doente são o jacinto e a esmeralda. O uso externo ainda é sugerido de duas formas, “sobre si”, o que pode indicar atado ou pendurado no corpo, e nos dedos, indicando um possível uso em anéis, como sugerido por Cardo de Milão e Nicolas d’Udine.

As análises documentais aqui realizadas mostraram que algumas pedras eram mais recorrentes no uso contra a Peste Bubônica, escolhidas e mencionadas pelos médicos que atuaram nesse período. Podemos, enfim, partir desse ponto para analisarmos as qualidades mágico-médicas, ou medicinais-amuléticas, associadas a essas gemas em específico, trazendo para a análise a medicina, a religião e a magia.

---

<sup>395</sup> *“laudo quod in camera infirmi appendantur redolentia frigida, qualia sunt poma, arantia, rosae, citri et similia (...) et ipse habeat supra se de lapidibus praetiosis sicut Jacinctus, smeragildus et huiusmodi in suis digitis continue habeat de ipsis, quia multum conferunt,”* Sudhoff, “Pestschriften, II,” 406.

### Capítulo 3 – As qualidades mágico-médicas e simbólico-religiosas

A análise documental e a identificação das gemas que estão mencionadas nos tratados médicos sobre a Peste Bubônica permitem que façamos uma coletânea dos nomes encontrados, que são: esmeralda, pérola, jacinto, coral, safira, *carbunculus*, rubi, *palladius*, *bezoar* e a pedra na cabeça da áspide. Numa análise mais ampla, ainda poderíamos citar os âmbar, o marfim e o osso do coração do cervo como espécies de gemas, ainda que não sejam sempre mencionados em lapidários. As pedras mais recorrentes são as cinco primeiras entre as supracitadas. Pela sua constante menção nas receitas, serão analisadas mais profundamente neste capítulo.

A primeira parte do capítulo é dedicada a apresentar, a partir de lapidários e enciclopédias medievais (e suas fontes antigas, quando necessário), que eram material de consulta para os médicos, cada uma dessas gemas, suas características físicas e suas qualidades mágico-médicas, dando destaque àquelas que teria atuação contra a Peste. Dessa forma, será analisado como a menção recorrente de determinadas pedras preciosas para as receitas nos tratados pode ser explicada pelas qualidades que estas teriam segundo a literatura lapidar. Por conseguinte, mostraremos a lógica por trás do uso das pedras preciosas como remédios-amuletos contra a Peste Bubônica.

Contudo, será discutido e apresentado também, na segunda parte do capítulo, um segundo tipo de qualidades que podemos atribuir às gemas, não dissociado das mágico-médicas, que eram as qualidades simbólico-religiosas. Não podemos deixar de considerar o significado simbólico que as pedras teriam fortemente associado às figuras cristãs e à religiosidade. Será essa ambivalência ou polivalência, com uma diversidade de simbologias, virtudes e significados que explicará, ao final, o uso das pedras preciosas contra a Peste Bubônica, em seu caráter de cura e proteção.

### 3.1 As qualidades mágico-médicas

A fim de apresentarmos as qualidades mágico-médicas das pedras preciosas, devemos recorrer à literatura sobre elas disponível na época. No primeiro capítulo, foram abordadas as autoridades que embasavam os tratados como um todo, como Galeno e Avicena. Aqui, entretanto, resta-nos trazer as fontes utilizadas especificamente para o conhecimento sobre as gemas, principalmente para aquelas que aparecem nos tratados. Essas fontes são, em geral, os lapidários e as obras enciclopédicas.

Apesar de nem sempre serem explicitamente mencionadas pelos médicos dos séculos XIV e XV, essas fontes embasam grande parte do conhecimento sobre as propriedades das pedras. Esta primeira parte do capítulo trará, portanto, as características e os poderes das principais pedras preciosas utilizadas nas receitas médicas aqui apresentadas. Essa análise nos mostrará mais pistas sobre o motivo de algumas pedras específicas serem selecionadas pelos médicos do século XIV, pensando em seu uso para prevenção e cura da Peste Bubônica.

#### 3.1.1 A teoria humoral e a teoria das compleições aplicadas às pedras

Antes de detalharmos as especificidades de cada pedra, devemos considerar uma propriedade comum a todas elas que parecia corroborar na explicação de seu uso contra a Peste: a característica de serem consideradas frias e secas<sup>396</sup> em relação às qualidades do princípio humoral ou em relação às qualidades elementares das compleições.

---

<sup>396</sup> Em Platão, as pedras eram consideradas como uma combinação de terra e água, sendo que esta última evaporava, permitindo que o ar ao redor da terra se compactasse. (Timaeus, 60c). Já em Aristóteles, as pedras eram formadas por uma exalação seca agindo na terra. A secura comprimiria a matéria, formando a pedra (*Meteorologia*, Livro III). Teofrasto, por sua vez, afirma que as pedras provêm da terra, solidificada pelo calor ou pelo frio. Nos três casos, a terra, considerada fria e seca, é a principal matéria formadora da pedra. Ainda que a água tenha alguma participação, a secura é o que permanece. Dessa forma, as pedras tinham a

Conforme explicado no primeiro capítulo, a pestilência era entendida como uma matéria quente e úmida, como um vapor, que se misturava ao sangue, também quente e úmido, atingindo os órgãos e causando putrefação, que seria caracterizada, principalmente, pelo excesso de calor, apesar da umidade também ser um fator importante. A teoria das compleições, assim como a humoral, ditava que era necessário equilibrar as qualidades primárias (quente, frio, úmido e seco), ou os humores, por meio das forças opostas, ou seja, aplicando-se frio ao quente, quente ao frio, úmido ao seco e seco ao úmido. A partir daí, entende-se que era necessário contrabalançar as qualidades quentes e úmidas do sangue e da Peste com algo seco e frio.<sup>397</sup>

Nesse sentido, o uso de pedras preciosas – frias e secas – seria uma forma de trazer equilíbrio ao corpo e, acima de tudo, uma forma de combate à corrupção da matéria causada pela pestilência. Essa explicação aparece no século XI com as obras do estudioso egípcio ‘Alī ibn Riḏwān (998 - 1068 d.C.), que ainda escrevia sob a influência da medicina galênica em seu período. Ibn Riḏwān mostra a relação entre a cura de uma pestilência e o uso de pedras preciosas em seu tratado *Sobre a prevenção de doenças corporais no Egito*. No capítulo sobre os meios de se prevenir malefícios por doenças epidêmicas no Egito, ‘Alī Ibn Riḏwān explica:

Se o ar se torna poluído - e isso é mais frequentemente o que produz doenças epidêmicas - tente desidratar o corpo aos poucos com a diminuição de alimentos, bebidas e suave evacuação. Tente melhorar a digestão. Abstenha-se de movimento no ar. [...] As casas devem ser aspergidas com vinagre misturado com água. Faça as refeições mais propensas à frieza e constrição. Todas essas coisas agem contra a corrupção. [...] Da mesma forma, o uso de gemas é vantajoso, como safira, esmeralda, pérola, ouro, prata, cornalina de alta qualidade e todas as pedras preciosas. Em geral, todas as coisas que trazem felicidade são benéficas; as melhores [coisas] são as frias e constritivas. Frieza e constrição agem contra o estado de corrupção, que vem do calor e da umidade excessiva das coisas em decomposição.<sup>398</sup>

---

característica de serem frias e secas. Vide Teofrasto, 63 a 65; Platão, *Plato in Twelve Volumes*, 9: 60c; Aristóteles, *Meteorologica*, 287.

<sup>397</sup> Hipócrates, “On Ancient Medicine,” 4; Galeno, “On the Natural Faculties,” 192 e 196.

<sup>398</sup> ‘Alī ibn Riḏwān, *On the Prevention of Bodily Ills in Egypt*, 141.

O regime de prevenção e cura associado ao uso de gemas, enquanto ingredientes frios e secos, parece-nos um aspecto importante da medicina do mundo árabe. Esse conhecimento parece ter sido transmitido para além dos estudos em Bagdá e toda transmissão através do mundo árabe, passando pelas penínsulas itálica e ibérica, chegando até o ocidente cristão e sendo empregado no século XIV.

### 3.1.2 A esmeralda (*smaragdus*)

#### *Características físicas e origem*

Embora a gema chamada de *smaragdus* tenha ficado conhecida como a esmeralda, na Antiguidade e nos tempos medievais esse nome incluía várias pedras verdes. Segundo muitos lapidários, haveria até doze variedades de *smaragdi*, com diferenças de cor e transparência.<sup>399</sup> Geralmente, o *smaragdus* é descrito como uma pedra muito verde e, principalmente, translúcida. Dizia-se ser a pedra mais verde entre todas as outras (e entre as plantas), além de muito valiosa.<sup>400</sup> Os melhores *smaragdi* eram de Scythia, seguidos pelos de Bactria e os do Egito. O restante dos *smaragdi* seria encontrado em veias de cobre, mas contendo impurezas.<sup>401</sup> Segundo Alberto Magno<sup>402</sup>, os *smaragdi* de Scythia eram retirados dos ninhos dos grifos, uma criatura lendária com corpo de um leão, cabeça e asas de uma águia.<sup>403</sup> Veremos na segunda parte deste capítulo que Beda, o Venerável,

---

<sup>399</sup> Vide, por exemplo, Plínio, o Velho, *The Natural History*, 6: 410; Isidoro de Sevilha, *Etymologías*, XVI: 84 e 85; e Alberto Magno, *Book of Minerals*, 118-119.

<sup>400</sup> Isidoro de Sevilha, *Etymologías*, XVI: 82-83.

<sup>401</sup> Vide, por exemplo, Isidoro de Sevilha, *Etymologías*, XVI: 84 e 85 e Alberto Magno, *Book of Minerals*, 118-119.

<sup>402</sup> Para alguns autores, esses tratados mais sigilosos não eram considerados autênticos, sendo, assim, pertencentes a um pseudo-Alberto Magno. Outros, entretanto, consideraram que o próprio Alberto Magno teria escrito uma grande parte das obras. Uma vez que não pretendemos resolver esta discussão, trataremos como Alberto Magno, mas sabendo que pode ser um pseudo. Vide, por exemplo, Alberto Magno, *The Book of Secrets*, xi – xii; Alberto Magno, *Book of Minerals*, xiii – xlii; Lemay, *Woman's Secrets*, 1-13.

<sup>403</sup> Alberto Magno, *Book of Minerals*, 119.

associou os grifos aos pecados e espíritos imundos e a pedra preciosa à fé e ao mundo divino em sua obra *Explicação do Apocalipse (Explanatio Apocalypsis)*.<sup>404</sup>

### *Propriedades*

A propriedade da esmeralda mais comumente citada em lapidários, habitualmente associada à sua beleza, é o benefício para os olhos e para a visão, especialmente a fadiga. Essa informação é encontrada, por exemplo, em Solino (século I d.C.)<sup>405</sup>, mas também em Plínio, Marbode, Alberto Magno entre outros.<sup>406</sup>

Teofrasto relata ao menos duas vezes em seu tratado sobre as gemas que o *smaragdus* faria a cor da água ficar igual à sua cor, entendendo-se verde translúcido.<sup>407</sup> Essa informação, contudo, não volta a aparecer nos lapidários posteriores.

Muitas outras propriedades estão ligadas a essa gema. Os lapidários e enciclopédias contêm a informação de que o *smaragdus* predispõe o usuário à castidade, restringindo movimentos lascivos; também aumenta a riqueza, confere um discurso persuasivo e, quando suspenso no pescoço, cura a febre ou a epilepsia. Por fim, melhora a memória, afasta tempestades, cura o humor furioso e é bom para adivinhações.<sup>408</sup>

---

<sup>404</sup> Beda, *The explanation of the Apocalypse*, 153.

<sup>405</sup> Solino afirma que “nada é tão agradável ou útil aos olhos quanto o *smaragdus*. [...] Graças à delicadeza de sua cor, eles aliviam a visão cansada” (“*Nihil his iucundius, nihil utilius uident oculi [...] deinde obtutus fatigatos coloris reficiunt lenitate*”), in Solino, *Colección de hechos memorables*, 311.

<sup>406</sup> Plínio, o Velho, *The Natural History*, 6: 409; Marbode, *De Lapidibus*, 45; Alberto Magno, *Book of Minerals*, 120.

<sup>407</sup> Teofrasto, 44, 45 e 50.

<sup>408</sup> Esta informação foi retirada de Alberto Magno, Marbode, entre outros. Alberto Magno, *Book of Minerals*, 120; Mabode, 44-45.

### *Seu uso contra a Peste*

A primeira propriedade dentre as mencionadas que poderia explicar o uso do *smaragdus* em receitas para a preservação e cura contra a Peste Bubônica é o seu poder de melhorar a saúde, o que ajudaria contra a decomposição e corrupção do corpo doente. Mesmo antes que a doença o atingisse, atuaria como fortalecedor. Como pôde ser percebido na primeira parte deste capítulo, muitas receitas encontradas nos tratados eram indicadas para se preservar (conservar e fortalecer) o corpo e o coração, o que mostra uma preocupação constante com essa necessidade.

Outra importante propriedade da esmeralda, ainda mais diretamente ligada aos sintomas da doença, seria a de curar a febre. Vê-se, por exemplo, que a receita mencionada no *Compendium* parisiense, descrita como “Descrição de electuário do coração que preserva do ar venenoso, também da febre, e dos abscessos pestilenciais”, teria o *smaragdus* como ingrediente. Evidentemente, essa propriedade mágico-médica contra a febre vai ao encontro da teoria humoral supracitada, na qual a pedra preciosa é fria e seca, contrapondo-se à febre e à putrefação, quentes e úmidas. A mesma lógica aplica-se ao tratado de João da Borgonha, cujo tratamento, se o paciente fosse “de compleição quente e a febre quente e aguda”, seria feito utilizando-se pérolas, jacintos e o *smaragdus*.<sup>409</sup>

A terceira e principal propriedade atribuída ao *smaragdus* que poderia ser usada para combater a Peste é seu poder contra venenos. Não podemos esquecer que o *Compendium de epidemia* da Universidade de Paris contém uma informação que confirma esse poder, já mencionada anteriormente: “O *smaragdus* também é um medicamento notório contra todos os venenos” (“*Smaragdus est etiam insignis medicina*

---

<sup>409</sup> Singer, “Some Plague Tractates,” 210-211.

*contra omne venenum*”)<sup>410</sup>. Consoante discutiu-se anteriormente, a Peste Bubônica era entendida, um vapor venenoso. Portanto, sendo o *smaragdus* considerado poderoso contra venenos, também seria útil para evitá-lo.

A propriedade de antídoto do *smaragdus* não estava presente em fontes gregas, tendo chegado ao ocidente latino a partir de dois textos do mundo árabe: o *Kitab al-Kulliyat* de Averrois e o *Kitab al-Taysir*<sup>411</sup> de Avenzoar. Ambos os textos foram traduzidos ao latim no século XIII, tornando-se bastante copiados a partir daí. O *Kitab al-Kulliyat* de Averrois, um dos principais comentadores de Aristóteles na Idade Média, foi utilizado em sua versão latina – traduzido por Bonacosa como *Colliget* – nas universidades do ocidente europeu, introduzindo doutrinas aristotélicas na medicina.<sup>412</sup> O tratado de Avenzoar, traduzido por João de Cápua ao latim e ao hebraico, recebeu o nome de *Theisir* ou *Taysir*, e era frequentemente anexado ao *Colliget*, principalmente após a imprensa.<sup>413</sup>

As duas obras davam à esmeralda a propriedade de ser poderosa contra todos os venenos.<sup>414</sup> Esse conhecimento teria chegado às faculdades de medicina do ocidente latino e, conseqüentemente, ao *Compendium* parisiense<sup>415</sup> e aos outros tratados. A propriedade também garantiu à esmeralda uma função de destaque contra a Peste Bubônica, uma vez que é a pedra mais mencionada.

---

<sup>410</sup> Michon, 62.

<sup>411</sup> O *Kitab al-Taysir* (algo como “Livro de Facilitação”) teria sido escrito por Avenzoar (*Ibn Zuhr*) por volta de 1155. Foi escrito com o intuito de ser uma combinação dos antigos *compendia* com as teorias da medicina, sobrepondo-se às práticas. Cada condição ou doença - da cabeça ao calcanhar - era seguida por receitas de remédios e regimes de cura. O último capítulo do segundo livro ainda abordava as febres, crises e epidemias. Azar, *Ibn Zuhr, His Time, and His Medical Legacy*, 36-38.

<sup>412</sup> Tamani, “The Generalities of the Averroes's Medicine,” 407-423.

<sup>413</sup> Azar, 2, 80 e 82.

<sup>414</sup> Vide, por exemplo, Avenzoar & Averrois, *Abhomeron Abynzohar: Colliget Auerrois*, 89v.

<sup>415</sup> Além do que já foi apresentado no primeiro capítulo, também temos registro do *Colliget* sendo mencionado nos *Chartularium Universitatis parisiensis* para os anos entre 1325 e 1350, período que abarca a chegada da Peste, indicando seu conhecimento entre os textos do *curriculum*. Vide Universidade de Paris, *Chartularium*, II: 631.

Há ainda uma quarta propriedade que poderia explicar o emprego do *smaragdus* nos tratados médicos. Segundo Thomas de Cantimpré (c. 1186 – c. 1276), em seu *Liber de Natura Rerum*, também do século XIII, “se trazido com reverência, [o *smaragdus*] evita doenças mortais” (“*Si reverenter portetur, fugat caducum morbum*”)<sup>416</sup>. Embora esse pareça ser um uso amulético, uma vez que a pedra deve ser mantida junto ao corpo, a propriedade em si pode ser útil contra a pestilência, uma doença mortal, se usada nas receitas médicas. Discutir-se-á essa correlação do uso médico e do uso amulético de pedras preciosas no próximo capítulo.

### 3.1.3 A pérola (*margarita*)

#### *Características físicas e origem*

Conforme explicado anteriormente, a pérola, apesar de associada a um animal marinho e apesar de não ser de origem mineral, era também considerada uma pedra preciosa ou gema quando endurecida, aparecendo frequentemente em lapidários. Ela compõe a grande categoria de ‘pedras não-minerais’ conhecidas na Antiguidade e na Idade Média.<sup>417</sup>

De acordo com os principais lapidários, as pérolas seriam encontradas na Índia e na costa da Grã-Bretanha<sup>418</sup>, também encontradas em algumas ilhas do Mar Vermelho<sup>419</sup>, ou próximo a Flandres e à Teutônia e até em alguns rios<sup>420</sup>. Ademais, seriam encontradas dentro de conchas no mar, as quais, desejosas de se reproduzirem durante uma certa época

---

<sup>416</sup> Thomas de Cantimpré, *Liber De Natura Rerum*, 368.

<sup>417</sup> Solino, 553.

<sup>418</sup> *Ibid.*, 554.

<sup>419</sup> Teofrasto, 53.

<sup>420</sup> Alberto Magno, *Book of Minerals*, 105-106.

do ano, abririam-se. Solino afirma que essas conchas, uma vez abertas, recebiam uma chuva lunar ou sêmen, sendo fertilizadas; já Isidoro de Sevilha, Marbode e outros relatam que seria um orvalho celestial.<sup>421</sup> Nesse sentido, as pérolas eram vistas como um fruto nascido mais do céu do que do mar.<sup>422</sup> Suas qualidades dependeriam da qualidade do "alimento" celestial recebido. Se esse fosse puro, as esferas seriam de uma cor branca brilhante, tornando-se, assim, mais valiosas; se obscuro, as pérolas poderiam ficar de uma cor aparentando o amarelo pálido ou até o vermelho escuro, sendo essas menos apreciadas. Se as esferas absorvessem um sêmen ou orvalho da manhã, adquiririam um reflexo limpo e, se recebessem um orvalho do pôr-do-sol, tornariam-se mais escuras. Além disso, um relâmpago poderia afetar suas propriedades, causando anomalias e aborto, pois assustaria as conchas.<sup>423</sup>

### *Propriedades*

Há várias propriedades atribuídas à *margarita* em lapidários. Em primeiro lugar, teria o poder de aliviar a dificuldade de respiração e ajudar nos ataques cardíacos e desmaios. Em segundo lugar, também seria boa contra sangramentos, icterícia e diarreia.<sup>424</sup> Arnaldo Saxo (século XIII) e Averrois mencionam ainda uma “*virtutem confortandi*”<sup>425</sup>, ou um poder fortalecedor, enquanto Thomas de Cantimpré indica um uso para o estômago fraco, outro para trazer harmonia, ainda mais um para trazer saúde à mente e ao corpo, além de tornar o seu portador casto.<sup>426</sup>

---

<sup>421</sup> Vide, por exemplo, Isidoro de Sevilha, *Etymologías*, XVI: 118-119.

<sup>422</sup> Solino, 552.

<sup>423</sup> Alberto Magno, *Book of Minerals*, 105 & Solino, 553.

<sup>424</sup> Alberto Magno, *Book of Minerals*, 106.

<sup>425</sup> Rose, “Aristoteles De lapidibus und Arnoldus Saxo,” 440; Avenzoar & Averrois, 79r.

<sup>426</sup> “*Hic lapis contritus et confectus secundum modum debitum contra debilitatem stomachi valet. Habet, ut dicunt, et virtutem concordie, sanitatemque confert et mentis et corporis, mentis quidam quia castum facit gestantem*”, Thomas de Cantimpré, 266.

### *Seu uso contra a Peste*

Ambas as propriedades de fortalecer o corpo e trazer saúde a ele, encontradas respectivamente em Arnaldo Saxo e em Thomas de Cantimpré, seriam úteis, similarmente ao *smaragdus*, para combater a corrupção do corpo, o desequilíbrio humoral e o enfraquecimento causados pela pestilência.

Abu Rayhan al-Bīrūnī (973 - c.1050) apresenta ainda outra propriedade da pérola que seria essencial para combater a Peste: as pérolas não perfuradas (*margaritae non perforatae*) seriam usadas em compostos medicinais e electuários para evitar envenenamento.<sup>427</sup> A menção a esse tipo de pérola no tratado de Nicolas d’Udine, mais especificamente em um composto do coração, parece reforçar essa ideia, indicando que impediriam a matéria venenosa pestilencial de atingir esse órgão.

Como remédio, a pérola provavelmente seria usada triturada para ingestão, como sugerido no texto de Thomas de Cantimpré supracitado, ou dissolvida em alguns líquidos, como o vinagre, conforme sugerido por Plínio<sup>428</sup>. Todas as receitas que contêm *margaritae* apresentadas neste capítulo são formadas por líquidos ácidos, como “*conservae citri*”, que poderiam dissolver pérolas.

Isso é explicitado na obra *Azhar al Afkar fi Djawahir al Ahdjar*, de Aḥmad ibn Yūsuf al Tīfāshī (1184 - 1253). Segundo o estudioso, “o ácido da *citrus medica* pode dissolver pérolas”<sup>429</sup>, o que sustenta a referida ideia. O autor também afirma que, se as

---

<sup>427</sup> Al-Bīrūnī, *On the Precious Stones*, 109.

<sup>428</sup> Plínio, o Velho, *The Natural History*, 2: 440

<sup>429</sup> Tīfāshī, *Arab Roots of Gemology*, 87.

pérolas são pulverizadas e banhadas com gordura de vaca, são úteis contra veneno, confirmando as ideias de al-Bīrūnī.

Contudo, acreditamos que o uso de pérolas contra a Peste Bubônica poderia ser explicado não apenas por suas propriedades lapidares, mas também pela teoria da similaridade (*similia similibus curantur*).<sup>430</sup> A correspondência poderia estar na aparência brilhante da "pedra" e na "iluminação" do espírito, que seria resultado das medidas profiláticas, como fortalecer o corpo e limpar o sangue. Isso está implícito no trabalho de Maino de Maineri, *Libellus de Preservatione ab epydimia*, na seguinte passagem: “Alguns reforçam a virtude, o sangue e o espírito multiplicando, como ovos, vinho e água das carnes louváveis; outros limpando e clarificando o sangue e iluminando o espírito como pérolas.”<sup>431</sup> Aqui, a pérola é vista como uma referência de pureza e limpeza. Isso também parece ser reforçado no caso das pérolas não perfuradas, associadas à virgindade.<sup>432</sup> Essa ideia será retomada na segunda parte deste capítulo, quando se abordará a associação da pérola com a imagem da concepção de Cristo e da pureza da Virgem Maria.

---

<sup>430</sup> A teoria da similaridade, cuja base era a ideia de que ‘iguais curam iguais’, mais tarde denominada "Doutrina de Assinaturas", remonta aos tempos clássicos e esteve muito presente na medicina popular europeia. Ainda que ela vá contra à teoria humoral, muitos médicos a adotam, como Arnaldo de Vilanova. Vide Alfonso-Goldfarb & Perassollo, “O Universo Cultural Científico Valenciano,” 40 -41; e Duffin, “The historical roles of mineral materials,” 14.

<sup>431</sup> “*Quedam virtutem confortant, sanguinem et spiritum multiplicando, ut ova, vinum et aqua carniū laudabilium. Quedam sanguinem absterendo et clarificando et spiritum illuminando ut margarite*”, Maino de Maineri, 20.

<sup>432</sup> Fr. Iohannes, *Summa*, 68.

### 3.1.4 O jacinto (*iacinctus*)

#### *Características físicas e origem*

Quando se trata da pedra jacinto, as informações encontradas nos lapidários e em outras obras são muito conflitantes. De acordo com cada lapidário, existiriam dois, três, quatro ou cinco tipos de *hyacinthos* ou *iacinctus*<sup>433</sup>. Suas cores geralmente mencionadas são púrpura, vermelha (ou a cor do vinho, mais especificamente)<sup>434</sup>, amarela<sup>435</sup> e “*caeruleus*”, significando “a cor da céu”, referindo-se a um tipo de azul.<sup>436</sup> Uma versão branca também é mencionada algumas vezes relacionada a um certo borrão que a pedra poderia ter em sua composição. Alberto Magno ainda acrescenta que a pedra azul seria chamada de “jacinto de água” e afirma que a safira (e talvez até o topázio) seria um tipo de jacinto, de um azul muito brilhante, mais valioso do que o tipo aquoso.<sup>437</sup> Thomas de Cantimpré, por outro lado, informa que a pedra *granatus* também seria um tipo de jacinto.<sup>438</sup> É descrita ainda como uma pedra resistente, esculpida apenas por diamantes.<sup>439</sup> Quanto à sua origem, segundo Plínio, Isidoro de Sevilha, Alberto Magno e outros, a gema seria encontrada principalmente na Etiópia.<sup>440</sup>

---

<sup>433</sup> Isidoro de Sevilha, *Etymologías*, XVI: 110.

<sup>434</sup> *Ibid.*

<sup>435</sup> Alberto Magno, *Book of Minerals*, 97.

<sup>436</sup> *Ibid.*, 41.

<sup>437</sup> *Ibid.*

<sup>438</sup> Thomas de Cantimpré, 363.

<sup>439</sup> Solino, 424.

<sup>440</sup> Vide, por exemplo, Isidoro de Sevilha, *Etymologías*, XVI: 110.

### *Propriedades*

Existem muitas propriedades associadas a essa gema em lapidários. Primeiramente, seria útil contra a tristeza e as suspeitas vãs. Causaria sonhos e revigoraria a energia ou os músculos do corpo. É dito, também, que traz força ou conforto aos poderes do corpo, dando vigor aos membros.<sup>441</sup>

Alberto Magno, mencionando Costa ben Luca, sugere que a pedra jacinto, usada suspensa no pescoço ou anelada no dedo, manteria os viajantes em segurança, ou os faria bem recebidos em lugares e, mais importante, protegê-los-iam em regiões pestíferas (*pestíferas regiones*).<sup>442</sup> Essa propriedade é repetida também em outros lapidários. Em Tomás de Cantimpré, as propriedades incluem um sentido mais amplo de ser "contra pestilência, contra cobras e contra veneno".<sup>443</sup>

### *Seu uso contra a Peste*

Da mesma forma que o *smaragdus* e a pérola, o poder do jacinto de fortalecer o corpo, mencionado em Thomas de Cantimpré ("*confortat gestantem*") e em Arnaldo Saxo ("*est confortative virtutis corporum*"), seria útil contra a pestilência pelas razões já mencionadas anteriormente.

Uma vez que a pedra é dita ser extremamente dura, seu uso como medicamento, conforme sugerido nas receitas dos tratados médicos, não seria na forma de pó, sendo necessário, portanto, recorrer a outras fontes para obter mais informações. Uma possível indicação sobre a forma de sua ingestão estaria na obra *Physica* de Hildegard von Bingen,

---

<sup>441</sup> "*Tristiciam fugat et vanas suspiciones, et est confortative virtutis corporum, et dat vigorem membris, et provocat sompnum, et vegetat nervos*", Rose, 438.

<sup>442</sup> Alberto Magno, *Book of Minerals*, 98.

<sup>443</sup> "*Tutamen est contra pestilentiam, contra serpentes et contra venena*", Thomas de Cantimpré, 363.

do século XII. Entre os muitos tratamentos médicos mencionados por Hildegard para as diversas doenças, há um para quem sofresse de forte febre no estômago, da qual surgiriam outras febres. Esse tratamento incluiria o jacinto como um de seus ingredientes e deveria ser feito da seguinte forma: a pessoa deveria colocar vinho puro em um vaso de barro ao sol e dispor a pedra jacinto dentro do vinho. Depois disso, o doente deveria jejuar e, trazendo o vinho para a cama, bebê-lo por três ou mais noites, sendo, assim, curado.<sup>444</sup>

Portanto, o uso mais provável para o jacinto como remédio contra a Peste Bubônica seria a ingestão de um líquido que estivesse em contato por um tempo com a gema, como é o caso nas receitas. Nesse sentido, as propriedades da pedra passariam para o líquido e, ao ser ingerido, para a pessoa doente.

A propriedade mais direta do jacinto para combater a Peste Bubônica seria seu poder contra regiões pestíferas ou, de maneira mais ampla, como no trabalho de Thomas de Cantimpré, contra pestilência, cobras e veneno. Embora seja mencionado neste capítulo, será analisado mais profundamente na segunda parte. Consideramos que esse poder em si explicaria o emprego dessa gema em receitas contra a pestilência.

Por fim, da mesma forma que o *smaragdus* e a pérola, o jacinto é conhecido por ser frio<sup>445</sup> e por se tornar ainda mais frio quando colocado na boca.<sup>446</sup> Novamente, essa característica era considerada útil para a saúde do corpo, uma vez que o frio combatia a corrupção da matéria.<sup>447</sup>

---

<sup>444</sup> Hildegard von Bingen, *Physica*, 212.

<sup>445</sup> Alberto Magno afirma que o jacinto seria frio “como uma pedra verde”. Alberto Magno, *Book of Minerals*, 98.

<sup>446</sup> Solino, 424.

<sup>447</sup> Alberto Magno, *Book of Minerals*, 98.

### 3.1.5 O coral (*corallum*)

#### *Características físicas e origem*

Assim como a pérola, o coral também era visto como uma pedra preciosa desde a Antiguidade,<sup>448</sup> compondo o grupo das pedras cuja origem não era mineral. Quando no mar, é descrito como uma pequena árvore, ramificada, parecendo ser considerado de origem vegetal.<sup>449</sup> Nesse caso, Solino menciona especificamente o Mar da Ligúria e Alberto Magno fala do mar em torno de Marselha,<sup>450</sup> bem próximo ao anterior. Sob a água, seriam livres e esponjosos, às vezes mencionados como verdes<sup>451</sup>; no entanto, uma vez no ar, transformariam-se em pedra, adquirindo imediatamente a cor vermelha.<sup>452</sup>

#### *Propriedades*

Segundo Solino, muitos amuletos eram feitos de coral<sup>453</sup> e, de fato, sua reconhecida função amulética está presente na maioria de suas propriedades. Isidoro de Sevilha, por exemplo, menciona mágicos garantindo que os *coralli* detêm raios. A gema era conhecida pelo seu poder não apenas de diminuir raios que causavam incêndios, mas também ventos fortes, protegendo barcos, casas e plantações<sup>454</sup>. Dessa forma, menciona-

---

<sup>448</sup> Teofrasto afirma que o coral seria “como uma pedra” (*το γάρ κοινάλλιον, και γάρ τούθ σπερ λίθος*). Em todo caso, acreditava-se muitas vezes que seu endurecimento se dava em contato com o ar, emprestando-lhe características de pedra. Por isso, passaria a ser chamado assim. De qualquer modo, essas são apenas especulações, uma vez que a teoria que explicaria as pedras que não são de origem mineral parece estar implícita nos lapidários ou ter se perdido desde a Antiguidade. Teofrasto, 25 e 53.

<sup>449</sup> Solino, 214-215.

<sup>450</sup> Alberto Magno, *Book of Minerals*, 81.

<sup>132</sup> Isidoro de Sevilha, *Etymologías*, XVI: 108-109.

<sup>452</sup> Solino, 214-215.

<sup>453</sup> Ibid.

<sup>454</sup> Isidoro de Sevilha, *Etymologías*, XVI: 101; Marbode, 59.

se que traria proteção a quem o portasse e a casa.<sup>455</sup> Desde o lapidário de Damigeron, do século II a.C., é mencionado que o coral, uma vez colocado na casa, protege seus moradores contra todas as maldades, contra as sombras dos demônios, contra os sonhos vãos e contra outros infortúnios.<sup>456</sup>

Seu poder contra coisas demoníacas é explicado por Thomas de Cantimpré no *De natura rerum*. Segundo o autor afirma, o coral aterrorizaria demônios porque seus ramos frequentemente formam uma cruz (*Demonibus terribilis est, et hoc forte quia frequenter modum crucis habet ramorum eius distentio*).<sup>457</sup>

Ainda segundo Arnaldo Saxo, o coral seria útil contra a epilepsia e para a menstruação.<sup>458</sup> Neste último caso, estaria incluída numa categoria contra sangramentos.<sup>459</sup>

#### *Seu uso contra a Peste*

Além da natureza fria e seca do coral, cuja importância para o combate à pestilência já foi explicada anteriormente, quanto às suas propriedades, seu poder de proteção, em sentido amplo, parece ser o principal fator contra a Peste. Uma vez que a doença era considerada uma desgraça sobre os homens, o poder amulético e apotropaico (ou seja, de proteção contra o mal) poderia explicar seu uso tanto como remédio quanto amuleto.

---

<sup>455</sup> Marbode, 59.

<sup>456</sup> “*In domo autem positus conseruat eam ab omni maleficio et umbris demoniorum et uanis sompniis et fulminum ictibus*”, Damigeron, *Orphei Lithica*, 169-170.

<sup>457</sup> Thomas de Cantimpré, 357.

<sup>458</sup> Rose, 433.

<sup>459</sup> Marbode, 59.

Sua propriedade contra sangramentos também seria útil no caso de um estágio mais avançado da Peste Bubônica, se o paciente começasse a tossir ou vomitar sangue, por exemplo.

### 3.1.6 A safira (*saphirus*)

#### *Características físicas e origem*

Sobre a safira, também conhecida como Syrtites,<sup>460</sup> é dito ser uma gema azul translúcida, como o céu,<sup>461</sup> e muito preciosa. As melhores pedras viriam, em sua maioria, do Oriente, principalmente da Índia, apesar de haver outros tipos não tão valiosos em Provença, região da França,<sup>462</sup> e em Sirte, região da Líbia.<sup>463</sup>

#### *Propriedades*

A safira contém muitas propriedades na literatura dos lapidários, entre as quais estão: tornar um homem casto e devoto a Deus. Marbode afirma que seu portador deveria brilhar na castidade para usá-la<sup>464</sup>. Criar acordos pacíficos, revigorar ou fortalecer o corpo, remover sujeira dos olhos, resfriar o calor interno, curar dor de cabeça e dor na língua.<sup>465</sup> Marbode ainda acrescenta que a Safira teria a propriedade de preservar a saúde de seu portador, salvando-o de uma doença, além de protegê-lo do mal e de trapaças. Teria ainda o poder de libertar prisioneiros, quebrando suas correntes. Tudo indica que,

---

<sup>460</sup> Marbode, 42 e Rose, 443.

<sup>461</sup> Rose, 444.

<sup>462</sup> Alberto Magno, *Book of Minerals*, 115.

<sup>463</sup> Rose, 444.

<sup>464</sup> Marbode, 43.

<sup>465</sup> Alberto Magno, *Book of Minerals*, 115; Marbode, 42-43.

devido a esses poderes fortíssimos, passaria, então, a ser amada pela nigromancia.<sup>466</sup> Ademais, Alberto Magno relata que teria visto uma safira com o poder de curar dois abscessos,<sup>467</sup> propriedade que reaparece em Arnaldo Saxo como o poder de curar úlceras.<sup>468</sup>

### *Seu uso contra a Peste*

Dentre as propriedades relatadas da safira, muitas seriam significativas contra a Peste Bubônica. Destacamos, em primeiro lugar, seu poder de fortalecer o corpo, preservando a saúde de seu portador e salvando-o de doenças, o que seria muito propício nos regimes de prevenção e cura. Isso ajudaria a explicar a menção a safiras em compostos do coração nos tratados mencionados neste capítulo. Outra propriedade benéfica seria a de diminuir a sudorese e refrescar o ardor interno, *i.e.* a febre, um dos principais sintomas da pestilência e causa da putrefação corporal.<sup>469</sup> Por fim, seu poder de curar feridas, como os abscessos, seria algo valoroso mediante o aparecimento dos bulbos pestilenciais, também característicos da doença. Devemos lembrar aqui que o *Regimen contra pestilenciam* de Johannes Jacobus traz essa pedra em um electuário para o tratamento do paciente com abscessos próximos aos órgãos principais.

---

<sup>466</sup> Marbode, 42-43.

<sup>467</sup> Alberto Magno, *Book of Minerals*, 115.

<sup>468</sup> Rose, 444.

<sup>469</sup> Alberto Magno, *Book of Minerals*, 115; Marbode, 42-43.

### 3.1.7 Breves comentários sobre outras pedras e ingredientes recorrentes

#### *Carbunculus*

O *carbunculus* (diminutivo de *carbo*, “carvão”) era considerado uma pedra vermelha brilhante – que fulgurava no escuro<sup>470</sup> - e de aspecto transparente límpido.<sup>471</sup> Muitas gemas com tais características foram associadas a este nome na literatura dos lapidários. Por exemplo, para alguns autores, o *rubinus*, *rubith* ou *rubi* era considerado um tipo de *carbunculus*<sup>472</sup>. Também a pedra *balagius*, *palladius*, *palatius* ou *balasius*, conhecida na Idade Média como uma gema vermelha translúcida, era ora considerada a fêmea do *carbunculus*, uma vez que seus poderes eram os mesmos deste, porém mais fracos, ora vista como sua casa (palácio), já que o *carbunculus* seria recorrentemente encontrado em seu interior.<sup>473</sup> Da mesma forma, de acordo com Alberto Magno, Thomas de Cantimpré, Arnaldo Saxo e outros, a pedra chamada *anthrax* seria o *carbunculus*.<sup>474</sup> Segundo Teofrasto e Isidoro de Sevilha, a pedra *anthrax* – a palavra é sinônimo de “carvão” em grego clássico - era vermelha, mas, quando segurada em direção ao sol, teria a cor do carvão em brasa,<sup>475</sup> o que explicaria seu nome e, possivelmente, sua associação ao *carbunculus*.

Ainda segundo Alberto Magno, o *carbunculus* teria o poder de dispersar veneno no ar ou no vapor. Essa característica está em acordo com sua menção em tratados sobre a peste, como o de Maino de Maineri, quando é sugerido seu uso para cura e prevenção

---

<sup>470</sup> Sobre esse assunto, vide García, *História da luminescência*, 76-83.

<sup>471</sup> Vide, por exemplo, Rose, 431.

<sup>472</sup> Thomas de Cantimpré cita “*Prime specie carbunculus nomen est; secunda vero species rubith dicitur...*”. In Thomas de Cantimpré, 359.

<sup>473</sup> Vide, por exemplo, Alberto Magno, *Book of Minerals*, 75; e Rose, 430.

<sup>474</sup> De acordo com Thomas de Cantimpré “*Grece ant<r>ax uocatur*”. In Thomas de Cantimpré, 359; Alberto Magno, *Book of Minerals*, 77; Rose, 431

<sup>475</sup> Isidoro de Sevilha, 150-151.

da doença, ou o de Cardo de Milan, quando este relata: “Semelhantemente, qualquer nobre e poderoso deve carregar no dedo um ou mais *carbunculus* ou rubi, uma vez que afugenta o ar venenoso e os vapores”<sup>476</sup>.

### **Rubi (*rubinus*)**

Diferentemente das outras pedras, o rubi não é abordado nos principais lapidários gregos e latinos mencionados até aqui. Por esse motivo, devemos buscar nos lapidários árabes e em outras literaturas as informações sobre essa pedra e seu possível uso contra a pestilência.

O lapidário de al-Bīrūnī é uma das obras que comenta sobre essa gema. De acordo com o autor, o rubi (*yāḳūt*) está em primeiro lugar em grau, beleza e classificação entre todas as pedras. Ele pode aparecer em diversas cores, mas o vermelho é o melhor.<sup>477</sup>

Ao que nos interessa aqui, há uma característica da pedra, relatada por al-Bīrūnī que, à primeira vista, parece nos ajudar a explicar seu uso contra a pestilência. O autor explica que os persas – entre eles Hamza ibn al-Hasan al-Isfahānī, estudioso que viveu entre os séculos IX e X - chamavam a pedra de *subj-i-asmūr*, que significaria algo como “removedor de pestes”.<sup>478</sup> Deve-se ter cautela, no entanto, ao associar essa característica à pedra rubi como a conhecemos. Isso porque *yāḳūt* era o nome-base das pedras ‘jacinto’ em árabe. Dessa forma, a propriedade contra a peste mencionada por al-Bīrūnī pode ser o poder do jacinto em proteger, quem o carrega, de regiões e coisas pestíferas. Nesse caso, o rubi é apenas considerado um tipo de jacinto. O próprio Hakim Mohammad Said,

---

<sup>476</sup> “*Similiter quilibet magnificus et potens debet portare in digito carbunculum vel rubinum, unum aut plures, quoniam aërem venenosum et vapores fugat*”, Sudhoff, “Pestschriften, V,” 325.

<sup>477</sup> Al-Bīrūnī, 29.

<sup>478</sup> Ibid.

tradutor e estudioso renomado de diversas obras árabes, coloca o rubi e o jacinto como a mesma pedra em sua tradução do livro de al-Bīrūnī sobre as pedras preciosas.<sup>479</sup>

### *Bezoar*

Segundo al-Bīrūnī, haveria dois tipos de pedra bezoar, uma mineral e outra animal. Sobre a pedra mineral, que supostamente seria encontrada em minas no Irã, na Índia ou na China, o autor afirma que teria a propriedade de guardar o corpo e a alma, salvando-os de receberem o mal. Ao mesmo tempo, seu emplastro seria muito eficaz contra a picada de animais venenosos.<sup>480</sup> Similarmente, a pedra bezoar animal por si já seria considerada uma espécie de triaca de origem persa, ao funcionar como um poderoso antídoto. Al-Bīrūnī expõe que essa pedra, encontrada no estômago de cabras montanhesas e cervos, assemelharia-se a uma tâmara verde, com camadas iguais a de uma cebola e algo como grama verde em seu interior. Sua origem se daria quando o cervo ou a cabra comessem cobras e, então, pastassem. As cobras se enrolariam em seu interior, formando a pedra junto à grama ingerida. Al-Bīrūnī ainda completa que, dessa forma, o bezoar se transformaria no melhor tipo de triaca, pois seria natural. Assim como no bezoar mineral, seu emplastro seria eficaz contra picadas de animais venenosos quando misturado com água de anis.<sup>481</sup>

O Lapidário de Alfonso X, do século XIII, lista três tipos de bezoares sob influência do 9º ao 11º grau do signo de Gêmeos. Os três tipos seriam, respectivamente, de *Horacin*, da China e da Índia, mas apresentariam propriedades semelhantes, como ter grande virtude contra todo tipo de veneno, se ingeridos ou colocados sobre a ferida. Por

---

<sup>479</sup> Al-Bīrūnī, 29.

<sup>480</sup> Ibid., 172-173.

<sup>481</sup> Al-Bīrūnī, 175; Kunz, *The magic of Jewels and Charms*, 201-221.

exemplo, sobre o bezoar de *Horacin*, é dito que, se moído ou ralado e dado de beber a um homem que tivesse ingerido um veneno, faria o tóxico sair no suor e o curava.<sup>482</sup>

O bezoar ainda teria outras origens e características em diferentes lapidários de autores do mundo árabe e persa. Por vezes, era considerado uma excreção que saía dos olhos dos cervos que comiam cobras e animais venenosos e depois mergulhavam na água até as narinas, aliviando o calor da febre causada pelo veneno.<sup>483</sup> Em todas as origens e lapidários, no entanto, sua propriedade como antídoto ou como repelente de venenos e animais peçonhentos parece se manter. Acredita-se que teria sido conhecido pela medicina do ocidente latino apenas a partir do século XII, por meio de traduções. George Frederick Kunz, mineralogista e estudioso das histórias sobre as pedras preciosas, ainda associa sua apropriação pelo ocidente latino aos surtos de pestes que se intensificavam.<sup>484</sup> Sua propriedade, em geral, contra venenos explicaria sua menção contra a Peste Bubônica no século XIV.

### Âmbar

Quando se trata dos âmbares – amarelo e cinza – algumas dificuldades surgem às análises. Isso porque, aquilo que foi chamado de âmbar, pode ser diferente do que chegou até nós com esse nome. Outro problema são as várias nomações que essas secreções receberam ao longo dos séculos, tal como *succinum*, *elektron* ou *electrum*, *chryselectrum*, *lyngourion*, *ambra* e *karabe*. Além disso, o âmbar varia naturalmente de cor de acordo com suas impurezas, mas, na Antiguidade, cada variação destas foi entendida como um novo tipo.<sup>485</sup>

---

<sup>482</sup> Alfonso X, *Lapidario*, 62-64.

<sup>483</sup> Kunz, *The magic of Jewls and Charms*, 201.

<sup>484</sup> *Ibid.*, 202.

<sup>485</sup> Riddle, “Amber in ancient Pharmacy,” 11.

Em geral, o âmbar era considerado uma pedra preciosa, apesar de alguns autores, como Plínio, identificarem que seu aspecto inicial seria em estado líquido.<sup>486</sup> Dessa forma, encontra-se mencionado em lapidários, como o de al-Bīrūnī<sup>487</sup>, ou em obras enciclopédicas, como de Teofrasto e Plínio.<sup>488</sup> Seu principal nome entre os Gregos, *elektron*, fazia referência à sua qualidade eletrostática.<sup>489</sup>

Alguns autores, como Demonstratus (século V a. C.), citado por Plínio,<sup>490</sup> e Dioscórides<sup>491</sup>, acreditavam que a pedra *lyncurion* ou *lyngurion*, supostamente formada pelo endurecimento da urina do lince, era o âmbar amarelo ou avermelhado. Teofrasto parece considerar o *lyngurion* um tipo de âmbar,<sup>492</sup> enquanto Plínio discorda dessa associação.<sup>493</sup> Isso porque, para Plínio, o âmbar amarelo era identificado como uma secreção dos pinheiros encontrados em ilhas do Oceano Norte, chamado, então, de *succinum*, referente à seiva. Plínio ainda completa seu argumento relatando que o âmbar amarelo teria um cheiro parecido ao dos pinheiros que o originavam quando esfregado.<sup>494</sup> Essa origem é reforçada por outros autores, como Solino e Isidoro de Sevilha.<sup>495</sup> Ainda outra pedra era associada ao âmbar: o *chryselectrum*. Seu nome significaria “âmbar dourado” e suas propriedades eram similares ou iguais ao âmbar. Muitas vezes era considerada apenas uma variação deste.<sup>496</sup>

O âmbar cinza, da mesma forma, parece ter sido considerado, desde a antiguidade, uma simples variedade do âmbar. Plínio relata que alguns âmbares eram encontrados nas praias e costas, trazidos pelas ondas. Ele explica que seriam as seivas das árvores que

---

<sup>486</sup> Plínio, o Velho, *The Natural History*, 6: 402.

<sup>487</sup> Al-Bīrūnī, 181-183.

<sup>488</sup> Teofrasto, 48; Plínio, o Velho, *The Natural History*, 6: 398.

<sup>489</sup> Riddle, “Amber in ancient Pharmacy,” 3.

<sup>490</sup> Plínio, o Velho, *The Natural History*, 6: 398.

<sup>491</sup> Riddle, “Amber in ancient Pharmacy,” 11.

<sup>492</sup> Teofrasto, 51.

<sup>493</sup> Plínio, o Velho, *The Natural History*, 6: 398-402.

<sup>494</sup> *Ibid.*, 401.

<sup>495</sup> Vide, por exemplo, Solino, 329-330.

<sup>496</sup> Riddle, “Amber in ancient Pharmacy,” 12.

caíam nos rios, eram levadas para o mar, endurecidas e, então, trazidas de volta pelas ondas.<sup>497</sup> Contudo, essa característica se aproxima mais do âmbar cinza, que hoje sabemos ser um excremento de baleia que aparece nas praias, apesar do âmbar amarelo também ser encontrado nelas. Essa coincidência, inclusive, pode ter resultado na associação entre as duas secreções. Plínio ainda relata que existiria um âmbar branco ou cor de cera, com bom odor,<sup>498</sup> características do *ambergris*. Contudo, esses âmbares acinzentados eram ditos menos valiosos que o âmbar avermelhado ou que o de cor de mel fervido, que seriam, provavelmente, tons do âmbar amarelo.<sup>499</sup>

Na Baixa Idade Média latina, a confusão entre os nomes e as “pedras” é ainda maior. Enquanto o *lyngourion* e o *chryselectrum* continuaram a aparecer nos lapidários, podendo estar relacionados ou não ao âmbar amarelo, esse passa a ser chamado de *karabe*, uma palavra persa apropriada pelos árabes, ignorando-se os vários nomes gregos. A denominação *karabe* chega ao ocidente latino por meio das traduções dos séculos XII e XIII, principalmente de obras médicas. Similarmente, o âmbar cinza surge com o nome *ambra*, também dado pelos árabes, como uma confusão entre os dois tipos.<sup>500</sup> São esses os nomes que aparecem nos tratados comentados neste capítulo.

Os lapidários pouco comentam sobre o uso dos âmbares na medicina. Seu emprego pode ter sido principalmente devido a suas qualidades aromáticas. Plínio expõe um uso para curar problemas na garganta e outro amulético, atado ao corpo de crianças, sem maiores explicações sobre a função.<sup>501</sup> No *Compendium* da Universidade de Paris, o âmbar cinza aparece com a propriedade de alegrar e fortalecer o corpo. De forma similar, no *Consilium contra Pestilenciam* de Nicolo de Burgo, são usados em um pó fortificante

---

<sup>497</sup> Plínio, o Velho, *The Natural History*, 6: 401.

<sup>498</sup> *Ibid.*, 402-403.

<sup>499</sup> *Ibid.*, 403.

<sup>500</sup> Riddle, “*Pomum ambrae*,” 116-117.

<sup>501</sup> Plínio, o Velho, *The Natural History*, 6: 401, 402 e 404.

para o espírito, sugerindo que uma de suas propriedades seria, de fato, fortalecer corpo e espírito diante da pestilência avassaladora.

### **Marfim (*eboris*)**

O marfim era muito apreciado pelas sociedades antigas, passando a ser considerado uma espécie de gema. Teofrasto ainda menciona que seu fóssil era, de fato, uma pedra de excelência incomum<sup>502</sup>.

Sobre as propriedades médicas do marfim, devemos recorrer a alguns médicos da Antiguidade e do mundo árabe, tal como Dioscórides, Aulus Cornelius Celsus (c. 25 a.C. - c. 50 d.C.) e Al-Kindī para listá-las. Em *De Materia Medica*, Dioscórides cita o marfim (em raspas) como um estimulante quando fumigado.<sup>503</sup> Em *De Medicina*, Celsus apresenta uma lista de coisas naturais que seriam purgantes, entre as quais estão o marfim em pó, um uso bastante próximo do mencionado pelo *Compendium* parisiense.<sup>504</sup> Já Al-Kindī, em seu *Aqrābādhīn*, menciona o pó de marfim como um dos ingredientes para uma receita contra sardas.<sup>505</sup> Os dois primeiros usos parecem se aproximar mais de uma possível utilidade do marfim na receita de um electuário do coração e de prevenção, como é o caso daquela mencionada pelo *Compendium* em que é citado. As propriedades de limpeza do corpo, muito importantes diante da matéria venenosa da Peste Bubônica, e de estímulo, o que poderia ser entendido como uma forma de fortificar ou alegrar o corpo e do espírito, eram partes essenciais dos regimes de proteção e cura dos tratados médicos.

---

<sup>502</sup> “Mas existem algumas outras [pedras], como o marfim fóssil que é variegado com manchas brancas e escuras”. Teofrasto, 53.

<sup>503</sup> Dioscórides, *De materia medica*, II: 101.

<sup>504</sup> Celsus, *De Medicina*, Livro V, Capítulo V.

<sup>505</sup> Al-Kindī, *Medical Formulary*, 78 e 301.

### **Osso do coração do cervo (*ossis de corde cerui*)**

Um dos ingredientes mais recorrentemente mencionados nas receitas dos electuários é o osso do coração de um cervo. Esse osso<sup>506</sup>, formado a partir de uma casual ossificação das válvulas ou dos vasos do coração<sup>507</sup>, muitas vezes parece ser mencionado como uma pedra, provavelmente por sua rigidez.

Ainda que não fosse considerado uma pedra, o osso do coração do cervo poderia ser entendido dentro de uma crença comum entre os medievais, compartilhada em centenas de bestiários e por nomes como o do teólogo Guilherme d'Auvergne (c.1180 - 1249), de que os animais, ou partes deles, possuíam propriedades mágicas ocultas, assim como as plantas e as pedras. Em seu *De Universo*, Guilherme d'Auvergne explica, por exemplo, que *triblia*,<sup>508</sup> o olho de uma tartaruga indiana e o coração da poupa<sup>509</sup> produziram visões e revelações em sonhos.<sup>510</sup> Segundo o teólogo, as propriedades maravilhosas dos animais não poderiam ser explicadas por virtudes corporais.<sup>511</sup> Isso indica que, ao coração do cervo, poderiam ser atribuídos poderes que auxiliariam no tratamento de doenças e outras condições, sendo passível de uso na medicina medieval.

No caso dos tratados contra a Peste Bubônica, o osso do coração de um cervo aparece em várias receitas de compostos para o fortalecimento do coração. Nesse caso, poderíamos considerar que, por estar ligado ao coração, como uma pedra cordial, seu poder atuaria pela teoria da similaridade (*similia similibus curantur*). Não devemos descartar, no entanto, a atuação pelas forças ocultas e pela magia natural.

---

<sup>506</sup> Galeno relata que o osso do coração de animais (*os cordis*) não seria bem um osso, mas uma cartilagem. Vide Galeno, *On anatomical procedures*, 186.

<sup>507</sup> Fisher, "On the Animal Substances," 489.

<sup>508</sup> A referência a esse nome não foi encontrada.

<sup>509</sup> Poupa é um pássaro encontrados na África, na Ásia e na Europa. Caracteriza-se pela penugem eriçada na cabeça e por ser colorido.

<sup>510</sup> Thorndike, *History of Magic*, 2: 362.

<sup>511</sup> *Ibid.*, 362.

Os bestiários antigos e medievais nos trazem algumas pistas sobre uma possível explicação para o uso do osso do coração do cervo nas receitas contra a pestilência, ou, ao menos, para o uso de uma parte do cervo em si. Desde a Antiguidade, o cervo é representado como um inimigo das serpentes. Plínio escreveu no século I d.C. as seguintes propriedades do animal:

Que os cervos são destrutivos para os répteis, ninguém desconhece; (...) E não é apenas em vida e respirando que os cervos são fatais para as serpentes, mas mesmo quando estão mortos e separados membro por membro. A fumaça de seus chifres, enquanto queima, afastará as serpentes, como já foi dito; mas os ossos, dizem, da parte superior da garganta de um cervo, se queimados no fogo, atrairão esses répteis. As pessoas podem dormir sobre a pele de um veado em perfeita segurança e sem qualquer receio de ataques de serpentes; seu coalho também, tomado com vinagre, é um antídoto eficaz para as picadas daqueles répteis.<sup>512</sup>

Essa imagem se perpetuou por toda a Idade Média. Isidoro de Sevilha também relata que os cervos são antagônicos às serpentes. Quando doentes, retiram as serpentes de seus buracos, utilizando o sopro de suas narinas e, uma vez vencida a malignidade do veneno, restauram sua saúde comendo-as.<sup>513</sup>

A associação entre a serpente e seu veneno e o ar venenoso pestilencial já foi abordada anteriormente neste capítulo. Ela pode compor a base de associações que explicariam o uso do osso do coração do cervo contra a Peste Bubônica.

Devemos, no entanto, estar atentos a outra associação importante capaz de explicar seu uso contra a pestilência do século XIV, que é a representação alegórica de Cristo triunfante na figura de um cervo. Como se verá adiante, as figuras religiosas – como de Cristo e da Virgem Maria – também estavam presentes no imaginário de proteção contra a doença. Em um imaginário simbólico religioso, a serpente inimiga do cervo assumiria a representação do mal, na figura demoníaca.

---

<sup>512</sup> Plínio, o Velho, *The Natural History*, 5: 329.

<sup>513</sup> Isidoro de Sevilha, *Etymologies*, 248.

O cervo, por sua vez, era uma das possíveis simbologias de Cristo vitorioso. Nesse sentido, o osso do coração do cervo passa a ter ainda mais sentido se pensarmos em sua forma de cruz (Figura 7).<sup>514</sup> Assim como o coral teria o poder de aterrorizar demônios por seus ramos frequentemente formarem uma cruz, o formato do osso do coração do cervo, também cruciforme, poderia fazer uma correlação com a cruz de Cristo – um dos principais símbolos do Cristianismo. Essa pode ser uma explicação possível para seu poder contra a malignidade da pestilência.



Figura 6 – Imagem em manuscrito de um cervo comendo uma serpente.<sup>515</sup>

<sup>514</sup> Esse formato é explicado por Gérard Dupuy, estudioso sobre os cervos e engenheiro florestal da *Office National des Forêts* (ONF), da França: “Oposto à aurícula direita [do coração], o processo septal, ao se desprender da borda ventral, forma uma protuberância mais ou menos marcada (dependendo da idade do indivíduo) e sensivelmente simétrica em relação à protuberância caudal. A forma desse osso, com suas protuberâncias, pode evocar os dois ramos de uma cruz.” Dupuy, *L’os du coeur du cerf*, 14.

<sup>515</sup> Merton College Library, MS. 249, fôlio 4r., século XIII.



Figura 7 – Ilustrações de ossos cruciformes do coração de cervos.<sup>516</sup>

A presença da cruz de Cristo no cervo é vista, por exemplo, nas hagiografias e nas representações imagéticas da vida de São Eustáquio de Roma (Figura 8) e São Huberto de Liège (Figura 9), que receberam o chamado para a conversão ao Cristianismo quando caçavam este animal. Em ambas as histórias, o cervo se mostra com uma cruz entre os chifres.

Essa última parte do estudo sobre o osso do coração de cervo, assim como o estudo de outras pedras vistas neste capítulo, abrem caminho para considerarmos um segundo tipo de qualidades associadas às gemas na Idade Média, tão importantes quanto as qualidades mágico-médicas, que eram as simbólico-religiosas. No caso desse osso, seu poder em fortalecer o coração, como uma pedra cordial, e seu poder contra venenos, por ser considerado, desde a Antiguidade, um inimigo das serpentes, mas também sua simbologia de Cristo vitorioso contra o mal, teriam pesos iguais em explicar o uso dessa ‘gema’

---

<sup>516</sup> Dupuy, 14.

contra a pestilência. Devemos pensar, portanto, em uma polivalência, uma multiplicidade de virtudes, de relações e significados para as pedras preciosas na Idade Média.



Figura 8 – Plácido, posteriormente Santo Eustáquio, ouve as palavras de Cristo por um cervo com uma cruz entre os chifres.<sup>517</sup>

---

<sup>517</sup> Vitral na Catedral de Chartres, c.1210. Imagem disponível em ULS Digital Collections, “*Chartres: Cathedral of Notre-Dame*” ([https://digital.library.pitt.edu/collection/chartres-cathedral-notre-dame?page=143&islandora\\_solr\\_search\\_navigation=0&sort=mods\\_identifler\\_pitt\\_s%20asc](https://digital.library.pitt.edu/collection/chartres-cathedral-notre-dame?page=143&islandora_solr_search_navigation=0&sort=mods_identifler_pitt_s%20asc)).



Figura 9 - São Huberto de Liège encontrando um cervo com Cristo na cruz entre os chifres.<sup>518</sup>

<sup>518</sup> Xilogravura, Alemanha, século XV. Imagem disponível em Harvard Art Museums, <https://www.harvardartmuseums.org/art/258842>.

### 3.2 As qualidades simbólico-religiosas

Nesta segunda parte do capítulo, apresentamos a ideia de que as pedras preciosas estão simbolicamente ligadas a figuras religiosas, pelas quais canalizam poderes de proteção e cura. Isso significa que a eficácia mágico-médica das gemas depende desses elos simbólicos tanto quanto das propriedades mencionadas anteriormente.

Veremos como a lembrança de quem a gema evoca, seja de Cristo, da Virgem Maria, das pedras de Jerusalém Celestial ou outra referência, compõe o efeito que elas teriam.<sup>519</sup> Nesse sentido, o médico que se utiliza dessas pedras está, de certa forma, manipulando o simbolismo que liga uma coisa material às crenças que a cercam. Ainda que os elos simbólicos não estejam expressos explicitamente nos tratados sobre a Peste, e tudo que se coloque sejam as receitas e as menções às gemas, a causa simbólica está ao menos implícita.<sup>520</sup>

Em nossas análises, as pedras preciosas, com sua polivalência e seus diferentes níveis de significado, se aproximam das imagens medievais e de sua polissemia. Tanto as gemas quanto as imagens em esculturas, vitrais, afrescos e manuscritos remetiam a imagens imateriais, operavam entre o visível e o invisível, entre o humano e o divino. Apropriando-nos do termo utilizado pelo medievalista Jean-Claude Schmitt, elas se encarnam; ou ainda, encarnam os poderes das figuras religiosas às quais remetiam.<sup>521</sup> E isso explicaria, por exemplo, porque tantas imagens de Cristo, de Maria e dos santos, encrustadas de pedras preciosas, incluíam relíquias. Isso ocorria para reforçar o poder miraculoso das imagens e o poder mágico das pedras, para criar uma correlação entre os três fatores (imagem – gema – relíquia), transformando as pedras também em

---

<sup>519</sup> Kieckhefer, “Rethinking how to define magic,” 15-25.

<sup>520</sup> Ibid.

<sup>521</sup> Schmitt, *O corpo das imagens*, 14, 16 e 17.

miraculosas. Estamos utilizando, neste ponto, a ideia defendida por Jérôme Baschet de imagem-objeto, segundo a qual a imagem é indissociável da materialidade de seu suporte e, portanto, indissociável do ouro, da prata e das pedras preciosas com as quais é formada.<sup>522</sup> As imagens e, por conseguinte, as gemas são associadas às relíquias, que as beneficiam com as virtudes conferidas pelo culto àquele santo. Seria uma forma de se assegurar a presença desses seres divinos na busca por auxílio, proteção ou cura.<sup>523</sup> Tudo isso estaria agindo contra uma doença devastadora ao serem utilizadas na medicina da Peste.

Aqui, reforçamos a ideia de que mesmo o uso interno das pedras preciosas na ingestão de materiais curativos, tradicionalmente atribuído a um uso puramente medicinal, não pode ser separado da magia e do simbolismo religioso, tradicionalmente atribuídos ao uso externo, que foi considerado exclusivamente amulético. As gemas, quando ingeridas como componentes de medicamentos, ou quando usadas sobre o corpo, carregam mais do que qualidades de cura e de fortalecimento provindas do seu material, mas também todo o imaginário de proteção divina.

Ao mesmo tempo em que se desenvolvia uma literatura medieval sobre as gemas, que pode ser vista nas obras de Isidoro de Sevilha, de Marbode, de Alberto Magno e Arnaldo Saxo, os estudiosos cristãos também se dedicavam a escrever sobre as pedras e a atribuir a elas significados e simbolismos religiosos. Assim, interpretaram a criação da pérola, as doze pedras do peitoral do Sumo Sacerdote e as doze gemas da muralha de Jerusalém Celestial no Apocalipse de São João. O novo simbolismo foi completado com as doze pedras da Coroa da Virgem Maria.

---

<sup>522</sup> Baschet, *L'iconographie*, 22.

<sup>523</sup> Schmitt, 16.

### 3.2.1 A pérola, Virgem Maria e Santa Margarida

A pérola era um símbolo multiforme ou polissêmico. Não nos cabe aqui explorar todas as possibilidades de interpretação que a gema traz em sua imagem; sendo assim, elegemos alguns dos significados que julgamos contribuírem com a explicação sobre a utilização de pérolas no combate à Peste Bubônica. Conforme mencionado anteriormente, uma das principais associações da pérola era com a figura da Virgem Maria, mãe de Cristo. Essa associação se repete numerosamente na iconografia e na literatura da época da pestilência.

As figuras de Maria e dos santos e santas foram muito importantes no período da Peste Bubônica, ganhando papéis de protetores contra a doença e destacando-se em orações e pedidos de proteção e cura. Maria, principalmente, tinha um triplo papel contra a Peste: era vista como a intercessora pelos pecadores diante de Cristo, o juiz; também como a própria protetora dos fiéis desesperados; e, ao mesmo tempo, era a imagem da pureza, associada ao corpo sem pecado, algo que deveria ser alcançado.<sup>524</sup> Seu poder de cura foi reforçado nos poemas de Richard Ledrede (1275 – c.1360), bispo de Ossory ou Osraige, no sudeste da Irlanda. Em seus poemas, escritos entre 1317 e 1360, Ledrede escreveu sobre o poder de Maria para curar aquilo que estava inchado. Essa parece ser uma referência aos abscessos que apareciam no corpo adoecido, característica marcante da Peste Bubônica.<sup>525</sup>

Ainda para apoiar essa ideia, temos a história escrita pelo já mencionado frade franciscano Michele de Piazza sobre o povo de Messina, onde a Peste teria chegado primeiro. Michele de Piazza relata que os messinianos saíram em procissão em direção a uma outra vila próxima para capturar e levar a Messina a estátua de Santa Maria della

---

<sup>524</sup> Byrne, 94.

<sup>525</sup> Richard Ledrede, *Latin Poems*, 71-73; Kelly, *A History of the Black Death in Ireland*, 46.

Scala, que estava em um santuário, acreditando que a imagem os livraria da Peste. Na história, a estátua - sempre tratada como a própria Virgem Maria - seria levada para a grande igreja da cidade de Messina, isto é, Santa Maria la Nuova, onde as mulheres a cobriram não só com tecido de seda, mas também com pedras preciosas. Antes de chegar à cidade, a Virgem Maria interveio, recusando-se a deixar seus ossos entrarem em Messina, mas foi levada mesmo assim. No final, o Frade franciscano afirma que a chegada da imagem em nada adiantou; pelo contrário, a mortalidade se consolidou ainda mais. A praga era um castigo divino e os messinianos estavam cheios de pecados. Isso implicava que eles mereciam a Peste e nem mesmo as súplicas da Virgem Maria ao Senhor ajudariam.<sup>526</sup>

Esse não era, no entanto, o único motivo para a Virgem não os salvar. Há outro aspecto que devemos destacar. A imagem de Maria era uma relíquia ou uma imagem milagrosa. As imagens milagrosas, que reforçavam e difundiam o culto aos santos – e, principalmente, à Virgem – atraíam peregrinos, que chegavam a oferecer aos santos orações, gestos rituais e oferendas materiais, como a seda e as pedras preciosas mencionadas por Michele de Piazza. Contudo, tanto a relíquia quanto a imagem milagrosa também passam a representar uma comunidade, uma Igreja, um local. Na história, ela é roubada pelos messinianos, um gesto que significou retirá-la de seu templo e retirar dela muito de suas relações com o local onde estava inserida.<sup>527</sup> Talvez isso explique sua recusa em deixar seus ossos (literais ou metafóricos) entrarem em outra comunidade, e mesmo em ajudar os habitantes de Messina.

Apesar do fim trágico na história, ela mostra que a figura de Maria era considerada a intercessora dos fieis diante da grande pestilência, o que reforça nosso argumento de

---

<sup>526</sup> Michele de Piazza, *Cronaca*, 82-87; Aberth, *The Black Death*, 100-103.

<sup>527</sup> Baschet, 36.

que mantinha um importante papel nesse período. Devemos, agora, apresentar sua associação com a pérola.

O maior estudioso dos significados que a pérola assumiu ao longo dos séculos foi o medievalista alemão Friedrich Ohly, que dedicou um estudo inteiro sobre isso em sua obra *Die Perle des Wortes (A Pérola da Palavra ou A Palavra como Pérola)*, de 1977. Ohly estudou as várias noções e esferas de significados que uma certa “coisa” ou matéria poderia ter, pensando numa polivalência do objeto. A partir daí, compilou um vasto corpo de fontes para compreender os muitos significados que a pérola assumiu desde a Antiguidade até a Idade Moderna. Ele estava especialmente interessado em como o significado da pérola se distorceu e mudou ao longo dos séculos em várias e diferentes culturas. Para isso, combinou o patrimônio literário com as tradições que foram preservadas nas próprias obras de arte, como convenções iconográficas, o significado tradicional da pérola material, seu valor de culto, bem como tradições estéticas.<sup>528</sup>

De acordo com Ohly, o *Physiologus*<sup>529</sup> criou a ideia de uma origem para a pérola em um casamento entre o céu e a terra. As pérolas eram o fruto perfeito da conjunção de ambos – mesmo, talvez, do incorruptível e do corruptível. Uma verdadeira teologia da origem da pérola ligada ao céu foi desenvolvida já nos primeiros dias do Cristianismo. As leituras cristãs sobre a origem da pérola assimilam essa gema à ideia de ‘concepção virginal’, como uma metáfora e um símbolo sendo associado à Maria e Cristo. Portanto, já para Clemente de Alexandria (c. 150 - c. 215), as pérolas eram uma imagem da Imaculada Conceição.<sup>530</sup>

Na iconografia, também vemos essa relação ocorrer. Um exemplo disso, ainda que mais tardio, está no Livro de Horas conhecido como *As Horas de Dionora de Urbino*,

---

<sup>528</sup> Fricke, “Matter and Meaning of Mother-of-Pearl,” 35-36.

<sup>529</sup> Sobre o *Physiologus*, vide McCulloch, *Medieval Latin and French Bestiaries*, 15-44.

<sup>530</sup> *Ibid.*, 45.

feito em Ferrara ou Roma por volta de 1510 (Figura 10). O fólio 14r traz uma inicial 'D' (de *Domine*) historiada com uma cena da Anunciação e uma borda ornamentada com muitos elementos. Damos destaque às pérolas e a outras pedras preciosas – azuis e vermelhas - ali representadas. Uma das maiores pérolas está, inclusive, posicionada ao lado da figura de Maria. Há uma relação direta aqui entre a gema, a Virgem Maria e a cena de Anunciação, que trará o nascimento de Cristo, especialmente pela relação entre a pérola e a concepção virginal.



Figura 10 – Fólio retratando a Anunciação.<sup>531</sup>

<sup>531</sup> MS Yates Thompson 7, fl. 14r., retratando a Anunciação. Fólio disponível em <https://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=8130&CollID=58&NStart=7>.

Similarmente à Virgem Maria, outra figura religiosa associada à pérola que ganhou destaque no século XIV foi a de Santa Margarida de Antioquia (f. c.304). A evidência da popularidade de Santa Margarida nesse período é marcada, por exemplo, pelo fato de que ela foi considerada um dos Quatorze Santos Auxiliares<sup>532</sup>, um grupo de santos cristãos cuja intercessão era invocada por aqueles em grande necessidade para proteção contra doenças e outros perigos e cuja iconografia e culto foram especialmente significativos durante a Peste Bubônica, principalmente na Alemanha (Figura 11).<sup>533</sup> O culto aos Quatorze Santos Auxiliares provavelmente remonta ao século XIII, ganhando maior destaque durante os surtos da pestilência.<sup>534</sup>



Figura 11 - Os Quatorze Santos Auxiliares, escultura em madeira, século XV, Alemanha.<sup>535</sup>

Um exemplo da importância que os Quatorze Santos Auxiliares tiveram no século XIV está em um braço-relicário de Brunsvique, na Alemanha (Figura 12). Albert II de Brunsvique-Lüneburg, bispo de Halberstadt entre 1324 e 1358, apresentou este relicário

---

<sup>532</sup> Os santos que geralmente compõem esse grupo são: São Dinis (ou Dionísio), São Jorge, Santo Acácia, São Pantaleão, São Vito, Santa Margarida, Santo Egídio, Santo Erasmo, São Ciríaco, São Cristóvão, São Brás, Santo Eustácio, Santa Catarina, Santa Bárbara. Collins, "The Fourteen Holy Helpers," 13-14.

<sup>533</sup> Gilbertson, "The Vanni Altarpiece," 179.

<sup>534</sup> Collins, 13-14.

<sup>535</sup> Ibid., 13.

ao tesouro da Catedral de St. Blaise por volta de 1350, período em que a Peste devastava a região. A face interna do relicário contém uma treliça que revela a relíquia dentro, envolta em seda vermelha. O atributo anexado à palma, uma lança em miniatura, identifica a relíquia como o braço de São Jorge. Há ainda gravuras figurais na parte de trás do braço. Dois santos estão sob uma arcada: à direita, o santo militar totalmente armado e à esquerda, São Brás, outro Santo Auxiliar, com suas vestes episcopais. O relicário ainda é cravejado de diversas pedras preciosas, reforçando o defendido neste capítulo.<sup>536</sup> As pedras ganham muito de seu sentido, nessa relíquia, em sua relação com a imagem e com o suposto braço do santo que estaria em seu interior, criando uma relação de participação e interação com o objeto ao qual está associada.<sup>537</sup> Ao mesmo tempo, elas dão novos significados, simbologias e poderes à relíquia, atribuindo-lhe um valor considerável, sobretudo, de virtudes apotropaicas, curativas etc. Além do papel que os atos devocionais teriam como suporte para a importância da relíquia, essa já teria sua própria singularidade por estar destinada a ser um lugar de habitação que o santo passa, assim, a ocupar com a sua presença benevolente e protetora.<sup>538</sup> As pedras são, então, moradas dos santos, e isso era visto e compreendido pelos fieis, transportado para outras esferas da vida, como ao uso de medicamentos.

---

<sup>536</sup> Kunstgewerbemuseum, Museus Nacionais em Berlim, Patrimônio Cultural Prussiano / Lothar Lambacher. <http://www.smb.museum/museen-und-einrichtungen/kunstgewerbemuseum/home.html>

<sup>537</sup> Baschet, 24-25.

<sup>538</sup> Ibid.



Figura 12 – Braço-relicário de São Jorge, c. 1350.<sup>539</sup>

Santa Margarida, por sua vez, era a padroeira do parto e seu culto foi amplamente baseado nisso durante a Idade Média, na Itália, França, Alemanha, Espanha, Inglaterra e Escócia. Contudo, a *potentia* da Santa se estendia muito além do âmbito das mulheres grávidas, também sendo invocada por aqueles que estavam à beira da morte.<sup>540</sup>

Sua relação com a pérola é um pouco anterior ao século XIV, estando expressa na *Legenda Áurea* de Jacopo de Varazze, a coletânea de narrativas hagiográficas escrita por volta de 1267. O autor inicia a história de Santa Margarida com o seguinte excerto:

Pérola (*margarita*) é uma pedra preciosa branca, pequena e cheia de virtudes, assim como a bem-aventurada Margarida (*Margareta*) foi branca por sua virgindade, pequena por sua humildade, poderosa na realização de milagres. Dizem que essa pedra tem o poder de conter o sangue, moderar as paixões do coração e confortar o espírito. Do mesmo modo, a beata Margarida teve a virtude da constância contra a efusão do sangue em seu martírio; teve virtude

<sup>539</sup> Kunstgewerbemuseum, Museus Nacionais em Berlim, Patrimônio Cultural Prussiano / Karen Bartsch, no. DE-MUS-018417.

<sup>540</sup> Gilbertson, 179-181.

contra paixões do coração, isto é, contra a tentação do demônio, que foi vencido por ela; teve virtude para confortar o espírito por meio da doutrina com a qual fortaleceu o coração de muitas pessoas convertendo-as à fé em Cristo.<sup>541</sup>

Vemos, então, que a relação entre a Santa e a pérola vai muito além de seus nomes (*margarita* – *Margareta*). Também está em seus ‘poderes’. A analogia entre a pureza da pedra e da Santa (representadas pela característica branca) e entre o poder de ambas em conter o sangue explicam não apenas a relação entre as duas figuras, mas também o próprio culto à Santa Margarida no século XIV e o uso da pérola contra a Peste Bubônica. O uso dessa gema implicava, então, não apenas o consumo de suas qualidades medicinais, mas também a apropriação de poderes divinos.

Outro exemplo da associação da pérola com a pureza está na literatura. Trata-se do poema *Pérola* (*Perle*), do final do século XIV, considerado uma das mais importantes obras em *Middle English* que chegaram aos nossos dias. Este poema anônimo encontra-se em apenas um único manuscrito na British Library, o Cotton Nero A.x. *Perle* é um poema em primeira pessoa, com 101 estrofes e 1.212 linhas. Traz uma visão em sonho com narrativa da história de um homem lamentando a morte de uma criança<sup>542</sup> ou uma donzela<sup>543</sup>, que ele chama de ‘sua pérola’, quando recebe uma visão reveladora do Paraíso.<sup>544</sup>

O poema foi exaustivamente abordado na historiografia, assim como o simbolismo da pérola nele. Concordamos com o estudioso Stanton de Voren Hoffman quando este afirma que, mesmo dentro do poema, a figura da pérola é usada como um símbolo de muito significados.<sup>545</sup> Alguns deles seriam o de inocência, de salvação, de

---

<sup>541</sup> Jacopo de Varazze, *Legenda Aurea: Vida de Santos*, 535.

<sup>542</sup> Discute-se ainda na historiografia se este homem seria o pai e a criança uma filha. Vide, por exemplo, Greene, “The Pearl”, 816.

<sup>543</sup> Greene também questiona se seria uma criança, filha do homem, a pérola referida. Ibid.

<sup>544</sup> Bond, *The Pearl Poem*.

<sup>545</sup> Hoffman, “The Pearl,” 75.

pureza e de purificação espiritual.<sup>546</sup> No poema, é dito que a pérola era uma das noivas do Cordeiro na Jerusalém Celestial, ou seja, símbolo da fé pura, livre de corrupção ou mácula. Isso confirma a ideia de ser, portanto, uma representação simbólica da pureza e da santidade. Essa interpretação elucidada, por exemplo, a última estrofe do poema, na qual há uma exortação para que todos os leitores se tornem "pérolas preciosas" de Cristo, se preparando para residirem na Cidade Celestial.<sup>547</sup> A própria "pérola" que o homem perde, era uma representação dessa pureza e castidade, ideais de salvação.<sup>548</sup> Hoffman ainda reforça que a ideia de inocência estaria fortemente ligada às crianças.<sup>549</sup> Alguns estudiosos ainda discutem a relação da donzela, a pérola do poema, com a figura da Virgem Maria, visto que teriam funções similares em sua atuação entre o mundano e a salvação, o céu e a terra, traduzindo coisas de uma esfera para a outra.<sup>550</sup> Essa análise estaria em consonância com o que estamos relatando aqui.

Diante de uma pestilência, entendida como um castigo de Deus aos pecados da humanidade, a pérola, com sua polivalência e suas ricas simbologias ligadas à pureza, à salvação e, principalmente, à Virgem Maria, atuava contra a danação, a putrefação e a morte. É nessa riqueza de significados que compreendemos a recorrente menção às pérolas nas receitas para prevenção e cura da Peste Bubônica.

### **3.2.2 As pedras na *Explicação do Apocalipse de Beda, o Venerável***

As Escrituras contêm ao menos duas passagens em seus livros nas quais gemas ocupam um lugar importante, o que forneceu material novo e abundante ao imaginário

---

<sup>546</sup> Fletcher, "The Allegory of The Pearl," 2, 12 e 14; Hoffman, 75.

<sup>547</sup> Robertson Jr., "The Pearl as a Symbol," 156-157.

<sup>548</sup> Ibid., 158.

<sup>549</sup> Hoffman, 80.

<sup>550</sup> Vide, por exemplo, Reed, "Mary, the Maiden, and Metonymy in "Pearl'," 136.

místico e simbólico da Idade Média cristã: as doze pedras da Jerusalém celestial do Livro do Apocalipse e as doze pedras do peitoral de Aarão do livro do Êxodo. Trataremos neste tópico da primeira passagem. No capítulo 21 do *Livro do Apocalipse* (21: 19,20), São João descreve a muralha da Jerusalém celestial afirmando que seus alicerces eram adornados com todos os tipos de pedras preciosas. As pedras que o autor menciona são: a jaspe, a safira, a calcedônia, a esmeralda, o sárdio, o crisólito, o berilo, o topázio, o crisoprásio, o jacinto e a ametista. Algumas das pedras são as mesmas do peitoral de Aarão, sobre o qual explanaremos adiante no capítulo.<sup>551</sup>

Esta passagem foi aludida pelo monge inglês Beda, o Venerável, no terceiro livro de sua obra *Explicação do Apocalipse* (*Explanatio Apocalypsis*), escrita entre 710 e 716. Beda faz uma exegese sobre a simbologia das pedras preciosas da muralha da Jerusalém celestial. Dentre as gemas, destacamos a esmeralda, o jacinto e a safira, recorrentemente mencionadas nos tratados médicos da Peste Bubônica.

Ao falar sobre a esmeralda, Beda inicia sua análise de forma similar aos lapidários de propriedades mágico-médicas, relatando sobre a cor e a origem da gema:

A esmeralda é de um verde tão excessivamente profundo que ultrapassa todas as ervas, folhas e joias verdes, e dá cor verde ao ar refletido em volta (...) e existem muitos tipos dessa pedra, mas as mais famosas são as de Cítia; as de Bactria ocupam o segundo lugar; as Egípcias o terceiro.<sup>552</sup>

Em seguida, o autor inicia sua exegese simbólica utilizando a própria origem da pedra para desenvolver a ideia de provações mundanas e resistência para se chegar ao Reino dos Céus:

Representa almas sempre florescendo na fé, que quanto mais elas são provadas pela oposição do mundo, que é denotado pelo frio de Cítia, se esforçam mais para conceber em suas mentes pela esperança a herança imperecível e eterna que é reservada no céu, e a estender a seus vizinhos por meio da pregação.<sup>553</sup>

---

<sup>551</sup> Pannier, *Lapidaires Français, du Moyen Age*, 217-218.

<sup>552</sup> Beda, 151.

<sup>553</sup> Ibid.

A principal simbologia da pedra aparece na sequência, também envolvendo o local de origem daquela, Cítia. Essa simbologia se baseia em uma lenda que Beda recuperou da tradição literária grega antiga sobre grifos guardadores de ouro e ladrões arimaspos. Essa lenda é contada na *História* de Heródoto que, em meados do século V a.C., a menciona de forma alusiva como algo conhecido há muito tempo<sup>554</sup>. Na obra de Beda, ela aparece da seguinte forma:

Embora [Cítia] seja abundante em ouro e pedras preciosas, toda ela é ocupada por grifos, pássaros muito ferozes, ou melhor, bestas voadoras, uma vez que têm quatro patas e no corpo realmente são como leões, mas na cabeça e nas asas são como águias. Os arimaspos<sup>555</sup>, que se diz serem notáveis por conterem um único olho no meio da testa, lutam com os grifos para que possam obter as pedras, que essas criaturas agarram com avidez maravilhosa, e os arimaspos guardam. (...)

A explicação e a simbologia construídas sobre essa lenda são apresentadas adiante na obra:

Contra pássaros desta espécie, que desejam avidamente arrancar de nós a semente da palavra divina, todos os santos olham com uma única intenção através do desejo celeste, como se desse ser admirado por um olho; que eles possam procurar e desenterrar a joia da fé e de todas as outras virtudes. Pois, de fato, quanto mais elevada é qualquer virtude, menos admiradores tem, e mais pesada perseguição ela sofre dos espíritos imundos, que, como grifos horríveis, são da terra na baixeza de seus desertos (...); e que se esforçam com trabalho incansável não para possuir riquezas espirituais para seu próprio uso, mas para tirá-las dos homens.<sup>556</sup>

Aqui, vemos que a esmeralda é a representação da fé cristã, da palavra divina e da virtude, enquanto os grifos são os demônios que querem privar a humanidade dessas coisas. Os arimaspos, por sua vez, são os santos ou as pessoas que seguem o caminho da santidade, lutando contra o maligno em busca da fé.

---

<sup>554</sup> Phillips, "The Legend of Aristeas," 161.

<sup>555</sup> Os arimaspos eram uma tribo lendária de povos caolhos do norte da Cítia.

<sup>556</sup> Beda, 153.

Há ainda uma última simbologia que Beda atribui à esmeralda, que é a representação dos Quatro Evangelistas, os quais, de acordo com a explicação do religioso, foram os responsáveis por tornar a fé conhecida pelo mundo através do Evangelho.<sup>557</sup>

Mais uma vez, essa pluralidade de simbologias aponta para uma nova qualidade da esmeralda, pois atribuem à gema uma aura de divindade e fé, que seriam muito importantes em um momento de desgraça e desespero trazidos pela pestilência a toda a Europa, principalmente por essa doença ser explicada, também, pela ideia de uma punição divina.

A segunda pedra que é mencionada pelos médicos da Peste e que, ao mesmo tempo, estava presente do Livro do Apocalipse, sendo abordada por Beda, é a safira. Diferentemente da esmeralda, no caso da safira não é sua origem, mas sua cor que recebe maior destaque na explicação, igualada ao azul celestial e divino:

Moisés igualou a cor e o sacramento dessa pedra, ao descrever a aparência de Deus, ele disse: "Sob Seus pés, por assim dizer, uma obra de pedra de safira, e como o céu quando está claro". Ezequiel também diz que o lugar em que está o trono de Deus "tem a semelhança de uma safira", e que a glória do Senhor consiste nesta cor, que traz a imagem do supercelestial.<sup>558</sup>

Nesse mesmo sentido, não apenas a cor da safira é utilizada para a simbologia religiosa, mas também seu brilho fulgurante:

(...) quando atingida pelos raios do sol, emite um brilho radiante a partir de si mesma; porque a mente dos santos, que está sempre voltada para as coisas celestiais, nisso é diariamente renovada pelos raios da luz divina, com mais compunção em algum tipo e mais fervor, busca diligentemente as coisas eternas e as recomenda a outros por sua busca.<sup>559</sup>

Mais uma vez, vemos que a simbologia da safira, representando o lugar onde Deus habita e a mente santa e fiel, atribui à gema uma qualidade que vai muito além daquelas mágico-médicas descritas em lapidários aqui mencionados. Ela aproxima a pedra da

---

<sup>557</sup> Ibid.

<sup>558</sup> Ibid., 150.

<sup>559</sup> Ibid.

divindade e da santidade, como poderes que seriam adquiridos por quem a portasse ou tomasse.

Por fim, analisaremos o jacinto, amplamente mencionado nos tratados da Peste e, também, uma das pedras da muralha de Jerusalém. Como no caso da esmeralda, Beda inicia sua explicação sobre o jacinto informando sua origem e característica física:

O jacinto é encontrado na Etiópia e tem uma cor azul-celeste. O melhor é aquele que não é transparente nem fosco por sua opacidade, mas tem uma clareza das duas qualidades e se assemelha à flor docemente purificada. Nem sempre é igualmente brilhante, mas muda com a face do céu. Pois quando ele está sereno, é claro e agradável; mas quando está nublado, empalidece e torna-se opaco diante dos olhos.<sup>560</sup>

A interpretação simbólica disso é que estas características da pedra indicariam almas sempre entregues à contemplação celeste e que, de certo modo, e tanto quanto é permitido aos mortais, se aproximariam da vida angélica. Contudo, Beda alerta para a cautela de se filosofar a respeito de Deus e de Cristo; para que os fieis “não se atrevam a inquirir sobre coisas superiores e melhores do que eles próprios.”<sup>561</sup>

Em menor medida que a esmeralda e a safira, ainda vemos no jacinto um símbolo de busca pelo divino, ainda que essa busca seja essencialmente filosófica. A conclusão, no entanto, é que ele também levaria o fiel a se aproximar da vida celestial.

### **3.2.3 As pedras do peitoral de Aarão, o lapidário cristão e a Coroa da Virgem**

Outra literatura que abordou a simbologia religiosa de algumas das pedras mencionadas contra a Peste Bubônica – a dizer, a esmeralda, a safira, o *carbunculus* e o rubi – foi o chamado ‘lapidário cristão’, criado no século XIII, após a grande difusão da obra de Marbode.<sup>562</sup>

---

<sup>560</sup> Ibid., 159.

<sup>561</sup> Ibid.

<sup>562</sup> Gontero, “Un Syncretisme Pagano-Chrétien,” 420.

De acordo com Riddle, o lapidário cristão, ao qual ele chama também de lapidário simbólico cristão, foi uma literatura bastante popular na Idade Média. Diferentemente dos lapidários que mencionamos neste capítulo, o número de pedras nessas novas obras era limitado. Esses lapidários descreviam as doze pedras mencionadas no peitoral de Aarão, irmão mais velho de Moisés e primeiro sumo sacerdote dos hebreus, conforme descrito no Êxodus.<sup>563</sup> Essa literatura, como a de Beda, era uma forma de a Igreja utilizar as pedras preciosas como imagens e símbolos para edificação e moralização do povo.<sup>564</sup>

Contudo, esse lapidário não era apenas ‘cristão’, trazendo também uma primeira parte inspirada nos ‘lapidários científicos’<sup>565</sup>, ou seja, que traziam as propriedades mágico-médicas sem simbologias bíblicas. Essa primeira parte estava baseada, principalmente, no *De Lapidibus* de Marbode. Apenas a segunda parte era propriamente ‘cristã’, em que as pedras são objeto de uma simbologia espiritual.<sup>566</sup> Entretanto, não devemos pensar o lapidário cristão e o lapidário de propriedades mágico-médicas como duas literaturas separadas. Muitas vezes, essas duas correntes se misturavam.<sup>567</sup>

No Êxodo 28:17,20, é dito que o peitoral do sumo sacerdote foi carregado com quatro fileiras de três pedras preciosas cada e em cada pedra ainda estava gravado o nome de um dos filhos de Jacó. A primeira conteria as pedras sárdio, topázio e esmeralda. A segunda, as pedras *carbunculus* (às vezes mencionado como rubi), safira e jaspe. A terceira, as pedras ligúrio (às vezes mencionado como âmbar), ágate e ametista. A quarta, o crisólito, ônix e berilo.<sup>568</sup> Não há uniformidade sobre a interpretação dos nomes

---

<sup>563</sup> Riddle, “Lithotherapy,” 40; Pannier, 209.

<sup>564</sup> Pannier, 5.

<sup>565</sup> Veremos adiante o significado dessa expressão.

<sup>566</sup> Gontero, 420.

<sup>567</sup> Pannier, 7 - 8.

<sup>568</sup> *Ibid.*, 211.

hebraicos de cinco das doze pedras mencionadas nesta passagem. Contudo, não entraremos nas discussões levantadas pela tradução dada pelas várias versões da Bíblia.<sup>569</sup>

As simbologias e qualidades atribuídas à esmeralda eram basicamente as mesmas trazidas por Beda cinco séculos antes. Segundo a interpretação simbólica que o lapidário cristão traz para a esmeralda, sua cor remetia à fé na Trindade e à divindade. A gema ainda era uma simbologia dos Quatro Evangelistas. O lapidário cristão, assim como os comentários de Beda, traz para a esmeralda a moralização da lenda do grifo e dos arimaspos, em que os grifos eram como os demônios que queriam retirar da humanidade sua fé, e os arimaspos representam os verdadeiros fieis em busca dessa fé.<sup>570</sup>

Sobre a safira, o lapidário informa que a gema representaria a esperança e, mais especificamente, a esperança na vida eterna. Também seria uma simbologia do estado de espírito de quem se aproxima do verdadeiro sol, Jesus Cristo.<sup>571</sup> Sobre o rubi (ou o *carbunculus*) é dito que seu significado simbólico seria o de Deus onipresente, que está sempre entre os seus fieis. Essa gema iluminaria outras pedras, sendo chamada de ‘remédio’, como Jesus Cristo ilumina seu povo e expulsa as trevas e como Deus ilumina o mundo.<sup>572</sup>

Fora das Escrituras, mas com a mesma temática, havia ainda “as pedras da coroa da Virgem”, uma lista de gemas que adornavam a coroa alegórica de Maria, também com significados atribuídos, encontrada em alguns manuscritos latinos do século XII em diante. Geralmente eram mencionadas em um texto intitulado *Libellus de Corona Virginis*, falsamente atribuído a Santo Ildefonso, um grande monge, abade e bispo do século VII. Esta coroa simbólica era composta de vinte e quatro flores; 12 dessas flores continham uma pedra, seis continham uma estrela e seis uma flor. As pedras citadas eram,

---

<sup>569</sup> Ibid., 210.

<sup>570</sup> Ibid., 263-264.

<sup>571</sup> Ibid., 366-367.

<sup>572</sup> Ibid., 264-266.

novamente, o topázio, o sárdio, a calcedônia, safira, a ágata, a jaspe, o *carbunculus*, a esmeralda, a ametista, o crisólito, o crisopásio e o berilo. Obviamente, estas gemas faziam referências às pedras preciosas mencionadas nas passagens do Êxodo e do Apocalipse.<sup>573</sup> Sem correr o risco de soarmos repetitivos, apontamos apenas a importância da figura da Virgem e de Sua relação com as pedras preciosas nessa literatura medieval, sendo, Ela mesma, a simbologia de uma gema, a pérola, que parece completar a imagem pretendida.

Finalmente, o que buscamos mostrar com este capítulo é que as gemas, em suas formas, seu material, suas funções, suas lendas, suas relações com os lapidários e em seus usos fornecem uma infinidade de referências diferentes, todas carregadas de significado alusivo. Em outras palavras, cada pedra preciosa contém uma polivalência de qualidades e produz múltiplos significados. Isso torna as gemas um nó de relações, em torno do qual se configuram, simultaneamente, as relações com os lapidários mágico-médicos, os lapidários cristãos, a astrologia, a magia natural, as imagens santas e todo o conhecimento comum milenar sobre as pedras que estava presente na sociedade daquele período.

Assim, são as qualidades mágico-médicas e simbólico-religiosas, em sua correlação intrínseca, com todos os desdobramentos que esses termos carregam e que foram discutidos aqui, que explicam a utilização de tais pedras preciosas, como a esmeralda, a pérola, a safira, o jacinto e tantas outras, nas receitas médicas para a prevenção e cura da Peste Bubônica.

---

<sup>573</sup> Ibid., 223-224.

## Capítulo 4 – Um lapidário em meio à Peste Bubônica: o estudo de caso do *Liber*

### *Lapidum* (MS Rawlinson A 273)

Este capítulo e o anexo que o compõe foram o início de toda a jornada de pesquisa que resultou na tese aqui apresentada. Ao estudo do lapidário *Liber Lapidum*, presente no manuscrito Rawlinson A 273<sup>574</sup>, seguiu-se toda a busca por se compreender a relação entre as pedras preciosas e a Peste Bubônica. Pudemos perceber, ao conhecer seu conteúdo, que algumas das gemas mencionadas em suas linhas tinham propriedades contra uma pestilência. Somado a isso, há o fato de o manuscrito ter sido escrito na segunda metade do século XIV, período dos primeiros surtos da Peste.

Retomamos aqui as ideias de Thorndike, apresentadas no início do primeiro capítulo, segundo as quais devemos olhar para os registros mais individuais a fim de encontrar os sinais da Peste Bubônica, visto que cada manuscrito e cada texto desse período podem conter sinais da alta mortalidade e do infortúnio que ocorria no período.<sup>575</sup> Isso vale para o manuscrito e o lapidário aqui estudados. Um olhar mais superficial e descuidado não identificaria qualquer sinal da pestilência em suas páginas, aparentando conter um compilado de textos, que até mesmo passaria uma certa ideia de aleatoriedade. Contudo, uma vez que nos debruçamos sobre o manuscrito e estudamos mais a fundo seu conteúdo, constatamos os caminhos que levam à epidemia e uma relação intrínseca com o período em que foi produzido.

Assim sendo, o presente capítulo foi escrito com o propósito de ser um estudo de caso mais aprofundado sobre um lapidário em seu contexto, formado pelas epidemias de Peste Bubônica, mas também por uma grande produção de conhecimentos médicos e mágico-médicos. O documento é pensado, aqui, como um fenômeno resultante de todos

---

<sup>574</sup> Mais adiante, detalhes sobre o manuscrito.

<sup>575</sup> Thorndike, “The Blight of Pestilence,” 455.

esses acontecimentos que ocorriam ao final da Idade Média, na esfera política, social, religiosa e, principalmente, na medicina. Espera-se, assim, que as análises propostas nos permitam um melhor entendimento sobre os saberes que envolvem a criação desse lapidário.

O capítulo está dividido em três partes. A primeira é um estudo do aporte material do documento-chave, ou seja, do manuscrito em si e de seu conteúdo em geral, composto de muitos tratados e cartas. Na segunda parte, apresentaremos o lapidário *Liber Lapidum* em relação a suas fontes, às cópias e à sua estrutura e conteúdo, ou seja, dentro da tradição literária de lapidários antigos e medievais. Por último, identificaremos, entre as pedras abordadas nesse texto, aquelas que teriam poder contra a pestilência, apresentando a informação contida e relacionando-a com os capítulos anteriores.

#### **4.1 O manuscrito Rawlinson A 273**

O manuscrito Rawlinson A 273 é um documento do tipo códex ou códice<sup>576</sup>, anônimo e escrito majoritariamente em latim. Contém, ao todo, 145 fólios, que correspondem a uma coletânea de 84 textos, entre muitas cartas, poemas, tratados alquímicos, textos médicos, entre outros.<sup>577</sup> Tudo indica que o manuscrito tenha sido feito no terceiro quarto do século XIV,<sup>578</sup> na Inglaterra,<sup>579</sup> mas voltaremos a falar de sua datação adiante. Atualmente se encontra na Bodleian Library, em Oxford, na Inglaterra, dentro da coleção de Manuscritos Rawlinson A-B.

---

<sup>576</sup> O códex ou códice é um artefato que consiste em uma sequência de fólios agrupados, sobrepostos e costurados, geralmente contendo uma quantidade de textos. Esses textos podem ser um compilado de um ou diversos autores, girando em torno de um mesmo tema ou não. Vide, por exemplo, Maniaci, "The Medieval Codex," 27-46.

<sup>577</sup> A lista dos itens pode ser conferida em: Rawlinson, *Catalogi Codicum Manuscriptorum*, 287-292.

<sup>578</sup> Chegamos a essa conclusão graças à presença de datas e eventos que ocorreram na primeira metade do século XIV mencionadas no manuscrito.

<sup>579</sup> Martina, "Oxford, Bodleian Library, Rawlinson A. 0273".

Infelizmente, boa parte dos fólhos do manuscrito, do fólho 42v em diante, está danificada por uma mancha causada pelo derramamento ou gotejo de algum líquido quando o códice estava fechado, o que prejudica a leitura da parte superior de tais fólhos (Figura 13).

Uma vez que o manuscrito Rawlinson A 273 é classificado como anônimo, faz-se necessário extrair o máximo de informações possíveis de suas páginas a fim de se compreender um pouco mais de sua história e do cenário em que se insere, começando pela sua origem dentro da Inglaterra.

Buscamos, ao longo de nossas pesquisas, encontrar informações sobre o estudioso, o copista, o patrono ou o monastério a quem o manuscrito possa ter pertencido, contudo, nenhuma bibliografia traz algo a respeito. A principal pista que se pôde levantar a fim de se entender o mistério foram alguns escritos na contracapa que parecem ser da época em que o códex foi feito. A contracapa (Figura 14) encontra-se bastante danificada por rasgos, manchas e mofo, causando desbotamento da tinta, mas, ainda assim, é possível ler diversos nomes masculinos seculares e bíblicos, tal como *Adam, Clemens, Dyonisius, Hugo, Joseph, Lucas, Matheus, Nicholaus, Odo, Philippus, Quintinus, Sampson e Zebedeus*. Também é possível ler uma frase, parcialmente apagada, com o seguinte dizer: “Saibam(?) os presentes e [...] que eu, Williams(?) de Stalaham<sup>580</sup>, concedi, dei e afirmei este presente por caridade minha a Ricardo de Luxton (Luxstone?) *et cetera*.”<sup>581</sup>

---

<sup>580</sup> Stalaham, atualmente Stalham, é uma cidade no condado de Norfolk, no leste da Inglaterra.

<sup>581</sup> “S[...] (*Sciant?*) *pr(a)esentes et [...] quod ego Williams(?) de Stalaham concessi dedi et hac presenti carita mea confirmaui Ricardo de Luxton (Luxstone?) et cetera*”, MS Rawl. A 273, contracapa.



Figura 13 – Exemplo de fólio danificado do manuscrito.<sup>582</sup>

Infelizmente, não há maiores informações sobre esses dois nomes. Verificou-se, no entanto, que há um registro de casamento entre Willelmus de Stalaham, filho de Willelmus, com Isabella de Goneton, vinda de uma família de cavaleiros, no condado de Norfolk, no tempo do reinado de Edward III,<sup>583</sup> período que abrangeu a chegada da Peste Bubônica e a confecção desse manuscrito. Ainda assim, não se pode afirmar que algum

<sup>582</sup> The Bodleian Libraries, University of Oxford, MS Rawlinson A 273, fólíos 59v e 60r.

<sup>583</sup> Rye, ed., *County of Norfolk*, 80.

desses nomes esteja ligado de fato à confecção do códex, ou mesmo se teria sido feito na região de Norfolk, apesar de ser o único indicativo geográfico.

O manuscrito como um todo parece ter sido escrito por uma única mão, apesar de conter algumas glosas tardias. Isso sugeriria que os textos ali contidos foram escolhidos para compor o códex e colocados em uma determinada ordem lógica. A escrita, com muitas abreviações, ligaduras e com constantes caimentos ao final da frase, mostra que não se tratava de um códex objeto, ricamente preparado para a nobreza, mas sim um livro para consulta.

Sobre o período em que o manuscrito teria sido produzido, sustenta-se que seja na segunda metade do século XIV, mais especificamente o terceiro quarto desse século. Essa conclusão se dá pela paleografia, mas também pela presença de algumas datas nas cartas ali copiadas. As cartas são mensagens trocadas entre os reis ingleses (Edward I, II e III), nobres de outros reinos (como Ludovici IV da Bavária) e a cúria Papal (Bonifácio VIII, João XXII, Bento XII etc.)<sup>584</sup>. A data mais tardia entre as cartas corresponde a uma troca de mensagens entre o Papa Clemente VI e o rei inglês Edward III, que começa em 18 de fevereiro de 1347. O Papa escreve exortando a paz entre Edward III e Filipe VI da França durante a Guerra dos Cem Anos.<sup>585</sup> Clemente VI reclama das atrocidades cometidas aos pobres e às igrejas, ao que Edward III respondeu ser culpa dos rivais franceses a necessidade de haver uma guerra, visto ser seu direito divino ter também a coroa da França.<sup>586</sup> A partir dessa data, deduz-se que o manuscrito seja ao menos posterior a esse evento.

---

<sup>584</sup> Vide, por exemplo, fl. 97r, fl. 106r, fl. 106v, fl. 107r, fl. 109v, fl. 110r, fl. 111r, fl. 112r, fl. 112v, fl. 115v, fl. 116r, fl. 116v, fl. 117r, fl. 118r, fl. 120r, fl. 120v, fl. 131v.

<sup>585</sup> MS Rawl. A 273, fl. 116v.

<sup>586</sup> Ibid., fl. 117r.

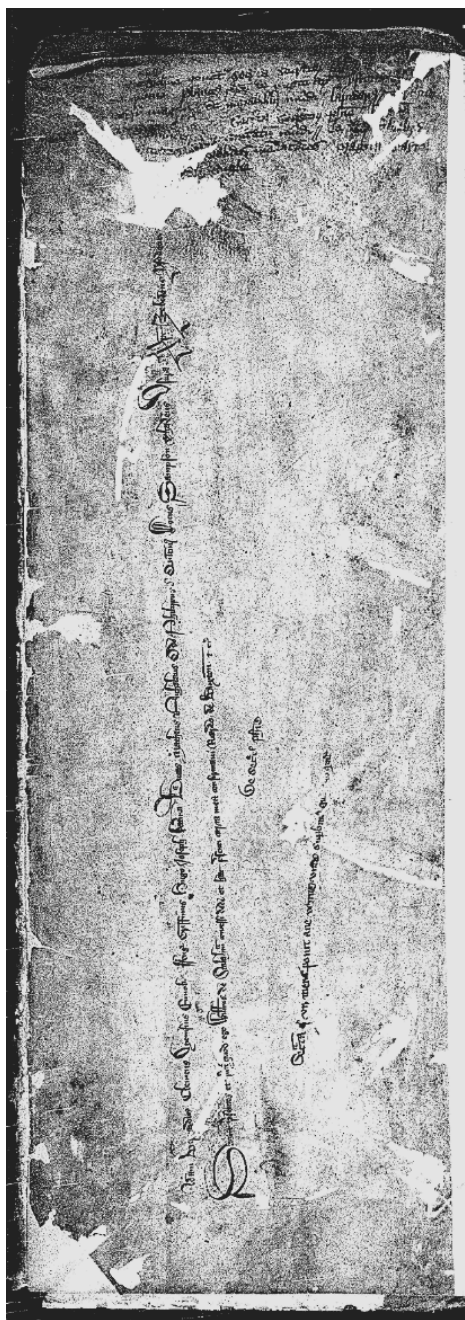


Figura 14 – Contracapa do MS Rawlinson A 273.<sup>587</sup>

Apesar de numerosas, as cartas compõem apenas uma parte do códex, que ainda contém uma grande quantidade de literatura secular e religiosa. A seguir, serão apresentados aqueles tratados cujo conteúdo julgamos ser essencial para

---

<sup>587</sup> The Bodleian Libraries, University of Oxford, MS Rawlinson A 273, contracapa.

compreendermos o cenário por trás do documento e, até mesmo, o motivo de sua confecção.

Os dois primeiros tratados do manuscrito são pseudo-aristotélicos<sup>588</sup>, acompanhados de um terceiro texto que também se liga à figura do filósofo. São eles: *Os segredos de Aristóteles (Secreta Aristotelis)*<sup>589</sup>, *O Livro da Maçã de Aristóteles (Aristotelis liber de pomo)*<sup>590</sup> e *O lamento dos filósofos sobre a morte de Aristóteles (Planctus philosophorum de morte Aristotelis)*<sup>591</sup>. Abordaremos cada um separadamente a seguir.

O *Secreta Aristotelis* é uma cópia do famoso tratado *Secretum secretorum* de pseudo-Aristóteles, uma suposta carta de conselhos do filósofo a Alexandre, o Grande, seu pupilo, para quando este estivesse em suas campanhas na Pérsia. O tratado foi escrito como um guia para a arte de governar e para a correta conduta de um imperador, incluindo conselhos morais e políticos, astrologia, fisionomia, alquimia, numerologia, magia, bem como conhecimentos médicos e um regime de saúde. Esse texto de origem árabe foi traduzido para o latim duas vezes durante a Idade Média. Primeiro em uma versão fragmentada e incompleta, no século XII e, depois, por volta de 1230, após ser recuperado em Antioquia pelo clérigo Filipe de Tripoli, a serviço de Guido de Valence, então bispo de Tripoli. A partir daí, o *Secretum secretorum* tornou-se bastante popular na Idade Média, sobrevivendo em muitas cópias e em diversos manuscritos, inclusive em línguas vernáculas.<sup>592</sup>

O *Secretum Secretorum* tem como fonte um tratado anônimo árabe do século VIII intitulado *Livro da Ciência do Governo, sobre a Boa Ordem da Política (Kitāb 'ilm al-*

---

<sup>588</sup> A referência ao que sejam textos pseudo-aristotélicos está indicada no capítulo 1, nota 137.

<sup>589</sup> MS Rawlinson A 273, fls. 1r - 27r.

<sup>590</sup> Ibid., fls. 27v - 31r.

<sup>591</sup> Ibid., fl. 31r.

<sup>592</sup> Williams, *The Secret of Secrets*, 7.

*siyāsa fī tadbīr al-riyāsa*), mais comumente conhecido por seu subtítulo, *Segredo dos segredos* (*Sirr al-asrār*). Nesse tratado explica-se a circunstância em que ele foi escrito, supostamente quando Aristóteles, muito velho para acompanhar Alexandre nas campanhas pela Ásia, preparou um livro para substituir sua ausência, com segredos passados a ele por Deus e que deveriam ser guardados pelo pupilo. Para que os conhecimentos não caíssem em mãos perversas, teriam sido guardados em enigmas e linguagem figurativa. Também no tratado está relatado que Yahya ibn al-Bitriq, que trabalhou em Bagdá no século IX, teria traduzido esses conhecimentos do grego para o árabe.<sup>593</sup>

No *Secreta Aristotelis* do manuscrito Rawlinson A 273 não estão copiados todos os *libelli* que deveriam compor a obra, mas há destaque aos textos médicos, tais como *Para a conservação da saúde e a norma para viver; Sobre a forma de dormir; Sobre a cabeça ruim e seu remédio; Sobre o peito ruim e seu remédio; Sobre a doença dos olhos e seu remédio; Sobre a genitália ruim e seu remédio; Sobre o que deve ser preservado da saúde*, entre outros.<sup>594</sup>

Dar-se-á destaque, no entanto, aos últimos textos do tratado, que misturam magia, astrologia e medicina em seus conhecimentos, ou seja, estamos falando da iatromatemática. O primeiro a ser comentado recebe o título *As imagens e anéis* (*De ymaginibus et anulis*) e se trata de um texto sobre o poder mágico atribuído a anéis, pedras e outros materiais pela confecção de imagens nesses, sob influência dos corpos celestes. Podemos considerar esses artefatos como talismãs, conforme explicado no segundo capítulo. As fontes para esse texto podem ter sido diversos tratados do mundo árabe traduzidos ao latim alguns séculos antes, como o *Sobre as imagens* (*De imagibus*) de Thabit ibn Qurra, traduzido por João de Sevilla. Esse tipo de literatura teve grande

---

<sup>593</sup> Ibid., 7-8.

<sup>594</sup> MS Rawl. A 273, fls. 1v-2r.

popularidade ao final da Idade Média, período no qual, como relatado anteriormente, houve um aumento na produção de textos iatromágicos.<sup>595</sup>

Dentro do texto, há menção a uma pedra preciosa amarelada, sem se especificar qual, sendo utilizada no processo da confecção de um anel com o entalhe de uma imagem que traria reverência, respeito, obediência e poder real ao seu portador (“*reverenciam et regnum, et congregat inclinationem et obedientiam*”)<sup>596</sup>, e que deveria ser feita sob a influência de Júpiter:

E quando tiveres essas coisas, reúne as substâncias pela dissolução na manhã do dia de Júpiter [Quinta-feira?] na hora atribuída a Júpiter<sup>597</sup>. Depois, que faças a partir dessa hora um anel e coloques nele uma pequena parte quadrada de uma pedra preciosa amarelada. E desenes nela a forma de um leão sobre o qual cavalga um homem...<sup>598</sup>

Veremos adiante no capítulo como esses conhecimentos se ligam pela intertextualidade à segunda parte do lapidário *Liber Lapidum* presente no manuscrito, a qual traz imagens, muitas das quais astrológicas, feitas em pedras, e os poderes ou qualidades atribuídas por essa confecção mágica.

Incluídos ao final desse tratado, há cinco textos médicos para diferentes condições do corpo, respectivamente: *A quarta medicina*, com receita de um medicamento para cuidar de enfermidades no peito e no pulmão; *A quinta medicina*, com receita de um medicamento para expelir melancolia, que diminuiria a fleuma e a umidade excessivas, repararia o estômago e retiraria os ventos (*ventositates*) do corpo; *A sexta medicina*, com uma receita de um medicamento para reparar e melhorar a respiração, reparar o estômago e curar a dor nos rins; *A sétima medicina*, com uma receita de um medicamento para

---

<sup>595</sup> Klaassen, 35.

<sup>596</sup> MS Rawl. A 273, fl. 26r.

<sup>597</sup> Quatro horas eram regidas por Júpiter na Quinta-feira: 1h, 8h, 15h e 22h. Vide Falk, “Astronomical names,” 124-125.

<sup>598</sup> “*Et cum hec habueris collige substantias per dissolutionem in mane diei Jovis in hora attributa Joui. Deinde facias ex ho(?) annulum et pone in eo particulam quadratam de lapide luteo precioso. Et depinge in eo formam leonis super qua equitet ymago hominis (...)*”, MS Rawl. A 273, fl. 26r.

reparar o estômago e afastar a matéria ventosa do corpo; e *A oitava medicina*, com duas receitas de medicamentos, conforme explicado a seguir. A primeira seria para curar ou corrigir o fígado e fortificar o coração. A segunda teria muitas propriedades, tais como: combater a melancolia, a fleuma, a cólera e o calor dos rins; contra hemorroidas e inflamações; ajudaria na digestão e regularia as compleições; repeliria as matérias ventosas e a umidade; afastaria doenças; nutriria o cérebro, entre outras qualidades.<sup>599</sup>

Essa última receita traz entre seus ingredientes o âmbar-cinza, pérolas trituradas, uma argila de esmeralda<sup>600</sup> e pedras vermelhas, azuis e amarelas em pó, sem maiores especificações.<sup>601</sup> As gemas aqui mencionadas (âmbar-cinza, pérola e esmeralda) já são conhecidas por seu uso contra a Peste, conforme afirmado nos capítulos anteriores. Portanto, essas duas últimas receitas presentes no tratado *A oitava medicina*, e as três receitas anteriores dos demais tratados, inclusos no *Secreta Aristotelis*, têm importantes qualidades para o combate à Peste Bubônica, ainda que não esteja explicitamente citada. Em verdade, as propriedades dos medicamentos fazem mais sentido dentro de um cenário de constantes surtos da doença do que dentro da proposta de ensinar Alexandre a governar.

Como veremos adiante, esse seria um exemplo, entre os textos médicos do manuscrito Rawlinson A 273, que se liga à Peste Bubônica. Mais ao final do códice, há uma pequena receita médica, intitulada “*Medicine Parve*”, algo como “pequeno ou simples remédio”, que traz a confecção de um pomo odorífero para ser carregado na mão, similar ao mencionado no *Compendium* parisiense, que também continha uma versão mais barata. Infelizmente, o texto está parcialmente coberto pela mancha que acompanha

---

<sup>599</sup> Ibid., fl. 26r, 26v e 27r.

<sup>600</sup> “*De luto smaragdini*”, Ibid, fl. 26v.

<sup>601</sup> Ibid.

boa parte dos fólhos do manuscrito, impossibilitando sua leitura completa, inclusive dos ingredientes que comporiam a receita.<sup>602</sup>

Após o *Secreta Aristotelis*, passamos ao segundo tratado pseudo-aristotélico do manuscrito: o *Livro da Maçã* (*Aristotelis liber de pomo*), também intitulado *Livro sobre morte de Aristóteles* (*Liber de morte Aristotelis*).<sup>603</sup> O tratado, traduzido do árabe ao latim no século XIII, traz a figura de Aristóteles em seu leito de morte ensinando a seus discípulos questões sobre o universo e sobre a própria morte enquanto segura uma maçã, cujo aroma deveria confortá-lo em seus últimos momentos ensinando.<sup>604</sup> Na cópia presente no manuscrito Rawlinson A 273, Aristóteles ensina sobre os quatro elementos, que comporiam todas as coisas sublunares, e as quatro qualidades primárias (quente, frio, úmido e seco), que deveriam estar em equilíbrio. A partir daí, relata sobre o estado enfermo causado pelo desequilíbrio das qualidades e sobre o papel dos médicos em tratar isso. Há, ainda, um comentário sobre os fluidos dos humores (sangue, melancolia, cólera e fleuma) e suas qualidades (respectivamente, quente e úmido, fria e seca, quente e seca, fria e úmida).<sup>605</sup> Essa parte não parece compor a obra original árabe, como podemos perceber na versão apresentada por D. S. Margoliouth em 1892.<sup>606</sup> Seria necessário um estudo rigoroso de toda a árvore de cópias do *De pomo* para identificarmos a origem dessa passagem dentro da obra. É possível que tenha sido acrescentada por volta dos séculos XIII e XIV em meio aos estudos sobre as novas obras galênicas e sobre a teoria das compleições<sup>607</sup>. O restante do *De Pomo* parece ser uma versão resumida da obra, com um estudo sobre a inteligência, a ignorância e sobre a alma humana.<sup>608</sup> Em seguida a esse

---

<sup>602</sup> Ibid., fl. 98r.

<sup>603</sup> Ibid., fl. 27v.

<sup>604</sup> Ibid., fl. 28r.; Margoliouth, "The Book of the Apple," 231.

<sup>605</sup> MS Rawl. A 273, fls. 29r-29v.

<sup>606</sup> Margoliouth, 202-252.

<sup>607</sup> Essa suposição está baseada na retomada medieval da teoria das compleições. Sobre esse tema, vide capítulo 1.

<sup>608</sup> MS Rawl. A 273, fls. 27v-31r.

tratado está o pequeno texto intitulado *O lamento dos filósofos sobre a morte de Aristóteles*, que traz justamente uma lamentação, supostamente de estudiosos daquele período, a respeito desse fato.<sup>609</sup>

Após os textos vinculados à figura de Aristóteles, há dois tratados ligados à figura do imperador Alexandre, o Grande: o *História de Alexandre Imperador (Historia Alexandri imperatoris)*<sup>610</sup> e o *As maravilhas do mundo, no tempo de Alexandre (De mirabilibus mundi, tempore Alexandri)*<sup>611</sup>. O primeiro tratado parece ser uma versão de um texto de origem grega ou egípcia conhecido como *Romance de Alexandre*, uma coleção de histórias lendárias sobre o imperador, muitas vezes atribuída a Calístenes<sup>612</sup>, membro da corte de Alexandre. Na primeira lenda contada nessa obra, Alexandre teria nascido do faraó egípcio Nectanebo II que, por meio de magia, teria seduzido Olímpia, esposa de Filipe II da Macedônia.<sup>613</sup>

O segundo tratado é uma coleção de informações ou lendas sobre pessoas, povos, rios, animais e plantas maravilhosos, isto é, cujas qualidades fogem ao natural. A maioria das lendas viriam do oriente, supostamente conhecidas por Alexandre em suas campanhas, mas há ainda alguns relatos da Europa. O texto refere-se a homens monópodes ou com pés de leão, a fontes coloridas, a ilhas que tornam animais estéreis, entre outras lendas. A parte final do tratado aborda “as coisas inanimadas”, entre as quais estão a prata e o cristal. Sobre o cristal é dito que, apesar de ser frio, conduz através de si

---

<sup>609</sup> Ibid., 31r.

<sup>610</sup> Ibid.

<sup>611</sup> Ibid., 61r.

<sup>612</sup> É consenso entre os historiadores que o Romance de Alexandre não poderia ter sido escrito por Calístenes, tratando-se, portanto, de um pseudo-Calístenes. Sobre esse assunto, vide Nawotka, *The Alexander Romance by Ps.-Callisthenes*, 2-3.

<sup>613</sup> Ibid., 1-34.

os raios do sol produzindo fogo.<sup>614</sup> O *De mirabilibus mundi, tempore Alexandri*, parece ligar-se ao texto seguinte no manuscrito: o *Livro das Pedras (Liber Lapidum)*<sup>615</sup>.

O lapidário *Liber Lapidum* encontra-se entre o primeiro bloco de textos “aristotélico-alexandrinos”<sup>616</sup> e um segundo bloco composto por textos de conhecimentos astrológicos, alquímicos, médico e filosóficos<sup>617</sup>. Esse segundo bloco contém um pequeno tratado sobre as atividades que deveriam ser feitas ou evitadas conforme a posição da lua na casa de cada signo, intitulado *Todos os signos da lua por ano (Omnia signa lunae per annum)*<sup>618</sup>. Esse tratado é significativo em seu contexto por determinar quando uma pessoa deveria tomar remédios, entrar em banhos e ter relações sexuais, atividades que compunham os regimes de prevenção e cura em tempos de pestilência. Também nos interessa aqui por citar as pedras preciosas. Por exemplo, é exposto que, quando a lua estivesse em Áries, era um bom momento para vender ferro, chumbo (*plumbum*) e pérolas. Quando a lua estivesse em Touro, deveriam ser feitos todos os artifícios com madeira e pedras. Quando a lua estivesse em Libra, era um bom momento para comprar gemas.<sup>619</sup>

Os tratados seguintes, respectivamente: *Debate dos filósofos (Altercatio philosophorum)*<sup>620</sup>, *O segredo dos segredos da filosofia (De secretis secretorum philosophiae)*<sup>621</sup> e *Obra incompleta (Opus imperfectum)*<sup>622</sup> também dão testemunhos do papel que a magia, a alquimia e os estudos da natureza tiveram no final da Idade Média,

---

<sup>614</sup> “*Cristallus licet frigidus sit aqua aspersa ad solis radios ignem ex se perducit*”, MS Rawl. A 273, fl. 64v.

<sup>615</sup> Ibid., fls. 64v-68v.

<sup>616</sup> Referimo-nos, aqui, aos textos pseudo-aristotélicos e pseudo-alexandrinos que correspondem aos cinco primeiros tratados no manuscrito. Foram apresentados neste capítulo.

<sup>617</sup> Estes conhecimentos compõem a hermética. Sobre esse assunto, vide Alfonso-Goldfarb, *Livro do Tesouro de Alexandre*, 43-90.

<sup>618</sup> Ibid., fls. 68v-69v.

<sup>619</sup> Ibid., fls. 68v-69r.

<sup>620</sup> Ibid., fl. 69v.

<sup>621</sup> Ibid., fl. 76r.

<sup>622</sup> Ibid., fl. 80v.

conhecimentos dos quais fazem parte também os saberes lapidares. Os textos que se seguem a partir daí, com exceção de um pequeno tratado sobre a circunferência do mundo,<sup>623</sup> são as já citadas cartas de caráter político, alguns poemas, textos de temas religiosos ou seculares, geralmente ligados ao reinado inglês e seu território.<sup>624</sup>

Damos destaque ao último tratado do manuscrito, intitulado *Debate da beata Maria, advogada da espécie humana, contra Satã, procurador infernal da maldade* (*Disputatio beatae Mariae advocatae humani contra Sathanam procuratorem infernalis nequitiae*)<sup>625</sup>. Esse texto lembra-nos do importante papel que as figuras religiosas ganharam no período da pestilência, principalmente o papel de Maria como advogada da humanidade. Devemos perceber também, no entanto, o papel da escolástica já aqui, que se valia das *disputationes* em sua forma de construir o conhecimento.<sup>626</sup>

Antes de abordarmos diretamente o *Liber Lapidum*, devemos analisar a lógica de sua presença e sua posição no códex, entre os já mencionados textos aristotélico-alexandrinos e astrológico-alquímicos. Acreditamos que essa sequência de textos nos revele uma história, que deve ser lida nas entrelinhas. Essa história é a passagem de conhecimentos e saberes secretos entre um mestre e seu discípulo: Aristóteles e Alexandre. Aristóteles é colocado como o grande portador de toda a sabedoria e dos segredos de priscas eras, inclusive sobre medicina, astrologia, alquimia e sobre os poderes das pedras. O filósofo passa, então, esse conhecimento ao seu discípulo, Alexandre, até sua morte, lamentada por outros filósofos, o que confirma o legado. Alexandre, filho de um mago versado em astrologia e outros saberes antigos, continua a busca pelo conhecimento, descobrindo coisas maravilhosas em todas as partes, da Europa à Ásia longínqua. Uma parte dos conhecimentos passados entre mestre e discípulo está

---

<sup>623</sup> Ibid., fl. 82r.

<sup>624</sup> Esses textos ocupam os fólhos de 84v-140r.

<sup>625</sup> Ibid., fl. 140r.

<sup>626</sup> Sobre as *disputationes* e o papel da escolástica nesse período, vide capítulo 1 desta tese.

apresentada nos textos que vemos ali, dando ao portador do manuscrito a possibilidade de acessá-los.

Essa história não é uma novidade do manuscrito Rawlinson A 273. Na verdade, ela pertence a uma tradição literária muito antiga que usa as figuras de Aristóteles/Alexandre para expressar uma relação de mestre/discípulo na transmissão de saberes, muito presente em obras medievais, preferencialmente herméticas. Trata-se da literatura de segredos, o que também não é novidade na historiografia. Esse tipo de literatura já foi comentado por historiadores como o medievalista Lynn Thorndike, em sua obra *A History of Magical and Experimental Sciences* e, mais recentemente, por Ana Maria Alfonso-Goldfarb, em sua obra *Livro do Tesouro de Alexandre*.<sup>627</sup>

Com a literatura dos segredos e da relação mestre/discípulo, havia outra tradição que relacionava o Imperador e o Filósofo cooperando entre si na busca de conhecimentos, por vezes enviando homens para as partes mais longínquas do mundo ou, em outras fontes, empenhando-se eles próprios nessa missão.<sup>628</sup> Essa ideia vai sendo construída desde a Antiguidade e durante toda a Idade Média em diversas literaturas. Por exemplo, em sua principal obra, *História Natural*, Plínio, o Velho, relata-nos que:

Alexandre, o Grande, estando inflamado com um forte desejo de se familiarizar com a natureza dos animais, confiou a realização desse desígnio a Aristóteles, um homem que detinha o mais alto grau em todos os ramos da aprendizagem; para qual finalidade colocou sob o seu comando alguns milhares de homens em todas as regiões da Ásia e da Grécia (...).<sup>629</sup>

Vemos aqui uma ideia incipiente da relação entre o mestre e o discípulo na busca por um determinado saber. Já no século XIII, Roger Bacon nos dá testemunho da mesma história de Plínio, porém com um objetivo mais amplo do que conhecer a natureza dos

---

<sup>627</sup> Alfonso-Goldfarb, *Livro do tesouro de Alexandre*, 28.

<sup>628</sup> Thorndike, *History of Magic*, 2: 246 e 247.

<sup>629</sup> Plínio, o Velho, *The Natural History*, 2: 265.

animais: “Aristóteles, com a autoridade de Alexandre, mandou dois mil homens para ganhar conhecimento de todas as coisas que estão na face da terra”<sup>630</sup>. Por fim, ao final do século XIII ou início do XIV, vemos a obra *Liber Ignium* - supostamente escrita por um Marcus Graecus, com receitas para armas incendiárias e para o processo de fabricação da pólvora - relatar que Aristóteles teria descoberto dois tipos maravilhosos de fogo enquanto viajava com Alexandre, ou seja, colocando mestre e discípulo nas expedições, o que reforça a ideia da cooperação entre as duas figuras na busca por conhecimento.<sup>631</sup>

As duas tradições literárias mencionadas parecem misturar-se no manuscrito aqui estudado. Ao mesmo tempo em que Aristóteles já é o portador dos maiores conhecimentos do mundo no *Secreta Aristotelis* e os passa a Alexandre, também há referência às campanhas alexandrinas para a busca de saberes maravilhosos no *De mirabilibus mundi, tempore Alexandri*, o que geralmente é associado à cooperação entre as duas figuras na busca de conhecimento.

Apesar de a história de Aristóteles referir-se a múltiplos conhecimentos, vamos nos ater aos saberes sobre as pedras preciosas, que completam a relação intertextual com o lapidário aqui estudado.

Em primeiro lugar, a sabedoria sobre as qualidades das pedras preciosas atestada no *Liber Lapidum* pode ser compreendida como um dos conhecimentos transmitidos por Aristóteles a Alexandre como mestre e discípulo. Essa sabedoria se mostra aplicada para a confecção de um anel mágico com poder de governar povos, como no *As imagens e anéis*; para fins médicos, como na receita do *Oitava medicina*; ou para apreender a relação entre os tempos astrológicos e as gemas, como no *Todos os signos da lua por ano*.<sup>632</sup>

---

<sup>630</sup> Roger Bacon, *Opus Majus*, II: 585.

<sup>631</sup> Marcus Graecus, *Liber ignium*, iii, 3 e 4; Thorndike, *History of Magic*, 2: 252-253.

<sup>632</sup> Esses tratados foram comentados anteriormente no capítulo. MS Rawl. A 273, fls. 26v, 27r, 68v e 69v.

Outra relação que podemos fazer entre os tratados “aristotélico-alexandrinos” e o *Liber Lapidum* diz respeito às expedições realizadas pelo imperador, podendo ser incluída a figura do filósofo, em busca de novos conhecimentos na Europa, África e Ásia, as quais estão implícitas no tratado *As maravilhas do mundo, no tempo de Alexandre*<sup>633</sup>. Essas expedições foram responsáveis por coletar conhecimentos em diversas regiões, entre as quais estão as de origem de muitas pedras apresentadas no lapidário. Por exemplo, no tratado é relatada uma fonte de água encontrada na Etiópia que seria fria de dia, não podendo ser bebida, e quente à noite, não podendo ser tocada.<sup>634</sup> De acordo com o *Liber Lapidum*, a Etiópia também seria a origem das pedras jacinto, *crisolitus* e *crisopasion*.<sup>635</sup> Há ainda uma clara relação entre Alexandre – e suas expedições - e o lapidário. No texto da pedra *magnes*, o ímã, considerada uma pedra maravilhosa encontrada na *Magna India*<sup>636</sup>, o nome de Alexandre é citado junto às propriedades da pedra.<sup>637</sup> A *Magna India* é um dos territórios tomados pelas campanhas alexandrinas. Tudo isso reforça a relação entre a gema e o tratado *As maravilhas do mundo, no tempo de Alexandre (De mirabilibus mundi, tempore Alexandri)*.<sup>638</sup>

Dessa forma, concluímos que o manuscrito Rawlinson A 273 e, em especial, os tratados aqui analisados podem ser compreendidos em duas esferas. A primeira é a da longa tradição da literatura de segredos que engloba os textos aristotélico-alexandrinos, o lapidário, as receitas médicas, alquímicas etc. A segunda esfera, mais ampla,

---

<sup>633</sup> Tratado abordado anteriormente no capítulo. Ibid., fl. 61r.

<sup>634</sup> Ibid., A 273, fl. 62v.

<sup>635</sup> Ibid., fls. 66r - 67r.

<sup>636</sup> Do século XII em diante, tornou-se recorrente uma divisão da Índia em três partes: A Índia Menor correspondia, aproximadamente, à região norte do subcontinente indiano hoje conhecido. A Índia Maior, ou *Magna India*, referia-se à região sul. A Índia Média correspondia, aproximadamente, à região da Etiópia. Vide Phillips, *Medieval Expansion of Europe*, 192.

<sup>637</sup> O nome de Alexandre aparece como “*oalexus*”. A grafia incomum parece indicar um erro do copista. “*Magnes in Magna India reperitur. Et est ferrugēi (sic) coloris. Nam iste lapis est mirabilis. (...) oalexus (sic) lapis iste inuestigator commissimi(?) criminis et fedi adulterii, fedum eium reddit...*”, MS Rawl. A 273, fl. 66r.

<sup>638</sup> Ibid., fl. 61r.

compreende sua relação com o cenário da segunda metade do século XIV, em que se buscavam formas de combater a pestilência.

#### 4.2 O Livro das Pedras (*Liber Lapidum*)

O tratado intitulado *Livro das Pedras* ou *Liber lapidum* ocupa nove fólios<sup>639</sup> do códice e está bastante danificado pela mancha de umidade mencionada anteriormente. É um lapidário pouco mencionado em bibliografias, mas consideramos que seu estudo seja muito rico na busca por compreendermos um pouco mais a respeito dos conhecimentos lapidares dentro de um contexto cultural específico, que é a segunda metade do século XIV. Também proporciona conhecermos a inter-relação entre os saberes sobre as pedras e outros campos do conhecimento, como a astrologia e a medicina.

Uma das poucas menções a esse lapidário está em um trabalho de 1922, escrito por Joans Evans, que foi Bibliotecária do St. Hugh's College, em Oxford, intitulado *Magical Jewls in the Middle Ages and Renaissance particularly in England*. Nesse compêndio, Evans traz informações sobre diversos lapidários medievais ingleses, comentando brevemente suas particularidades. Sobre o *Liber Lapidum* do manuscrito Rawlinson A 273 a autora escreve:

Um lapidário em prosa em latim é dado em um manuscrito inglês do século XIV na Bodleian Library. Esse pertence à categoria popular; dá destaque às virtudes sobrenaturais sobre as medicinais e registra um número considerável de fábulas sobre pedras. Inclui a turquesa e várias das pedras encontradas mais comumente nos lapidários do que na vida cotidiana, e embora não possua nenhuma característica de interesse particular, representa bem o lapidário comum do século XIV.<sup>640</sup>

A descrição de Joans Evans sobre o *Liber Lapidum*, principalmente por classificar as propriedades entre medicinais e sobrenaturais, remete-nos ao viés historiográfico

---

<sup>639</sup> MS Rawl. A 273, fls. 64v - 68v.

<sup>640</sup> Evans, *Magical Jewels*, 70.

característico do século XIX e do início do XX. Nesse viés, os conhecimentos considerados “científicos”, aos olhos dos estudiosos desse período, deveriam ser separados do “pseudo-científico”. Os juízos de valor da autora às pedras e à orientação em geral do lapidário se explicam a partir daí. Por isso, ainda que tenha sido desconsiderado pela historiografia ou relegado ao desinteresse, o *Liber Lapidum* merece ser revisto e analisado dentro das esferas do contexto em que se insere, da produção de conhecimento do final da Idade Média e das tradições literárias às quais pertence.

#### 4.2.1 Primeira parte

O *Liber Lapidum* é composto por duas partes ou duas tradições literárias diferentes. A primeira parte, compreendida entre os fólhos 64v a 67v, pertence à tradição de lapidários que foram chamados na historiografia de “científicos”<sup>641</sup> ou “médicos”<sup>642</sup>, derivados de Teofrasto, Dioscórides, Damigeron, entre outros. Nesse tipo de lapidário, as pedras compiladas são listadas junto a descrições de suas origens, suas características físicas e suas propriedades mágicas. No caso do *Liber Lapidum*, são apresentadas cinquenta pedras preciosas, na seguinte ordem: Ligurius; Berillus; Ceraunus; Panteros; Galactica; Adamans; Achates; Alectorius; Iaspis; Saphirus; Calcedoneus; Smaragdus; Sardone; Sardius; Onix; Crisolitus; Topasion; Iacinctus; Amatistes; Celidonium; Agathes; Magnes; Carbunculus; Ethides; Margarite; Saphirus; Granatus de iaspide; Peridion; Turcus(?); Adamante; Saphirus; Rubini; Corallus; Crisopasion; Crisolectus; Dionisia; Perites; Sadatos; Agolitus; Melotices; Absithos; Falcofones; Optalius; Androdragma; Yris; Ydros; Yene(?); Liparea; Orites; Parifinus.

---

<sup>641</sup> Mesmo trazendo, contraditoriamente, propriedades mágicas, os lapidários “científicos” referem-se aos que trariam um racional teórico. Vide Sarton, *Ancient Science*, 560-561.

<sup>642</sup> Vide, por exemplo, Riddle, “Lithotherapy,” 39; Evans, *Magical Jewels*, 17 e 38.

Dentre as *virtutes* ou qualidades associadas a essas pedras, estão: aplacar dores em partes específicas do corpo, como dor de cabeça; relaxar o precórdio; expelir venenos; tirar a febre; afastar visões fantásticas; afastar doenças; tornar alguém amável; tornar alguém eloquente; curar os insanos e proteger as mulheres grávidas.

#### 4.2.2 Segunda parte

A segunda parte do *Liber Lapidum*, compreendida entre os fólhos 67v – 68v, é introduzida pelo subtítulo “Tratado sobre os entalhes de pedras preciosas”<sup>643</sup>, diferindo completamente da primeira. Aqui, apresentam-se as qualidades mágicas de 28 pedras entalhadas com determinados desenhos, as quais receberiam as virtudes em sua relação com os corpos celestes. Os entalhes, por sua vez, são de constelações e outras figuras astrológicas, tais como o centauro, o escorpião, gêmeos, o deus Júpiter etc.<sup>644</sup>

À primeira vista, o título parece conectar essa parte do lapidário com o conteúdo anterior, em que se apresentam as propriedades e poderes inerentes às pedras preciosas; contudo, as pedras entalhadas mencionadas no texto não eram, em sua maioria, explicitadas como preciosas. Na realidade, a maior parte dos itens que aparecem no texto não designam um tipo específico de pedra, apesar de haver exceções<sup>645</sup>, mas descrevem as diferentes imagens que estariam gravadas em certas pedras preciosas, a fim de lhes atribuir determinados poderes. Parece, no entanto, pelo título e pela relação com a primeira parte, que seriam gemas.

Em síntese, tudo indica que o *Liber Lapidum* seja uma composição de, ao menos, duas fontes ou mais, se levarmos em consideração as diferenças textuais em seu interior.

---

<sup>643</sup> “*Tractatus de sculpturis preciosorum lapidum*”, MS Rawl. A 273, fl. 67v.

<sup>644</sup> Mesler, “The Medieval Lapidary of Techel/Azareus,” 76.

<sup>645</sup> Uma das exceções está na frase “Se encontrares [a imagem de] um cervo ou caçador na jáspide...”, MS Rawl. A 273, fl. 68r.

Até aqui, não há qualquer indício no manuscrito do motivo que levou o copista ou o proprietário da obra a reunir essas tradições literárias. Contudo, o estudo das fontes pode fornecer mais pistas disso.

### 4.2.3 As fontes

A primeira referência que o título dado ao *Liber Lapidum* evoca a um conhecedor da literatura lapidar medieval é o poema escrito por Marbode, Bispo de Rennes, provavelmente de antes do fim do século XI. A obra, em latim, contém 734 hexâmetros<sup>646</sup> e descreve 60 pedras com suas propriedades maravilhosas.<sup>647</sup> Esse lapidário muitas vezes recebe o nome de *Livro das pedras ou das gemas (Liber lapidum seu de gemmis)* e, apesar de ser um dos lapidários mais populares e difundidos da Idade Média, servindo de fonte para obras do século XIII e XIV, não é o *Livro das Pedras* presente no manuscrito Rawlinson A 273. Consideramos adiante no capítulo que a obra de Marbode tenha sido uma fonte implícita para o *Liber Lapidum* aqui estudado, uma vez que ambos compartilham informações em comum a respeito das gemas. Contudo, como veremos, há outras fontes que também merecem atenção.

Pôde-se identificar que as duas partes do *Liber Lapidum* teriam fontes diferentes. Conforme comentado anteriormente, a primeira parte (fls. 64v – 67v) parece estar fundamentada na tradição literária de lapidários em prosa, ou chamados lapidários “científicos”, que apresentavam as pedras com suas aparências, qualidades e poderes. Seu texto traz informações parecidas com as de outros lapidários, antigos e medievais, que também apresentam as virtudes das gemas, como o *De lapidus* de Teophrastus; o *Rerum Mirabilium* de Solinus; o trabalho enciclopédico de Plínio, o Velho, de Isidoro de Sevilha

---

<sup>646</sup> O hexâmetro é uma forma de medida poética literária consistindo de seis pés métricos iguais por verso.

<sup>647</sup> Thorndike, *A History of Magic*, 1: 775.

e de Thomas de Cantimpré; e o já citado Lapidário de Marbode. Contudo, reafirmamos que essas obras não estão citadas explicitamente e sua influência só é percebida pela comparação intertextual.

Vale lembrar, também, que existiria uma espécie de “fundo comum de informação e crenças” sobre gemas, conforme apresentado por Thorndike, que naturalmente aparece em cada tratado individual sobre essas, na Antiguidade e na Idade Média. Em cada novo autor, haveria uma variação da quantidade de pedras compiladas, da ordem em que estão dispostas e do número de informações apresentadas. No entanto, todos os relatos antigos e medievais sobre a natureza e as propriedades das pedras conteriam, em última análise, uma semelhança em certo grau.<sup>648</sup>

Isso indicaria que o texto do *Liber Lapidum* poderia ter sido composto tendo por base diversas fontes e conhecimentos sobre as pedras que estavam disponíveis no século XIV, sem precisarmos especificamente quais obras foram usadas. No entanto, sabemos também que há grandes semelhanças, por exemplo, com a obra de Thomas de Cantimpré<sup>649</sup>. Trazemos aqui uma comparação entre os textos para uma das pedras em comum a ambos os lapidários, a *Yris*:

Tabela 2 - Textos dos lapidários e respectivas traduções.

Latim	
Thomas de Cantimpré, <i>Liber de Natura Rerum</i>	MS Rawl. A 273, <i>Liber Lapidum</i>
<i>Yris lapis est, nomen a re habens. Cristallo similis est, forma sexangularis. Hic si subiciatur solis radio intra domum, efficit in pariete lucidissimos colores instar arcus celestes. Contra fulmen virtutem habet. In Rubro Mari nascitur.</i> <sup>650</sup>	<i>Yris lapis est cristallo similis in colore . gignit eum mare rubrum, inuenitur in sexangulari forma luce clara micat, ab yride celesti nomen trahit, quia si sub tecto radio solis sit subdita uario colore</i>

<sup>648</sup> Ibid., 778.

<sup>649</sup> Essa figura será comentada de forma mais aprofundada adiante no capítulo.

<sup>650</sup> Thomas de Cantimpré, 364.

	<i>inficitur par(i)es ad modum arcus celestis.</i> <sup>651</sup>
--	---

Tradução	
Thomas de Cantimpré, <i>Liber de Natura Rerum</i> <sup>652</sup>	MS Rawl. A 273, <i>Liber Lapidum</i> <sup>653</sup>
Existe uma pedra <i>Yris</i> , tendo o nome a partir do fenômeno [arco-íris]. É similar ao cristal, com forma hexagonal. Essa, se for colocada sob o raio de sol dentro de casa, produz na parede claríssimas cores como arcos celestes. Tem propriedade contra raio. É gerada no Mar Vermelho.	A pedra <i>Yris</i> é similar ao cristal na cor. O Mar Vermelho a gera. É encontrada em forma hexagonal. Cintila uma luz clara. Recebe o nome a partir da íris celeste [arco-íris]. Porque se estiver colocada sob o teto sob um raio solar, as paredes são tingidas com diversas cores ao modo de um arco celeste.

Vemos aqui que muitas das informações relatadas por Thomas de Cantimpré se repetem no lapidário do século XIV, como a comparação com a cor do cristal, a origem no Mar Vermelho, o formato e a propriedade de produzir o reflexo com cores do arco-íris quando a pedra é colocada sob a luz. Contudo, o *Liber Lapidum* não menciona o poder contra os raios. Também é marcante a forma como seu texto se apresenta: as frases muitas vezes parecem estar agrupadas como em uma lista, sem coesão entre si, denotando que as informações teriam sido incluídas conforme foram sendo encontradas, provavelmente em diferentes fontes.

Há ainda outro exemplo que podemos apresentar. Ao mencionar a pedra *alertorio*, o *Liber Lapidum* traz a seguinte informação: “Nasce no ventre do galo. 1. Galináceo”, em latim, “*Nascitur in ventre galli. 1. Gallinacei*”<sup>654</sup>. Apesar de as redundâncias serem comuns na língua latina, não encontramos o uso dos dois nomes em outros lapidários. Ora a palavra “*gallus*”, ora “*gallinaceus*” é utilizada. Por exemplo, em Thomas de

<sup>651</sup> MS Rawl. A 273, fls. 67r. e 67v.

<sup>652</sup> Thomas de Cantimpré, 364.

<sup>653</sup> MS Rawl. A 273, fls. 67r. e 67v.

<sup>654</sup> Ibid., fl. 65v.

Cantimpré, a passagem se dá como “Esse nasce no ventre do galo (*ventre galli*)”.<sup>655</sup> Já em Bartholomeus Anglicus (antes de 1203 - 1272) é citado “que é encontrado no estômago de galináceos (*ventriculis gallinaceis*)”.<sup>656</sup> Vincent de Beauvais, por sua vez, ao compilar diversos lapidários antigos e medievais em sua grande obra *Speculum Majus*, cita que Solinus utiliza “estômagos de galináceos” (*gallinaciorum ventriculis*); Dioscórides utiliza “ventres de galos” (*ventribus gallorum*), e assim por diante.<sup>657</sup> O uso, entre esses autores, ora de uma palavra, ora de outra, pode ter levado o copista a explicitar as duas. Isso reforça a ideia de que o lapidário inglês teria sido composto a partir da consulta a várias fontes.

Ainda sobre a pedra *alertorio* do *Liber Lapidum*, ressalta-se que uma de suas qualidades não é encontrada em nenhuma das fontes supracitadas, presente na frase: “E é similar ao cristal e de cor leitosa”<sup>658</sup>. A primeira parte dessa frase, sobre a pedra ser semelhante ao cristal, é uma informação encontrada em diversas fontes. Por exemplo, em Thomas de Cantimpré, lê-se que o *alertorio* (*allectorio*) é “muito similar ao cristal”<sup>659</sup>; em Marbode, reforça-se a aparência de limpidez, por ser “similar ao cristal ou à água”<sup>660</sup>. Contudo, não há referências em tais obras sobre a cor leitosa, que implicaria algo próximo ao branco, e não ao transparente e cristalino tradicionalmente associado à pedra. Por isso, nesse caso, é provável que o autor tenha acrescentado uma informação encontrada em outra fonte, a qual, mesmo trazendo uma característica diferente para a pedra, foi compilada no texto. Mais uma vez, portanto, vemos indícios da consulta a diversas fontes.

A segunda parte do *Liber Lapidum* (fólios 67v e 68v) é uma versão de um lapidário geralmente associado ao nome de um autor pseudo-epígrafo, Techel ou Thetel. Muitas

---

<sup>655</sup> “*Hic nascitur in ventre galli*”, in Thomas de Cantimpré, 357.

<sup>656</sup> “*qui inuenitur in ventriculis gallinaceis*”, in Bartholomeus Anglicus, *De rerum Proprietatibus*, 725.

<sup>657</sup> Vincent de Beauvais, *Speculum quadruplex, sive, Speculum maius*, 515.

<sup>658</sup> “*Et est crystallo similis et lectei (sic) coloris*”, MS Rawl. A 273, fl. 65v.

<sup>659</sup> “*crystallo prope consimilis*”, Thomas de Cantimpré, 357.

<sup>660</sup> “*Crystallo similis, vel aquae, cum limpida paret*”, Marbode, 39.

vezes, esse texto também pode aparecer misturado a um outro, sob o nome de um certo Rei Azareus, o que gera possível confusão em seu estudo, por parecer ora um lapidário, ora dois. O lapidário Techel é, na verdade, um texto composto ou uma família de materiais que foram frequentemente transmitidos juntos, mas em diferentes configurações, por vários manuscritos dos séculos XIII e XIV, entre eles o Rawlinson A 273.<sup>661</sup> Isso significa que o lapidário deve ser entendido como um composto de vários itens, que são semelhantes em forma e conteúdo, provavelmente devido a uma mesma fonte e que geralmente aparecem juntos dentro dos manuscritos. A maior parte dessa união de materiais de diversas tradições literárias foi identificada com os nomes supracitados, seus supostos autores, passando a ser identificada como Lapidário Techel (ou Techel/Azareus) em estudos recentes.<sup>662</sup>

O lapidário foi brevemente comentado pelo estudioso David Pingree em 1987. Pingree relata que há uma grande dificuldade envolvendo a aparente mistura dos textos dos lapidários Techel e Azareus. Isso porque o lapidário Techel encontra-se frequentemente contaminado com trechos do lapidário de Damigeron / Evax ou com a versão em prosa do lapidário de Marbode. Além disso, conforme explicado acima, o lapidário de Azareus também é encontrado frequentemente misturado ao de Techel ou com trechos de outros lapidários.<sup>663</sup>

Esse material, diferentemente dos chamados lapidários “científicos”, que identificamos como a primeira parte do *Liber Lapidum* (fls. 64v a 67v), não oferece descrições físicas das gemas, informações sobre suas origens ou as etimologias de seus nomes, mas traz as imagens que estariam gravadas em certas pedras, algumas das quais

---

<sup>661</sup> Outros manuscritos que podemos citar são: Paris, BNF, MS lat. 16204, p. 503<sup>a</sup>; Oxford, Bodleian Library, Ashmole 1471, fols. 64v–67v; Cambridge, Trinity College Library, O. 2. 18 (1122), fols. 173v - 176r. Vide Mesler, 138-140.

<sup>662</sup> *Ibid.*, 76.

<sup>663</sup> Pingree, “The Diffusion of Arabic magical Texts,” 57-102; Mesler, 82.

preciosas, atribuindo-lhes determinados poderes ou qualidades, conforme identificado anteriormente.<sup>664</sup>

Tudo indica que as pedras deveriam ser encontradas ou compradas já gravadas, ao invés de haver a necessidade de se realizar o entalhe. Por esse motivo, o lapidário apresenta-se com uma mesma fórmula, identificada por sua frase característica: “Se você encontrar...”. A frase indica que, ao se encontrar uma pedra com a imagem de uma ou mais determinadas figuras astrológicas, essa pedra teria determinados poderes ou virtudes.<sup>665</sup> Isso significa que, diferentemente da primeira parte do *Liber Lapidum*, nessa segunda parte as propriedades das pedras não são inerentes a elas, mas derivam da presença de tais imagens gravadas, as quais remetem a um simbolismo ritualístico envolvendo condições astrológicas precisas. Vê-se, portanto, que se trata de um tipo de magia astral.<sup>666</sup>

Será discutida, a partir de agora, uma possível fonte em comum ou uma ligação entre as duas partes do lapidário, que está na obra do dominicano Thomas de Cantimpré, já apontada aqui como uma das fontes do *Liber Lapidum*. Sua grande obra, *Sobre a Natureza das Coisas (De Natura Rerum)*, provavelmente foi concluída entre 1228 e 1244. Thomas de Cantimpré foi contemporâneo do franciscano Bartholomaeus Anglicus (antes de 1203–1272), que também compôs uma obra enciclopédica homônima, e dos também dominicanos Alberto Magno e Tomás de Aquino, tendo sido, provavelmente, aluno do primeiro.<sup>667</sup>

O *De Natura Rerum* foi fruto de um esforço de quatorze ou quinze anos em que Thomas de Cantimpré compilou conhecimentos ‘sobre todas as coisas da natureza’,

---

<sup>664</sup> Mesler, 76.

<sup>665</sup> Ibid.

<sup>666</sup> Acerca desse assunto, vide, por exemplo, Alfonso-Goldfarb, *Livro do Tesouro de Alexandre*, 71, 118, e 119; Burnett, “Arabic, Greek and Latin Works,” 84-96.

<sup>667</sup> Thorndike, *History of Magic*, 2: 373-375.

colocando-os em dezenove livros, entre os quais estão as partes do corpo, a alma, as esferas e planetas, os animais, as árvores e ervas, as fontes de água e as pedras preciosas, assim como os metais. Thomas de Cantimpré menciona algumas autoridades que teriam sido fonte para sua escrita, sendo as principais Aristóteles, Plínio, Solino e Isidoro de Sevilha, mencionados anteriormente pela contribuição à literatura dos lapidários. A obra, muitas vezes conhecida na Idade Média em livros separados, ganhou popularidade na Universidade de Paris durante o reinado de Filipe IV no século XIV.<sup>668</sup>

O livro sobre as pedras do *De Natura Rerum* (*Livro 14: Sobre as pedras preciosas e suas virtudes*) também é composto por duas partes: um lapidário “científico” e, na sequência, uma versão do lapidário Techel, podendo ter sido essa ordenação a inspiração para o *Liber Lapidum* do manuscrito Rawlinson A 273. A primeira parte apresenta as qualidades, características físicas e poderes de 67 pedras preciosas, a maioria também presente no lapidário inglês. A segunda parte, sob o título de “Figuras esculpidas das gemas”<sup>669</sup>, aborda as imagens que teriam sido feitas em pedras por um povo israelita, atribuindo determinadas virtudes a elas. Thomas de Cantimpré relata que teria encontrado um tratado de um filósofo judeu chamado Thetel ou Techel, no qual estão registradas as imagens que “os filhos de Israel” supostamente gravaram no deserto. A partir daí, teria feito uma tradução latina dessa obra.<sup>670</sup>

A segunda parte do *Liber Lapidum* pode ter sido parcialmente escrita tendo como fonte o lapidário Techel apresentado por Thomas de Cantimpré, visto que se identificam grandes semelhanças entre os dois textos, como vemos a seguir:

---

<sup>668</sup> Ibid., 374-376.

<sup>669</sup> “*Sculpture gemarum*”, Thomas de Cantimpré, 354.

<sup>670</sup> Thorndike, *History of Magic*, 2: 388-389; Thomas de Cantimpré, 370-371.

Tabela 3 - Textos dos lapidários e respectivas traduções.

Latim	
Thomas de Cantimpré, <i>Liber De Natura Rerum</i>	MS Rawl. A 273, <i>Liber Lapidum</i>
<i>Si inveneris lapidi insculptum hominem, qui habet serpentem cinctum et caput eius in manu dextra et in sinistra caudam, hic liberat a veneno sumpto.</i>	<i>Si inueneris serpentarium qui habet serpentem cinctum caput manu dextera tenet, et sinistra caudam, hic lapis gestus comestus siue potatus ante cibum ut post, libat hominem a veneno.</i>
<i>Si inveneris lapidi insculptum hominem genuflexum habentem in dextra clavam et interficientem leonem vel aliud monstrum, hic in omni bello victorem facit. Oportet autem, ut feratur cum omni reverentia.</i>	<i>Si inueneris in quo sit Hercules genu flexus habens in manu dextera clauam percucientem aliquod monstrum, hic lapis facit gerentem se uictoriosum, pugilibus singulare presidum est.</i>
<i>Si inveneris lapidi insculptas duas ursas et in medio earum serpentem divi dentem eas, hic reddit hominem astutum, fortem et constantem et gratum hominibus.<sup>671</sup></i>	<i>Si inueneris in quo sit ursus ut serpens diuidens utrasque uersas, hic lapis reddit se gerentem astutum, fortem et deo et hominibus placentem.<sup>672</sup></i>

Tradução	
Thomas de Cantimpré, <i>Liber De Natura Rerum</i>	MS Rawl. A 273, <i>Liber Lapidum</i>
Se encontrares gravado na pedra um homem que tem o corpo da serpente e a cabeça dela na mão direita e na esquerda a cauda, essa [pedra] livra do veneno tomado.	Se encontrares um serpentário que tem o corpo da serpente [e] a cabeça na mão direita e na esquerda a cauda, essa pedra carregada, comida ou bebida antes ou depois da alimentação, livra o homem do veneno.
Se encontrarem gravado na pedra um homem ajoelhado tendo na mão direita uma clava e matando um leão ou outro monstro, essa [pedra] dá a vitória em toda guerra. É necessário, no entanto, que seja carregada com toda reverência.	Se encontrarem na qual esteja Hércules ajoelhado tendo na mão direita uma clava matando algum monstro, essa pedra faz o que a carrega vitorioso. É o único protetor dos lutadores.
Se encontrarem gravadas na pedra duas ursas e no meio delas uma serpente as dividindo, essa [pedra] faz o homem	Se encontrares na qual esteja um urso assim como uma serpente dividindo ambas [?] viradas, essa pedra faz quem a

<sup>671</sup> Thomas de Cantimpré, 371.

<sup>672</sup> MS Rawl. A 273, fl. 67v.

astuto, forte, persistente e agradável aos homens. <sup>673</sup>	carrega astuto, forte e agradável a Deus e aos homens. <sup>674</sup>
---	---

Ainda que vejamos tais semelhanças para uma parte do texto, outras partes já não parecem ter sido retiradas da obra de Thomas de Cantimpré, devendo ter como fonte, portanto, outra reprodução do Lapidário Techel. Sendo assim, é possível concluir que a segunda parte do *Liber Lapidum*, assim como a primeira, também foi composta a partir de variadas fontes.

Isso torna o lapidário inglês uma colcha de retalhos, composta por diversos saberes compilados e costurados, muitas vezes de forma concisa e sem muita maestria, como veremos nos trechos e nas traduções mencionados adiante no capítulo. Isso poderia ser explicado pela necessidade ou urgência que a chegada da Peste causava nos copistas da região, levando à formulação de uma cópia abreviada ou sem muito cuidado.

#### 4.2.4 As cópias

Abordaremos aqui apenas as cópias da primeira parte do *Liber Lapidum*, visto que não foram encontradas cópias para a segunda parte. A primeira parte do *Liber Lapidum* pode ser encontrada em duas cópias italianas conhecidas, presentes em dois manuscritos na Biblioteca Nacional Austríaca (Österreichische Nationalbibliothek): os manuscritos latinos 407 e 2301, ambos do século XIV, nos fols. 145v.-147v. e 81r-v, respectivamente. Esses manuscritos são mencionados por Thorndike<sup>675</sup> como contendo uma lista não alfabética de pedras, começando com a pedra-lince ou *ligurius*.

<sup>673</sup> Thomas de Cantimpré, 371.

<sup>674</sup> MS Rawl. A 273, fl. 67v.

<sup>675</sup> Thorndike, “De Lapidibus,” 14-16.

O MS latino 2301 foi produzido em Pádua ou Verona entre 1300 e 1320,<sup>676</sup> sendo, portanto, anterior ao MS Rawlinson A 273. Nesse códice italiano, o lapidário contém o seguinte título: “Estas são as pedras cujas virtudes Aristóteles enviou inscritas ao imperador máximo Alexandre”<sup>677</sup> (Figura 15). Esse título, que não está presente na cópia inglesa, relaciona o lapidário diretamente aos textos pseudo-aristotélicos e pseudo-alexandrinos que o antecedem. Dessa forma, podemos confirmar que o *Liber Lapidum* e o conhecimento sobre as pedras preciosas seriam, de fato, um dos saberes supostamente transmitidos por Aristóteles a Alexandre, na relação mestre/discípulo, reafirmando o que mostramos ser a lógica do manuscrito Rawlinson A 273.

Vale ressaltar que o MS latino 2301, em seu todo, não traz os mesmos textos que o MS Rawlinson A 273. É formado, em vez disso, por algumas obras de medicina, como um tratado intitulado *Cirurgia magistri bruni*<sup>678</sup> e outro<sup>679</sup> atribuído a Albucasis, também de cirurgia. Ademais, é evidente que esse manuscrito é mais luxuoso que o inglês, contendo iluminuras que mostram os instrumentos cirúrgicos e, ao que tudo indica, os médicos autores das obras ali copiadas (Figuras 16 e 17). A presença do lapidário em meio às obras médicas reforça a relação entre a medicina e o uso de pedras preciosas já abordada anteriormente.

---

<sup>676</sup> Biblioteca Nacional Austríaca (Österreichische Nationalbibliothek). “Handschrift Medizinische Sammelhandschrift.” [https://search.onb.ac.at/prim-explore/fulldisplay?docid=ONB\\_alma21303455400003338&context=L&vid=ONB&lang=de\\_DE&search\\_scope=ONB\\_hanna&adaptor=Local%20Search%20Engine&tab=onb\\_hanna&query=any,contains,2301,AND&mode=advanced&offset=0](https://search.onb.ac.at/prim-explore/fulldisplay?docid=ONB_alma21303455400003338&context=L&vid=ONB&lang=de_DE&search_scope=ONB_hanna&adaptor=Local%20Search%20Engine&tab=onb_hanna&query=any,contains,2301,AND&mode=advanced&offset=0) (acessado em 15 de maio de 2021).

<sup>677</sup> “*Iste sunt lapides quorum uirtutes misit aristotiles inscriptis maximo imperatori Alexandro*”, MS ÖNB latin. 2301, fl. 81r.

<sup>678</sup> MS ÖNB latin. 2301, fls. 1r-30r.

<sup>679</sup> *Ibid.*, fls. 87r-130r.

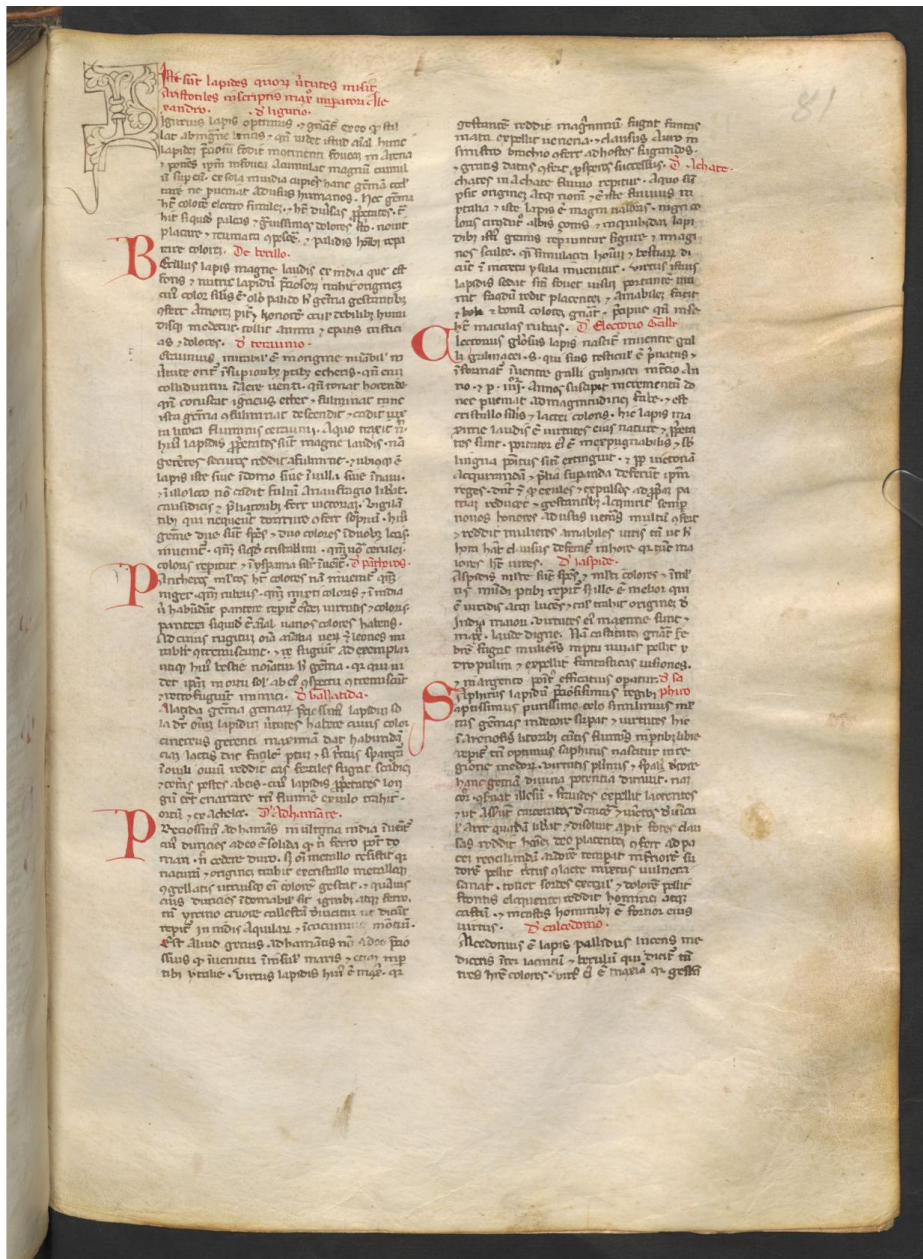


Figura 15 – Fólío 81r do MS latino 2301, Österreichische Nationalbibliothek.<sup>680</sup>

<sup>680</sup> Biblioteca Nacional Austríaca (Österreichische Nationalbibliothek). “Medizinische Sammelhandschrift.” [https://digital.onb.ac.at/RepViewer/viewer.faces?doc=DTL\\_7078112](https://digital.onb.ac.at/RepViewer/viewer.faces?doc=DTL_7078112). (acessado em 15 de maio de 2021).



Figuras 16 e 17 – Iniciais historiadas do MS ÖNB latino 2301.<sup>681</sup>

Sobre o MS latino 407, há menos informações para análise. Sabe-se que também é de origem italiana e que foi produzido no século XIV, mas sem um período específico que possa indicar se veio antes ou depois das outras duas cópias. Sabemos, igualmente, que contém uma versão *Secretum secretorum* de pseudo-Aristóteles e um tratado astrológico (*De planetis quomodo in quolibet signo maneant*), o que o relaciona com o códice inglês.<sup>682</sup> Não tivemos acesso a esse manuscrito, apenas aos seus dados de catalogação e a um estudo feito por Thorndike. Nesse estudo, no entanto, Thorndike aparentemente desconhecia o manuscrito inglês.<sup>683</sup> Dessa forma, faremos aqui, pela primeira vez, uma análise entre a cópia inglesa e italiana, comparando o manuscrito Rawlinson A 273 ao MS latino 2301, embora ainda não seja uma análise mais completa de sua relação com os outros dois lapidários, pela falta de acesso ao MS latino 407.

Uma vez que o MS Rawlinson A 273 é posterior ao MS latino 2301, é possível concluir que o *Liber Lapidum* inglês fosse uma cópia desse lapidário italiano, mas com o

<sup>681</sup> Ibid., fls. 1r e 87r.

<sup>682</sup> Referimo-nos, aqui, à presença dos tratados *Os segredos de Aristóteles* (*Secreta Aristotelis*) (fol. 1r) e *Todos os signos da lua por ano* (*Omnia signa lunae per annum*) (fl. 68v) presentes no manuscrito Rawlinson A 273, conforme discutido anteriormente no capítulo. Manuscripta.at “Wien, Österreichische Nationalbibliothek (ÖNB), Cod. 407” [https://manuscripta.at/hs\\_detail.php?ID=9782](https://manuscripta.at/hs_detail.php?ID=9782) (acessado em 15 de maio de 2021).

<sup>683</sup> Thorndike, “De Lapidibus,” 14-16.

acréscimo de novas informações. Isso porque, ao compararmos as pedras abordadas nos dois manuscritos, vemos que o copista inglês adicionou várias outras que não estão presentes na obra mais antiga. São elas: *Crisolitus*, *Saphirus*<sup>684</sup>, *Granatus de iaspide*, *Peridion*, *Turcus(?)*, *Adamante*, *Rubini*, *Corallus*, *Crisopasion*, *Crisolectus*, *Dionisia*, *Perites*, *Sadatos*, *Agolitus*, *Melotices*, *Absithos*, *Falcofones*, *Optalius*, *Androdragma*, *Yris*, *Ydros*, *Yene(?)*, *Liparea*, *Orites* e *Parifinus*. É provável que o copista inglês tenha escolhido esse lapidário italiano para compor sua obra pela relação com os tratados pseudo-aristotélicos e pseudo-alexandrinos que também a compunham, visto que ambos os manuscritos traziam receitas médicas e questões teóricas similares.

### 4.3 As pedras contra a Peste

Apresentados o manuscrito e o lapidário, podemos passar, finalmente, ao estudo das pedras preciosas que teriam função contra a Peste Bubônica. Entre as gemas referidas nos tratados médicos, identificadas anteriormente nesta tese, o *Liber Lapidum* menciona a esmeralda, a pérola, o jacinto, o coral, a safira, o *carbunculus*, o rubi e o topázio. Contudo, uma parte das gemas não apresenta, especificamente nesse lapidário, as propriedades que identificamos no terceiro capítulo como úteis contra a Peste. Exemplificando, a esmeralda teria apenas o poder de curar os insanos<sup>685</sup> e o topázio valeria apenas contra hemorroidas<sup>686</sup>. Por esse motivo, não serão abordadas aqui. As pedras cujas virtudes poderiam estar mais diretamente ligadas à profilaxia e à cura da pestilência são o jacinto, a safira, a pérola e o coral, que serão apresentadas a seguir.

---

<sup>684</sup> Há três entradas para a pedra safira no lapidário. Uma já estava presente na cópia italiana depositada em Viena e duas foram acrescentadas pelo copista inglês.

<sup>685</sup> MS Rawl. A 273, fl. 65v.

<sup>686</sup> Ibid., fl. 67r.

A primeira gema que será analisada é o jacinto. O *Liber Lapidum* traz as seguintes informações a seu respeito<sup>687</sup>:

O jacinto tem muitos tipos, pois um é azul (cor do céu). E é da cor de cera similar ao céu. E um é nebuloso (turvo?) e esse avermelha no escuro. E um é vermelho, que é raramente encontrado, e esse outro é mais precioso. O jacinto é um ótimo aliado para qualquer um na estrada. E livra uma região das pestilências. Alguém realmente temerá mudanças quando o provar. E gentilmente é recebido e em todos os lugares é respeitado e em seus pedidos é ouvido. Essa gema é gerada na terra da Etiópia.<sup>688</sup>

Vê-se, aqui, uma outra versão da propriedade comumente atribuída à pedra, que seria a de proteger viajantes em regiões pestíferas. Nesse caso, o jacinto eliminaria a doença de tais regiões, o que também pode justificar seu poder contra a Peste Bubônica e, conseqüentemente, sua menção nos tratados médicos do período.

A segunda pedra que analisaremos é a safira, cujas propriedades citadas nesse lapidário também seriam importantes para a medicina da pestilência. Sobre essa gema, é dito:

A pedra safira [é] a mais preciosa, a mais adequada para os reis, similar ao céu mais limpo, supera muitas gemas em beleza e virtude. Ela é encontrada em praias de areias, na superfície de rio em partes da Líbia. No entanto, uma ótima safira é gerada na região dos Medos<sup>689</sup>, com muitas virtudes e com particular beleza o poder divino enriqueceu essa gema. Pois preserva o corpo ileso. E remove as trapaças ocultas. E assim como libertam presos da prisão e libera e desamarra amarrados das amarras com uma certa arte. Abre portas fechadas. Torna o homem amável a Deus. Leva aqueles que devem se reconciliar à paz. Regula o calor interior. Afasta o suor (transpiração?). Triturada e misturada com leite, cura feridas. Remove sujeira dos olhos. E retira a dor da fronte [da cabeça]. Faz o homem eloquente e também perante homens castos sua virtude é mais forte.<sup>690</sup>

---

<sup>687</sup> Como é possível notar no excerto em latim que se segue, há várias falhas devido à característica do texto ser truncado e mal escrito, conforme afirmamos anteriormente, o que gera uma dificuldade em traduzir de forma fluida o conteúdo. Isso se repete nos excertos seguintes aqui mencionados.

<sup>688</sup> “*De Iacincto. Iacinctus multas habet. species. nam quidam est ceruleus et est cereus celo similis. Et quidam est nubilosus et hic in obscuro rutilat. Et quidam rufus. Et hic ceteris preciosior est qui raro inuenitur. Quilibet iacinctus optimus socius est in uia, a pestibus liberat regionem, mutacones (sic) uero timebit qui cum gustauerit, et benigne recipitur et ubique honoratur et in suis precibus exauditur. Hec gemma in terra ethiopum generatur.*”, MS Rawl. A 273, fl. 66v.

<sup>689</sup> Os Medos foram um antigo povo que habitava uma área conhecida como Média, no noroeste do Irã. Vide Liverani, “The Rise and Fall of Media,” 1-12.

<sup>690</sup> “*De Saphiro. Saphirus lapidum preciosissimus regibus aptissimus celo purissimo similis multas gemmas in decore superat et uirtute. Hic in arenosis litoribus cutis fluminis in partibus libie reperitur. Tamen*

Como vemos aqui, três propriedades seriam úteis contra a Peste e seus sintomas. A primeira é a virtude de regular o calor interno. Visto que a pestilência era entendida como uma matéria quente e úmida, que se misturava ao sangue causando putrefação e febre, o poder de equilibrar o calor seria importante no tratamento da doença. A segunda é a qualidade de curar feridas, o que seria útil no caso dos bulbos pestilenciais que podiam aparecer sob as axilas, no pescoço e na virilha. Por último, sabemos que esses inchaços eram acompanhados pela dor de cabeça, o que poderia ser combatido pelo poder da safira em acabar com a dor da frente.

A terceira pedra para a nossa análise é a pérola. Ao contrário das duas primeiras, cujas propriedades eram mais facilmente identificadas com a pestilência, essa gema tem uma relação indireta com a doença. As informações contidas no *Liber Lapidum* são as seguintes:

As pérolas ou *bactae* são geradas em conchas brancas nos rios da Índia. Pois o orvalho matutino e vespertino desce de partes mais altas nas conchas (?) onde é congelado e nutrido. E a partir daí as pérolas são geradas branquíssimas. (?) do orvalho matutino, escurecida e turva do orvalho vespertino, e nenhuma excede o tamanho de uma meia noz, porque uma gota de orvalho maior não desce. E quando troveja fortemente, são dissolvidas (destruídas?). São colocadas, contudo, em remédios difíceis (trabalhosos?) e trazem e valem muito para os olhos serem iluminados e para doenças melancólicas (do humor melancólico).<sup>691</sup>

As três virtudes da pérola poderiam ser compreendidas dentro da medicina voltada à epidemia. Em primeiro lugar, como sabemos, essa gema é frequentemente mencionada

---

*optimus saphirus nascitur in regione medorum uirtutibus pluribus et speciali decore hanc gemmam diuina potentia ditauit Nam corpus conseruat illesum. Et fraudes expellit latentes. Et ut asserunt carceratos de carcere et uinctos de uinculis arte quadam liberat et dissoluit, aperit fores clausas, deo reddit hominem placentem, confert ad pacem reconciliandam. ardorem temperat interiorem, sudorem pellit, tritus et cum lacte mixtus uulnera sanat, tollit sordes ex oculis, et dolorem frontis expellit, eloquentem reddit hominem atque et ante castis hominibus est, forcior uirtus eius”, MS Rawl. A 273, fl. 65v.*

<sup>691</sup> “*Margarite siue bacte in conchis candidis in fluminibus Indie generantur, ros enim matutinus et uespertinus descendit de superius in chonchis iancis ubi congelatur et nutritur, et ex inde margarite generantur albissime, et in medio pinedus(?) rore matutino fusce et torbide (sic) de rore uespertino et nulla magnitudine excedit seminucem, quia gutta roris maior nom descendit, et quando fortiter tonat dissoluuntur, ponuntur siquidem in arduis medicinis et ad oculos illuminandos et ad melancolicas egritudines conferunt et ualent multum”, Ibid., fl. 66v.*

como um ingrediente nas receitas médicas para prevenção e cura da pestilência, o que pode estar relacionado ao fato de serem “colocadas em remédios trabalhosos”. Em segundo lugar, a propriedade de “iluminar os olhos” remete-nos à correspondência entre a pedra e a clarificação ou limpeza do corpo e do sangue, o que foi explicado no capítulo anterior. Em terceiro lugar, vemos que a pérola também agiria no desequilíbrio dos humores, uma característica igualmente importante para a medicina do período.

Infelizmente, o conteúdo escrito sobre a pedra coral está amplamente danificado pela mancha que acompanha o códice inglês. Contudo, com ajuda do manuscrito ÖNB latino 2301, pudemos identificar que uma das propriedades atribuídas a essa gema é seu poder contra tempestades. Esse poder também foi explicado no capítulo anterior em sua relação com a pestilência.

Vale ressaltar ainda que algumas pedras pertencentes à segunda parte do lapidário, como vimos acima ligada à tradição Techel, também teriam propriedades contra a Peste. A primeira que mencionaremos traz a seguinte informação: “Se encontrares [uma pedra] na qual esteja um cão que está em leão (constelação?) com um leão, [é] de natureza quente e seca. Não teme hidropisia futura. A doença pestilência comum não o afligirá.”<sup>692</sup>

Outra pedra que podemos considerar já foi mencionada aqui anteriormente e apresenta a seguinte descrição: “Se encontrares um serpentário que tem o corpo da serpente [e] a cabeça na mão direita e na esquerda a cauda, essa pedra carregada, comida ou bebida antes ou depois da alimentação, livra o homem do veneno.”<sup>693</sup>

Nesses dois trechos, destacamos, respectivamente, a menção a uma “pestilência comum”<sup>694</sup>, que não podemos determinar qual seja, e à propriedade de antídoto<sup>695</sup>, a qual,

---

<sup>692</sup> “*Si inueneris in quo sit canis qui est in leone cum leo sit ignee nature et sicce, futuram ydropisim non pertimescit (sic), pestilencia communis morbus non nocebit ei.*”, Ibid., fl. 68r.

<sup>693</sup> Ibid., fl. 67v.

<sup>694</sup> Excerto referente à nota 692.

<sup>695</sup> Excerto referente à nota 693.

como já explicitado, se relacionava à Peste por essa ser considerada uma matéria venenosa. Consideramos que esses sejam vestígios do período de grandes doenças no qual o manuscrito foi escrito, podendo, até mesmo, ser uma referência à Peste Bubônica.

Concluimos, assim, o estudo de caso sobre o lapidário *Liber Lapidum* do manuscrito Rawlinson A 273 em sua relação com o período em que foi produzido, mais especificamente, com a medicina da Peste Bubônica.

As análises aqui apresentadas mostraram como o conhecimento sobre as pedras preciosas e suas propriedades mágico-médicas estava presente e à disposição de estudiosos na segunda metade do século XIV, inclusive para serem mencionadas nos tratados sobre a pestilência. O estudo de caso proposto neste capítulo também teve o intuito de apresentar como os saberes médicos, mágicos, alquímicos e astrológicos estavam intrinsecamente ligados, de modo que, a partir de um lapidário, pôde-se ver os vários caminhos que as tradições literárias percorreram.

## Conclusão

Esta tese buscou demonstrar, conforme declaramos ser o nosso objetivo, como o emprego de pedras preciosas nos regimes de prevenção e cura dos tratados sobre a Peste Bubônica seguia uma lógica bem estruturada, que se baseava nos conhecimentos e crenças presentes no final da Idade Média. Considerar as gemas como escolhas conscientes dos médicos da época, e não como arbitrariedades pautadas em uma suposta ignorância, permite-nos olhar para a medicina do século XIV de uma maneira crítica em relação às análises da corrente historiográfica mais tradicional.

Ao nos afastarmos desses juízos de valor, sustentamos que a medicina medieval e, em específico, a medicina da Peste – objeto desta tese - era riquíssima em si e em sua relação com outras áreas do conhecimento. Como representantes disso, as gemas contêm em si uma riqueza de relações, simbologias, virtudes e potências que se expressavam em qualidades mágico-médicas e simbólico-religiosas; e é a partir desses conceitos que pudemos buscar compreender a possível lógica do uso das pedras na medicina.

As qualidades mágico-médicas eram as responsáveis por contribuir com o fortalecimento do corpo e o tratamento dos sintomas da doença, noções tão caras aos regimes de prevenção e cura, que eram parte fundamental dos tratados médicos da época. As propriedades de combater venenos, fortalecer o corpo, alegrar o espírito, temperar os humores, afastar as febres etc, que eram associadas às pedras em lapidários e enciclopédias desde a Antiguidade, legitimavam e afirmavam a capacidade destas em atuar contra a pestilência. Ao mesmo tempo, a atribuição de simbolismos religiosos, criados principalmente por obras de exegese bíblica, tornando-as referências a Deus, a Cristo, à Virgem Maria e aos santos, e ligando-as a relíquias e a iconografias, canalizava nas pedras os poderes de proteção divina e cura milagrosa que agiriam no combate à

pestilência. E é por isso que nos referimos, também, às qualidades simbólico-religiosas nesta tese, porque desempenhavam um papel tão fundamental quanto o das mágico-médicas. Vale lembrar que ambas as qualidades por vezes se misturavam, desdobrando-se em novas virtudes e novos significados, enriquecendo ainda mais esse universo de atuação das pedras. Por isso, defendemos aqui que havia uma polivalência no uso das gemas, que se valia da diversidade de propriedades, de virtudes, de simbologias e significados, a qual explicava, finalmente, a lógica do uso das pedras preciosas contra a Peste Bubônica. Essa lógica, portanto, não era linear, visto que as gemas apontavam para tantos fatores, os quais ainda estavam correlacionados entre si, criando uma teia.

Nesse cenário, as gemas se tornam pontinhos brilhantes em um enovelado de saberes que se costuram com muitas articulações, marcadas pelo papel da medicina, da iatromagia, da magia natural e astral, da astrologia (e astronomia), da religião e das crenças, fazendo das pedras materiais de grande complexidade. Por esse motivo, as mesmas podem atuar em muitas esferas numa mesma sociedade, como remédios, como amuletos, como lembranças da vida celestial e divina, como joias e ornamentos ou, em última instância, como potencial para obter o que delas se pede.

O trabalho de seguir uma receita médica, isto é, de estudar a fundo aquilo que está apresentado ali, seus ingredientes e instruções, não é algo que se encontre de maneira frequente. As análises desenvolvidas nesta tese nos mostraram, no entanto, que esse esforço é uma forma de se construir essa teia de relações, unindo-a a um cosmo de conhecimentos e crenças e, assim, possibilitando o nascimento de novas pesquisas. Por meio das receitas, descobrimos que os conhecimentos medievais sobre as gemas iam muito além do que estava escrito nos lapidários, nosso ponto de partida para tudo que se escreveu aqui; pois estes eram apenas uma das fontes de seus significados.

Ademais, esta tese buscou indicar de que modo a história da ciência pode se valer de outras áreas de estudo, como das iconografias e dos textos religiosos, tanto quanto de textos das ciências para compor suas análises. A conversa realizada com o campo das imagens medievais, que resultou em uma parte significativa da argumentação do terceiro capítulo, é um exemplo disso. Podemos e devemos abrir espaço para uma troca de ideias e materiais entre os campos, talvez seguindo o exemplo das próprias gemas, criando diversas relações com áreas diferentes do conhecimento, algo que se encaixa perfeitamente na perspectiva interface da história da ciência.

## Anexo – *Liber Lapidum* (MS Rawlinson A 273, Bodleian Library, Oxford)

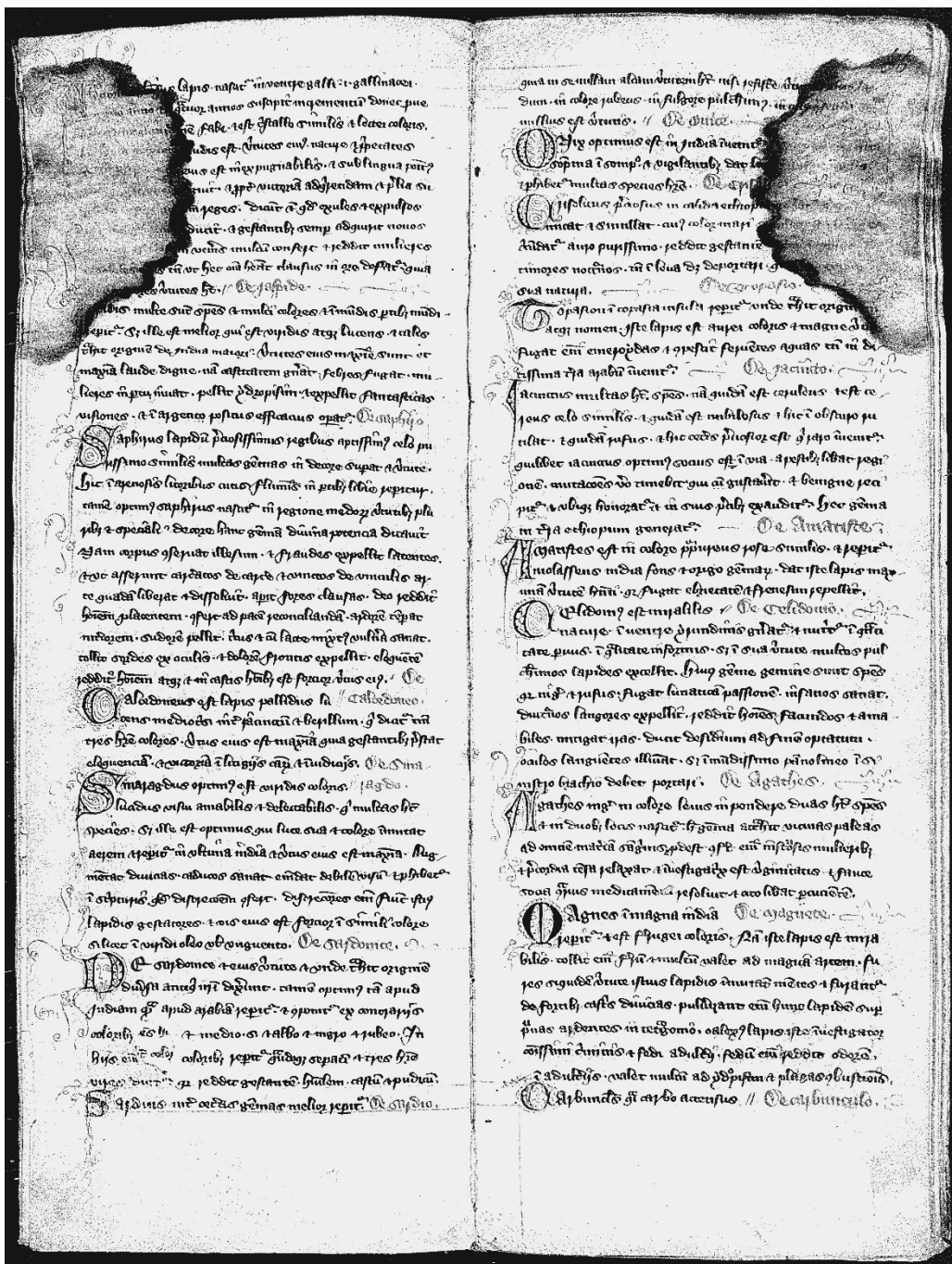
### Nota de transcrição

O anexo aqui apresentado é uma transcrição da cópia do lapidário *Liber Lapidum* (fls. 64v – 68v) que se encontra depositada no manuscrito Rawlinson A 273 da Bodleian Library, em Oxford. Esse lapidário foi extensamente abordado no quarto capítulo desta tese, a partir de seu aporte material – o manuscrito – e de sua relação com outros textos presentes nesse.

A cópia apresenta rasgos, palavras ininteligíveis e erros ortográficos que dificultam a sua transcrição, além das já mencionadas manchas de umidade. Para aquelas partes do texto em que não foi possível a leitura por qualquer motivo, foi utilizado o símbolo “{...}”. Para palavras ininteligíveis, foi colocado o símbolo “(?)” na sequência. Possíveis erros ortográficos identificados foram assinalados com “(sic)” e as palavras que consideramos serem as corretas foram colocadas em nota de rodapé. No mais, por se tratar de uma transcrição semi-diplomática, buscamos transcrever o máximo de informações possíveis, deixando inteligível para o leitor que não esteja familiarizado com a escrita medieval. Para isso, as letras sobrescritas foram colocadas nas palavras; as abreviaturas foram expandidas, mas não marcadas *preciosissim⁹* (ex.: foi grafado ‘preciosissimus’); as contrações foram expandidas e suas letras correspondentes foram marcadas com itálico (ex. *originē* foi grafado *originem*); e as quebras de linha foram preservadas.

Por fim, agradecemos à Bodleian Library pela cópia digital em alta resolução fornecida e por permitir a visualização do manuscrito *in loco*.

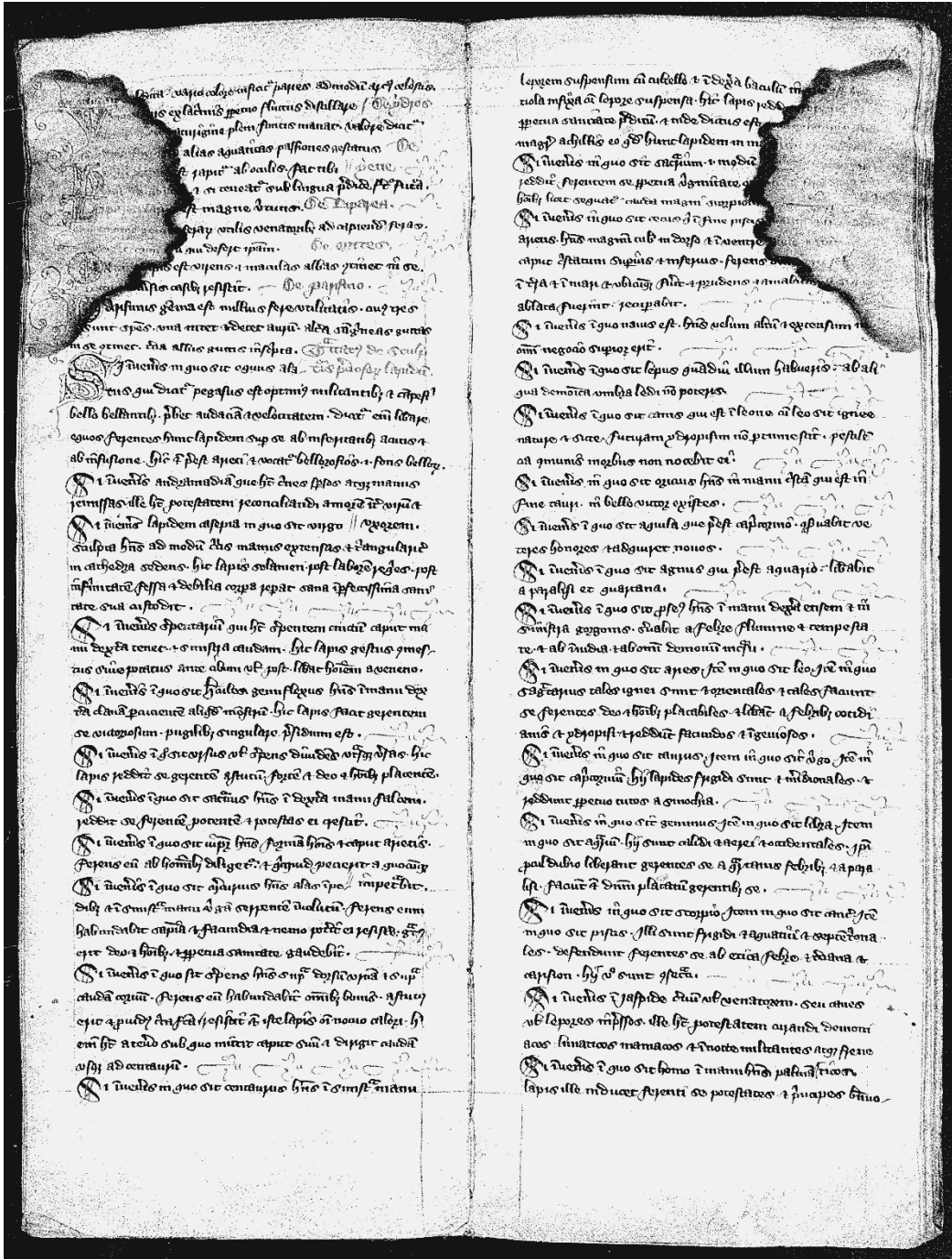




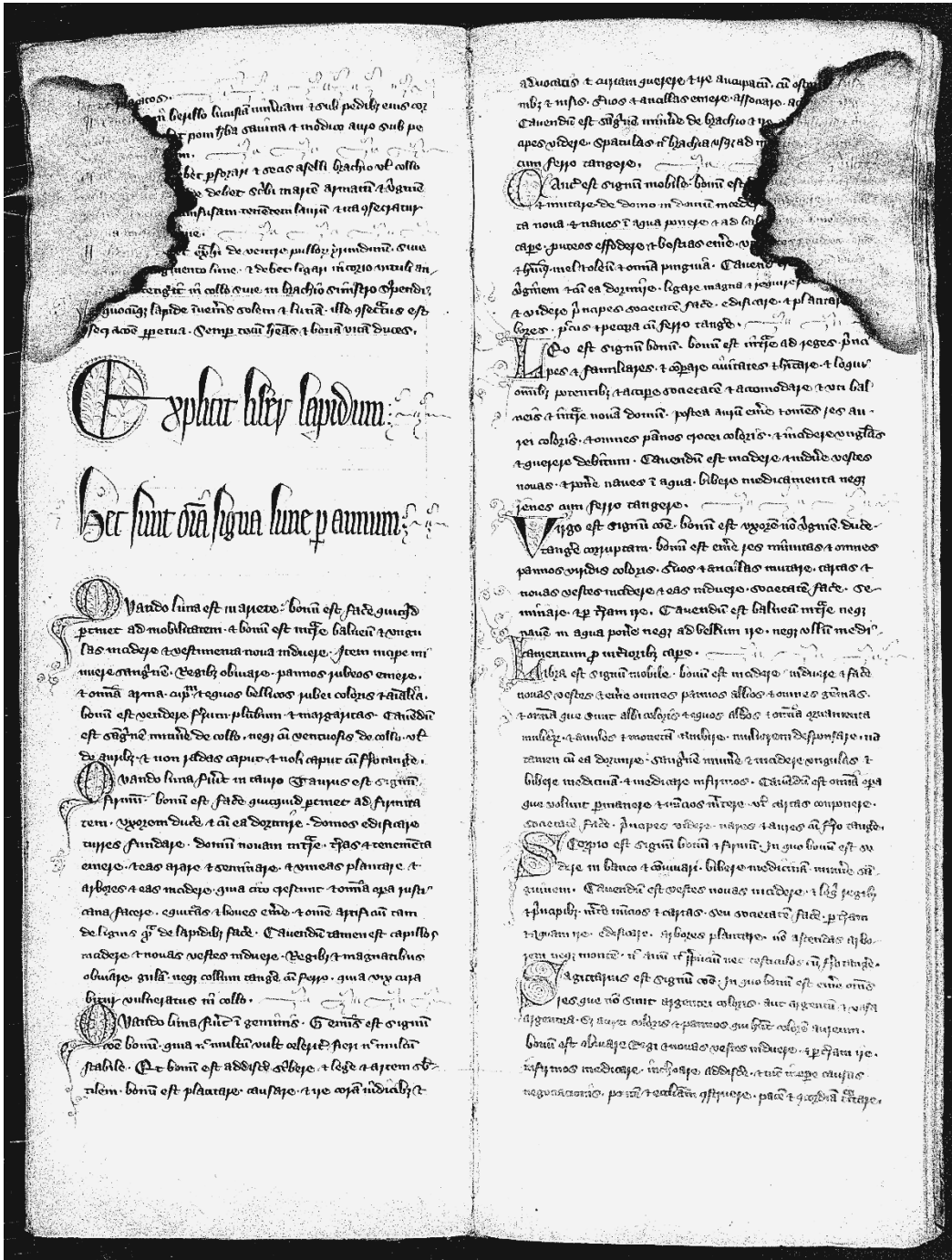
The Bodleian Libraries, University of Oxford, MS Rawlinson A 273, folios 65v e 66r.



The Bodleian Libraries, University of Oxford, MS Rawlinson A 273, folios 66v e 67r.



The Bodleian Libraries, University of Oxford, MS Rawlinson A 273, folios 67v e 68r.



... luyffo luyffo luyffo ...  
... non hba ...  
... ber p ...  
... debet ...  
... mufam ...  
... De ...  
... in ...  
... quoy ...  
... qd ...

**S**phat lity lapidum

Hec sunt oia signa lune p animum

**Q**uando luna est in apete bonu est face quoyd  
penet ad mobilitatem a bonu est mife balieu a mou  
las madoye a ceftmencia noua mduye Item mape mi  
nuye amgnud Vegily obuaye pamos pubeos enoye  
t omia apma apit agnos balleos iubei colyos t ailla  
bonu est uendaye p pum platum t magaytas t mudi  
est oignu munde de colla negi ai uenayto de colla ut  
de quily t non jedas caput t uol caput ai fflomage

**Q**uando luna puit in capto Graupus est oignu  
Apnu bonu est face quoyd penet ad fymita  
tem ayozom dued t ai ea dozmye Domos edifitaye  
aypes fundaye Domu nouam mife t pas a renemeta  
enoye t cas ayape t semuaype t ymeas plantaye t  
ayboes t cas madoye gma aio qefumt tomia qya iustu  
ana fiteye eguete t boues eduo t omie apyfa ai tam  
de lignis q de lapidibz face Cauendit tamen est capillz  
madoye t nouas uofteos mduye Vegily t magmatalbus  
obuaype gila negi collum tangit ai poyo gma uoy ayfa  
huy uolhoitatus ni colla

**Q**uando luna puit t geminis G emid est oignu  
noe bonu gma t mulcu uult aliyd foyi t mulcu  
palale Et bonu est addyde sebeye t lege a ayrem ob  
alem bonu est plantaye auyape t ye ayfa uidiayt

aducatis t ayam quoye t ye auapad ai ofm  
mbz t mfo duos t auallas enoye affonaye  
Cauendit est signd munde de hachio t yo  
apoy uoye epaulas t hachia ayfa ad m  
am fyyo tangoye

**Q**uando est oignu mobilis bonu est  
t mudoye De domo m donu madoye  
ca noua t nauos t ayua poye t ad bal  
caype puoyos effdoye t boftras emid  
t huy mlti hollit t omia pingua Cauendit  
dgnem t ai ea dozmye legape magna t jomuy  
t ayboe pnapoye uocence fide edifitaye t plantay  
boes pias t peayt ai fyyo tangit

**Q**uando est oignu bonu bonu est mife ad yeges pna  
Ayres t famlayes t ayape auitares t hachio t lagur  
omibz poyentibz t ayape uocentat t aacomdaye t ori bal  
neis t mife noua domu postea ayu emid tomies jes au  
yer colyos t omnes panos qoye alayis t madoye uoylla  
t quoye debium Cauendit est madoye mudi uoytes  
nouas t pnde nauos t ayua libeyo mudiamenta negi  
jenes am fyyo tangoye

**V**igyo est oignu oie bonu est ayoye no digne dide  
tangit ayupatm bonu est eme jes muiuas t omnes  
pamos uoydis colyos duos t auallas mudoye ayras t  
nouas uoytes madoye t cas mduye uocentat fide Se  
minaye t p hiam ye Cauendit est balieu mife negi  
pauit m ayua poye negi ad bellum ye negi ollit mudi  
t angentum p mudiaybz capo

**L**ibya est oignu mobile bonu est madoye mduye t fide  
nouas uoytes t ante omnes pamos alios t omnes gemas  
t omia gya gmar alii uoytes t ayuas alios t omia ayumua  
mudez t amulos t moueta mudoye mudiayem defumfaye na  
zumen ai ea dozmye signd munde t madoye uoylla t  
libeyo mediana t madoye mfyros Cauendit est omia qya  
gma uoluit pmanoye t mudoos mtoye ut ayras ayupoye  
uocentat fide pnapoye uoyte uoyes t ayas ai ffo ayude

**S**erpe in blanco t amuayz libeyo mediana munde ai  
zumen Cauendit est uoytes nouas madoye t libz poybz  
t puaply uoy mudoos t ayras ou uocentat fide p pzon  
t ayom ye edifitaye ayboes plantaye no ayendas ay bo  
yem uoy mouet t auu t fflua nec uoytals t fflomage

**A**gratius est oignu oie In quo bonu est eme omis  
jey que no sunt aygentat colyos aut aygentat t uoyfa  
aygentat t ay ayay ayboes t pamos gya hae ayboe aygentat  
bonu est obuaype ay ay nouos uoytes mduye t p pna ye  
ayfyros madoye mudooye adifitaye t uoy mape ayupoye  
negoyatomo p uoy t uoylam ayfyoye pauit t ayboe ayape

The Bodleian Libraries, University of Oxford, MS Rawlinson A 273, folios 68v e 69r.

## Transcrição

[fl. 64v]

### Incipit Liber Lapidum

Ligurius est lapis optimus, et generatur **De Ligurio**

ex eo quod stillat ex inguine lincis, et quando uidet istud *animal*

hunc lapidem preciosum fodit *in* continenti foueam *in* area et ponens

ipsum *in* fouea, acumulat magnum cumilum (sic)<sup>696</sup> super eum. Ex sola

inuidia cupiens hanc *gemma* occultare ne perueniat ad usus humanos.

Haec *gemma* *habet* colorem electri similem, et *habet* diuersas proprietates.

Trahit siquidem paleas et grauissimos dolores stomachi nouit placare,

et reumata compescere, et lapidis *hominibus* reparare colorem. **De Berillo.**

[fl. 65r]

Berillus lapis est magne laudis, ex india {...}

trix lapidum preciosorum trahit *originem*, cuius {...}

palido. Hec *gemma* gestantibus confert amorem {...}

---

<sup>696</sup> Cumulum.

debilibus humidis que medetur. Tollit *animi* et {...}

Ceraunus mirabilis *in* uirtute, **De Cerauno**

mirabilis in origine, Oritur siqui {...}

aeris quando colliduntur in aere uenti quando {...}

corruscat (sic)<sup>697</sup> igneus ether et fulminat, et ista {...}

descendit et cadit iuxta litora fluminis cer {...}

Huius lapidis proprietates sunt magne laudis, {...}

cuos reddit a flumine, et ubicumque est lapis iste {...}

in uilla siue *in* nauis, in illo loco non cadit fulmen. A naufrag {...}

berat, caudicis et preliatoribus confert uictoriam, uigilantibus q {...}

dormire nequeunt confert sompnum. Huius gemme due sunt

*species* et duo colores et in duobus locis *inuenitur*, quandoque siquidem (sic)<sup>698</sup>

crystalli. Quandoque uero rubei coloris reperitur, et in *Hispannia* *similiter inuenitur*.

Paneros multos *habet* colores, nam *inueniuntur*, **De Panteron**

quandoque niger, quandoque rubeus, quandoque mixti coloris. Et in india re-

peritur ubi *innueniuntur* (sic)<sup>699</sup> pantere eiusdem coloris. Pantera siquidem est

*animal* uarios colores *huius*, ad cuius regitum *omnia animalia* uerum et leones

mirabiliter contremescunt (sic)<sup>700</sup> et fugiunt, ad exemplar utique huius bes

---

<sup>697</sup> Coruscat.

<sup>698</sup> Siquidem.

<sup>699</sup> Inueniuntur.

<sup>700</sup> Contremiscunt.

-tie nominatur hec *gemma*, quia qui uident ipsam *in* ortu solis ab eius  
conspectu contremescunt (sic)<sup>701</sup> et retro(?) fugiunt inimici.

### **De Galactica**

Galactica *gemma gemmarum* preciosissimus lapidum. Sola dicitur  
*habere* uirtutes *omnium* lapidum, cuius color cinereus *gerenti* maxi-  
*mam* dat habundanciam lactis, dat *facilem* partum, et si tritus spar-  
gatur *in* ouili ouium, reddit eas fertiles, fugat scabiem, et ceteras pes-  
tes, cuius lapidis proprietates nimis longum esset enarrare *tum* ex flu-  
mine Nilo trahit *ortum* et achileo. **De Adamante**

Preciosissimus adamans *inuenitur* in ultima India cuius du-  
ricies est adeo solida, quod nec ferro *habet* domari nec cedere duro.  
Sed *omni* metallo resistit, quia *naturam* et *originem* trahit ex cristallo me-  
tallo, quia congelatus utriusque *enim* *colorem* gestat. Et quamuis eius durici-  
es *indomabilis* sit ignibus atque ferro, cum hircino cruore *calescam*  
*deuincitur*, ut dicunt reperitur in indis aquilarum et *in* cacumine montium.  
Est aliud genus adamantis non adeo pretiosum, quod *inuenitur*  
*in* insulis maris et etiam *in* partibus ytalie. Uirtus huius lapidis talis est  
*gestantem* reddit magna{...}nium. Fugat fantasmata. Expellit  
uenena. Et clausus aure *in* sinistro brachio confert ad hostes fugan-

---

<sup>701</sup> Contremiscunt.

dos. Et gratis datus confert prosperos successus. **De Achate**

Achates in achate flumine reperitur a quo sumpsit originem

atque nomen. Et est iste flumen in ytaliam. Et iste lapis est magni

ualoris. Nigri coloris circumdatus zonis albis. Et in quibusdam lapidibus

istius generis(?) reperiuntur figure et ymages sculpte, quasi simulacra

hominum et bestiarum dicunt etiam in creta insula inuenitur {...} Uirtus istius

lapidis cedat (sic)<sup>702</sup> sitim, fouet uisum, portantem {...} munit,

facundum reddit reddit (sic) et amabilem facit. Et bonum colorem

generat et precipue quando habet in se maculas rubeas. **De Alertorio.**

[fl. 65v]

{...} lapis. Nascitur in uentre galli. 1. gallinacei.

{...} quatuor annos suscipit incrementum donec perue

{...} fabe. Et est cristallo similis et lactei (sic)<sup>703</sup> coloris.

{...} est. Uirtutes eius. Nature et proprietates

{...} est in ex pugnabilis. Et sublingua ponitur

{...} Et propter uictoriam acquirendam et prelia su

---

<sup>702</sup> Sedat.

<sup>703</sup> Lactei.

{...} reges. Dicunt etiam quod exules et expulsos

{...} ducit. Et gestantibus semper acquirit novos

{...} uenires multum confert et reddit mulieres

{...} tum ut hec *omnia habeant* clausus in ore deferatur quia

{...} uirtutes *habet*. **De Jaspide.**

{...} multe sunt *species* et multi colores et *in mundis partibus mundi*

reperitur. Sed ille est melior qui est uiridis atque lucens. Et talis

trahit *originem* de India maiori. Uirtutes eius *maxime* sunt et

*maxima* laude digne, *nam* castitatem generat, febres fugat, mu-

lieres in partu iuuat, pellit ydropisim, et expellit fantasticas

uisiones. Et *in* argento positus efficacius operatur. **De Saphiro**

Saphirus lapidum preciosissimus regibus aptissimus celo pu-

rissimo similis multas *gemmas* in decore superat et uirtute.

Hic *in* arenosis litoribus cutis *fluminis* in partibus libie reperitur.

Tamen optimus saphirus nascitur in regione medorum uirtutibus plu-

ribus et speciali decore hanc *gemmam* diuina potentia ditauit

Nam corpus conseruat illesum. Et fraudes expellit latentes .

Et ut asserunt carceratos de carcere et uinctos de uinculis ar-

te quadam liberat et dissoluit, aperit fores clausas, deo reddit

*hominem* placentem, confert ad *pacem* reconciliandam. *ardorem* temperat

interiorem, sudorem pellit, tritus et cum lacte mixtus uulnera sanat,  
tollit sordes ex oculis, et dolorem frontis expellit, eloquentem  
reddit hominem atque et ante castis hominibus est, forcior uirtus eius. **De**

Calcedoneus est lapis pallidus lu // **Calcedoneo**

cens mediocris inter iacinctum et berillum. Qui dicitur tum(?)  
tres habere colores. Uirtus eius est maxima quia gestantibus prestat  
eloquentiam, et uictoriam in litigiis causarum et inuidiciis. **De Sma-**

Smaragdus optimus est uiridis coloris. // **ragdo**

Lucidus uisui (sic)<sup>704</sup> amabilis et delectabilis. Qui multas habet  
species, sed ille est optimus qui luce sua et colore immutat  
aerem et reperitur in ultima india et uirtus eius est maxima. Aug-  
mentat diuicias, caducos sanat emendat debilem uisum et prohibetur  
in scripturis quod discretionem (sic)<sup>705</sup> confert, discretiores(?) enim fuerint (sic)<sup>706</sup> istius  
lapidis gestatores, et uis eius est forcior in simili colore  
si licet in uiridi oleo ut unguento. **De Sardonice.**

De sardonice et eius uirtute et unde trahit originem  
diuersa antiqui (?) dixerunt. Tamen optimus tam apud  
Indiam quam apud arabiam reperitur, et componitur ex contrariis

---

<sup>704</sup> Visio(?)

<sup>705</sup> Discretionem.

<sup>706</sup> Fuerint.

coloribus et medio . s . et albo et nigro et rubeo. In

hiis enim coloribus reperitur quandoque *separatim* et tres *habere*

{...} quia reddit *gestantem humilem, castum et pudicum.*

Sardius inter ceteras *gemmas* melior reperitur.      **De Sardio**

[fl. 66r]

quia in se nullam aliam uirtutem habet nisi resistere {...}

dum, in colore rubeus, in fulgore pulcherimus in {...}

nullus est uirtutis. //      **De Onice**

Onix optimus est in India *inuenitur* {...}

sompnia *in* sompno, et uigilantibus dat {...}

et prohibetur multas species *habere.*      **De Crisolito**

Crisolitus preciosus in calida Ethiop{...}

micat et sintillat, cuius color mari {...}

circundatur auro purissimo, reddit *gestantem* {...}

timores nocturnos, *tamen(?) in lena(?)* debet deportari {...}

sua natura.      **De Topasio**

Topasion *in* topasia insula reperitur unde trahit origin{...}

atque nomen. Iste lapis est aurei coloris et *mange uirt*{...}

fugat enim emeroydas et conpescit feruentes aquas *tamen* in di-  
tissima terra arabum inuenitur. **De Iacincto.**

Iacinctus multas *habet. species. nam* quidam est ceruleus et est ce-  
reus celo similis. Et quidam est nubilosus et hic *in* obscuro ru-  
tilat. Et quidam rufus. Et hic ceteris preciosior est qui raro inuenitur.

Quilibet iacinctus optimus socius est *in* uia, a pestibus liberat regi-  
onem, mutacones (sic)<sup>707</sup> uero timebit qui *cum* gustauerit, et benigne reci-  
pitur et ubique honoratur et in suis precibus exauditur. Hec *gemma*  
in terra ethiopum generatur. **De Amatiste**

Amatistes est in colore purpureus rose similis. Et reperitur  
in olasseus(?) india fons et origo *gemmarum*, dat iste lapis max-  
imam uirtutem habenti, quia fugat ebrietatem et frenesim repellit.

Celidonium est mirabilis . **De Celidonio .**

nature. *in* uentre yrundinis (sic)<sup>708</sup> generatur et nutritur *in* quanti-  
tate paruus(?), *in* qualitate informis, sed *in* sua uirtute multos pul-  
cherrimos lapides excellit. Huius *gemme gemme* sunt *species*  
qui niger et rufus. Fugat lunaticam passionem, insanos sanat,  
diuturnos langores expellit, reddit homines facundos et ama-

---

<sup>707</sup> Mutationes(?)

<sup>708</sup> Hirundinis (?)

biles, mitigat iras, ducit desiderium ad finem optatum,  
oculos languentes illuminat, sed immundissimo panno lineo(?) in sinistro brachio debet portari.           **De Agathes**

Agathes niger in colore leuis in pondere duas habet species  
et in duobus locis nascitur. Haec gemma atrahit uicinas paleas  
ad omnem materiam sanguinis prodest, confert enim menstruosis mulieribus  
et precordia tensa relaxat et inuestigatrix est uirginitatis, et fauce  
socio contrarius medicamen{...} resoluit, et cito libat percucientem.

Magnes in magna india           **De Magnete**

reperitur, et est ferruginei (sic)<sup>709</sup> coloris. Nam iste lapis est mirabilis, tollit enim ferrum et multum ualet ad magicam artem, fueres siquidem uirtute istius lapidis immutant mentes et furantur de fortibus castis diuicias, puluerizant enim hunc lapidem super prunas ardentis in tetragono (sic)<sup>710</sup>, oalexus (sic)<sup>711</sup> lapis iste inuestigator commissimi(?) criminis et fedi adulterii, fedum eium reddit odorem, in adulteriis, ualet multum ad ydropisim et plagas combustionis.

Carbunculus quasi carbo accensus //           **De Carbunculo.**

---

<sup>709</sup> Ferruginei.

<sup>710</sup> Tetragono.

<sup>711</sup> Alexander.

{...} huius lapidis *lucem tenebre nequeunt extingue*

{...} nascitur in limbia diuersas *habens species* et uirtutes, quarum

{...} de lapidibus reperitur . **De Ethide.**

{...} coloris est et reperitur (sic)<sup>712</sup> *in litoribus maris occia-*

{...} persarum, et *in indis aquilarum*. Ista *gemma conti-*

{...} *gemma* ad modum *pregnantis* et *ideo multum*

{...} *gnantibus in partu* et dicitur conferre *diuicias* et

{...} et *fauorem*, sed *maiozem uim habet in inuenibus*

{...} *qius hominum* est tibi de fraude *uenefica* probare

{...} *xius* est ut *innocens*, fac ergo *suspectum tecum*

{...} *innocens* est sine *impedimento* quocumque *tecum comedem*

{...} est, si uero *comedere nequierit*. Scias quo *noxius* est, et *facinus*

{...} *n* animo concepit. **De Margaritis**

Margarite siue *bacte* in *conchis candidis in fluminibus*

Indie generantur, *ros enim* matutinus et *uespertinus* descendit

de superius in *chonchis iancis*<sup>713</sup> ubi *congelatur* et *nutritur*, et ex inde *mar*

*garite* generantur *albissime*, et *in medio pinedus(?) rore* matutino

---

<sup>712</sup> Reperitur.

<sup>713</sup> Ianthis.

fusce et torbide (sic)<sup>714</sup> de rore uespertino et nulla magnitudine excedit  
seminucem, quia gutta roris maior *nom* descendit, et quando fortiter  
tonat dissoluuntur, ponuntur siquidem in arduis medicinis et ad  
oculos *illuminandos* et ad melancolicas egritudines conferunt  
et ualent multum. // Nota quod nulla *gemma ignem*  
poterit sustinere excepto solo saphiro qui igne purgatur et  
non leditur (sic)<sup>715</sup>. Et *gemma* similiter adamantis. Hiis duabus *gemmis*  
nichil durius, nulla que *gemma* smaragdo nobilior.

Nota quod saphirus ferrinus igne // **De Saphiro**

crematur, sed albus ut croceus saphirus non crematur.

Item nota cum magna cautela quod sicuti quidam saphiri molles  
protenduntur, sed etiam ad instar bonorum uitrei perforantur. // Saphirus  
citrinus qui est albus similis iulci(?) topasion ut calcedonio no  
bilis ualde et duris, qui sustinet *ignem*, et melior et nobilior  
saphiro ferrino, quia ferrinus saphirus *ignem* sustinere non potest.

Granatus etiam niger reperitur // **De granatis de jaspide.**

Iaspis pantericus multum ualet contra *sanguinem*, et est calce  
donis *campis* quasi sanguine respersus (sic)<sup>716</sup>. i . rubeis guttis.

---

<sup>714</sup> Turbidae.

<sup>715</sup> Laeditur.

<sup>716</sup> Respersus.

Lapis peridion nobilis // **De Peridion**

ualde, et *non* reperitur nisi in oriente, cuius color est quasi

uitrum *perspicuum* ualde, et est coloris grammei(?) ut uiridum lignorum

foliorum omnino a colore smaragdo alienus. **De Turcis**

Turcus lapis dicitur quia in turchia reperitur *in* transmarinis

partibus circa mare. **De Adamante**

Adamantes quidam in cicilia reperiuntur, quidam etiam in lum

bardia, quidam ultra mare, sed adamantes Indici

sunt omnibus meliores. **De Saphiro**

In pondio(?) sex saphirorum genera inueniuntur qui omnes ignem

sustinere possunt. *Sunt enim* quidam lazurii coloris, alii nigri,

alii citrini, alii ferrini, alii croatei(?), tanquam jaspidis aliis colo-

ribus ut aliquibus eorum respersi. **De Rubinis**

[fl. 67r]

Ibidem etiam reperiuntur rubini, granatici, topacii, amatis{...}

diuersi generis. **De Corallo**

Nota quod alius corallus, alius omnino corn{...}

est *gemma* ualde dura sicut jaspis ut {...}

preciosa et ualet contra emoroydas et fluxum sanguini {...}

mulierum. Sed coralli non sunt tante uirtutis, {...}

et tempestates, sed potest luna operari tanquam {...}

tria genera, rubei, nigri, et albi, corneliorum {...}

et sub(?) nigri, differunt autem in eo quod corall {...}

sed cornelii perlucidissimi sunt cristallos. **De {...}asion**

Crisopasion lapis preciosus est qui nascitur {...}

in colore auri sub pallidi. In nocte lucet ut ignis {...}

die occultatur. **De Crisolecto**

Crisolectus lapis est similis auro, ad electrum colorem

inclinare uidetur. Hic *in* matutinali hora iocundior est

uisui(?), post offert, dissimilem speciem aspicientibus. Hic dicitur

plagare si uicinetur. **De Dionisia**

Dionisia lapis est nigri coloris, rubeis guttis conspersa. Hic

in aqua trita odorem uini producit et fertur fugare ebrietatem.

Perites fului coloris est, nomen, **De Perite**

ab igne trahit calide nature, si stringatur manus adurit .

Sadatos lapis est *in* ful- // **De Sadatos**

gore similis berillo, uanas effigies demonum fertur

ostendere, nec lapis alius qui euocet magis umbras. // **De**

Agolitus lapis preciosus est similis nucleo // **Agolito**

oliue, *in* aspectu uilis est, sed est magne uirtutis, solutus *in* aqua  
et haustus multum ualet lapidosis, et purgat arenas renum et uesice.

Melotices lapis est in colore **De Melotice**

similis smaragdo, reddit gestantem securum ab in  
fortunis casibus et *in* cima positus puerum a fantasmate protegit

et defendit. Hunc prius arabes *inuenerunt*. **De Absithe**

Absithos *gemma* est nigri coloris, *continens* in se uenas rube  
as maioris ponderis quam coris, et si propinquetur igni, ~ uii,

diebus calida esse fertur. **De Falcofone**

Falcofones lapis est nigrum colorem *habens*, nec sinit ges-  
tantem rauescere, *bonam* et *sonoram uocem* confert.

Optalius lapis est maxime uirtutis / **De Optalio**

furibus aptus et tu{...}ssimo securum reddit patrocinium(?), a circun-  
stantibus occultat gestantem, *in* tantum(?) quod qui portauerit ipsum ex  
spoliare posset domos nec uideretur, et uisus reddit acutos.

Androdragma lapis est // **De Androdragma**

similis argento in colore, *in* arenis maris rubri *inuenitur*.

*Idem* est in duricie adamantis habens quasi quadratas formas

magne uirtutis, iratos *animos* sedat, quietos et pacificos

reddit gestantes.

**De Yri**

Yris lapis est cristallo similis in colore, gignit eum

mare rubrum, inuenitur in sexangulari forma luce clara

micat, ab yride celesti nomen trahit, quia si sub tecto radio

[fl. 67v.]

{...} uario colore inficitur paries ad modum arcus celestis.

{...} ex lacrimis perpetuo fluctus distillare **De Ydros**

{...} turigine pleni fontis manat, ualere dicitur

{...} alias aquaticas passiones gestatus. // **De**

{...} rapitur ab oculis, fac tibi // **Yene**

{...} et si teneatur sub lingua predicere fertur futura.

{...} magne uirtutis. **De Liparea**

{...} ferarum utilis uenatoribus ad capiendum feras.

{...} qui defert ipsam. **De Orites**

{...} est uirens et maculas albas continet in se.

{...} casibus resistit. **De Parifino**

Parifinus gemma est nullius fere utilitatis, cuius tres

sunt species, una nitet et decet aurum, altera sanguineas guttas

in se continet, tercia albis guttis inscripta.

## Tractatus de sculp

Si inueneris in quo sit equus ala-

## turis preciosorum lapidum.

-tus qui dicitur pegasus est optimus militantibus et campestri

bello bellantibus, prebet audaciam et uelocitatem, dicitur enim liberare(?)

equos ferentes hunc lapidem super se ab inferitatibus acutis et

ab infusione. Hic etiam preest arieti et uocatur bellorosios(?). i . fons bellorum.

Si inueneris andramadum que habet crines sparsos atque manus

remissas ille habet potestatem reconciliandi amorem inter uirum et

Si inueneris lapidem casepia in quo sit uirgo // uxorem.

sculpta habens ad modum crucis manus extensas et triangulariter

in cathedra sedens, hic lapis solamen, post laborem requies, post

infirmitatem fessa et debilia corpora reparat sana imperfectissima sani

tate sua custodit.

Si inueneris serpentarium qui habet serpentem cinctum caput ma

nu dextera tenet, et sinistra caudam, hic lapis gestus comes-

tus siue potatus ante cibum ut post, libat hominem a ueneno.

Si inueneris in quo sit Hercules genu flexus habens in manu dex

tera clauam percucientem aliquod monstrum, hic lapis facit gerentem

se uictoriosum, pugilibus singulare presidium est.

Si inueneris in quo sit ursus ut serpens diuidens utrasque uersas, hic

lapis reddit se gerentem astutum, fortem et deo et hominibus placentem.

Si inueneris in quo sit saturnus habens in dextera manu falcem(?),

reddit se ferentem potentem et potestas ei crescit.

Si inueneris in quo sit iupiter habens formam hominis et caput aretis,

ferens eum ab hominibus diligitur, et quicquid peccerit a quocumque

Si inueneris in quo sit mercurius habens alas impe- // impetrabit.

dibus et in sinistra manu uirgam serpentem inuolutum, ferens eum

habundabit sapientia et facundia et nemo poterit ei resistere, gratus

erit deo et hominibus et perpetua sanitate gaudebit.

Si inueneris in quo sit serpens habens supra dorsum urnam et supra

caudam cornum, ferens eum habundabit omnibus bonis, astutus

erit et prouidus trita facta(?), resistit etiam iste lapis omni nocuo calori, hi(?)

enim habet a tenero(?) sub quo mittit caput suum et dirigit caudam

usque ad centaurum.

Si inueneris in quo sit centaurus habens in sinistra manu

[fl. 68r]

leporem suspensum cum cultello et in dextera baculum in {...}

tiola infixam cum lepore suspensa, hic lapis redd{...}

perpetua sanitate peditum, et inde dictus est {...}

magri achillis eo quod hunc lapidem in m{...}

Si *inueneris* in quo sit sacrarium . i . modum {...}

reddit ferentem se perpetua uirginitate {...}

*hominibus* licet sequatur cauda magni scorpio{...}

Si *inueneris* in quo sit cecus qui *in* fini piscis {...}

aretis, *habens* magnum tuber(?) in dorso et *in* uentre {...}

caput cristatum superius et inferius, ferens {...}

*in* terra et *in* mari et *ubicumque* fuerit, et prudens et amabi{...}

ablata fuerint, recuperabit.

Si *inueneris in* quo nauis est, *habens* uelum *altum* et *extensum* in

omni negotio superior erit.

Si *inueneris in* quo sit lepus quamdiu illum habueris, ab ali

qua demonica umbra ledi non poteris.

Si *inueneris in* quo sit canis qui est *in* leone *cum* leo sit ignee

nature et sicce, futuram ydropisim non pertimiescit (sic)<sup>717</sup>, pestilen

cia communis morbus non nocebit ei.

Si *inueneris in* quo sit oricius(?) *habens* in manu *cristam* qui est in

---

<sup>717</sup> Pertimescit.

fine tauri, in bello uictor existes.

Si *inueneris in* quo sit aquila que preest capricornio, conseruabit ueteres honores et adquiret nouos.

Si *inueneris in* quo sit agnus qui preest aquario, liberabit a paralisi et quartana.

Si *inueneris in* quo sit perseus *habens in manu dexera* (sic)<sup>718</sup> ensem et in sinistra gorgonis, seruabit a febre flumine et tempestate, et ab *inuidia* et ab *omni demonum* incursu.

Si *inueneris in* quo sit aries. *Item in* quo sit leo. *Item in* quo Sagittarius (sic)<sup>719</sup> tales ignei sunt et orientales et tales faciunt se ferentes deo et *hominibus* placabiles, et liberant a febribus cotidianis et ydropisi, et reddunt facundos et *ingeniosos* .

Si *inueneris in* quo sit taurus. *Item in* quo sit uirgo. *Item in* quo sit capricornium, hii lapides frigidi sunt et meridionales, et reddunt perpetuo tutos a sinochia.

Si *inueneris in* quo sit geminus. *Item in* quo sit libra. *Item in* quo sit aquarium, hii sunt calidi et aerei et occidentales, ipsi(?) procul dubio liberant gerentes se a quartanis febribus et a para

---

<sup>718</sup> Dextra/ dextera.

<sup>719</sup> Sagittarius.

lisi, faciunt etiam *dominum placatum* gerentibus se.

Si *inueneris* in quo sit scorpio. Item in quo sit cancer. Item

in quo sit piscis. Illi sunt frigidi et aquatici et septentriona

les, defendunt ferentes se ab etica febre et terciana (tertiana) et

carision, hii(?) uero sunt consecrati(?).

Si *inueneris in* iaspide ceruum ut uenatorem, seu canes

ut lepores impressos, ille *habet* potestatem curandi demoni

acos, lunaticos maniacos et *in* nocte militantes atque frene

Si *inueneris in* quo sit homo *in* manu *habens* palmam // ticos

lapis ille inducet ferenti se potestates, et principes beneuo(?)

[fl. 68v.]

{...} catos.

{...} berillo *lucustam* uniueriam(?) et sub pedibus eius cor

{...} poni herba sauina et modico auro sub pe

{...}m.

{...}bet perforari et secis aselli brachio ut collo

{...} debet scribi *martem armatum* et uirginem

{...}fusam, tenentem *laurum* et ita consecratur

{...}ne.

{...} extrahi de uentre pullorum yrundinum, siue

{...} ento lune, et debet ligari in corio uituli an-

{...} tetigerit in collo siue in brachio sinistro suspendi.

{...} quocumque lapide inueneris solem et lunam, ille consecratus est

consecracione perpetua. Semper tecum *habeas* et bonam uitam duces.

**Explicit liber lapidum.**

## Bibliografia

- A Catalogue of the Harleian Manuscripts, in the British Museum.* Vol 2. Londres: s. ed., 1808.
- A Catalogue of the Harleian Manuscripts in the British Museum.* Vol. 3. Londres: Eyre and Strahan, 1808.
- Abbott, Thomas Kingsmill, & Edward Gwynn. *Catalogue of the Irish manuscripts in the Library of Trinity College, Dublin.* Dublin e Londres: Cornell University Library, 1921.
- Aberth, John. *Doctoring the Black Death. Medieval Europe's Medical Response to Plague.* Lanham e Londres: Rowman & Littlefield Publishers, 2021.
- \_\_\_\_\_. *The Black Death. The Great Mortality of 1348 – 1350. A brief history with documents.* Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2005.
- Addy, George M. “Alcalá before Reform—the Decadence of a Spanish University.” *Hispanic American Historical Review* 48, no. 4 (1968): 561-585.
- Agostinho, St. (Agostinho de Hipona). *On Christian Doctrine.* Trad. J. F. Shaw. Nova Iorque: Dover Publication, Inc., 2012.
- Aḥmad ibn Yūsuf al Tīfāshī. *Arab Roots of Gemology: Aḥmad ibn Yūsuf al Tīfāshī's Best Thoughts on the Best of Stones.* Trad. Samar Najm Abul Huda. Lanham, Md. e Londres: The Scarecrow Press, 1998.
- Alberto Magno. *Book of Minerals.* Trad. Dorothy Wyckoff. Oxford: Clarendon Press, 1967.
- \_\_\_\_\_. *The Book of Secrets of Albertus Magnus: Of the Virtues of Herbs, Stones and Certain Beasts. Also a Book of the Marvels of the World,* ed. Best, Michael R. & Frank H. Brightman. Oxford: Oxford University Press, 974.
- Al-Biruni. *Al-Biruni's Book on Mineralogy. The Book Most Comprehensive in Knowledge on Precious Stones.* Ed. e trad. Hakim Mohammad Said. Islamabad: Pakistan Hijra Council, 1989.
- Alfonso-Goldfarb, Ana Maria. “Centenário Simão Mathias: Documentos, Métodos e Identidade da História da Ciência.” *Circumscribere* 4 (2008): 5-9.
- \_\_\_\_\_. *Livro do Tesouro de Alexandre: Um estudo da hermética árabe na oficina da história da ciência.* Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

- \_\_\_\_\_, & Maria A. Pileggi Perassollo. “O Universo Cultural Científico Valenciano durante os séculos XIII e XIV e a contextualização da obra de Arnaldo de Vilanova.” *Hist. cienc. Saúde-Manguinhos* 2, no.3 (1996): 32-43.
- \_\_\_\_\_, Márcia H. M. Ferraz, & Maria Helena Roxo Beltran. “A historiografia contemporânea e as ciências da matéria: uma longa rota cheia de percalços.” In *Escrevendo a história da ciência tendências, propostas e discussões historiográficas*. Ed. Ana Maria Alfonso-Goldfarb, Márcia H. M. Ferraz, & Maria Helena Roxo Beltran. São Paulo: EDUC, 2004.
- \_\_\_\_\_, Márcia H. M. Ferraz, & Maria Helena Roxo Beltran. “Substitutos do “Novo” Mundo para as antigas plantas raras: um estudo de caso dos Bálsamos.” *Quim. Nova* 33, no. 7 (2010): 1620-1626.
- \_\_\_\_\_, & Márcia H. M. Ferraz. “Uma viagem entre documentos e fontes.” *Circumscribere* 12 (2012): v-viii.
- \_\_\_\_\_, & Maria H. R. Beltran, orgs. *O Saber Fazer e Seus Muitos Saberes: Experimentos, Experiências e Experimentações*. São Paulo: Editora Livraria da Física; Educ; Fapesp, 2006.
- Alfonso X. “*Lapidario*” (*Según el manuscrito escurialense H.I.15*). Ed. Sagrario Rodríguez M. Montalvo. Madri: Editorial Gredos, 1981.
- ‘Alī ibn Riḍwān. *Medieval Islamic Medicine. ibn Riḍwān's Treatise 'On the Prevention of Bodily Ills in Egypt'*. Ed. e trad. Adil S. Gamal, & Michael W. Dols. Berkley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 1984.
- Al-Kindī. *The medical Formulary or Aqrabadhin of Al-Kindī*. Trad. Martin Levey. Madison, Milwaukee e Londres: The University of Wisconsin Press, 1966.
- Anjum, N. et al. “Ibne E Zohr and His Kitab-Al-Taisir: A Review.” *Ind. J. Unani Med* 4, no. 1 (2011): 23-25.
- Annals Of Ulster, otherwise Annals of Senat; A chronicle of irish affairs*. Vol. 2. Trad. B. MacCarthy. Dublin: Alex. Thom & Co., 1893.
- Aristóteles. *Meteorologica*. Trad. H. D. P. Lee. Cambridge, MA: Harvard University Press; Londres: William Heinemann, 1952.
- Arnaldo de Vilanova. *Opera medica omnia*. Vol. 3. De amore heroico. Epistola Arnaldi de Villanova De dosi tyriacalium medicinarum. Ed., L. Garcia-Ballester, J. A. Paniagua, & M. R. McVaugh. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Opera medica omnia*. Vol. VII.1. Epistola de reprobacione nigromantice ficcionis (De improbatione maleficiorum). Ed. Sebastià Giralt. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2005.

- \_\_\_\_\_. "Translatio Libri Albuzale de Medicinis Simplicibus." In *Opera Medica Omnia*. Vol. XVII. Trad. e ed. Ana Labarta et al. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2004.
- Arnaldo Saxo. "Aristoteles de lapidibus und Arnaldus Saxo." *Zeitschrift für deutsches Altertum und deutsche Literatur* 18 (1857): 424-454.
- Arrizabalaga, Jon. "Facing the Black Death: perceptions and reactions of university medical practitioners." In *Practical medicine from Salerno to the Black Death*, ed. Luis García-Ballester e al., 237-288. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- Autissier, Anne. "Le sang des flagellants." *Médiévales* 27 (1994): 51-58.
- Avenzoar, & Averrois. *Abhomeron Abynzohar: Colliget Auerroys*. Veneza: Bonetus Locatellus, for Octavianus Scotus, 1496.
- Avicena. *Libri canonis, necnon de medicinis cordialibus et cantica...* Veneza: Luca Antonio, 1527.
- Azar, Henry A. *The Sage of Seville: Ibn Zuhr, His Time, and His Medical Legacy*. Cairo e Nova Iorque: The American University in Cairo, 2008.
- Bailey, Mark. "Demographic decline in late medieval England: some thoughts on recent research." *The Economic History Review, New Series* 49, no. 1 (1996): 1-19.
- Barbier, M., & M. le Général Beauvais. *Dictionnaire historique ou biographie universelle classique*. Vol. 1. Paris: Imprimerie de Cosson, 1826.
- Bardsley, Sandy. "Missing Women: Sex Ratios in England, 1000–1500." *Journal of British Studies* 53, no. 2 (2014): 273-309.
- Barroso, Maria do Sameiro. "Bezoar stones, magic, science and art," *Geological Society London Special Publications* 375 (2013).
- Bartholomaeus Anglicus. *De rerum Proprietatibus*. Frankfurt: Minerva G.M.B.H, 1664.
- Baschet, Jérôme. *L'iconographie médiévale*. Paris: Gallimard, 2008.
- \_\_\_\_\_, & Jean-Claude Schmitt. *L'image. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*. Paris: Le Léopard d'Or, 1996.
- Bean, J. M. W. "Plague, Population and Economic Decline in the Later Middle Ages." *EcHR* 15 (1963): 423-437.
- Beasley, Henry. *The Medical Formulary: Comprising Standard and Approved Formulae for the Preparations and Compounds Employed in Medical Practice*. Filadélfia: Lindsay & Blakiston, 1856.

- Beda, o Venerável. *The explanation of the Apocalypse*. Trad. Rev. Edw. Marshall. Oxford; Londres: James Parker and Co., 1878.
- Bell, J., Francis Condie, & Samuel C. Atkinson. "Influence of Epidemics." *The Journal of Health* 4, no. 12 (1833): 343 - 347.
- Beltran, Maria Helena Roxo. "História da ciência e história do livro: O papel da imagem como registro de conhecimentos sobre a natureza e as artes na primeira modernidade." *Circumscribere* 15 (2015): 8-18.
- \_\_\_\_\_. *Imagens de magia e de ciência: entre o simbolismo e os diagramas da razão*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.
- \_\_\_\_\_, & Ana Maria Alfonso-Goldfarb, orgs. *O laboratório, a oficina e o ateliê: a arte de fazer o artificial*. São Paulo: Educ/Fapesp/Inep/Comped, 2002.
- \_\_\_\_\_, & Vera Cecilia Machline. "Images as documents for the history of science: some remarks concerning classification." *Circumscribere* 20 (2017): 112-119.
- Benedictow, Ole Jørgen. *The Complete History of the Black Death*. Woodbridge: The Boydell press, 2021.
- \_\_\_\_\_. *What Disease was Plague? On the Controversy Over the Microbiological Identity of Plague Epidemics of the Past*. Leiden e Boston: BRILL, 2010,
- Biblioteca Nacional Austríaca (Österreichische Nationalbibliothek). "Handschrift Medizinische Sammelhandschrift." *Biblioteca Nacional Austríaca*, [https://search.onb.ac.at/primo-explore/fulldisplay?docid=ONB\\_alma21303455400003338&context=L&vid=ONB&lang=de\\_DE&search\\_scope=ONB\\_hanna&adaptor=Local%20Search%20Engine&tab=onb\\_hanna&query=any,contains,2301,AND&mode=advanced&offset=0](https://search.onb.ac.at/primo-explore/fulldisplay?docid=ONB_alma21303455400003338&context=L&vid=ONB&lang=de_DE&search_scope=ONB_hanna&adaptor=Local%20Search%20Engine&tab=onb_hanna&query=any,contains,2301,AND&mode=advanced&offset=0).
- Biblioteca Nacional Austríaca (Österreichische Nationalbibliothek). "Medizinische Sammelhandschrift." *Biblioteca Nacional Austríaca*, [https://digital.onb.ac.at/RepViewer/viewer.faces?doc=DTL\\_7078112](https://digital.onb.ac.at/RepViewer/viewer.faces?doc=DTL_7078112).
- Bishop, Louise M. *Words, Stones & Herbs: The Healing World in Medieval England*. Syracuse: Syracuse University Press, 2007.
- Blackburn, Simon. *The Oxford Dictionary of Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- Bliss, W. H., & C. Johnson, ed. *Calendar of Entries in the Papal Registers Relating to Great Britain and Ireland 1342-62. Calendar of selections from Papal Regesta*, vol. III. Londres: H. M. Stationery Off., 1897.
- Boccaccio, Giovanni. *O Decamerão*. Trad. Raul de Polillo. São Paulo: Martins, 1956.

- Boeckl, Christine M. *Images of Plague and Pestilence. Iconography and Iconology.* Sixteenth Century Essay & Studies, vol. 53. Kirksville: Truman State University Press, 2000.
- Bond, George Doherty. *The Pearl Poem. An Introduction and Interpretation.* Nova Iorque: E. Mellen Press, 1991.
- Boudet, Jean-Patrice. *Entre Science et Nigromance. Astrologie, divination et magie dans l'occident médiéval, XIIIe-XVe siècle.* Paris: Publications de la Sorbonne, 2006.
- Boudon-Millot, Véronique. "La notion de mélange dans la pensée médicale de Galien: mixis ou crasis?." *Revue des Études Grecques* 124, no. 2 (2011): 261-279.
- British Library Catalogue of Illuminated Manuscripts. "Harley 3140." *British Library Catalogue of Illuminated Manuscripts.* <https://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=4141&CollID=8&NStart=3140>.
- British Library Catalogue of Illuminated Manuscripts. "Harley 3140, f. 32v. Doctor." *British Library Catalogue of Illuminated Manuscripts.* <https://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/ILLUMIN.ASP?Size=mid&IllID=15639>.
- British Library Catalogue of Illuminated Manuscripts. "Harley 3140, f. 39." *British Library Catalogue of Illuminated Manuscripts.* <https://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=4141&CollID=8&NStart=3140>.
- British Library Catalogue of Illuminated Manuscripts. "MS Yates Thompson 7, fl. 14r." *British Library Catalogue of Illuminated Manuscripts.* <https://www.bl.uk/catalogues/illuminatedmanuscripts/record.asp?MSID=8130&CollID=58&NStart=7>.
- Brunetto Latinni, *Li livres dou tresor.* Livro I, Parte V. Ed. François Adrien Polycarpe Chabaille. Paris: Imprimerie impériale, 1863.
- Burnett, Charles. "Adelard, Ergaphalau and the Science of the Stars." In *Adelard of Bath: An English Scientist and Arabist of the Early Twelfth Century*, ed. C. Burnett, 133–45. Londres: Warburg Institute, 1987.
- \_\_\_\_\_. "Arabic, Greek and Latin Works on Astrological Magic attributed to Aristotle." In *Pseudo-Aristotle in the Middle Ages. The Theology and Other Texts.* Eds. Jill Kraye, W. F. Ryan, & C. B. Schmitt, 84–96. London: Warburg Institute, 1986.
- \_\_\_\_\_. "Arabic Magic: the impetus for translating texts and their reception." In *The Routledge History of Medieval Magic*, ed. Sophie Page, & C. Rider, 71-84. Nova Iorque, Abingdon: Routledge, 2019.

- \_\_\_\_\_, org. *Magic and Divination in the Middle Ages: Texts and Techniques in the Islamic and Christian Worlds*. Variorum Collected Studies Series. Ashgate e Burlington: Ashgate Publishing Company, 1996.
- \_\_\_\_\_. "Translation and transmission of Greek and Islamic science to Latin Christendom." In *The Cambridge History of Science*. Vol. 2, Medieval Science, org. David C. Lindberg & Michael H. Shank, 341-364. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- Byrne, Joseph Patrick. *The Black Death*. Westport; Londres: Greenwood Press, 2004.
- Celsus. *De Medicina*. Trad. W. G. Spencer. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. 1971.
- Černý, Karel. "Magical and Natural Amulets in Early Modern Plague Treatises." *Sudhoffs Archiv* Bd. 97, H. 1 (2013): 81-101.
- Cohn, Samuel. "Plague violence and abandonment from the Black Death to the early modern period." *Annales de démographie historique* 134, no. 2 (2017): 39-61.
- \_\_\_\_\_. "The Black Death and the Burning of Jews." *Past & Present* 196, no. 1 (2007): 3-36.
- Collins, Luraine. "The Fourteen Holy Helpers." *Brooklyn Museum Bulletin* 9, no. 1 (1947): 13-14.
- Copenhaver, Brian P. *Magic in Western Culture. From Antiquity to the Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- Creighton, Charles. *A History of Epidemics in Britain - from A.D. 664 to the Extinction of Plague*. Cambridge: Cambridge University Press, 1891.
- Crisциani, Chiara, & Michela Pereira. "Black Death and Golden Remedies. Some Remarks on Alchemy and the Plague." In *Regulation of evil: social and cultural attitudes to epidemics in the late Middle Ages*. Micrologus' library, vol. 2. Florença: SISMEL - Edizioni del Galluzzo, 1998.
- Damigeron. *Orphei Lithica accedit Damigeron de lapidibus*. Ed. Eugenius Abel. Berlim: Berolini Apud S. Calvary et Socios, 1881.
- Daniel Sennertus. *Of Agues and Fevers: Their Differences, Signes and Cures*. Londres: F. M., 1658.
- David Hume. *The History of England from the Invasion of Julius Caesar to the Revolution of 1688. Continued to the death of George the second by & T. Smollett, MD*. Londres: Henry G. Bohn, 1853.

- Dean, Katharine R. et al. "Human ectoparasites and the spread of plague in Europe during the Second Pandemic." *Proceedings of the National Academy of Science* 15, no. 6 (2018): 1304-1309.
- Derolez, René, org. *Anglo-Saxon England*. Vol. 7. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- Dicionário Merriam-Webster. "Talisman". *Dicionário Merriam-Webster*. <https://www.merriam-webster.com/dictionary/talisman#synonyms>
- Dinānah, Taha. "Die Schrift von Abī Ġa'far Aḥmed ibn 'Alī ibn Moḥammed ibn 'Alī ibn Ḥātimah aus Almeriah über die Pest." *Archiv für Geschichte der Medizin*, Bd. 19, H. 1 (1927): 27-81.
- Dioscórides. *De materia medica, Tomus secundus*. Col. Medicorum Graecorum Opera Quae Exstant, vol. XXVI. Ed. Curtius Sprengel. Lipsiae: Officina Libraria Car. Knoblochii, 1830.
- d'Irsay, Stephen. "Notes to the Origin of the Expression: 'Atra Mors'." *Isis* 8, no. 2 (1926): 328-332.
- Duffin, Christopher J. "Geology as medicine and medics as geologists." Geological Society, London, Special Publications 375 (2013): 1-6.
- \_\_\_\_\_. "The historical roles of mineral materials in folk medicine and the development of the materia medica." Tese de doutorado. University of Kingston, 2018.
- \_\_\_\_\_, R. T. J. Moody, & C. Gardner-Thorpe, orgs. *A History of Geology and Medicine*. Londres: Geological Society, 2013.
- \_\_\_\_\_, R. T. J. Moody, & C. Gardner-Thorpe, orgs. *Geology and Medicine: Historical Connections*. Geological Society Special Publication, vol. 452. Londres: Geological Society, 2017.
- Dunlison, Robley. *Medical Lexicon: A Dictionary of Medical Science*. 12<sup>a</sup> ed. Filadélfia: Blanchard and Lea, 1855.
- Dupuy, Gérard. *La croix du cerf. L'os du Cœur du cerf*. Les cahiers cynégétiques du naturaliste, vol. 4. Paris: Montbel, 2011.
- Duran-Reynals, M. L., & C.-E. A. Winslow. "Regiment de preservacio a epidimia o Pestilencia e Mortaldats. Epistola de Maestre J acme d' Agramont als honrats e discrets seynnors pahers e conseyll de la Ciutat de Leyda." *Bulletin of the History of Medicine* 23, n. 1 (1949): 57-89.
- Ell, Stephen R. "Some Evidence for Interhuman Transmission of Medieval Plague." *Reviews of Infectious Diseases* 1, no. 3 (1979): 563-566.

- Eulogium (historiarum sive temporis): Chrnicon ab orbe condito usque ad annum domini M.CCC.LXVI., a monacho quodam malmesburiensi exaratum.* Vol. 3. Ed. Frank Scott Haydon. Londres: Longman, Green, Longman, Roberts & Green, 1863.
- Evans, Joan. *Magical Jewels of the Middle Ages and the Renaissance, Particularly in England.* Oxford: Clarendon Press, 1922.
- Evans, Joan & Mary Sidney Serjeantson. *English Mediaeval Lapidaries.* Early English Text Society, no. 190. Oxford: Oxford University Press, 1933.
- Fabbri, Christiane Nockels. "Treating Medieval Plague: The Wonderful Virtues of Theriac." *Early Science and Medicine* 12, no. 3 (2007): 247-283.
- Falk, Michael. "Astronomical names for the days of the week." *Royal Astronomical Society of Canada* 93, no 3 (1999): 122–133.
- Ferraz, M. H. M., A. M. Alfonso-Goldfarb, & Silvia Waisse. "Reflexões sobre a constituição de um corpo documental para a história da ciência. Um estudo de caso do Brasil Colônia e Brasil Reino." *Acervo, Rio De Janeiro* 26, no. 1 (2013): 42-53.
- \_\_\_\_\_, P. Aceves Pastrana, & A. M. Alfonso-Goldfarb. "Dossier: Materia medica and pharmacy. From medicinal virtues to the active principles of plants." *Circumscribere* 16 (2015): 38-40.
- Fisher, J. G. "On the Animal Substances employed as Medicines by the Ancients." *Glasgow Medical Journal* 10 (1863): 484 - 493.
- Fletcher, J. B. "The Allegory of The Pearl." *JEGP* 20 (1921), 1-21.
- Fr. Iohannes. *Summa de exemplis et rerum similitudinibus locupletissima verbi Dei concionatoribus cunctisque literarum studiosis maximo vsui futura.* Veneza: apud Dominicum Farreum, 1584.
- Frei John Clyn. *Annalium Hiberniae Chronicon, Ad annum MCCCXLIX.* Dublin: Irish Arch. Soc., 1809.
- French, Roger K. *Canonical Medicine: Gentile Da Foligno and Scholasticism.* Leiden; Boston; Colônia: Brill, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Medicine before Science. The Business of Medicine from the Middle Ages to the Enlightenment.* Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- Fricke, Beate. "Matter and Meaning of Mother-of-Pearl: The Origins of Allegory in the Spheres of Things." *Gesta* 51, no. 1 (2012): 35-53.
- Galeno, *Ars medica, quae et Ars parua dicitur...* Lyon: Guliel. Rouillium, 1548.

- \_\_\_\_\_. *Claudii Galeni Opera omnia*. Tomus 8. Lipsiae: Officina Libraria Car. Cnoblochii, 1824.
- \_\_\_\_\_. *Claudii Galeni Opera omnia*. Tomus 14. Lipsiae: Officina Libraria Car. Cnoblochii, 1827.
- \_\_\_\_\_. *Claudii Galeni Opera omnia*. Tomus 19. Lipsiae: Officina Libraria Car. Cnoblochii, 1830.
- \_\_\_\_\_. *On Anatomical Procedures: De Anatomicis Administrationibus*. Trad. e ed. Charles Singer. Londres; Nova Iorque Toronto: Oxford University Press for the Wellcome Historical Medical Museum, 1956.
- \_\_\_\_\_. *On Diseases and Symptoms*. New Series, vol. 7. Trad. Ian Johnson. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- \_\_\_\_\_. "On The Cause of Diseases." In *Hippocratic Writings; On the Natural Faculties by Galen*. Coleção Great Books of the Western World, vol. 10. Chicago; London; Toronto: Encyclopedia Britannica, 1952.
- \_\_\_\_\_. "On The Natural Faculties." In *Hippocratic Writings; On the Natural Faculties by Galen*. Coleção Great Books of the Western World, vol. 10. Maynard Hutchins. Chicago; London; Toronto: Encyclopedia Britannica, 1952.
- García, Benito del Castillo. "História da luminescência." *Circumscribere* 12 (1012): 76-83.
- Garcia-Ballester, L., J. A. Paniagua, & M. R. McVaugh. "Introdução para Epistola Arnaldi de Villanova De dosi tyriacalium medicinarum." In *Opera medica omnia*. Vol. 3. De amore heroico. Epistola Arnaldi de Villanova De dosi tyriacalium medicinarum, ed. L. Garcia-Ballester, J. A. Paniagua, & M. R. McVaugh. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1985.
- Gentile da Foligno. *Consilium contra pestilencia*. Colle di Valdelsa: Bonus Gallus, 1479.
- \_\_\_\_\_. *Singulare consilium contra pestilentiam; eiusdem questio perutilis de resistentijs seu de contra operantijs*. s.n.: Laurentius Liondedei, 1515.
- Geoffrey Le Baker. *Chronicon Galfridi le Baker de Swynebroke*. Ed. Edward Maunde Thompson. Oxford: Clarendon Press, 1889.
- Gerli, E. Michael, ed. *Medieval Iberia. An Encyclopedia*. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2003.
- Gilbertson, Leanne. "The Vanni Altarpiece and the Relic Cult of Saint Margaret: Considering a Female Audience." In *Decorations for the Holy Dead Visual Embellishments on Tombs and Shrines of Saints*, ed. Stephen Lamia, & Elizabeth Valdez del Alamo. Turnhout: Brepols, 2002.

- Giralt, Sebastià. "El Regimen quartane atribuït a Arnau de Vilanova." *Faventia* 27, no. 1 (2005): 97-112.
- Gontero, Valérie. "Un syncrétisme pagano-chrétien: la glose du Pectoral d'Aaron dans le Lapidaire chrétien." *Revue de l'histoire des religions* 223, no. 4 (2006): 417-437.
- Grant, Edward. *A History of Natural Philosophy. From the Ancient World to the Nineteenth Century*. Cambridge, Nova Iorque, Melbourne, Madrid, Cape Town, Singapore, São Paulo: Cambridge University Press, 2007.
- Greene, Walter Kirklan. "The Pearl - A New Interpretation." *PMLA* 40, no. 4 (Dez., 1925): 814-827.
- Guigue, Georges. *Poeme sur la Grande Peste de 1348*. Lyon: Henry Georg, 1888.
- Gwynn, Aubrey. "The Black Death in Ireland." *An Irish Quarterly Review* 24, no. 93 (1935): 25-42.
- Harris, Nichola Erin. "The Idea of Lapidary Medicine: Its Circulation and Practical Applications in Medieval and Early Modern England: 1000-1750." Tese de doutorado. Graduate School-New Brunswick, 2009.
- Harvard College. "Saint Hubert." *Harvard Art Museums*. <https://www.harvardartmuseums.org/art/258842>.
- Hatcher, John. *The Black Death. The Intimate story of a village in crisis, 1345 – 1350*. Londres: Phoenix, 2008.
- Hecher, T. F. C. *The Epidemics of the Middle Ages*. Londres: George Woodfall and son, 1844.
- Hecker, Julius. *Der schwarze Tod im vierzehnten Jahrhundert: Nach den Quellen für Ärzte und gebildete Nichtärzte bearbeitet*. Berlin: Herbig, 1832.
- Henry Knighton. *Chronicon Henrici Knighton, vel Cnitthon, monachi leycestrensis*. Vol. 2. Ed. Joseph Rawson Lumby. Londres: Eyre and Spottiswoode for H.M. Stationery Office, 1895.
- Higby, Gregor J., & John Scarborough. "Theriac: The Universal Drug." *Pharmacy in History* 28, no. 4 (1986).
- Hildburgh, W. L. "Psychology Underlying the Employment of Amulets in Europe." *Folklore* 62, no. 1 (1951): 231-251.
- Hildegard von Bingen. *Physica. Edition der Florentiner Handschrift (Cod. Laur. Ashb. 1323, ca. 1300) im Vergleich mit der Textkonstitution der Patrologia Latina MIGNE*. Ed. Christian Schulze & Sven Neumann. Hildesheim, Zürich, New York: Olms-Weidmann, 2008.

- Hipócrates. "On Ancient Medicine." In *Hippocratic Writings; On the Natural Faculties by Galen*. Coleção Great Books of the Western World, vol. 10. Hutchins. Chicago; London; Toronto: Encyclopedia Britannica, 1952.
- \_\_\_\_\_. "On Ulcers." In *Hippocratic Writings; On the Natural Faculties by Galen*. Coleção Great Books of the Western World, vol. 10. Hutchins. Chicago; London; Toronto: Encyclopedia Britannica, 1952.
- Hoffman, Stanton de Voren. "The 'Pearl:' Notes for an Interpretation." *Modern Philology* 58, No. 2 (Nov., 1960): 73-80.
- Horrox, Rosemary. *The Black Death*. Manchester: Manchester University Press, 1994.
- Hosseinkhani, A. et al. "Armenian bole: a historical medicinal clay." *Pharmaceutical Historian* 44, no. 4 (2014): 98-100.
- Isidoro de Sevilha. *Etymologías. Libro XVI. De las piedras y de los metales*. Trad. e ed. José Feáns Landeira. Paris: Les Belles Lettres, 2011.
- \_\_\_\_\_. *The Etymologies of Isidore of Seville*. Trad. Stephen A. Barney et al. Cambridge, Nova Iorque, Melbourne, Madri, Cape Town, Singapura, São Paulo: Cambridge University Press, 2006.
- Jacopo de Varazze. *Legenda Áurea: Vida dos Santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- Jean de Venette. *The chronicle of Jean de Venette*. Trad. e ed. Jean Birdsall, & Richard A. Newhall. Nova Iorque: Columbia University Press, 1953.
- Kelly, Maria. *A History of the Black Death in Ireland*. Stroud, Gloucestershire e Charleston: Tempus, 2001.
- Kieckhefer, Richard. *Magic in the Middle Ages*. 2a ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.
- \_\_\_\_\_. "Rethinking how to define magic." In *The Routledge History of Medieval Magic*, ed. S. Page, & C. Rider. Abingdon e Nova Iorque: Routledge. 2019: 15-25.
- Kitson, Peter. "Lapidary Traditions in Anglo-Saxon England: Part I, The Background; the Old English Lapidary." In *Anglo-Saxon England*. Vol. 7. Org. Peter Clemoes, Martin Biddle, Julian Brown, & René Derolez. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- Klaassen, Frank. *The transformations of magic. Illicit Learned Magic in the Later Middle Ages and Renaissance*. Pennsylvania: The Pennsylvania State University Press, 2013.

- Knüsel, Christopher. "Community Response to pestilence: the identification of epidemic disease in archeological record." Offprint from *Households and Communities. Proceedings of the 21st Annual Chacmool Conference*. Calgary, 1989.
- Kunstgewerbemuseum, Museus Nacionais em Berlim, Patrimônio Cultural Prussiano. Lothar Lambacher. "Braço relicário de São Jorge." <http://www.smb.museum/museen-und-einrichtungen/kunstgewerbemuseum/home.html>.
- Kunz, George Frederick. *The Curious Lore of Precious Stones*. Nova Iorque: Halcyon House, 1913.
- \_\_\_\_\_. *The magic of Jewls and Charms*. Filadélfia; Londres: J. B. Lippincott Company, 1915.
- Lecouteux, Claude. *A Lapidary of Sacred Stones: Their Magical and Medicinal Powers Based on the Earliest Sources*. Trad. Jon E. Graham. Rochester, Toronto: Inner Traditions, 2012.
- Lemay, Helen Rodnite. *Women's Secrets: A Translation of Pseudo-Albertus Magnus' De Secretis Mulierum with Commentaries*. Albany: SUNY Press, 1992.
- Levey, Martin. "Ibn al-Wahshīya's "Book of Poisons," "Kitāb al-Sumūm": Studies in the History of Arabic Pharmacology II." *Journal of the History of Medicine and Allied Sciences* 18, no. 4 (outubto 1963): 370-377.
- \_\_\_\_\_. *Early Arabic Pharmacology. An Introduction Based on Ancient and Medieval Sources*. Leiden: E. J. Brill, 1973.
- \_\_\_\_\_. "Medieval Arabic Toxicology: The Book on Poisons of ibn Wahshīya and Its Relation to Early Indian and Greek Texts." *Transactions of the American Philosophical Society, New Series* 56, no. 7 (1966): 1-130.
- Liverani, Mario. "The Rise and Fall of Media." In *Continuity of Empire: Assyria, Media, Persia*, eds. G. B. Lanfranchi, M. Roaf, & R. Rollinger. Padova: S.a.r.g.o.n. Editrice e Libreria, 2003.
- Loizaga, Saturnino Ruiz de. *La Peste en los Reinos Peninsulares Según Documentación del Archivo Vaticano (1348-1460)*. Bilbao: Museo Vasco de Historia de la Medicina y de la Ciencia, 2009.
- Lugano, P. "Gentilis Fulginas Speculator e le sue ultime volontà - Secondo Un Documento Inedito Dei 2 Agosto 1348." *Bollettino della Regia Deputazione di storia patria per l'Umbria* 14 (1908).
- Macgregor, Arthur. "Medicinal terra sigillata: a historical, geographical and typological review." In *A History of Geology and Medicine*, orgs. C. J. Duffin, R.T.J. Moody, & C. Gardner-Thorpe. Londres: Geological Society, 2013.

- Maino de Maineri. *Maino de Maineri e il suo Libellus de preservatione ab apydimia, (codice del 1360 conservato nell'Archivio di Stato de Modena)*. Ed. R. Simonini. Modène: Casa Editrice Cav. Uff. Umberto Oriandini, 1923.
- Maniaci, Marilena. "The Medieval Codex as a Complex Container: The Greek and Latin Traditionsx." In *One-Volume Libraries: Composite and Multiple-Text Manuscripts*, ed. Michael Friedrich, & Cosima Schwarke. Berlin e Boston: De Gruyter, 2016.
- Manuscripta.at. Mittelalterliche Handschriften in Österreich. "Wien, Österreichische Nationalbibliothek (ÖNB), Cod. 407." *Manuscripta.at. Mittelalterliche Handschriften in Österreich*, [https://manuscripta.at/hs\\_detail.php?ID=9782](https://manuscripta.at/hs_detail.php?ID=9782).
- Marbode de Rennes. *De lapidibus; considered as a medical treatise*. Trad. e ed. C. W. King & John M. Riddle. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag GMBH, 1977.
- Marcus Graecus. *Liber ignium ad comburendos hostes auctore marco graeco ou Traité des Feux, Propes a détruire les ennemis composé par marcus le grec. Publié d'après deux Manuscrits de la Bibliothèque Nationale*. Paris: De L'Imprimerie de delance et lesueur, 1804.
- Margoliouth, D. S. "The Book of the Apple, Ascribed to Aristotle." *The Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland* (1892): 187-252.
- Martina, Piero Andrea. "Oxford, Bodleian Library, Rawlinson A. 0273." Jonas-IRHT/CNRS (*Répertoire des textes et des manuscrits médiévaux d'oc et d'oïl*). <http://jonas.irht.cnrs.fr/manuscrit/75972>.
- Martins, Maria Cristina S. "Hildegarda de Bingen: Physica e Causae et Curae." *IV Semana de Estudos de Tradução 2018*, Número especial (2019), 1-18.
- McAllister, Joseph Bernard. *The letter of Saint Thomas Aquinas, De occultis operibus naturae ad quemdam militem ultramontanum*. Philosophical studies (Catholic University of America), v. 42. Washington: Catholic University of America Press, 1939.
- McCulloch, Florence. *Medieval Latin and French Bestiaries*. North Carolina Studies in the Romance Languages and Literatures, vol 33. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1962.
- Meneses, Amada López de. *Documentos acerca de la peste en los dominios de la Corona de Aragón*. Zaragoza: Imprenta "Heraldo de Aragón", 1956.
- Mesler, Katelyn. "The Medieval Lapidary of Techel/Azareus on Engraved Stones and Its Jewish Appropriations." *Aleph* 14, no. 2 (2014): 75-143.
- Michele da Piazza. *Cronaca*, ed. Antonino Giuffrida. Palermo: ILA Palma, 1980.

- Michon, L.-A. Joseph. *Documents inédits sur la peste de 1348 (consultation de la Faculte de Paris, consultation d'un praticien de montpellier description de guillaume de machaut)*. Paris: j.-b. baillère et fils, 1860.
- Morpurgo, Piero. “La Peste: Dinamiche di interpretazione storiografica.” In *The Regulation of Evil. Social and Cultural Attitudes to Epidemics in the Late Middle Ages*. Micrologus’s Library, no. 2, ed. Agostino P. Bagliani, & Francesco Santi. Florença: Sismel, 1998.
- Mowat, J. L. G., ed. *Sinonoma Bartholomei: A Glossary from a Fourteenth-century Manuscript in the Library of Pembroke College, Oxford*. Oxford: Clarendon Press, 1882.
- Nagy, Árpád M. “Daktylios Pharmakites. Magical healing gems and rings in the graeco-roman world.” In *Ritual Healing: Magic, Ritual and Medical Therapy from Antiquity until the Early Modern Period*. Micrologus’ Library, no. 48. Ed. Ildikó Csepregi, & Charles Burnett. Florença: SISMEL, Edizioni del Galluzzo, 2012.
- Nawotka, Krzysztof. *The Alexander Romance by Ps.-Callisthenes. A Historical Commentary*. Leiden; Boston: BRILL, 2017.
- Norri, Juhani. *Dictionary of Medical Vocabulary in English, 1375–1550: Body Parts, Sicknesses, Instruments, and Medicinal Preparations*. Nova Iorque: Routledge, 2016.
- Nunemaker, J. Horace. “The Madrid Manuscript of the Alfonsine Lapidaries.” *Modern Philology*, v. 29, n. 1 (1931): 101-104.
- O’Boyle, Cornelius. *The Art of Medicine: Medical Teaching at the University of Paris, 1250-1400*. Leiden; Boston; Colônia: BRILL, 1998.
- Ó Corráin, Donnchadh, ed. *Clavis Litterarum Hibernensium: Medieval Irish Books & Texts (c. 400 c. 1600)*. Vol. III. Turnhout: Brepols, 2017.
- Pannier, Léopold, *Les Lapidaires Français, du Moyen Age. Des XII, XIII et XIVE siècles*. Paris: F. Vieweg, Libraire, 1882.
- Park, Sang Woo et al. “Human ectoparasite transmission of the plague during the Second Pandemic is only weakly supported by proposed mathematical models.” *Proceedings of the National Academy of Science* 115, no. 34 (2018): E7892-E7893.
- Pingree, David. “Classical and Byzantine Astrology in Sassanian Persia.” *Dumbarton Oaks Papers* 43 (1989): 227-239.
- \_\_\_\_\_. “Learned magic in the time of Frederick II.” *Transactions of the American Philosophical Society* 104, no. 3 (2014): 447-494.

- \_\_\_\_\_. “The Diffusion of Arabic magical Texts in western Europe.” In *La diffusione delle scienze islamiche nel medio evo europeo: Convegno internazionale, Roma, 2-4 ottobre 1984*, ed. Francesco Gabrieli, Charles Burnett, Graziella Federici Vescovini et al, 57 -102. Roma: Accademia nazionale dei Lincei, 1987.
- \_\_\_\_\_. “The Ṣābians of Ḥarrān and the Classical Tradition.” *International Journal of the Classical Tradition* 9, no. 1 (2002): 8-35.
- Phillips, E. D. “The Legend of Aristeas: Fact and Fancy in Early Greek Notions of East Russia, Siberia, and Inner Asia.” *Artibus Asiae* 18, no. 2 (1955): 161-177.
- Phillips, J. R. S. *The Medieval Expansion of Europe*. 2<sup>a</sup> ed. Oxford: Clarendon Press, 1988.
- Platão. *Plato in Twelve Volumes*. Vol. 9. Trad. W. R. M. Lamb. Cambridge MA: Harvard University Press, 1925.
- Plínio, o Velho. *The Natural History of Pliny*. Vol 2. Trad. e ed. John Bostock & H. T. Riley. Londres: Henry G. Bohn, 1890.
- \_\_\_\_\_. *The Natural History of Pliny*. Vol 5. Trad. e ed. John Bostock & H. T. Riley. Londres: Henry G. Bohn, 1855.
- \_\_\_\_\_. *The Natural History of Pliny*. Vol 6. Trad. e ed. John Bostock & H. T. Riley. Londres: Henry G. Bohn, 1857.
- Plouvier, Liliane. “L'electuaire, un médicament plusieurs fois millenaire.” *Scientiarum Historia* 19, n. 2 (1993): 97 – 112.
- Plutarco. *The Parallel Lives by Plutarch*. Vol. III. Loeb Classical Library, 1916.
- Polzer, Joseph. “Aspects of the fourteenth century iconography of death and the plague.” In *The Black Death: the impact of the Fourteenth-Century plague: papers of the Eleventh Annual Conference of the Center for Medieval & Early Renaissance Studies*, ed. Daniel Williman, 107 – 130. Binghamton, N.Y.: Center for Medieval & Early Renaissance Studies, 1982.
- Prioreschi, Plinio. *A History of Medicine: Medieval medicine*. Vol. V. Omaha: Horatius Press, 2003.
- Raimundo Chalin de Vinario. *De peste libri tres, opera Iacobi Dalechampii ... in lucem aediti*. Ed. Jacques Dalechamps. Lyon: Gulielmum Rouillium, 1552.
- Ranulphus Hidgen. *Polychronicon Ranulphi Higden maonachi Cestrensis: together with the English translations of John Trevisa and of an unknown writer of the fifteenth century*. Vol. 3. Ed. J. Rawson Lumby. Londres: Longman & Co.; Oxford: Parker & Co.; Cambridge: MacMillan & Co.; Edimburgo: A. & C. Black, Douglas & Foulis; Dublin: A. Thom, 1882.

- Rawlinson, Richard. *Catalogi Codicum Manuscriptorum Bibliothecae Bodleianae Partis Quintae Fasciculus Primus*. Oxford: Typographeo Academico, 1862.
- Reed, Teresa P. "Mary, the Maiden, and Metonymy in 'Pearl'." *South Atlantic Review* 65, no. 2 (2000): 134-162.
- Reiner, Erica. "Plague amulets and House Blessings." *Journal of Near Eastern Studies* 19, no. 2 (abril 1960): 148-151.
- Richard Ledrede. *The Latin Poems of Richard Ledrede, O.F.M., Bishop of Ossory, 1317-1360*. Ed. E. Colledge. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1974.
- Richter, Gisela M. A. *Catalogue of Engraved Gems. Greek, Etruscan, and Roman*. Roma: L'Erma, 2006.
- Riddle, John M. "Amber in ancient Pharmacy: The Transmission of Information about a Single Drug: A Case Study." *Pharmacy in History* 15, no. 1 (1973): 3-17.
- \_\_\_\_\_. "Lithotherapy in the Middle Ages...: Lapidaries Considered as Medical Texts." *Pharmacy in History* 12, no. 2 (1970): 39-50.
- \_\_\_\_\_. *Marbode of Rennes' (1035-1123) De lapidibus considered as a medical treatise with text, commentary and C.W. King's translation, together with text and translation of Marbode's minor works on stones*. Sudhoffs Archiv, Beihefte, Heft 20. Wiesbaden: Steiner, 1977.
- \_\_\_\_\_. "Pomum ambrae: Amber and Ambergris in Plague Remedies." *Sudhoffs Archiv für Geschichte der Medizin und der Naturwissenschaften*, Bd. 48, H. 2 (1964), 111-122.
- Rider, Catherine. *Magic and Religion in Medieval England*. Cornwall: Reaktion Books, 2012.
- Robertson Jr., D. W. "The Pearl as a Symbol." *Modern Language Notes* 65, no. 3 (Mar., 1950): 155-161.
- Roger Bacon. *The Opus Majus of Roger Bacon*. Vol. II. Trad. Robert Belle Burke. Nova Iorque: Russel & Russel Inc., 1962.
- Rose, Valentin. "Aristoteles De lapidibus und Arnoldus Saxo." *Zeitschrift für deutsches Alterthum* 18. Bd. (1875): 321-455.
- Rye, Walter, ed. *Some Rough Materials for a History of the Hundred of North Erpingham in the County of Norfolk*. Part 1. Norwich: Agas H. Goose and Co., 1883.
- Saif, Liana. *The Arabic Influences on Early Modern Occult Philosophy*. Hampshire, Nova Iorque: Palgrave MacMillan, 2016.

- Salvadori, Patrizia. "La Peste e la Lebbra in 'Medioevo Latino' – Un prospetto Biblio-geografico." In *The Regulation of Evil. Social and Cultural Attitudes to Epidemics in the Late Middle Ages*. Ed. Agostino P. Bagliani, & Francesco Santi. Florença: SISMELE - Edizioni del Galluzzo, 1998: 177-193.
- Sarton, George. *Ancient Science Through the Golden Age of Greece*. Nova Iorque: Dover Publications, Inc., 1993.
- \_\_\_\_\_. *Introduction to the History of Science*. Baltimore: Williams & Wilkins, 1967.
- Schmitt, Jean-Claude. *O corpo das imagens: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média*. Trad. José Rivair Macedo. Bauru: Edusc, 2007.
- Sfameni, Carla. "Magic In Late Antiquity: The Evidence Of Magical Gems." *Late Antique Archaeology* 6 (2010): 435-473.
- Singer, Dorothea W. "Plague tractates in Great Britain and Ireland dating from before the sixteenth century." Texto datilografado não publicado, 1945?.
- \_\_\_\_\_. "Some Plague Tractates (Fourteenth and Fifteenth Centuries)." *Proceedings of the Royal Society of Medicine* 9 (Mar. 1916): 159 -212.
- \_\_\_\_\_, & Reuben Levy. *Plague Tractates*. 1917. Reimp., Nova Iorque: Paul B. Hoeber, 1918.
- Siraisi, Nancy G. *Medieval and Early Renaissance Medicine. An Introduction to Knowledge and Practice*. Chicago e Londres: University of Chicago Press, 1990.
- Skemer, Don C. *Binding words: textual amulets in the Middle Ages*. University Park: The Pennsylvania State University, 2006.
- Sloane, Barney. *The Black Death in London*. Gloucestershire: The History Press, 2011.
- Smith, Brendan. *Crisis and Survival in Late Medieval Ireland: The English of Louth and Their Neighbours, 1330-1450*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- Smith, Richard M. "Measuring Adult Mortality in an Age of Plague: England, 1349–1540." In *Town and Countryside in the Age of the Black Death*, org. Mark Bailey, & Stephen Rigby, 43 - 85. Turnhout: Brepols, 2012.
- Solino. *Colección de hechos memorables o El Erudito*. Trad. e ed. Francisco J. Fernández Nieto. Madri: Editorial Gredos, 2001.
- Studer, Paul, & Joan Evans. *Anglo-Norman Lapidaries*. Genebra: Slatkine Reprints, 1976.
- Sudhoff, Karl. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. I" *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 4, no. 3 (1910): 191-234.

- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. II" *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 4, no. 6 (1911): 389-424.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. III. Aus Niederdeutschland, Frankreich und England." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 5, no. 1/2 (1911): 36-87.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. IV. Italienische des 14. Jahrhunderts." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 5 (1912): 332-396.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. V. Aus Italien (Fortsetzung) und Wien." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 6, no. 5 (1913): 313-379.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. VI. Prager Pesttraktate Aus Dem 14. Und Dem Anfänge Des 15. Jahrhunderts." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 7, no. 2 (1913): 57-114.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. VII. Pesttraktate Aus Dem Südlichen Deutschland Bis Zur Mitte Des 15. Jahrhunderts." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 8, no. 2/3 (1914): 175-215.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. IX. Pesttraktate Aus Böhmen, Schlesien Und Nachbarbezirken Bis Zur Mitte Des 15. Jahrhunderts." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 9, no. 1/2 (1915): 53-78.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. X. Pesttraktate Aus Böhmen, Schlesien Und Nachbarbezirken Bis Zur Mitte Des 15. Jahrhunderts." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 9, no. 3 (1916): 117-167.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. XII. Pesttraktate Aus Böhmen, Schlesien Und Nachbarbezirken Bis Zur Mitte Des 15. Jahrhunderts." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 11, no. 3/4 (1919): 121-176.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. XIII. Ausarbeitungen über Die Pest Nach Der Mitte Des 15. Jahrhunderts Aus Nieder- Und Mitteldeutschland." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 14, no. 1/2 (1922): 1-25.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. XIV. Pesttraktate Aus Süddeutschland In Der 2. Hälfte Des 15. Jahrhunderts." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 14, no. 3/4 (1923): 79-105.

- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. XV. Pesttraktate Aus Dem östlichen Süddeutschland, Böhmen Und Österreich in Der 2. Hälfte Des 15. Jahrhunderts." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 14, no. 5/6 (1923): 129-68.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. XVI. Pesttraktate aus Sudwestdeutschland und der Schweiz." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 16, no. 1/2 (1924): 1-69.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. XVII. Weitere Pesttraktate Aus Italien Bis Zum Ende Des 15. Jahrhunderts." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 16, no. 3/6 (1925): 77-188.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. XVIII. Pestschriften Aus Frankreich, Spanien Und England." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 17, no. 1/3 (1925): 12-139.
- \_\_\_\_\_. "Pestschriften Aus Den Ersten 150 Jahren Nach Der Epidemie Des „schwarzen Todes“ 1348. XIX. Nachtrage und Verbesserungen." *Archiv Für Geschichte Der Medizin* 17, no. 5/6 (1925): 241-291.
- Tamani, Giuliano. "The Generalities of the Averroes's Medicine." *Medicina nei Secoli* 6, no. 2 (1994): 407-423.
- Teofrasto. *Theophrastus On Stones*. Trad. e ed. Earle R. Caley, & John F. C. Richards. Columbus, Ohio: The Ohio State University, 1956.
- The Annals of Ireland, tr. from the orig. Irish of the Four masters*. Trad. Owen Connellan. Dublin: Bryan Geraghty, 1845.
- The Annals of Loch Ce; a chronicle of Irish affairs from 1014 to 1590*. Vol. II. Trad. William Maunsell Hennessy. Londres: Longman & Co., Trubner & Co.; Oxford: Parker & Co.; Cambridge: Macmillan & Co.; Edimburgo: A. & C. Black; Dublin: A. Thom., 1871.
- Thomas de Cantimpré. *Liber de Natura Rerum: Text*. Ed. Walter de Gruyter. Berlin; Nova Iorque: De Gruyter, 1973.
- Thorndike, Lynn. *A History of Magic and Experimental Science*, vol. 1. New York: Columbia University Press, 1923.
- \_\_\_\_\_. *A History of Magic and Experimental Science*, vol. 2. New York: Columbia University Press, 1923.
- \_\_\_\_\_. *A History of Magic and Experimental Science*, vol. 3. New York: Columbia University Press, 1934.
- \_\_\_\_\_. "Consilia and more works in Manuscript by Gentile da Foligno." *Medical History* 3, no 1 (Jan. 1959): 8-19.

- \_\_\_\_\_. “De Complexionibus.” *Isis* 49 no. 4 (1958): 398–408.
- \_\_\_\_\_. “De Lapidibus.” *Ambix*, 8:1, 6-23.
- \_\_\_\_\_. *Traditional Medieval Tracts concerning engraved astrological images*. Louvain: Bibliothèque de l'Université, 1947.
- \_\_\_\_\_. “The Blight of Pestilence on Early Modern Civilization.” *The American Historical Review* 32, 3 (Abril 1927): 455-474.
- \_\_\_\_\_. “The Latin Pseudo-Aristotle and Medieval Occult Science.” *The Journal of English and Germanic Philology* 21, no. 2 (Abril 1922): 229-258.
- Thrupp, Sylvia L. “Plague Effects in Medieval Europe: Demographic Effects of Plague: A Comment on J. C. Russell's Views.” *Comparative Studies in Society and History* 8, no. 4 (1966): 474-483.
- Trindade, L. S. P., & M. H. R. Beltran. “As práticas femininas e os conhecimentos sobre a matéria: alguns antigos cosméticos.” *Revista Brasileira de História Da Ciência* 10 (2018): 39-48.
- Universidade de Paris. *Chartularium Universitatis parisienses*. Tomus II. Ed. Heinrich Denifle et al. Paris: ex typis fratrum Delalain, 1889.
- \_\_\_\_\_. *Chartularium Universitatis parisienses*. Tomus IV. Ed. Heinrich Denifle et al. Paris: ex typis fratrum Delalain, 1889.
- University of Pittsburgh. “Chartres: Cathedral of Notre-Dame.” *ULS Digital Collections*. [https://digital.library.pitt.edu/collection/chartres-cathedral-notre-dame?page=143&islandora\\_solr\\_search\\_navigation=0&sort=mods\\_identificator\\_pitt\\_s%20asc](https://digital.library.pitt.edu/collection/chartres-cathedral-notre-dame?page=143&islandora_solr_search_navigation=0&sort=mods_identificator_pitt_s%20asc).
- Vincent de Beauvais. *Speculum Quadruplex siue Speculum Maius*. Graz, Áustria: Akademische Druck, 1964.
- Waise, Silvia. “Contraria contrariis curantur, Similia similibus conservantur: Como utilizar a matéria médica no século XVIII?” *Circumscribere* 14 (2014): 63-72.
- Wallis, Faith. *Medieval Medicine: A Reader*. Readings in Medieval Civilizations and Cultures, vol. 15. Toronto: University of Toronto Press, 2010.
- Wattenbach, W., ed. “Continuatio Novimontensis.” In *Monumenta germaniae Historica scriptorium*, vol. 9, 669 – 667. Ed. G. H. Pertz. Hanover: Hahn, 1851.
- Weill-Parot, Nicolas. “Astrology, astral influences, and occult properties in the Thirteenth and Fourteenth centuries.” *Traditio* 65 (2010): 201-230.

- \_\_\_\_\_. "La Rationalité Médicale À L'épreuve De La Peste: Médecine, Astrologie Et Magie (1348-1500)." *Médiévales* 46, Éthique Et Pratiques Médicales: Aux Derniers Siècles Du Moyen Âge (2004): 73-87
- \_\_\_\_\_. *Les "images astrologiques" au Moyen Âge et à la Renaissance : spéculations intellectuelles et pratiques magiques (XIIIe-XVe siècle)*. Coleção Sciences, Techniques et Civilisations du Moyen Âge à l'Aube des Lumières, vol. 6. Paris: Honoré Champion, 2002.
- Wenzel, Siegfried. "Pestilence and Middle English Literature: Friar John Grimestone's Poems on Death." In *The Black Death: the impact of the Fourteenth-Century plague: papers of the Eleventh Annual Conference of the Center for Medieval & Early Renaissance Studies*, ed. Daniel Williman. Binghamton, 131 – 159. N.Y.: Center for Medieval & Early Renaissance Studies, 1982.
- Williams, Steven J. *The Secret of Secrets. The Scholarly Career of a Pseudo-Aristotelian Text in the Latin Middle Ages*. Michigan: University of Michigan Press, 2003.
- Wulff, Winifred. "Tract on the Plague." *Ériu* 10 (1926/1928): 143-154.